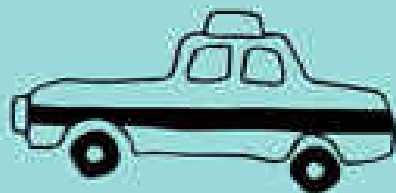
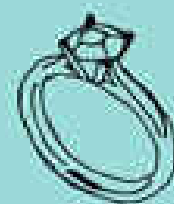


UM
PRESENTE
DA TIFFANY
MELISSA HILL



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

UM
PRESENTE
DA TIFFANY
MELISSA HILL

TRADUÇÃO DE VERA WHATELY



Copyright © Melissa Hill, 2011

TÍTULO ORIGINAL

Something from Tiffany's

PREPARAÇÃO

Julia Sobral Campos

Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO

Érika Nogueira

Juliana Werneck

DESIGN DE CAPA E ILUSTRAÇÕES

Aline Ribeiro

REVISÃO DE EPUB

Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-872-0

Edição digital: 2016

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Dedicado com muito amor à minha linda filhinha, Carrie.

AGRADECIMENTOS

Muitas coisas maravilhosas aconteceram durante o período em que escrevi este livro, em especial a chegada da minha bebê, Carrie. Meus agradecimentos a ela por proporcionar um começo tão tranquilo para seus pais inexperientes, com um mínimo de interrupções enquanto eu terminava esta história.

Obrigada e muito amor para Kevin, que manteve com habilidade o equilíbrio de nossa vida ao longo daquele que provavelmente foi o ano mais conturbado que já tivemos.

Agradeço imensamente ao Dr. Dockeray e à maravilhosa equipe do Hospital Mount Carmel, que propiciaram um excelente início à minha vida familiar e tornaram nossos primeiros dias com Carrie tão especiais.

Aos meus fantásticos pais, irmãs e à família do meu marido, que estão sempre prontos a nos estender a mão, espero que saibam o quanto isso significa para mim, muito obrigada.

Um profundo agradecimento à minha superagente e grande amiga, Sheila Crowley, capaz de verdadeiros milagres. Melhor, impossível. Devo muito a você.

À minha incrível editora Isobel Akenhead, meu muito obrigada. Trabalhar com você é uma alegria, e suas contribuições enriquecem muito minhas histórias.

Para Breda, Jim, Ruth e todos da Hachette Ireland, meus agradecimentos por terem trabalhado tanto por mim.

A todos que compram e leem meus livros, e que mandaram mensagens tão lindas para meu site (www.melissahill.info). Adoro ler o que vocês escrevem e aprecio cada mensagem.

Mais uma vez agradeço aos livreiros de todo o mundo que dão um apoio fantástico aos meus livros, o que eu tanto estimo.

Finalmente, agradecimentos maciços à brilhante editora Hodder pela ótima parceria de trabalho, além da inspiração para este livro ao me introduzirem às maravilhas de uma certa caixinha azul...

CAPÍTULO 1

A importância do que Ethan Greene estava prestes a fazer era bem clara para ele. Era um grande momento na sua vida, como seria na vida de qualquer homem, ele pensou.

Mas enquanto abria caminho pela multidão de Manhattan naquele que provavelmente era o dia mais movimentado do ano, desejou ter escolhido uma ocasião melhor.

Véspera de Natal na Quinta Avenida? Devia estar maluco.

Ao respirar profundamente o ar frio — que estava revigorante, e não abafado como costuma ser o de Londres —, não pôde deixar de pensar que a cidade mudara pouco desde a última vez em que estivera ali, mas, ao mesmo tempo, havia mudado bastante.

Ao chegar em Nova York dois dias antes, ficara surpreso por se lembrar tão bem dos pontos de referência e pela facilidade com que se orientava na cidade. O empurra-empurra no metrô durante o percurso de Midtown para Downtown e de volta para Midtown, o cheiro dos forros de vinil dos bancos desgastados dos táxis e o zumbido incessante de um bilhão de sons — de pessoas e de objetos — o encorajaram. O burburinho inconfundível daquele lugar trouxera-lhe um novo impulso, algo que não sentia havia anos.

Mas agora Ethan estava com pressa e plenamente consciente de que os minutos corriam, e a multidão parecia aumentar cada vez mais. Não havia tempo a perder.

Daisy, ao seu lado, segurou sua mão com um pouco mais de força por um breve momento, como se estivesse lendo os pensamentos dele, mas não era possível que soubesse quais planos Ethan tinha em mente. Ele dissera apenas que precisava fazer mais uma parada antes de voltar para o calor confortável do hotel. Como sabia que ele

detestava multidões (e fazer compras também, aliás), ela provavelmente estava tentando deixá-lo à vontade.

Como ela reagiria? A ideia estava no ar havia algum tempo e fora mencionada mais de uma vez recentemente, então era de se esperar que não causasse muita surpresa. Embora Daisy parecesse entusiasmada, Ethan começou a achar que deveria ter conversado com ela sobre o que pretendia fazer — não era do seu feitio não discutir as coisas em detalhes —, mas a verdade é que ele estava nervoso. E se a reação dela não fosse tão positiva quanto ele achava que seria? Ao pensar nisso, sentiu um nó de ansiedade na garganta. Bom, descobriria em breve, quando chegassem ao destino.

Daisy está especialmente bonita hoje, pensou ele, envolta em várias camadas de roupa para afastar aquele frio de bater o queixo, com os cachos louros escapulindo de um chapéu de lã escura e o nariz corado aparecendo acima de um cachecol preto bordado. Apesar do frio, ela estava adorando Nova York, conforme ele previra, e todos sabiam que o Natal era a melhor época para se visitar a cidade que nunca dorme. Sim, foi uma boa ideia, tranquilizava-se Ethan. Daria tudo certo.

Finalmente, após trafegar por aquele mar de gente que fazia compras de última hora, chegaram na esquina da Quinta Avenida com a rua Cinquenta e Sete. Ethan olhou para Daisy, cujos olhos se arregalaram de surpresa quando ele a conduziu pela mão na direção da entrada.

— O que está acontecendo? — perguntou ela ao ver o famoso logotipo ao lado da porta, com as letras elegantes sobre o granito polido, agora circundado por viçosos galhos de pinheiro decorativos para o período natalino. — O que estamos fazendo *aqui*?

— Eu te disse, preciso buscar uma coisa — respondeu Ethan, seguindo na frente e piscando para ela quando a porta giratória os deixou nos consagrados salões da Tiffany & Co.

Daisy ficou imediatamente encantada com o setor de vendas no andar térreo, sem colunas e com pé-direito alto, e ficou pasma com as longas fileiras de mostruários com tampo de vidro nos quais estavam as preciosas mercadorias, que brilhavam de forma sedutora sob os pontos de iluminação.

— Uau, é tudo tão lindo! — sussurrou em êxtase no meio do corredor enquanto multidões de clientes e turistas passavam à sua volta do mesmo modo encantados com as vitrines de joias de tirar o fôlego.

A loja era uma das poucas de Manhattan que não utilizavam enfeites comemorativos em excesso; seus artigos reluzentes não precisavam ser muito embelezados, e o inconfundível encanto romântico da Tiffany era mais que o bastante para criar aquela sensação mágica do Natal.

— Não é? — concordou Ethan, cujo nervosismo se dissipava um pouco agora que estavam ali.

Segurando-a pelo braço, guiou-a entre os vários mostruários em direção aos elevadores no final do salão, os pés temporariamente aliviados do cansaço ao pisar no carpete macio.

— Aonde estamos indo? — perguntou ela, seguindo-o com relutância. — Vamos um pouco mais devagar! Não podemos dar uma olhada? Eu nunca estive aqui e... Aonde estamos indo? — repetiu, intrigada quando as portas do elevador se abriram.

— Segundo andar, por favor — disse Ethan.

— Pois não, senhor — respondeu o ascensorista e inclinou a cartola, em sinal de aquiescência, e sorriu para Daisy. — Madame.

— Mas... por que estamos indo lá? — perguntou ela baixinho, e Ethan deduziu que ela lera o que havia naquele andar específico na placa no elevador.

Com certeza o local a arrebatou, mas por mais encantada que tivesse ficado com o andar de baixo, Ethan sabia que ela ficaria realmente impressionada com o segundo andar.

O coração dele começou a martelar no peito assim que as portas do elevador se fecharam. Será que ela gostaria? Provavelmente seria melhor ter perguntado de uma vez, mas ele achou que Daisy apreciaria a surpresa, e ao mesmo tempo considerava importante que ela sentisse que tivera uma boa dose de participação.

— Como eu disse, preciso buscar uma coisa — disse Ethan em tom suave.

— Você não... — sussurrou Daisy, olhando de queixo caído para ele, compreendendo imediatamente.

Pela expressão dela, Ethan não conseguiu avaliar bem qual seria sua reação e concluiu que a presença do ascensorista a impedira de fazer mais perguntas.

Poucos segundos depois, as portas do elevador voltaram a se abrir, e os dois saíram para uma sala revestida de painéis de madeira, o famoso Salão dos Diamantes da Tiffany, onde ele ia buscar sua compra.

— Não consigo acreditar! — disse ela ao aproximar-se de um dos mostruários hexagonais de madeira e vidro.

Virava a cabeça da direita para a esquerda, olhando para os vários casais felizes ao redor, tomando champanhe durante o que poderia ser considerada a compra mais importante das suas vidas.

— Eu realmente não posso acreditar! Foi *isso* que você veio buscar? — perguntou ela.

Ethan sorriu, nervoso.

— Eu sei que devia ter dito alguma coisa, mas...

— Ah, Sr. Greene. — Um distinto vendedor idoso surgiu antes que Ethan e sua acompanhante pudessem dizer qualquer coisa. — Muito prazer em vê-lo de novo. Tudo está conforme o planejado, pronto para o senhor levar. Não tínhamos certeza, e eu esqueci de perguntar ao telefone, se o senhor gostaria que sua compra fosse embrulhada para presente ou se queria primeiro mostrar para a senhorita... — disse e sorriu para Daisy, que abriu um grande sorriso, os olhos arregalados.

— Ah, sim, eu quero ver, por favor! — exclamou a menina, levando então uma mão culpada à boca, consciente de que deveria mostrar um pouco mais de decoro, sobretudo em um lugar como aquele.

Ethan conteve um sorriso.

— Aqui está — disse o senhor, em voz baixa e gentil, mostrando-lhes a caixinha azul famosa no mundo inteiro.

Colocando-a cerimoniosamente sobre o mostruário de vidro em frente à Daisy, levantou a tampa para exhibir o solitário de corte marquise encastado em platina, que Ethan escolhera dois dias antes.

O anel teve de ser ajustado, por isso Ethan só pôde buscá-lo naquele dia, e ao examiná-lo de novo teve certeza de que fizera uma boa escolha. Era um anel clássico da Tiffany: o diamante erguido um pouco acima do aro, fixado por seis pinos de platina para realçar o brilho da pedra.

— Então, o que você acha? — perguntou ele a Daisy, embora obviamente ela estivesse maravilhada com o lindo anel.

Mas não era bem essa a pergunta de Ethan.

Quando Daisy se virou para ele, sua expressão encantada lhe disse tudo que ele precisava saber.

— É a escolha perfeita, papai — tranquilizou-o sua filha de oito anos —, e a Vanessa vai *amar!*

* * *

Graças a Deus a reação dela fora positiva.

Durante todo o dia — ou melhor, todo *o mês* — Ethan esteve preocupado com o que Daisy acharia daquilo. Especialmente porque aquela viagem para Nova York tinha um significado especial para ambos.

Mais cedo naquele dia, enquanto os dois tomavam uma xícara de chocolate quente em um café em Midtown, Ethan vira a filha cutucar um cupcake de limão com cobertura de glacê e soube que algo a preocupava. Como sua mãe sempre fizera, Daisy semicerrava os olhos e deslocava ligeiramente o maxilar para o lado quando se perdia em pensamentos.

— Você gostou da Times Square? — perguntou, sondando-a. — Gostou de todas aquelas luzes?

— É tudo tão lindo — respondeu Daisy, fazendo uma pausa para olhar o movimento da rua pela janela. — Mamãe dizia que Manhattan é como uma grande árvore de Natal nesta época do ano. Ela estava certa.

— Você lembra como sua mãe falava sobre isso, não é mesmo? — perguntou Ethan.

Ela abriu um pequeno sorriso.

— Sei que eu era pequena, mas adorava quando a mamãe contava essas coisas.

Ethan confirmou com um gesto de cabeça.

— É claro que ela estava certa quando disse que a cidade parece uma grande árvore de Natal. Sua mãe tinha razão sobre muitas coisas.

De repente, o significado de estar sentado com sua filha na cidade que a mãe dela tanto adorava invadiu Ethan e quase o fez perder o fôlego. Engoliu em seco, tentando retomar sua linha de pensamento.

— Sabe outra coisa sobre a qual sua mãe tinha razão? — acrescentou Ethan, e Daisy olhou-o com atenção, como sempre fazia quando ele falava sobre a mãe.

Ethan já reparara que sua filha ficava mais atenta quando ele oferecia uma peça do quebra-cabeça, cujas partes deviam parecer muito dispersas para ela; para ele, era como se a filha fosse uma espécie de arquivista, juntando e montando peças de um grande legado, colocando tudo em ordem.

— Sua mãe tinha razão quando disse que você se tornaria uma menina linda e brilhante — prosseguiu Ethan, com um sorriso.

Daisy sorriu e se virou novamente para a janela para olhar os transeuntes na movimentada Quinta Avenida na véspera do Natal.

Fazia nove anos desde a primeira e única ida de Ethan a Nova York. Jane, a mãe de Daisy, convencera-o a visitar a cidade. E então, partiram de seu lar em Londres, para conhecer Nova York.

Jane nascera e crescera em Nova York, e simplesmente não ia aguentar outra primavera “sem vaguear pelo Central Park durante a mudança da folhagem”. Às vezes de repente ela dizia coisas dramáticas como essa, ao que Ethan reagia perguntando se por acaso seria ela, e não ele, o professor de língua inglesa. “Não, professor”, ela dizia dando uma piscadela. “Aqui, o acadêmico criativo é você, e eu sou só uma romântica nata.”

Na época, os pais de Jane tinham se aposentado e se mudado para a Flórida, por isso ela não ia mais à sua cidade natal com a frequência que gostaria.

Daisy tinha sido concebida durante aquela visita à Big Apple. A brincadeira entre Jane e Ethan — a qual ela não via problema algum em contar para os amigos e a família — era que Daisy existia porque eles tinham levado ao pé da letra a expressão “cidade que nunca dorme”.

Como personal trainer e nutricionista, Jane fazia o possível para manter Ethan na mais perfeita forma, fato que se tornou ainda mais irônico quando ela desenvolveu câncer de ovário e descobriu que, a não ser que a quimioterapia operasse um milagre, poucos meses de vida lhe restavam.

Daisy tinha cinco anos na época. Jane e Ethan eram loucos um pelo outro, mas não haviam chegado a se casar, e ele quisera mudar isso, principalmente após serem informados sobre a doença dela.

— Não seja ridículo, querido. Nós fomos muito felizes até agora, por que mudar as coisas? — insistiu Jane. — Além do mais — falou brincando —, em breve eu não terei cabelo o bastante para usar um véu!

Àquela altura, Ethan realizaria tudo o que ela desejasse, e Jane fez vários pedidos finais.

Um deles era que ele levasse Daisy para conhecer Nova York no Natal, quando ela fosse grande o suficiente para apreciar a cidade e se divertir. Passava horas contando para a filha histórias sobre a magia de Manhattan e os Natais que passara lá durante a infância.

Alguns meses antes, quando a própria Daisy começara a falar em fazer essa viagem, Ethan viu que chegara a hora.

Certa noite, durante o jantar, ele tocou no assunto com a namorada, Vanessa, que ele esperava que se entusiasmasse em se juntar a eles. Embora soubesse que a viagem à Nova York tinha um significado particular para ele e Daisy, por sua associação com Jane, achou que seria importante incluir Vanessa. O relacionamento dos dois se intensificara nos últimos seis meses, e talvez, só talvez, estivessem destinados a viajarem os três juntos a Nova York.

Quem sabe essa viagem fosse um rito de passagem rumo ao próximo estágio da vida dele e de Daisy? Fazia três anos da morte de Jane, e Ethan tinha certeza de que ela lhes daria sua bênção, pois um dos seus últimos desejos era que ele não ficasse sozinho.

“Encontre uma mulher que faça pão para você”, ela dissera rindo, e Ethan sabia que era uma referência a uma velha piada sobre os hábitos alimentares deles. Devido à obsessão de Jane por uma alimentação saudável, eles raramente comiam alimentos ricos em amido e refinados, como pão ou batatas, coisa difícil para ele, fã de carboidratos. E, no final, pouco importou o que eles comeram, o câncer a levou embora mesmo assim.

Mas Ethan sabia também que havia um elemento metafórico naquela observação, e embora na época não conseguisse tolerar a ideia de seguir em frente com outra pessoa, à medida que os anos passavam essa sensação se esvaiu. Uma mulher para fazer seu pão? Ele não tinha certeza se essa descrição cabia à Vanessa, mas sabia que a amava e intuía que ela seria o modelo perfeito de mulher para sua filha, que amadurecia rapidamente.

E quando sugeriu que os três passassem juntos o Natal em Nova York, Vanessa adorou a ideia. Conhecia bem a cidade, pois ia sempre a Manhattan a trabalho ou para visitar amigos.

— Você acha que a mamãe teria orgulho de mim? — perguntou Daisy, trazendo Ethan de volta ao presente.

Olhou para ela e inclinou a cabeça, curioso.

— Ela dizia que tinha orgulho de mim toda vez que eu era corajosa e tentava alguma coisa nova — continuou a menina. — Daí agora eu estou aqui na cidade favorita dela, tentando uma coisa nova.

— Posso garantir que sim, florzinha — disse Ethan em voz baixa, seus olhos azuis lacrimejando um pouco.

Ao olhar as horas, percebeu que já estava tarde. Pensou em Vanessa e lembrou-se de que ela logo voltaria da casa dos amigos que fora visitar, mas ele, como mandava o figurino, ainda tinha de fazer uma compra muito importante.

Uma verdadeira loucura, pensou. Tudo no último minuto. Daisy estava cansada e concentrada na mãe, mas eles eram esperados na loja.

Continuou a remoer se devia terminar o que se propusera a fazer ou voltar para o conforto do seu quarto no Plaza Hotel. O contentamento que o dominara nos últimos dias começou a

arrefecer, e ele passou a se sentir inquieto. Controle-se, disse a si mesmo.

— Você sabe quem mais tem orgulho de você? — perguntou a Daisy.

— Sei — respondeu ela sem hesitar, antes de terminar o último gole do seu chocolate quente. — Você. E Vanessa também. Ela me disse isso no avião.

Ethan sorriu. Era tudo o que precisava ouvir.

Agora, enquanto ele e Daisy esperavam o vendedor da Tiffany embrulhar para presente a aquisição, sentiu-se aliviado, pois tudo parecia estar dando certo. É claro que ainda havia a pequena questão da reação de Vanessa, mas ele estava bastante certo de que sabia qual seria.

Ao anel, pelo menos.

Tinha aprendido com Jane, que costumava se inflar em lirismo ao falar sobre a Tiffany, que a famosa caixinha azul-turquesa era quase o símbolo de um verdadeiro romance de conto de fadas ao estilo nova-iorquino. Segundo ela, nenhuma mulher no mundo podia resistir àquilo: à loja e a suas joias que encantavam os sonhos de milhões de pessoas.

Presentes da Tiffany sempre deixaram Jane de pernas bambas, e o maior arrependimento de Ethan era não ter tido a chance de lhe dar um dos seus famosos anéis de diamante.

Ethan esperava que Vanessa apreciasse o anel na mesma medida, e estava confiante de que seria assim, devido a seu apreço pelo requinte. A dedicação ao trabalho lhe permitia ter tudo do bom e do melhor, e, para Ethan, o melhor era exatamente o que ela merecia.

Ao pensar no preço do anel, ele engoliu em seco, agradecendo mais uma vez à alta das ações na bolsa de valores alguns meses antes. A carteira de ações fora um presente do seu pai, e só devido a essa sorte inesperada Ethan pôde gastar tanto com um anel de diamante, e com a suíte do Plaza Hotel.

— Preferem nossa fita branca clássica para a caixinha ou algo mais festivo em comemoração ao Natal? — perguntou o vendedor.
— Talvez uma fita vermelha?

— Daisy? — Ethan recorreu à filha para que ela decidisse.

Daisy pensou um instante.

— A fita branca com certeza — disse ela.

— Ah, no clássico estilo da Tiffany — concordou o vendedor, com um sorriso. — Bom gosto, mocinha.

Daisy sorriu de novo e olhou do vendedor para o pai.

— Minha mãe costumava me falar desta loja — disse, num tom tímido. — Dizia que a Tiffany era um lugar muito especial, cheio de magia e romance.

O vendedor olhou para Ethan e sorriu, reconhecendo que Daisy estava na idade em que aquelas fantasias eram importantes.

— A mãe de Daisy não está mais entre nós, mas era uma entusiasta da Tiffany — explicou Ethan.

Sabia que Jane sem dúvida teria falado com empolgação para Daisy sobre a loja ao contar suas muitas histórias a respeito de Nova York. O amor da sua vida tivera uma alma romântica e acreditava em coisas fantásticas, como destino e mistérios do universo.

Tais crenças não lhe serviram de nada, pensou Ethan, mas ultimamente estavam ressurgindo em Daisy. Claro, ela era uma menina de oito anos, com pôsteres de princesas e unicórnios nas paredes do quarto, então ele supunha que aquelas ideias fossem normais.

De qualquer forma, Ethan sentiu-se aliviado ao descobrir esse lado mais imaginativo da filha; desde a perda precoce da mãe, ela às vezes se mostrava solene e nervosa, propensa a se preocupar com as mínimas coisas.

— Ah! — disse o homem, meneando a cabeça para demonstrar que havia entendido, e então se agachou até ficar da altura de Daisy. — Sim, este lugar é especial, e como você pode ver, há muito romance aqui agora mesmo — disse, apontando para os outros clientes, todos encerrados nas próprias bolhas de sonhos. — E eu mesmo tive alguns momentos mágicos desde que comecei a trabalhar aqui. Como, por exemplo, conhecer você hoje, senhorita — falou com uma piscadela, fazendo Daisy corar alegremente.

Ethan olhou para os dois, e seu coração encheu-se de alegria com o sorriso da filha.

Quando o importantíssimo embrulho foi colocado com cuidado em uma bolsinha azul-turquesa e o vendedor entregou-a para Ethan, Daisy adiantou-se e pegou as alças macias da mão do homem.

— Posso levar? — perguntou ela, olhando para a sacola como se houvesse ali uma coisa rara e preciosa.

E realmente havia.

— É claro que pode — respondeu Ethan.

Ele estava radiante quando guardou no bolso do casaco a documentação que acompanhava a joia. Não podia ter esperado uma reação melhor, e teve certeza de que ele, Vanessa e Daisy estarem juntos em Nova York era o primeiro passo da maravilhosa jornada que os três tinham à sua frente.

De mãos dadas com a filha, desejou ao vendedor da Tiffany um feliz Natal, e saíram para a rua e juntaram-se ao burburinho da Quinta Avenida.

CAPÍTULO 2

— E aí, lindona, tudo bem? — disse Gary Knowles, atendendo o celular dentro do provador da seção masculina da Bergdorf Goodman.

Segurou o aparelho entre a bochecha e o ombro, liberando as mãos para continuar o que estava fazendo.

Virando-se de lado, jogou os ombros para trás, avaliando-se com a camisa Ralph Lauren e sorriu para seu reflexo no espelho do provador.

— Sim... Que bom que está se divertindo — continuou, distraído, virando a cabeça para ver melhor as costas e verificar como a camisa justa caía no seu corpo. — Hummm? Sim, estou acabando aqui.

Com um gesto de aprovação para sua imagem no espelho, Gary ajeitou algumas mechas de cabelo louro-claro (tingido com a quantidade suficiente de água oxigenada só para lhe dar um ar moderno) e concluiu que aquela camisa era mais uma compra acertada.

— Não devo demorar muito mais. Por que você não começa a se aprontar para hoje à noite — sugeriu ele —, e eu te encontro no hotel mais tarde? Não posso dizer com certeza... Por volta das sete, talvez? Ainda tenho umas coisinhas para resolver aqui — disse, e levantou uma das sobrancelhas. — Você já fez todas as suas compras? Nada mau... principalmente para uma mulher!

Rindo da piada, tirou a camisa e examinou o peitoral. Seu abdômen ficava impressionante naquela luz, pensou. Uma pena que ninguém mais podia ver.

— Ótimo. Então vejo você mais tarde. Eu sei... Eu também.

Com isso, Gary encerrou o telefonema e colocou o celular de volta no bolso. Depois, vestiu suas próprias roupas, pegou a pilha de sacolas do chão e dirigiu-se ao caixa.

Estava aproveitando cada minuto na Big Apple. Era uma viagem que ele queria fazer havia anos, mas por alguma razão nunca realizara esse desejo. E agora que os negócios estavam em baixa, não conseguia encontrar uma maneira de justificar um gasto desses.

Nos anos gloriosos do boom imobiliário da Irlanda, a construtora-de-um-homem-só de Gary cobrava valores com mais dígitos do que um número de celular para construir anexos do tamanho de cabines telefônicas, mas infelizmente aqueles eram tempos idos.

Ele tinha alguns trocados guardados, é claro, e ainda não estava falido, mas viagens a Nova York ficam numa posição bem baixa na lista de prioridades para quem investiu mal em quatro imóveis (dois dos quais estavam sem inquilinos confiáveis) e nutre um gosto por motocicletas caro de se manter.

Por sorte, conheceu Rachel, que, nove meses depois de eles começarem a sair, lhe deu de presente aquela viagem para Nova York no seu aniversário de trinta e cinco anos. Decidiram esperar um pouco para viajar, pois ela já havia visitado Nova York algumas vezes e garantira que o Natal na cidade era realmente especial e sem dúvida a melhor época do ano para uma visita.

De cabeça erguida, Gary atravessou a multidão de clientes da loja para alcançar o caixa mais próximo. Nesse momento, porém, um mostruário de relógios TAG Heuer chamou sua atenção, e a pequena placa dizendo "Desconto de Natal" o colocou num certo dilema. Depois de lembrar que já tinha um relógio e decidir que apenas um talvez fosse o bastante, foi até a vitrine de joias para ver que outras pechinchas poderia encontrar.

Apesar de as abotoaduras Paul Smith não estarem em promoção, elas com certeza lhe cairiam bem — especialmente quando fosse se encontrar com o gerente do banco. Ter coisas assim é sempre útil, disse a si mesmo. Na sua área de trabalho, sobretudo nesses tempos difíceis, o sujeito precisa andar alinhado em todas as ocasiões. As abotoaduras eram meio caras, mas não seriam um investimento no seu futuro?

A pedido de Gary, o vendedor tirou a caixa da vitrine para que ele pudesse olhar melhor.

— Gostaria de ver também algo para alguém especial? — sugeriu o vendedor.

Não foi a primeira vez que Gary se impressionou com o quanto esses caras ficavam ligados quando o assunto era vendas. Chegavam a ser às vezes um pouco insistentes, mas reconheceu que, se os vendedores fossem assim na Irlanda, o país ainda estaria crescendo.

— Temos ofertas especiais maravilhosas no balcão de perfumes... — continuou o vendedor.

Porém Gary não ouviu mais nada, pois a sugestão do vendedor fez com que se lembrasse de uma coisa.

Rachel.

Ele tinha dado uma olhada em umas roupas íntimas femininas estilosas mais cedo, mas de repente se deu conta de que ainda não tinha comprado *nada* para ela.

— Não, não... Só as abotoaduras, obrigado — respondeu Gary, com os pensamentos a mil.

Não podia lhe dar um perfume de novo, já dera no aniversário. Mas que outras opções teria a essa hora, na véspera de Natal? Eram quase seis da tarde, e ele dissera a Rachel para estar pronta por volta das sete. Os dois sabiam que ele sempre se atrasava, o que de fato lhe dava uma margem de manobra de mais ou menos uma hora e meia, mas estava ficando com fome, e as lojas fechariam logo.

Pagou as abotoaduras e a camisa e decidiu voltar para a Quinta Avenida e entrar na primeira loja que lhe chamasse a atenção. Afinal de contas, disse a si mesmo, Rachel estava se divertindo muito, visivelmente feliz só por estar passando aqueles dias com ele em Nova York. Qualquer presente que lhes lembrasse a viagem serviria, não?

Ao avistar a Tiffany & Co. à sua frente, suspirou aliviado.

Era uma joalheria famosa ou coisa parecida, não era? Perfeito. Alguém lá em cima obviamente estava zelando por ele, e essa compra poderia ser menos trabalhosa do que ele calculara.

Empurrou mais uma daquelas malditas portas giratórias — pareciam estar por toda a Manhattan e deixavam Gary tonto — e entrou.

Um balcão de vidro à sua direita chamou-lhe imediatamente a atenção, não tanto pelo que havia dentro, mas pelo que estava atrás. Uma loura bonita de seios grandes sorriu para ele e o atraiu para perto dela.

— Feliz Natal — disse a atendente quando Gary se aproximou.

— Olá. Para você também.

Correu os olhos rapidamente pela vitrine de colares de aparência ostentosa, e de repente começou a suar frio. Meu Deus, que preços!

— Bem-vindo à Tiffany. Como posso ajudá-lo? Está procurando alguma coisa específica?

— Não, realmente não — murmurou Gary. — Só uma coisa bonita para... Preciso de um presente para minha irmã — mentiu, pois se dissesse que o presente era para a namorada, a mulher o consideraria um pão-duro se não comprasse uma joia cara. — Bonito mas não muito... você sabe.

Sentiu-se um idiota por ter pensado que poderia escolher um presente aleatório em um lugar como aquele.

— Ah, creio que tenho a coisa certa. Venha comigo — disse ela, andando à sua frente até outro balcão. — Essas pulseiras para berloques são sempre uma boa escolha, especialmente nesta época do ano — disse, apontando para uma fileira de pulseiras de prata. — Todo mundo adora. O presente perfeito para uma irmã, eu diria: uma lembrança carinhosa, mas não íntima demais.

— É... Posso dar uma olhada? — perguntou ele, nervoso.

— Claro.

Ao examinar a pulseira, Gary procurou rapidamente o preço e suspirou aliviado, discretamente. Sim, aquilo serviria. Uma lembrança carinhosa, não tão íntima e, mais importante ainda, não muito cara.

— Tudo bem. É perfeita, Amanda — disse, lendo o nome dela no crachá.

— Vai querer levar? — perguntou ela, sorrindo, com os olhos azuis arregalados de surpresa. — Foi uma compra rápida, devo dizer.

— É — disse Gary, dando uma piscadela. — Eu não demoro muito para decidir.

— Adorei seu sotaque — falou ela, olhando-o de perto. — Você é inglês?

— Deus me livre, não me ofenda! — brincou, fingindo estar horrorizado, mas ao ver sua expressão desapontada, sacudiu a cabeça. — Ah, não se assuste. É uma brincadeira. Eu sou irlandês. De Dublin. Já esteve lá?

— Infelizmente, não. Quem sabe um dia... — disse Amanda, colocando a pulseira em uma bolsinha de feltro macia e depois em uma caixinha azul quadrada, e então amarrando o embrulho com uma fita de cetim branca. — Aí está. Sei que sua irmã vai *adorar* esta caixinha azul... Toda mulher adora!

— Sim, sim. Tenho certeza. Serei seu irmão favorito este ano — murmurou Gary, entregando-lhe o cartão Visa.

Depois de registrar a compra, Amanda lhe entregou o cartão e a sacola da loja, e Gary teve de admitir que sentiu um certo orgulho ao pegá-la.

Tiffany, nada menos que isso. Rachel ficaria encantada.

— Obrigada, senhor — disse a vendedora com um sorriso. — Aproveite bem sua estada em Nova York, espero que passe ótimos momentos.

— Com certeza. E você, lindona, tenha um ótimo Natal — falou, dando uma piscadela.

— Obrigada. Estou certa que terei! — respondeu Amanda, com uma risadinha, e Gary deu uma última olhada nela antes de pegar o resto das sacolas e sair para a rua.

Missão cumprida, pensou, com um sorriso nos lábios. Com tantas sacolas pesando nos braços, sentiu-se quase como um caçador vitorioso voltando da mata para casa.

Naquele instante, seu celular tocou de novo, e Gary, após passar as sacolas de um braço para o outro, alcançou-o no bolso e olhou a tela. Sentiu um frio na barriga. Pensou que era Rachel, mas não, na verdade era a última pessoa com quem ele queria falar.

Especialmente naquele dia, e pior ainda considerando o lugar onde estava. Que *timing* horrível! Se ela pudesse vê-lo, o mataria na

certa. Mas deixaria para se preocupar com isso outra hora, pensou ele, ignorando o telefonema, apesar de saber que seria muito mais difícil ignorar o contumaz aperto que sentia no peito. Meu Deus, ele não servia para aquele tipo de coisa!

O celular parou de tocar, e Gary respirou aliviado, como se tivesse escapado por pouco.

Precisava encontrar um caminho rápido para o hotel no SoHo.

Onde estava sua moto, bem quando precisava tanto dela? Resmungou, aturdido e frustrado na mesma medida. Mesmo com todas aquelas sacolas penduradas nos braços, seria muito mais fácil chegar no hotel com sua Ducati do que conseguir um táxi no meio de toda aquela gente que tentava a mesma façanha.

Tudo bem, pensou Gary, levantando o braço e saindo para a rua como sempre fazem no cinema. Quando em Roma...

* * *

Completamente esgotados de tanto fazer compras, Ethan e Daisy tinham também acabado de sair da Tiffany.

— Então, que tal, florzinha? Quer ir até a loja da Disney agora? — sugeriu Ethan.

Na verdade, esperava que Daisy estivesse tão cansada quanto ele. O dia tinha sido longo, e ele não sabia se aguentaria ficar ainda mais tempo no meio daquela multidão.

— Não, acho melhor a gente voltar para o hotel — disse Daisy, franzindo o nariz.

— Você tem razão — concordou Ethan e pegou a mão da filha, mas antes de conseguir dizer mais alguma, foi interrompido por um grito.

— Obrigado por nada, seu *gobshite!* — gritou alguém à sua esquerda, surpreendentemente sobrepondo o barulho do local.

Ethan achou que isso se devia ao fato de que aquele inconfundível sotaque lhe era familiar, pois Vanessa tinha nascido na Irlanda.

Pai e filha se viraram para olhar o homem.

— Não se preocupe, querida. É só um sujeito tentando pegar um táxi, e só desejo boa sorte para ele no meio desta multidão. Então o que você...

Foi interrompido de novo, mas dessa vez por uma buzina alta e pneus cantando com uma freada brusca. Ethan virou-se e viu o mesmo homem, agora caído no meio da rua, com várias sacolas de compras espalhadas à sua volta.

— Idiota! — gritou o motorista pela janela do táxi.

Ah, meu Deus... Ethan segurou a mão da filha com firmeza e abriu caminho no meio da multidão que se formava. Como professor universitário, era treinado em primeiros socorros e sentia-se obrigado a agir quando uma emergência ocorria.

— Chamem uma ambulância, depressa — ordenou enquanto avançava até o meio da rua.

Ajoelhou-se ao lado do homem ferido e viu que ele ainda respirava. Sentiu-se aliviado e pediu que abrissem espaço à sua volta.

— Ele está bem? — perguntou o motorista do táxi, com uma expressão de choque no rosto. — Cara, o sujeito apareceu do nada. Não tinha como eu desviar, sério.

— Não tenho como dizer — falou Ethan, limpando com cuidado o sangue da sobancelha do ferido e vigiando para que ninguém tentasse mexer na vítima enquanto esperavam a ambulância.

— Juro por Deus, ele apareceu do nada. Meus passageiros vão confirmar isso e... Ah, caramba!

Ethan viu o motorista olhar para o táxi, mas não havia mais ninguém lá dentro. Típicos nova-iorquinos, pensou secamente, sempre com tanta pressa que não puderam nem esperar para ver se o sujeito atropelado pelo táxi em que tinham embarcado estava morto ou vivo.

— Tente não se preocupar. Tenho certeza de que ele vai ficar bem — garantiu Ethan ao motorista, que parecia ainda mais desesperado agora que perdera suas testemunhas.

Pode ser que esteja preocupado com um processo judicial, Ethan pensou, mas percebeu que talvez estivesse sendo injustamente cínico.

Uma grande multidão se formara ali, e, embora o estado da vítima fosse o mais importante para Ethan, ele também estava preocupado com seus pertences. A última coisa que aquele sujeito precisava era que um ladrão sagaz roubasse suas sacolas, especialmente na véspera do Natal.

— Você pode juntar as coisas dele? — perguntou a Daisy, que estava ao seu lado com ar muito preocupado. — Está tudo bem, boneca, ele vai ficar bem — continuou, com pena de terem sido envolvidos em uma ocorrência potencialmente traumatizante para ela. — Só não podemos deixar que roubem as sacolas de compras dele — acrescentou, e aquilo pareceu fazer sentido aos olhos de Daisy, e ela pôs-se rapidamente em ação, para alívio de Ethan.

Pouco depois, sirenes se fizeram ouvir ao longe, mas pareceu levar uma eternidade para que a ambulância conseguisse abrir caminho pelo trânsito da Quinta Avenida e chegasse até eles.

Depois que os médicos entraram em cena e assumiram o controle da situação, a prioridade de Ethan passou a ser levar a filha para o aconchego e a segurança do hotel onde estavam hospedados.

Após contar à equipe médica o pouco que sabia sobre o acidente, estava livre para ir embora assim que começaram a carregar o homem ainda inconsciente — além de suas muitas sacolas — para a ambulância.

— Ei, senhor — chamou uma voz rouca.

Era outro motorista de táxi, que devia ter presenciado a cena a distância.

— Muito legal da sua parte ajudar. Que tal uma carona para o senhor e sua filha até onde quiserem? A corrida é por minha conta.

— Obrigado, é muita gentileza sua — respondeu Ethan, pensando que talvez os nova-iorquinos não fossem tão mal-educados assim. — Mas estamos a um quarteirão do hotel e precisamos andar um pouco. Obrigado mesmo assim. E feliz Natal... Ou melhor, boas festas.

— Sem problemas. Para vocês também.

O motorista inclinou seu boné, e Ethan e Daisy continuaram a caminhar para o Plaza, que por sorte já estava bem perto.

No quarto de hotel, Ethan ajudou Daisy a desabotoar o casaco de inverno e aquecer as mãos. Vanessa ainda não havia chegado, e ele ficou contente de ter um tempo sozinho com a filha depois do que acontecera. Desde a perda da mãe, ela tendia a se preocupar com qualquer coisinha, e especialmente (o que era compreensível) com a possibilidade de também perder o pai.

Às vezes Daisy era uma versão miniatura de Jane, dizendo para ele se alimentar melhor e não comer tanta porcaria. Ethan culpava também os comerciais de televisão, que propagavam a cura de doenças cardíacas e diabetes, fazendo sua filha de oito anos alarmar-se com problemas de saúde, quando na sua idade devia estar mais preocupada com o desenrolar dos contos de fadas que lia.

Depois do acidente, a antiga Daisy preocupada ressurgiu, e Ethan precisava restaurar sua confiança.

— Você está bem? — perguntou, e ela confirmou com um hesitante aceno de cabeça. — Você ajudou um bocado lá. É triste dizer, mas existe gente que seria capaz de roubar as compras daquele homem. Você o ajudou tanto quanto eu, sabe? Nós formamos uma boa dupla, eu e você — disse Ethan, e ao ouvir isso, Daisy sorriu orgulhosa, e o coração dele ficou um pouco mais leve. — Por que não pedimos alguma coisa do serviço de quarto enquanto esperamos Vanessa, para depois contar tudo a ela? Quer mais um chocolate quente?

— Não sei — respondeu a menina, hesitante. — Já tomamos uma caneca bem grande hoje...

— Bem, como sua mãe costumava dizer, chocolate quente nunca é demais em Nova York na véspera de Natal.

Daisy deu um grande sorriso.

— Verdade? Então está bem.

— Ótimo. Vou ligar para o serviço de quarto, e nesse meio-tempo por que você não toma um banho, veste o pijama e me encontra aqui quando estiver pronta?

— Ok.

Quinze minutos depois, Daisy estava estirada em um divã com uma caneca de chocolate coberta de marshmallows, como ela

gostava, com Ethan sentado à sua frente em uma confortável poltrona. Foi um dia estranho, ele pensou, e percebeu que ela devia estar sentindo isso também.

Bem, aconteceu muita coisa hoje.

— Você está muito quieta — falou, sentando-se na ponta do divã.
— Espero que saiba que os médicos vão fazer tudo o que puderem para ajudar aquele homem.

— Eu sei. Já vi coisas assim na televisão, pai.

— Ótimo, então você sabe que ele está em boas mãos.

Ela não estava pensando apenas no acidente, e Ethan não sabia bem se isso era bom ou ruim.

— Como está se sentindo a respeito do anel de noivado? Sobre eu pedir a Vanessa para... para ser sua madrasta? — perguntou ele, segurando a mão da filha. — Vanessa está em nossas vidas já faz algum tempo, e você sabe que ela te ama, gosta de ler para você e te levar para as aulas de dança e tudo o mais. Seria bom sermos uma família de novo, não acha?

Daisy deu um grande gole no chocolate e mexeu os marshmallows com o dedo.

— Sim, sermos uma família de novo seria bom.

— É claro que você e eu sempre fomos uma família também — disse Ethan, tomado de repente de tal emoção que precisou parar um pouco antes de continuar. — Eu lembro — prosseguiu, virando a mão dela sobre a dele e abrindo sua pequena palma — que costumava pegar sua mãozinha e me maravilhava ao ver que as linhas eram iguais e ao mesmo tempo tão diferentes das minhas.

Passou o indicador pelas linhas da sua mão, notando que Daisy o ouvia atentamente. Sabia que a filha adorava ouvir histórias sobre como ela era quando bebê. Todas as crianças adoram, ele supunha, mas talvez Daisy gostasse ainda mais porque em todas as histórias seus pais estavam juntos.

— Você e eu temos muito em comum, por dentro e por fora. Você sempre será meu bebê, mas vejo que cresce e muda a cada dia... tornando-se cada vez mais a pessoa que é. Tem sido maravilhoso, mas... Bem, tem sido difícil às vezes sem sua mãe — falou, com a voz um pouco trêmula. — Mas eu adoro estar aqui por você,

florzinha, quero que saiba disso. Só que... Olha, provavelmente não estou falando coisa com coisa — disse, e passou a mão pelo cabelo escuro, se perguntando por que tudo aquilo parecia tão surreal agora, quando lá na Tiffany parecera tão certo, então cobriu a mãozinha dela com a sua e continuou. — Saiba que eu te amo muito. Você será sempre minha garota número um. Mas acho que agora, como dizia sua mãe, *nós dois* precisamos ter confiança e tentar algo novo.

Pela primeira vez depois do acidente, Daisy sorriu.

— Mamãe ficaria orgulhosa de nós — falou, colocando a caneca na mesa e dando um abraço apertado no pai, como não fazia havia muito tempo.

CAPÍTULO 3

Rachel Conti adorava Nova York no Natal. Visitar a cidade era sempre uma boa pedida, mas naquela época do ano Manhattan atingia seu ponto alto: era toda decorada com brilho e tomada pela alegria de Natal.

Enquanto tomava um vinho quente com especiarias e olhava pela janela para as luzes dos arranha-céus em frente ao seu hotel no SoHo, sentiu um leve arrependimento por não ter mergulhado de cabeça e se hospedado em algum lugar de Uptown, como o Plaza, ou pelo menos em um hotel com vista para o Central Park. Teria sido muito mais romântico, especialmente porque havia previsão de neve para o dia seguinte, mas ela pôde bancar apenas um hotel em Midtown quando fez a reserva. Ela e Gary eram só dois dentre uma horda de turistas em Nova York no Natal, e quase todos os hotéis estavam lotados ou eram caros demais.

Rachel esperava que o namorado terminasse as compras e voltasse logo. Ele passou muito tempo nas lojas hoje, Rachel pensou, até mais que ela; mas como ficariam poucos dias na cidade, não se sentia no direito de censurá-lo por ele querer prolongar a experiência nova-iorquina o máximo possível.

Rachel não conseguia evitar pensar em qual presente ele escolhera para ela daquela vez. No Dia dos Namorados, estavam juntos havia apenas dois meses, e por essa razão não ficou tão brava ao receber como presente uma única rosa de chocolate embrulhada em papel laminado colorido, dessas vendidas em lojas de presente. No seu aniversário, uns meses depois, ficou desapontada de novo ao ser presenteada com um frasco de perfume e um vale-compras para ser usado em um *outlet*. Era útil, com

certeza, mas nada atencioso, e ela concluiu que Gary não era do tipo que fazia grandes gestos ou expunha demais os sentimentos.

Mas talvez, só talvez, daquela vez ele melhorasse o nível. Afinal, ela lhe dera aquela magnífica viagem como presente de aniversário, e certamente ele retribuiria à altura, não? Não que ela tivesse segundas intenções ao lhe dar a viagem — longe disso, ao contrário do que Justin parecia pensar. Justin era o chef principal do Stromboli, o bistrô de Rachel em sociedade com uma amiga, em Dublin.

— Uaaaau, isso é um investimento e tanto — brincara Justin. — Então você espera que ele retribua à altura?

Justin era tanto um empregado quanto um amigo, e embora Rachel já estivesse habituada ao seu jeito mordaz e direto, ficara surpresa com aquela reação.

— Não dê atenção a ele — dissera Terri, sua melhor amiga e sócia, apaziguando-a. — Só porque *ele* tem sempre segundas intenções não quer dizer que todos tenham.

Porém, Rachel sentiu que a amiga também ficara surpresa com sua generosidade, sobretudo porque ela e Gary não tinham muito tempo de namoro. Mas, apesar de ele tentar esconder, Rachel sabia que o negócio de Gary estava passando por uma fase difícil, e, como o dela ia de vento em popa, quis fazer algo para animá-lo. Nada mais que isso.

Até então a viagem estava sendo maravilhosa. Na noite anterior eles tinham ido assistir ao musical *O Rei Leão* na Broadway (e, para sua surpresa, Gary gostara muito) e naquela noite planejavam jantar em um restaurante especializado em carnes perto do hotel, um lugar tranquilo para comemorar a véspera de Natal, tomar uns drinques, voltar para o quarto e... Rachel sorriu. Era bom começar a se arrumar logo. Gary tinha dito que estaria de volta às sete, mas — conhecendo sua falta de pontualidade — ela definitivamente tinha uma boa meia hora de sobra.

Depois de tomar um banho rápido e pôr um vestido vermelho adequado para as festividades, Rachel olhou-se de cima a baixo no espelho de corpo inteiro.

Como de costume, ficou contente de ter mantido o cabelo escuro relativamente curto. Era mais fácil de cuidar e, naturalmente, muito mais higiênico para cozinhar no bistrô, e ela gostara do corte mais repicado que fizera — divertido e charmoso. Balançou os cabelos, lembrando que, quando era adolescente, detestava seu corpo franzino, sem altura suficiente para ser modelo; mas agora gostava do jeito como as curvas do seu quadril-curvilíneo-na-medida-certa destacavam sua cintura fina e seios-um-pouco-maiores-que-as-mãos, como dizia Gary. Resultado direto de sua origem siciliana, com uma combinação bastante incomum de olhos azuis e pele morena.

Rachel sorriu. Sim, certamente seu namorado teria uma surpresa maravilhosa escondida na manga, dava para sentir. Não queria nada extravagante nem caro, mas um presente atencioso, escolhido com cuidado só para ela.

Apertando as tiras dos sapatos de salto 10 e se abaixando intencionalmente para ter certeza de que os seios estavam posicionados com segurança no meio do decote generoso do vestido, decidiu colocar os presentes de Gary sobre o travesseiro para ele encontrar quando voltassem do jantar.

Uma hora depois, Rachel tinha reorganizado os presentes várias vezes, pedido mais vinho ao serviço de quarto, comido três biscoitos do minibar do hotel e retocado o brilho labial diversas vezes.

Mas isso era bem típico de Gary: cronicamente atrasado e sempre passando dos limites. E embora quase sempre fosse uma característica charmosa, dessa vez Rachel ficou irritada, considerando que era véspera de Natal. Ao pegar um último biscoito, ficou ao mesmo tempo assustada e aliviada quando o telefone do hotel tocou. Mas era estranho que ele não estivesse ligando para o seu celular.

— Boa noite, aqui é Nancy Moore, estou telefonando do Hospital Mount Sinai — disse uma voz desconhecida, e Rachel ficou pálida. *Hospital?* — A senhora por acaso conhece Gary Knowles?

— Conheço... é claro — respondeu ela, com o coração batendo forte. — Por quê?

— Desculpe-me pela natureza do telefonema, mas houve um acidente — continuou a mulher num tom firme. — O Sr. Knowles

está em condição estável, mas ainda não recuperou a consciência. Encontramos a chave do hotel e telefonamos esperando encontrar algum parente próximo.

Parente próximo? Ah, não, isso só podia significar...

— Ai, meu Deus — disse Rachel, mal conseguindo falar. — Gary está bem? Sou a namorada dele.

— Ele foi atropelado por um táxi, senhora, mas os ferimentos não são graves — confirmou a mulher, e Rachel soltou depressa a respiração que até então estava prendendo. — Esperamos que ele volte logo a si, mas a senhora poderá vê-lo quando desejar. Seu nome, por favor?

— Rachel, Rachel Conti. Sim, sim, é claro. Vou já para aí...

Trocou apenas de sapato (calçando uma sapatilha rasteira para poder andar mais depressa), vestiu um casaco quente e conseguiu chegar ao hospital em menos de quarenta e cinco minutos, o que não foi ruim para uma corrida de táxi na véspera do Natal. Não demorou para encontrar o quarto de Gary, e logo puxou uma enfermeira para saber todos os detalhes.

— Ele lesionou algumas costelas com a batida e sofreu um ferimento na cabeça e concussão cerebral em razão da queda — disse a enfermeira, lendo o prontuário do paciente. — Torceu o tornozelo também. Aparentemente, algum bom samaritano entrou em cena e manteve a multidão afastada, limpou-o um pouco e impediu que ladrões roubassem seus pertences. Está tudo aqui — falou, apontando para uma pilha de sacolas coloridas em cima da cadeira, ao lado da cama de Gary.

— Ele vai ficar bem? — perguntou Rachel, nervosa.

— Vai ficar bem, sim, mas não espere que ele recupere a consciência totalmente até amanhã de manhã. Ele acordou meia hora antes de você chegar, mas nós o sedamos para mantê-lo em repouso. Sinta-se à vontade para ficar aqui algum tempo, mas depois pode pegar as sacolas e voltar para o hotel, para descansar também. Ele não irá a lugar algum nos próximos dois dias, talvez três. Ah, e boas festas — disse, finalizando a conversa.

Rachel mal levantou a mão como resposta e logo se debruçou sobre Gary para beijar de leve sua testa e acariciar seu braço.

— Maldito *gobshite*... — murmurou ele em tom quase imperceptível.

A enfermeira olhou intrigada para Rachel.

— Ele tem murmurado coisas assim a noite inteira. Tem alguma ideia do que seja?

Rachel sentiu um sorriso inesperado se insinuar.

— É só uma expressão irlandesa.

— Ah, entendi — disse a mulher, meneando a cabeça como se isso explicasse tudo. — Não dá nem para criticar o pobre sujeito. Uma boa noite para você.

— Obrigada, para você também.

Rachel se virou para Gary. Levantou a mão dele e segurou-a na sua.

— Pobrezinho, olhe só para você... Sempre arranjando confusão — murmurou, contendo as lágrimas ao acariciar sua testa. — Espero que isso não tenha acontecido por você tentar voltar correndo para mim.

Ficou sentada ao seu lado durante mais ou menos uma hora, tentando adivinhar a gravidade dos ferimentos e imaginando se havia algo que a enfermeira não lhe contara.

Afora os hematomas e o ferimento na cabeça, Gary parecia bem, mas ela preferia mil vezes que ele estivesse acordado e pudesse falar com ela.

Por fim, quando ele parou totalmente de se agitar, Rachel decidiu seguir o conselho da enfermeira e voltar para o hotel. Era tarde, o horário de visita tinha terminado havia muito tempo, e ela não seria de grande serventia, não enquanto ele continuasse profundamente sedado. Juntou as sacolas, concluindo que seria mais seguro levá-las para o hotel do que deixá-las soltas por ali.

Quando estava saindo, um atendente entregou-lhe mais uma bolsa com as roupas de Gary e outros objetos pessoais.

Cheia de sacolas, Rachel virou-se para olhar o namorado acidentado mais uma vez.

— Eu te amo, Gary. Feliz Natal — sussurrou, parando um instante antes de deixar o hospital, faltando apenas alguns minutos para que a véspera de Natal se tornasse o dia de Natal.

— Um pouco tarde para terminar as compras de Natal, não é, moça? — brincou o motorista, quando Rachel se empoleirou no táxi com todas as sacolas e caixas de Gary.

— Quem me dera — ela respondeu, sucinta, antes de indicar o endereço do hotel. — Por favor — acrescentou, com mais gentileza, afinal, *aquele* não era o motorista culpado pelo Natal do pobre Gary ter sido arruinado.

De volta ao hotel, afundou-se no sofá e deixou as sacolas caírem aos seus pés. Sentia-se cansada e derrotada e, embora tivesse certeza de que Gary estava em boas mãos, não conseguia parar de se preocupar.

Além disso, o pisca-pisca das luzes de Natal, brilhando pálido através da janela, parecia caçoar dela agora, e Rachel só conseguia pensar no seu pobre namorado naquela cama de hospital.

Deveria ligar para a mãe dele? Não conhecia a Sra. Knowles, elas nunca tinham se encontrado, mas seu número de telefone devia estar registrado no celular de Gary. Mordeu o lábio. Talvez fosse melhor esperar até a manhã seguinte, depois que falasse com os médicos e soubesse mais detalhes. Se ligasse agora de forma inesperada, estragaria o Natal da sogra, pois ela ficaria preocupada também, e Rachel não queria isso.

Servir-se de uma taça de vinho lhe pareceu uma ideia bem melhor, e foi exatamente o que ela fez. Depois jogou o vestido vermelho na cama, colocou o roupão felpudo do hotel (em vez da lingerie sensual disposta com cuidado sobre o travesseiro de Gary) e, ao lembrar-se da sacola com as roupas dele, decidiu verificar se estava tudo em ordem.

Podia parecer estranho, mas não gostou de ver os pertences dele embolados em uma sacola no chão; era quase como se ele tivesse morrido ou coisa parecida. Seria bem melhor arrumar tudo e mandar lavar as roupas para quando ele voltasse.

Pegou o saco plástico do hospital e sentou-se na cama. Tirou tudo lá de dentro e colocou a carteira de Gary na escrivaninha. A jaqueta estava suja de sangue devido ao ferimento na cabeça, e o jeans, também, então precisavam ser mandados para a lavanderia. Rachel verificou os bolsos procurando recibos ou alguma outra coisa que

pudesse ser destruída na lavagem. Tirou um papel do bolso da calça que, a julgar pelo que estava escrito, devia ser a lista de compras de Natal do namorado.

A cara de Gary, Rachel pensou, sorrindo enquanto lia a lista; havia uma coluna para nomes e outra para as lojas correspondentes, possivelmente onde ele comprara ou pretendia comprar os presentes de Natal. Hum... Onde será que Gary pretendia comprar o presente dela? Era uma pergunta que não conseguia evitar. Ele era um tanto evasivo a respeito da própria família, e ela queria tentar descobrir como era seu relacionamento com os parentes pelo tipo de presente que havia comprado para eles. Então, consciente de estar espionando, largou a lista na mesinha de cabeceira ao seu lado. Ligou a televisão, apagou o abajur e tomou um pouco mais de vinho, dessa vez mais do que apenas um gole.

Olhou para a lista de novo, com a curiosidade aumentada sobre o que Gary tinha pensado em lhe dar. Ah, e daí, pensou, era uma lista de lojas, não de presentes específicos. Então não havia nada de mal.

Sem nem se dar conta, a lista estava de volta em suas mãos, e ela acendeu o abajur para poder ver melhor. À primeira vista, não leu seu nome em lugar nenhum. Em uma segunda olhada mais atenta, realmente não viu seu nome. Franziu a testa e largou a lista.

Só então entendeu. Como não tinha pensado nisso antes? É *claro* que seu nome não estaria na lista. Gary, sem dúvida, sabia exatamente o que queria lhe dar no Natal, não havia razão para anotar.

Serviu-se de mais uma taça de vinho, dessa vez uma dose mais generosa do que a anterior. Era essencial, afinal estava sozinha e preocupada em um quarto de hotel em Nova York, na véspera de Natal.

Deitou-se de novo na cama, enfiou-se debaixo das cobertas e, um a um, derrubou com cuidado no chão os presentes que comprara para Gary. O primeiro foi a lingerie, o segundo, a caixa pesada com a calça de couro para moto, e o terceiro, a carteira costurada à mão com as iniciais dele gravadas. Depois, inevitavelmente, voltou a se perguntar o que Gary teria comprado para ela.

Seus olhos pousaram na pilha de sacolas a pouco mais de um metro da cama. Dentro de uma delas estaria seu presente, não embrulhado.

Rachel sabia que Gary devia ter comprado seu presente naquele dia mesmo porque já vasculhara o quarto e sua mala vazia esperando encontrar alguma pista do que ganharia. Era uma bobagem, e ela se detestava por ter feito aquilo, mas não pudera evitar.

— Não, não vou olhar — disse em voz alta, pegando o controle remoto da televisão e mudando de canal: *Cinemax*, *MoreMAX*, *Pay-Per-View*, alguns com títulos de programas bastante intrigantes. — Quem iria assistir a filmes pornôns na véspera de Natal? — perguntou a si mesma retoricamente e ficou passando de um canal para outro até chegar ao filme *A felicidade não se compra*, que já estava no meio.

Perfeito.

No momento do filme em que George ouve os sinos e começa a acreditar, Rachel estava com a garrafa vazia de vinho em uma das mãos e, na outra, a lista de Gary. Com lágrimas rolando pelo rosto (como acontecia toda vez que assistia àquele filme), foi sem pestanejar até o sofá e começou a comparar as sacolas de presente com os nomes e lojas da lista.

A cada equivalência que encontrava, passava a sacola correspondente para uma pilha. Quando chegou ao final da lista, sobrava uma sacola da Bergdorf Goodman, com roupas de homem e umas abotoaduras caras dentro (seriam para o irmão de Gary?) e, bem à vista, uma sacolinha azul gloriosamente familiar.

— Ai, meu Deus... da Tiffany! — exclamou em alto e bom som.

Com o coração batendo forte no peito, ela verificou a lista de novo, virando o papel em sua mão várias vezes. Nada.

Seria para ela? Será que Gary *realmente* teria comprado um presente para ela na Tiffany?

Só podia!

Os olhos de Rachel brilharam ainda mais que as luzes festivas do lado de fora. Checou o relógio e engoliu em seco.

Bem, já *era* oficialmente dia de Natal, não é? Prendendo a respiração, espiou dentro da sacola.

E encontrou a famosa caixinha azul.

CAPÍTULO 4

Como não conseguiu voltar a dormir, Ethan se levantou e foi até a janela ver o nascer do sol sobre o Central Park e os prédios em volta. Desde que Daisy tinha idade suficiente para se empolgar com o Natal, era a primeira vez que Ethan acordava antes dela nessa data. A neve caía suavemente, e graças às conveniências do Plaza, estava tomando um café fresquinho. Era uma imagem perfeita de uma manhã de Natal em Nova York, embora ele estivesse bocejando depois de se revirar na cama a noite inteira.

Pensou de novo na mãe de Daisy e sorriu quando o aroma do café o fez voltar no tempo. Jane não aprovava aquele seu hábito, e insistia que, se ele *tivesse* de beber café, deveria ser apenas orgânico. Também fazia isso com a comida de Daisy quando ela era bebê: deveria ser orgânica e feita em casa. Jane tinha sido uma mãe fantástica, pensou, sua filha era saudável e feliz por causa dela.

Feliz? Seu fluxo de pensamento cessou diante daquela palavra. Claro, Daisy era em geral uma criança feliz, mas ele ainda tinha a impressão de que faltava muita coisa, muita coisa que ele não lhe oferecia. Passou a mão pelos cabelos castanhos e grossos e sentiu os olhos se fecharem ao pensar nos três anos que passara sozinho com ela, nas tantas noites em que a abraçara até ela cair no sono, dizendo sempre que sentia falta da sua mamãe. Essas ocasiões tornaram-se menos frequentes à medida que os meses passaram, mas ainda assim o que Ethan mais desejava era ter uma família novamente.

Seria melhor para Daisy. Sem contar que ele amava Vanessa de verdade. Tinha hesitado no início, mas ao longo do último ano eles haviam se aproximado, e agora ele tinha certeza de que ela era a

mulher perfeita para transformar sua pequena unidade familiar em uma família completa.

Ethan a conhecera em uma feira de livros, curiosamente. Seu grande amigo Brian, ex-colega na universidade onde ele dava aulas, se tornara um romancista de sucesso muito respeitado. Pouco mais de um ano antes, depois de muita insistência e artimanhas, Brian acabou convencendo-o de que deixar Daisy com os avós por três dias para eles irem à feira de Frankfurt não o transformaria em um pai negligente.

— Afinal de contas, meu caro, é basicamente uma viagem de trabalho — dissera Brian, tranquilizando-o. — Desta vez vamos falar sobre o meu livro, mas da próxima falaremos sobre o seu. Talvez a viagem inspire você a pôr a mão na massa e a começar a escrever aquele Grande Romance Britânico — brincara ele, referindo-se às ambições latentes de Ethan. — Não vai ser tão bom quanto o meu, claro, mas estou certo de que haverá lugar para nós dois na lista dos mais vendidos.

Ethan não pudera argumentar contra isso, (a razão da viagem, quer dizer; mas não tinha ilusões de fazer parte de nenhuma lista, seja lá qual fosse), então no fim das contas decidira ir junto.

E assim, no segundo dia da feira, ele a viu: uma loura de beleza pouco clássica, mas com belo porte e imaculadamente arrumada, vindo na direção deles.

Tinha cruzado o olhar com o dela duas vezes enquanto ele e Brian passeavam pelos estandes, e ficara intrigado com sua calma e confiança. Quando ela se aproximou, Ethan suspeitou que fosse uma das muitas “tietes” do amigo, mas pela conversa educada e ainda assim familiar que se seguiu concluiu que ela e Brian já se conheciam de outros eventos literários. Soube então que Vanessa também trabalhava com livros: era a editora sênior de um selo literário importante de uma grande editora em Londres. Quando Ethan deu por si, os três estavam almoçando juntos, e ele descobriu que Vanessa morava na vizinhança de Teddington, não longe de sua casa em Richmond. Pouco depois, os dois estavam jantando sozinhos, primeiro em Frankfurt, depois em Londres. Ethan desfrutava sua companhia e sua conversa animada; partilhavam do

apreço por literatura e artes, e ele também admirava a determinação obstinada com que ela levava sua vida profissional, tendo crescido por conta própria em um meio altamente competitivo. Mas a ambição de Vanessa não parava ali. Queria que os autores mais respeitados e bem-sucedidos entrassem para seu catálogo, e disse a Ethan, rindo, que sua intenção ao se aproximar deles na feira era roubar Brian da editora pela qual ele publicava.

Vanessa não se parecia em nada com Jane — focada e determinada, diferente da postura relaxada que Jane tinha diante da vida — e Ethan se surpreendeu ao ver que estava interessado nela e, depois, que estava completamente apaixonado. Às vezes ficava tonto com o amplo conhecimento dela sobre viagens, gastronomia e vinho, e com a confiança aparentemente natural com a qual ela abordava tudo. Essa autoconfiança foi uma das primeiras coisas que o cativaram, mas ela também tinha um lado enigmático que o atraía.

Ainda assim, esperou quase seis meses para apresentá-la a Daisy. O fato de estar seguindo em frente com sua vida não era razão para forçar a filha a fazer o mesmo, pensou.

Quando finalmente decidiram marcar o encontro, Ethan disse a Vanessa para sair com os dois no sábado, depois da aula de dança semanal de Daisy. Ele fez o máximo para que o encontro fosse leve e informal e para manter o foco em Daisy, mas não conseguiu ludibriar a filha atenta e esperta. Enquanto os três tomavam sorvete à beira do rio Tâmisa, Daisy lançava ao pai o mesmo olhar característico de Jane. Um olhar enviesado, como Ethan dizia, que em geral surgia no rosto da filha quando ele mal-disfarçadamente a subornava para fazer os deveres de casa ou quando era mandada cedo para a cama.

Mas, com o tempo, Daisy mudou. Adorava quando Vanessa lia para ela; ouvir histórias era uma de suas atividades preferidas. O que mais lhe agradava era o sotaque de Vanessa, uma rica combinação de uma década e meia passada no mundo culto de Londres com a fala cadenciada de suas raízes irlandesas. Foi algo que no início também encantou muito Ethan, embora Vanessa

insistisse que depois de quinze anos na Inglaterra não lhe restara quase nada do seu sotaque nativo.

Toda vez Ethan desejava que Vanessa lesse mais de uma história para Daisy na hora de dormir, mas lembrava-se de que ela não tinha filhos e que, sem dúvida, aos poucos sentiria mais vontade de fazer esse tipo de coisa.

Ele sabia bem do que estava falando; nunca se considerara pai coruja, mas apaixonara-se completamente pela filhinha no momento em que, recém-nascida, ainda no hospital, ela envolveu seu dedo indicador com a mãozinha. E depois, ao abraçar o corpinho frágil dela contra seu peito nu, pele com pele, entregou o coração a ela para sempre.

Com o tempo isso aconteceria com Vanessa, ele pensou; ela e Daisy partilhariam um momento que cimentaria a relação das duas. Isso não podia ser forçado. Aconteceria provavelmente quando os três estivessem morando sob o mesmo teto e passassem mais tempo juntos, como uma família de verdade. Infelizmente, devido à incapacidade de Vanessa de engravidar (o que ela revelara francamente a Ethan assim que os dois começaram a sair), a família não aumentaria, mas isso também não era um problema para ele.

A luz do dia aos poucos penetrava o parque, e Ethan levantou a cabeça, perguntando-se quanto tempo teria ficado ali perdido em seus pensamentos. O sol apareceu entre as nuvens e, apesar da breve rajada de neve, dava para ver o céu claro a distância. Ele achou que era um bom augúrio, pois o céu andava nublado e cinzento desde que chegaram à cidade. Mas aquele dia era diferente por uma razão, pensou; as forças do bem deviam estar sorrindo para ele e suas intenções...

— Feliz Natal, querido.

Ao ouvir aquela voz próxima, Ethan deu um pulo e derrubou café no peito nu pela abertura do roupão de banho.

— Ops! — Riu Vanessa, chegando mais perto. — Desculpe, não queria te assustar. — Sua voz ficou mais baixa quando foi até o banheiro rapidamente e voltou com uma toalhinha molhada e um roupão limpo.

— Foi culpa minha. Eu estava a quilômetros de distância daqui — respondeu Ethan, sorrindo para ela. — De qualquer forma, o café já estava frio.

— Por que está tão nervoso? Ainda pensando no acidente de ontem? Tenho certeza de que o sujeito está bem.

Cobrindo o peito com a toalhinha, ficou ali só de cueca, assegurando-lhe que ela só o pegara sonhando acordado.

— Não, não, está tudo bem, sinceramente. Só não esperava que alguém mais acordasse tão cedo — disse, entregando-lhe a toalhinha molhada e vestindo o roupão limpo. — Quer uma xícara de café fresco?

— Adoraria — disse ela, sorrindo.

Ethan foi até a cafeteira e serviu uma xícara fumegante à mulher a quem estava prestes a pedir em casamento. Com a cafeteira na mão, notou que não estava exatamente nervoso, mas nem calmo e relaxado como de hábito.

Vanessa também notou. Pegando a xícara, ela pôs a outra mão na dele antes que ele a soltasse. Ethan ergueu o olhar e encontrou uma expressão de compreensão no rosto dela, como se ela soubesse exatamente o que ele estava pensando. Aquele olhar o atravessou. Resistindo ao impulso de dar um passo atrás, percebeu que devia estar parecendo assustado de novo, pois ela disfarçou um ligeiro sorriso e afastou-se.

Meu Deus, ela sabe! Ele se perguntou como aquilo era possível. Será que dera falta de um dos seus anéis? Um tempo atrás, ele havia furtado secretamente um anel de sua caixa de joias para medir o tamanho exato do seu dedo.

— Então, como eu ia dizendo, feliz Natal — Vanessa repetiu, beijando-o. — É maravilhoso estar aqui em Nova York na manhã de Natal com você e Daisy. Significa muito para mim, especialmente porque sei como é importante para vocês dois também, por causa de Jane.

Vanessa era tão atenta e sempre tão generosa e compreensiva a respeito da memória de Jane que Ethan se viu apaixonado por ela mais uma vez. Viver à sombra de outra mulher seria, sem dúvida, um desafio para muitas, mas felizmente não parecia ser o caso com

Vanessa. Bem, Ethan pensou, mesmo que ela tivesse algumas apreensões — veladas ou não —, elas certamente desapareceriam quando ele lhe entregasse a caixinha azul.

— Obrigada por me convidar para vir com vocês — continuou Vanessa, com a voz um pouco rouca. — Você tinha razão, Nova York no Natal é realmente muito especial.

Então era isso, Ethan percebeu aliviado. Ela não tinha ideia do que estava por vir. Era só o fato de ser Natal que a deixava comovida.

— Eu também estou muito contente de você estar aqui. É mesmo um momento especial para nós, para todos nós. — Fez uma pausa. A luz vindo da janela iluminou os olhos castanhos dela, e o peso do que ele estava prestes a fazer deixou-o sem ar por um instante. — Eu também te amo, Vanessa. De verdade. Quer dizer, eu... — gaguejou. — Quer dizer, eu te amo.

Ela sorriu e pousou a mão delicadamente no seu rosto.

— Feliz Natal! — gritou Daisy da porta que dava para seu quarto, como se estivesse pronta para uma entrada triunfal. Correu para eles, pulando e atirando-se na grande cama de casal com um floreio. — Vamos abrir nossos presentes!

— Que tal nos darmos bom-dia e tomarmos o café da manhã primeiro? — disse Ethan, com um tom leve de repreensão.

— Sim, você vai precisar reunir suas forças para todos os presentes que vai abrir — concordou Vanessa.

— E você também — disse a menina com um sorriso recatado, e Ethan lançou-lhe um olhar de advertência, o que a fez dar uma risadinha.

— Ok, vamos pedir o serviço de quarto — disse ele, praticamente mergulhando no cardápio para mudar de assunto.

— Chocolate quente. É a nossa prioridade, não é? — brincou Vanessa, sentando-se ao lado de Daisy.

— Mas não é muito saudável, sabe, Vanessa — respondeu ela solenemente, e os adultos sorriram um para o outro.

Sua namorada estava a par das frequentes crises de ansiedade de Daisy, e ele esperava que, quando se tornassem oficialmente uma família, a menina se sentisse mais segura e tais acessos desaparecessem.

— Mas é Natal! — insistiu Vanessa com um sorriso largo. — Tenho certeza de que um dia de descuido não vai nos matar.

Ethan não pôde conter um arrepio ao ouvir aquela péssima escolha de palavras, mas felizmente Daisy não pareceu notar.

— Você tem razão. Posso pedir também bolinho de canela com cobertura, papai? Eu adoro bolinho de canela.

— Pode pedir o que quiser, boneca. Algum pedido especial, Vanessa?

Ela negou com um aceno de cabeça.

— Quero o mesmo que a Daisy.

— Tudo bem, então, chocolate quente e bolinhos de canela para todos — disse Ethan, pegando o telefone para fazer o pedido.

Meia hora depois os três tomavam suas bebidas quentes sentados em volta da pequena árvore de Natal que tinham comprado e decorado especialmente para a ocasião. Daisy estava sentada sobre as próprias pernas no chão, lambendo os restos da cobertura doce nos dedos.

— Muito bem, agora vamos ver o que temos aqui — começou Ethan, passando um pacote belamente embrulhado para Daisy.

— Não, Vanessa primeiro — insistiu ela, rindo timidamente.

— Você está animada demais hoje, até mesmo para uma manhã de Natal — disse Ethan, olhando para a filha com sua própria versão do olhar enviesado. — Abra seu presente primeiro, está bem?

— Ok, pai — disse a menina em meio a um suspiro profundo e um tanto exagerado.

— É, por favor, abra — disse Vanessa, rindo. — Acho que vai gostar, ou pelo menos espero que goste. É meu presente para você.

— Ótimo — disse Daisy cruzando as pernas e rasgando o embrulho.

Uma coleção de livros caiu no seu colo.

— Histórias de bichos? — perguntou, olhando as capas de uma coletânea de Thornton Burgess.

— É. Eu li essas histórias quando era pequena. Você vai poder ler sozinha na hora de dormir.

— Ah... — disse Daisy sem grande entusiasmo, torcendo um dos seus cachos com o dedo indicador. — Obrigada.

— Mas um de nós dois ainda pode ler para você, querida — disse Ethan depressa, ao perceber sua óbvia decepção.

— Agora é a vez da Vanessa — disse Daisy, como se o último comentário tivesse entrado por um ouvido e saído por outro.

Bem típico dela.

Ethan olhou para a filha e sorriu. Pelo menos ela continuava animada com o pedido de casamento, mais do que ele esperava.

— Acho que você tem razão — falou para a filha, lançando-lhe uma piscadela.

Daisy riu deliciada e bateu palmas.

Vanessa levantou a sobrancelha.

— Daisy, você me deixou intrigada. Deve ser um presente muito bom — falou.

— Espero que sim — disse Ethan, passando-lhe a sacola da Tiffany.

A caixinha azul com a fita branca era tão inconfundível e elegante que embrulhar mais uma vez seria ridículo.

— Esse é meu, mas Daisy me ajudou a escolher. Ela tem muito bom gosto — acrescentou, sorrindo para a filha, que retribuiu com empolgação.

Vanessa pareceu surpresa.

— Ah, meu Deus... Um presente da Tiffany? — falou com a voz entrecortada e o rosto iluminado, como Ethan esperava.

Jane tinha razão: havia realmente algo a respeito daquele objeto que deixava a mais sofisticada das mulheres comovida.

Segurando a caixinha azul na mão por um instante, Vanessa começou a desatar a fita branca, mas fez uma pausa e levantou os olhos.

— Daisy, eu já disse para o seu pai, mas quero que você também saiba que me sinto muito feliz de estar passando o Natal aqui com vocês dois. Isso significa muito para mim, querida.

Pegou a mão da menina e ganhou um imenso sorriso enigmático em retorno.

— Vai, abre! — disse Daisy, e Ethan sorriu, curtindo o momento.

Ele chegou mais perto de Vanessa e pegou a mão da filha.

Sorrindo para Ethan, Vanessa puxou lentamente a fita macia de cetim, como que saboreando cada segundo. Quando, enfim, a fita caiu no seu colo, ela respirou fundo antes de levantar a tampa da caixinha. Ao fazê-lo, seus olhos se arregalaram.

— Ora, ora, o que temos aqui? — murmurou alegremente, abrindo a bolsinha de feltro e olhando dentro. — Uma pulseira de berloques... Que linda!

Que diabo...?

Ethan ficou olhando para a caixa, sem acreditar no que ouvia.

Olhou de lado para Daisy, que também estava de olhos arregalados. Se ele não conhecesse Vanessa poderia jurar que ela estava brincando, mas não era o tipo de coisa para se brincar. Chegou mais perto e viu o que ela tinha nas mãos. Não havia dúvida, era mesmo uma pulseira de berloques.

Bonitinha, mas não era nenhum diamante.

Meu Deus, o que estava acontecendo?

— Sim... Nós, é... nós dois escolhemos juntos, não foi? — disse, olhando para Daisy.

Ela ficou parada ali, tão chocada quanto o pai.

— Achei que seria uma linda lembrança da nossa viagem, de nossos momentos especiais aqui em Nova York, só nós três.

A cabeça de Ethan girava. Dar aulas tinha suas vantagens, ajudava-o a pensar depressa.

— Sim, compramos isso na Tiffany — disse Daisy, de forma um tanto desnecessária.

Então a menina olhou para Ethan como que tentando imaginar o que eles deviam fazer ou dizer em seguida.

— É linda. Obrigada — agradeceu Vanessa, mas Ethan mal a ouviu.

Por um instante ele não teve certeza de como reagir, mas sabia lá no fundo que devia tentar salvar a situação antes que a namorada notasse que alguma coisa estava errada.

— Deixe eu colocar. Quero ver como fica — disse Ethan e pegou o braço dela, tirou a pulseira da sua mão e prendeu-a. — Uma pulseira linda... como a mulher que vai usar, é claro — exclamou com um

largo sorriso, embora soubesse que ela poderia notar que não era um sorriso franco.

Ele nunca levava jeito para mentir.

— Obrigada a vocês dois — disse ela, revirando a pulseira no braço. — É... incrível, e uma lembrança perfeita da nossa viagem. — Sentou-se ereta, respirou fundo e sorriu para Daisy com ar conspiratório. — Muito bem, Daisy, acho que agora é a vez do seu pai.

— Não, não... Vamos deixar Daisy abrir o resto dos seus presentes primeiro — protestou Ethan depressa, passando a mão pelo cabelo e montando um grande espetáculo apenas para procurar sua xícara de café.

Qualquer desculpa para sair daquela situação embaraçosa e realmente misteriosa.

— Não, eu insisto. Mesmo. Deve ser um de nós de cada vez.

Daisy olhou para ele.

— É, pai. É a sua vez. Assim é que é justo.

— Ok, eu me submeto à vontade das senhoras — falou, fazendo uma mesura ridícula para tentar quebrar o constrangimento e manter alguma alegria natalina.

Mas, com o que acabara de ocorrer, Daisy estava nervosa, e ele tinha quase certeza, só de olhar para a expressão de Vanessa, que ela sabia que alguma coisa estava errada. Sentou-se no chão e encostou o corpo na borda do divã.

— Aqui está — disse sua namorada, tirando um embrulho do pé da árvore.

Ethan sentiu uma ligeira afetação na voz dela quando ele pegou a caixa retangular da sua mão.

Talvez não fosse intencional, mas com certeza estava lá, sob a superfície do tom de voz e a fachada do sorriso. Ela pegou a caneca de chocolate já frio de uma mesinha lateral e desviou o olhar dando um longo gole.

Ethan achou que devia falar novamente alguma coisa significativa sobre quanto aquele Natal era especial, mas quando ia abrir a boca percebeu que isso não fazia mais sentido.

— Você ia dizer alguma coisa? — perguntou Vanessa.

— Não... — respondeu ele, tirando os pedaços da fita adesiva de forma estranhamente ensaiada.

— Depressa, papai — falou Daisy, chegando mais perto.

— Está bem, está bem.

Ao abrir a caixa, ele deu um sorriso aliviado (dessa vez autêntico).

— Vejam só isso! É perfeito! Está vendo, nossos pensamentos estão em sintonia.

Com certo alívio, mostrou uma pulseira de prata em sua mão. Tinha uma aparência antiga e bem masculina, com várias peças retangulares unidas.

— Tem uma inscrição — disse Vanessa, entusiasmada.

— Ah.

Ethan se perguntou imediatamente se a pulseira que ela ganhara por engano tinha algum tipo de gravação. Se tivesse, talvez explicasse como tinha ido parar ali. Depois leu a inscrição do seu presente, com as palavras delicadamente gravadas nas peças retangulares, e sentiu o coração afundar no peito.

*Ela o amava de forma clara demais para
temer sua nebulosidade*

— Vanessa... — disse, mal conseguindo encará-la. — Não sei o que dizer. Obrigado.

Aproximou-se e lhe deu um beijo longo e delicado no canto da boca.

A citação era de *Howards End*, uma história que ela sabia que Ethan adorava. Durante uma das brigas no início do relacionamento, ela lhe dissera que sempre que lia aquela frase lembrava-se dele, pois parecia sempre pairar sobre ele uma névoa inatingível. A frase se tornara uma citação recorrente desde então — uma dessas referências pungentes entre duas pessoas para lembrar-lhes até que ponto chegaram e inadvertidamente reavivar os demônios do passado. Os dois citavam-na de vez em quando, durante um jantar, tomando um vinho ou conversando sobre o futuro. De qualquer modo, essa referência sempre implicava uma troca amorosa e íntima, mas naquela manhã pareceu mais um tiro não intencional

em seu peito. Pobre Vanessa, se ao menos soubesse que naquele dia essa “nebulosidade” deveria ter sido desfeita!

— O que diz a inscrição, papai? — perguntou Daisy.

— Hum, diz que estou pronto para abrir o presente da minha filha linda agora! — brincou ele, fazendo cócegas na sola do seu pé descalço.

Ela riu alto e puxou o pé.

— Ok, aqui está — Daisy falou, esticando o braço com orgulho. — Eu fiz o embrulho sozinha na escola.

— Na escola? — perguntou Vanessa.

— Sim, eu comprei o presente no Bazar de Natal. As pessoas doam coisas para a gente poder comprar presentes para nossos pais sem que eles saibam.

Vanessa acariciou o braço de Daisy.

— Eu teria te levado para fazer compras, querida.

A menina balançou a cabeça.

— Não precisou. Eu queria comprar mesmo no bazar.

— Ainda assim, obrigado, Vanessa — disse Ethan, mostrando à filha que ela não fora educada.

— Sim, obrigada, Vanessa — repetiu Daisy de maneira atrevida como se fosse um eco.

Ethan desembulhou o presente da filha muito mais depressa e com mais curiosidade do que o anterior.

— É um livro sem nada dentro! — anunciou ela quando todo o papel de presente foi retirado.

— Sim, estou vendo — ele falou, ligeiramente intrigado.

— Para você mesmo poder preencher, seu bobo... para escrever seu próprio livro. Como sempre diz que vai fazer — explicou.

— Que filha esperta você tem, Ethan — disse Vanessa, inclinando a cabeça e sorrindo, mas Ethan entendeu o significado das suas palavras.

Segundo Vanessa, outro elemento da sua “nebulosidade” era sua postura de sempre-falar-mas-nunca-escrever seu próprio livro. Ela sempre o encorajava a pegar a caneta e o papel.

— Você é muito talentoso — era seu argumento —, e eu quero que o resto do mundo saiba disso.

Ele havia começado, e esboçara uma espécie de resumo, mas encontrar tempo para escrever sendo pai solteiro com emprego de horário integral era como tentar contar o número de gotas de chuva que caíam em Londres em um ano.

— Obrigado, querida. Prometo que vou levar comigo por todo lado para escrever à mão sempre que a Musa me inspirar.

— Eba!

— Um brinde a isso — disse Vanessa, virando sua caneca para tomar a última gota do chocolate quente.

O resto da manhã passou depressa. Daisy abriu seus outros presentes, que eram modestos, para não voltarem a Londres com excesso de bagagem, mas é claro que ela sabia que o maior presente tinha sido aquela viagem.

Quando Vanessa saiu da sala para tomar uma ducha e se vestir, Ethan finalmente conseguiu um tempo sozinho com a filha.

— Dá para acreditar? — falou ele, com a voz entrecortada, passando a mão pelo cabelo. — O que será que aconteceu com aquele anel fantástico que a gente comprou?

Fantasticamente *caro*, além de tudo, mas Ethan achou que Daisy não compreenderia sua preocupação a esse respeito.

Daisy pôs o pé descalço junto ao dele sobre a mesa de centro e franziu a testa.

— Eu sei... É muito estranho, não é? Não consigo entender. Mas lembro que isso me aconteceu na escola uma vez. Fui comer meu lanche e peguei uma merendeira que não era minha, onde tinha só presunto e um queijo borrachudo horrível no pão branco, SEM iogurte. Fiquei muito irritada!

Mesmo sem querer, Ethan riu da comparação.

— É... suponho que seja um pouco parecido.

— Sei que isso é diferente, mas você entende o que eu quero dizer — falou e fez uma pausa. — Mas o que você acha que aconteceu, pai, e o que vai fazer agora?

— Bom, não há nada a ser feito agora, não é? Pelo menos não hoje. Mas acho que Vanessa ficou desapontada. Ela devia saber, de alguma forma, ou talvez esperasse... Não sei — disse e se inclinou para a frente. — Ok, florzinha, você e eu vamos voltar à Tiffany

amanhã de manhã para tentar esclarecer isso. Deve ter havido algum engano na hora em que fizeram o embrulho, ou coisa parecida. Lembra que aquele homem simpático levou o anel e nos deixou esperando?

Daisy fez que sim.

— É, deve ter sido isso. Ei, pai...?

— Sim? — respondeu ele, esperando que ela tivesse algum insight que o ajudasse naquela situação difícil.

— Eu vou ter pelo nos dedos do pé como você?

— Sim, com certeza — respondeu em meio a uma gargalhada e aproximou os pés para que a parte externa do seu pé direito tocasse na parte externa do pé esquerdo dela. — Daqui a uns cinco anos seus pés serão exatamente como os meus. E ouvi dizer que, se eles se tocarem, o processo é acelerado.

Daisy deu um gritinho e correu para o quarto.

— Então quero você longe de mim! — reclamou a menina.

Em geral, Ethan teria seguido a deixa e corrido atrás para fazer cócegas nela.

— Como você quiser — se contentou em dizer, e voltou para a janela.

Olhou o relógio. Não era nem perto de meio-dia ainda. Seria o dia de Natal mais longo que ele já tivera. Onde diabo aquele anel poderia estar?

Esperava mesmo que no dia seguinte, na Tiffany, pudessem lhe dar alguma luz sobre o caso, mas e se não dessem? O que ele faria? Devia contar para Vanessa? Não, seria um anticlímax. Mas e depois?

Sobretudo, ele pensou, olhando o céu sobre o parque, agora enevoadado: era possível que Vanessa tivesse razão. E se a cabeça dele fosse realmente impregnada de nebulosidade? E se, apesar de seus esforços, ele não pudesse escapar da névoa?

CAPÍTULO 5

Rachel virou-se na cama, passando automaticamente a mão no cabelo.

Uma das coisas de que gostava nos hotéis eram as cortinas bem grossas — tão grossas que, exceto pela faixa de luz sob a barra, mal se podia dizer que era dia quando estavam bem fechadas.

Primeiro como chef e agora como proprietária de um restaurante, manhãs de folga eram um verdadeiro luxo na sua vida. Poder dormir até tarde era algo que ela saboreava quando tinha oportunidade; no entanto, sua versão disso devia ser diferente da dos outros. Para quem começava a trabalhar na cozinha às seis da manhã, ficar na cama até as oito era um prazer e tanto.

Embora tivesse acordado às seis, preocupada com Gary e apressada para visitá-lo no hospital, deu-se conta de que era ainda muito cedo para o horário de visitas, mesmo no dia de Natal. Então, durante as duas horas seguintes, agarrou-se ao travesseiro de Gary e ficou cochilando, sonhando meio acordada com os dois e seu noivado próximo.

Depois de saborear uma última vez a visão dela mesma toda vestida de branco, abriu os olhos. Esticou os braços, olhou para a mão esquerda e imaginou aquele deslumbrante solitário no seu dedo anelar. Na noite anterior tivera vontade de dormir com o anel, mas tinha se sentido tão culpada de ter encontrado a joia que logo a devolvera para a caixinha azul.

Ao sair da cama, Rachel percebeu que seu entusiasmo estava de fato maculado de culpa pós-álcool. Não devia ter mexido nas sacolas, e certamente não devia ter aberto a caixinha da Tiffany. Mas se não tivesse aberto...

Não, constatou, mordendo o lábio e olhando-se no espelho com um sorriso malicioso, não devia se sentir culpada, e na verdade não mudaria nada daquela situação. Tinha sido uma surpresa maravilhosa, particularmente depois do choque e da preocupação com o acidente de Gary. Tinha sido também muito romântico, considerando que estava sozinha na véspera do Natal e descobrira por acaso que Gary ia pedi-la em casamento! Um verdadeiro conto de fadas, e muito mais do que Rachel jamais sonhara.

Mas a maior surpresa mesmo tinha sido descobrir que Gary a amava mais do que ela imaginava. Sim, eles se divertiam juntos, e ela o amava também, mas, como ainda não conhecera sua família, não tinha certeza se as intenções dele eram sérias. Rachel considerava família importante; ela era filha única e tinha perdido os pais, e por mais que quisesse conhecer os pais de Gary imaginou que ele estivesse aguardando o momento certo. Um pedido de casamento era a última coisa que esperava dele, muito menos com um anel daqueles! O lindo diamante lapidado era grande o bastante para fazer os olhos saltarem das órbitas e, sendo da Tiffany, devia ter custado uma nota. Quem diria?

Tudo acontecia por uma razão, disse Rachel a si mesma, e ter encontrado a caixinha talvez fosse exatamente o que ela precisava para acabar com quaisquer dúvidas sobre seu relacionamento.

Observou as sacolas de compras no canto do quarto e teve vontade de dar mais uma espiada no anel. Deus, e pensar que ela o usaria pelo resto da vida!

Estava extasiada. Ao abrir a caixinha de novo, espantou-se ainda mais com o que viu. A forma e a cravação eram arrebatadoras, e o diamante em si pareceu-lhe ainda maior à luz do dia e, claro, sem o efeito do vinho.

Mais uma vez ficou chocada de Gary ter gastado milhares em um anel tão extravagante sem nunca ter feito alusão a casamento. Era mesmo muito estranho, pois durante o voo para Nova York ele reclamou que teria de gastar uma nota para consertar um defeito de sua moto. Gary não podia ser descrito como generoso, mas ela reparou que ele andava particularmente cuidadoso com dinheiro nos dois últimos meses, e agora ela sabia por quê.

Rachel sorriu. Evidentemente a história da moto tinha sido apenas uma artimanha e só provava o quanto ele a amava. O anel dela era mais importante que a Ducati! Balançou a cabeça em contentamento. Uma coisa era certa, Gary *sempre* foi uma fonte de surpresas. Mas aquela era a maior e a *melhor* de todas...

Lembrou então que devia embrulhar a caixinha em algum momento para que Gary não notasse nada quando voltasse para o hotel, mas decidiu esperar.

A prioridade máxima era ir ao hospital passar pelo menos parte da manhã de Natal com seu futuro marido. Guardou a caixinha na sacola, tomou um banho, passou um pouco de maquiagem, colocou um jeans e um suéter, vestiu as roupas de inverno e saiu à procura de um táxi. De café da manhã, comeria algo no hospital.

Durante o trajeto, estava feliz demais para puxar papo com o motorista, um grego tagarela cujo banco de passageiro estava cheio de embalagens vazias de comida, e mais uma vez se sentiu maravilhada com o caldeirão cultural que era Nova York. Para muitos de seus habitantes o dia de Natal não era diferente de nenhum outro.

Pouco depois, ao chegar no hospital, subiu para o andar em que Gary estava e dirigiu-se ao posto de enfermagem perto do seu quarto.

— Oi, feliz Natal para vocês — cumprimentou alegremente. — Vim ver Gary Knowles no quarto 303. Como ele está?

— Feliz Natal para você também! Pode entrar. Ele está bem e descansado — disse a enfermeira de plantão, com forte sotaque de Nova Jersey. — Apesar de ser muito agitado. Talvez seja consequência dos remédios, mas falou durante todo o repouso e durante a manhã inteira. Algo sobre uma Ducati?

Rachel deu um sorriso, como que se desculpando.

— É, ele adora motocicletas. Desculpe. Tenho certeza de que vocês teriam coisas melhores para fazer na manhã de Natal do que ouvir essas divagações.

— Não se preocupe — disse a enfermeira, dando uma risadinha e fazendo um gesto com o braço. — É engraçado, meu marido também tem uma Ducati, e se eu não soubesse o ocorrido teria

achado que os ferimentos do paciente eram de um acidente de moto. Al, meu marido, levou um tombo na rua coberta de gelo há duas semanas e teve problemas nas costelas semelhantes ao do seu marido.

— Ele não é meu... — falou Rachel, parando de repente antes de pronunciar “marido”, mas a própria ideia da palavra deixou-a trêmula. — Quer dizer, nós estamos noivos, mas não, ele sofreu um acidente no trânsito, na verdade. É sua primeira visita a Nova York e foi atropelado por um táxi — acrescentou, com um sorriso irônico. — Sinto muito sobre seu marido.

— Ah não, ele está bem. Eu não conseguiria afastá-lo daquela moto nem que tentasse. Francamente, acho que se ele tivesse de escolher entre mim e aquela coisa... eu provavelmente seria uma mulher solteira a esta altura! — disse em meio a uma risada bem-humorada. — Bom, não vou te prender mais. Boa visita.

— Obrigada... Kim — disse Rachel, lendo seu nome no crachá. — Eu sou Rachel, e aposto que vou vê-la de novo na saída.

— É claro.

Na entrada do quarto de Gary, Rachel esticou o pescoço para vê-lo, e sua alegria da manhã inteira de repente deu lugar a uma forte dose de realidade. Seu namorado parecia ainda pior do que na noite anterior. Um lado do rosto estava inchado, arranhado e cheio de hematoma, e ele estava preso ao soro. Estava tão imóvel e com aspecto tão lamentável que ela sentiu um embrulho no estômago e engoliu em seco quando se sentou na cadeira ao lado da cama.

Tomada de culpa, repreendeu-se por se sentir tão despreocupada e feliz enquanto o pobre noivo se encontrava naquela agonia. Depois disse a si mesma que ele decerto parecia pior do que realmente estava, pois seus ferimentos não eram graves. Debruçou-se sobre a cama e deu-lhe um beijo carinhoso na testa.

Quando Gary pestanejou e abriu os olhos lentamente, a visão dela ficou turva devido às lágrimas. Era tudo muito estranho, pensou. Será que aquele homem, que passava a maioria dos fins de semana no clube de motociclistas e estava se preparando para uma viagem de três semanas pela Europa na próxima primavera, queria

realmente se casar com ela? E se seus ferimentos *tivessem sido* causados pela moto... como ela se sentiria? E se...

Parou de pensar e repreendeu-se por estar sendo negativa, pois em geral ela era ótima em ver o lado bom das coisas. Talvez estivesse desnorteada por ter sido apanhada de surpresa com relação às intenções de Gary. Poxa vida, ele comprara um anel de diamante absurdamente caro para ela e agora estava pronto para lhe mostrar seu lado sensível. Sim, era isso, disse a si mesma.

— Bom dia, meu amor — falou, quando Gary gemeu de novo. — Feliz Natal.

Ele levou cerca de noventa segundos para virar a cabeça ligeiramente e começar a responder.

— Oi... foi um maldito acidente... — balbuciou ele. — Um idiota me atropelou.

— Eu sei, eu sei, foi um táxi. Mas você está bem. Não foi nada sério e... Meu Deus, Gary, sinto muito — disse Rachel, sem conseguir evitar a sensação de culpa. — Essa deveria ser a viagem de nossas vidas. Não posso acreditar que isso tenha acontecido. Quer que eu ligue para sua família? Não tinha certeza se...

— É, *gobshite* idiota... — disse ele, de forma quase inaudível, e fechou os olhos de novo.

Esperando que Gary estivesse se referindo ao motorista de táxi e não a ela, Rachel sorriu. Ele estava obviamente dopado.

— Ei, desculpe me intrometer — Kim sussurrou de repente pela porta —, mas o que *isso* quer dizer? Ele repetiu essa palavra várias vezes de manhã.

Rachel sorriu.

— É um xingamento usado na Irlanda.

— Ah, entendi. Desculpe dizer, mas acho esse sotaque muito sexy — falou Kim com um risinho, indo para a cabeceira da cama verificar a bolsa de soro. — Mesmo com o rosto machucado, dá para entender por que você se apaixonou por ele.

Rachel sorriu, orgulhosa.

— Sim, eu realmente me apaixonei por ele... bem depressa — respondeu. — Gostaria que ele soubesse que eu... — disse, mas a voz fraquejou, e quando Kim olhou-a intrigada, ela sacudiu a

cabeça. — Eu e minha boca grande — continuou ela, um tanto culpada.

Não sabia se era por estar praticamente sozinha em uma cidade estranha no Natal ou se era a agitação por ter que guardar um segredo, mas por alguma razão sentia-se muito à vontade com aquela enfermeira. Ou talvez fosse pela experiência de Kim com outro motociclista inveterado.

— Natal — Gary murmurou de repente. — Você vai adorar o que eu comprei para você... Espere para ver — continuou, como se estivesse falando consigo mesmo, e Rachel se perguntou se ele sabia que ela estava ali. — E você tem que ver minhas abotoaduras novas... — arrematou, antes que a medicação o deixasse dopado de novo.

— Agora eu estou intrigada! — disse Kim, sorrindo para Rachel. — O que será que ele comprou para você que deve ser tão maravilhoso?

— Na verdade eu meio que já sei — confessou ela, sem conseguir mais se segurar. Estremeceu, torcendo para que alguém a ajudasse a se livrar de parte da culpa. — Eu já abri o embrulho.

Kim arregalou os olhos.

— Você está brincando! E qual foi o presente? — perguntou a enfermeira.

Rachel não respondeu e, em vez disso, olhou com ar de culpa para Gary, sonolento, então Kim levantou a sobrancelha.

— Alguma coisa me diz que você está precisando de uma xícara de café e de um papo, querida — falou ela com um sorriso. — Vou ter um intervalo daqui a pouco. Quer tomar um café comigo? Ele nem vai perceber que você saiu do quarto, pode acreditar em mim.

Rachel olhou de Kim para Gary. Era óbvio que ele não iria a lugar algum.

— Obrigada, eu adoraria — respondeu com sinceridade.

— Eu não posso ir muito longe, mas vou pegar alguma coisa para nós na máquina, e você pode me encontrar no saguão — disse a enfermeira, deixando o quarto.

— Obrigada. É muito gentil da sua parte — disse, feliz de ter alguém com quem desabafar.

Como sempre, Rachel não conseguia guardar nada para si mesma.

— Vocês deviam ter altos planos para este Natal, não é? — perguntou Kim quando pegaram duas xícaras de café, creme, açúcar e duas colherinhas. — Um voo da Irlanda para cá não é pouca coisa.

— Bom, alguém certamente tinha grandes planos — disse Rachel, parando de falar para mexer o açúcar —, mas eu não sabia de nada.

Kim anuiu, olhando na direção do quarto de Gary.

— Está falando daquele irlandês bonitão ali?

— Exatamente. O problema é que era para ser uma surpresa. Uma grande surpresa... — começou a dizer, mas Kim a interrompeu, com um olhar intrigado.

— Espere um instante. Você disse que estavam noivos, mas acabei de notar que não tem nenhum anel no seu dedo — comentou, e então seus olhos se arregalaram. — Ah, entendi! Ele sofreu o acidente ontem, na véspera de Natal. Ia te pedir em casamento hoje, e você encontrou o anel no bolso dele ou alguma coisa assim, certo?

— Não exatamente... Não no bolso — disse, e olhou para o lado, mas seu sorriso largo disse tudo.

— Mas você achou mesmo um anel? E agora está entusiasmada mas ao mesmo tempo frustrada, pois não pode contar a ninguém e além disso se sente culpada, não é?

— Em resumo, sim — confirmou Rachel em meio a um sorriso, aliviada de não ter de contar tudo, mas falou sobre a sacolinha da Tiffany que estava entre as outras compras de Natal. — Você deve ser uma boa enfermeira, mas acho que seria uma detetive ainda melhor.

— Não tenha tanta certeza disso. E não se sinta culpada. Ele é homem. Só terminou as compras e fez os embrulhos na véspera de Natal e, na volta para o hotel, com pressa para recuperar o tempo perdido, foi atropelado por um táxi — disse e balançou a cabeça num misto de zombaria e exasperação. — Se quer minha opinião, foi culpa dele você ter encontrado esse anel... E provavelmente culpa dele ter sido atropelado em pleno tráfego de Nova York!

Rachel riu alto.

— Eu não devia estar rindo, mas obrigada. Contar isso para alguém me tirou um grande peso das costas.

Quinze minutos depois do “intervalo de dez minutos” de Kim, as duas continuavam conversando.

— É engraçado — disse Rachel —, a gente nunca sabe com quem vai acabar. Eu não sei... Há algo a respeito de Gary. É a cara dele me fazer uma surpresa dessas, me pegar completamente desprevenida. É emocionante. *Ele* é emocionante.

— Emocionante é bom. Poxa, diamantes grandes no dedo também são. Não que eu tenha tido essa experiência — disse Kim com certo sarcasmo, olhando para as mãos. — Mas você tem que estar certa de que se trata de uma amizade duradoura também. Isso é uma coisa que Al e eu temos. Eu estava brincando quando falei que entre mim e a Ducati ele escolheria a Ducati... Pelo menos acho que estava — falou, rindo da própria brincadeira. — Na verdade somos loucos um pelo outro. Casamos cedo e estamos juntos há muito tempo.

— Eu quero ser assim — disse Rachel, sonhadora. — Gary acredita em mim e isso significa muito. Ele é construtor, e no ano passado me ajudou a realizar o sonho de abrir um restaurante com minha melhor amiga. Apresentou um orçamento bem baixo e mais tarde admitiu que só fez isso porque queria sair comigo — disse, em tom afetoso. — Trabalhou dia e noite para reformar o lugar a tempo e, um dia antes de abrimos o bistrô, apareceu lá de moto — acrescentou, e sorriu ao se lembrar disso. — Minha amiga e eu carregávamos o equipamento para dentro, e eu estava coberta de poeira e tinta. Estava exausta, toda desgrenhada, quando de repente ouvimos uma moto chegando. Era Gary. Ele insistiu em nos ajudar — disse, meneando a cabeça. — E agora parece que quer me surpreender pela segunda vez, e funcionou de novo.

— *Quase* funcionou — disse Kim. — Faça questão de ser pedida em casamento da forma apropriada. Não deixe ele saber que você já viu o anel.

— É claro que não. Mas estou morrendo de vontade de pôr o anel no dedo. Você devia ver o tamanho da pedra, Kim — exclamou, empolgada. — É de tirar o fôlego. Deve ter custado uma fortuna.

Kim sorriu, e Rachel notou que ela virava sua aliança de casamento no dedo. Era uma aliança de ouro simples.

— Vou te dizer uma coisa, e não me entenda mal, é um conselho que dou a todas as minhas amigas que ficam noivas, porque o casamento é um passo enorme.

— O que é? — perguntou Rachel inclinando-se para a frente, feliz de tirar proveito da experiência daquela mulher tão simpática.

— Lá vai. É importante ter certeza de que *você* vale mais para ele do que o anel vale para você. Pronto. E não estou falando só da sua aparência, com esse seu corpo, esse cabelo e esses grandes olhos azuis... Pode me interromper quando quiser — fez uma pausa e riu. — Mas sério, você sabe o que eu quero dizer. Tenha certeza de que ele realmente te conhece, te ama e se importa com o que te faz feliz.

Rachel não falou nada por vários segundos. Deu um longo gole no café.

Kim, de certa forma, lhe lembrava um pouco Terri. Sua amiga era uma rocha de bom senso, naturalmente cautelosa e, ao contrário dela, não era dada a crises de entusiasmo desmedido. Por isso Terri era o cérebro da sociedade das duas, além de ser uma incrível cozinheira, claro.

Ao pensar na amiga, lembrou-se de que ela também tentava lhe dar conselhos. “A impetuosidade só vai te causar problemas”, provocava. Rachel achava que sua própria natureza impulsiva vinha de suas raízes, pois seu pai era filho de sicilianos. Ele tinha morrido havia mais de dez anos, e Rachel quase se habituara a viver sozinha, pois perdera a mãe ainda criança. De repente sentiu uma explosão de felicidade, ao perceber que, depois de anos vivendo sozinha, Gary seria sua família. Deu um sorriso.

— Sei bem o que você quer dizer, e concordo plenamente — falou, levantando-se. — Acho melhor ver se Gary já acordou.

— E eu — disse Kim, olhando o relógio — preciso voltar logo para o posto de enfermagem, com meia hora de atraso. Mas é Natal, não é mesmo? Então e daí?

— Obrigada por tudo, gostei muito do papo. Será que te vejo mais tarde? Se não, você estará de plantão nos próximos dois dias? Talvez

a gente possa conversar um pouco mais.

— É claro. Não vou sair daqui e adoraria conversar. Estou louca para saber como essa história de amor vai terminar!

— Eu também — disse Rachel, acenando para sua nova amiga.

CAPÍTULO 6

No dia seguinte, a Quinta Avenida estava de novo entupida de gente fazendo compras. Embora Ethan soubesse que haveria uma multidão, naquela manhã a algazarra à sua volta fez apenas exacerbar suas preocupações e sua confusão.

Só conseguia pensar em Vanessa. Felizmente ela quisera aproveitar as liquidações pós-Natal e havia saído para passear sozinha a maior parte do dia. Isso permitiu que Ethan fizesse alguma coisa a respeito do anel desaparecido em vez de ficar apenas ruminando o problema.

Mas ele sabia que Vanessa não tinha uma índole consumista, geralmente não se interessava por liquidações e não mencionara que pretendia fazer compras durante toda a viagem. Até um momento particularmente constrangedor na noite anterior.

O dia de Natal fora um desastre do começo ao fim, e Ethan achou que o desejo repentino dela de fazer compras era uma oportunidade de quebrar a tensão que tinha surgido entre os dois nas últimas vinte e quatro horas.

Nesse momento, uma mulher com o dobro do seu tamanho pisou no seu pé sem cerimônia, e ele, engolindo um palavrão, agarrou a mão de Daisy e levou-a para um café ali perto, longe daquela multidão.

— É hora de tomar um chocolate quente — falou em tom sombrio.

— Poxa, pai — disse ela com um olhar recriminador. — Nós temos tomado muito chocolate quente. Acho melhor você parar com isso.

— Desculpe, mas agora isso é absolutamente necessário — disse Ethan quando se sentaram em uma banqueta no balcão. — Um chocolate quente e um café, por favor — pediu ao balconista, piscando para Daisy. — O café é para mim, melhor assim?

— Muito melhor — anuiu a menina, aliviada.

Misturando leite na caneca, Ethan tentou usar aquele momento para clarear as ideias.

Na noite anterior, depois que Daisy fora para a cama, ele esperava ter uma noite romântica com Vanessa, então pedira ao serviço de quarto uma garrafa de vinho, um Bordeaux, que fora entregue junto com uma rosa vermelha.

Quando entrou com o carrinho no quarto e encontrou Vanessa já aconchegada na cama, ela o olhou com um sorriso débil que o fez se sentir tolo, como se ela soubesse de alguma forma que aquilo era forçado demais da parte dele.

Servira uma taça de vinho para cada um deles e então sentou-se em frente a ela na cama.

— A nós — brindou, olhando nos olhos da namorada.

Vanessa anuiu e o encarou com ar intrigado, depois ergueu a taça para brindar também. Ele a achou particularmente linda naquela noite, sempre gostava de vê-la sem maquiagem, com ar fresco e natural. Ainda assim, apesar da ajuda do vinho tinto e do relaxamento que ele trazia, a conversa entre os dois, na melhor das hipóteses, permaneceu hesitante. Foi então que ela mencionou que ia passar o dia seguinte fazendo compras.

— É claro, como você quiser — falou ele, surpreso mas querendo se mostrar solidário. — Afinal de contas, estamos em Nova York, e você merece se mimar.

Pareceu um bom momento para largar a taça de vinho na mesa e beijá-la lentamente no pescoço. Quando ela respondeu ao gesto, ele parou e ligou seu iPod, que estava conectado ao sistema de som na mesinha de cabeceira. “The First Time” de Roberta Flack, a música favorita de Vanessa, encheu o quarto.

Naturalmente, Ethan tinha imaginado que o clima entre eles naquela noite seria transformado e esperava que seus esforços compensassem os acontecimentos (ou não acontecimentos) do dia. Mas mesmo com o vinho e a música, o ambiente permaneceu tenso e mecânico, como se ambos estivessem apenas seguindo um protocolo.

A cena se repetiu várias vezes em sua mente durante o dia, e ele sentiu-se um pouco culpado por estar tão distraído em companhia de Daisy.

— Ok — disse ele, tentando afastar os pensamentos periféricos e voltar sua atenção para o paradeiro do anel —, vamos à caça do tesouro.

— O quê? Mas, pai, você não tomou uma gota do seu café e eu já terminei meu chocolate — disse a filha, atenta como sempre.

— É, mas acho que não devemos nos demorar muito... só para garantir.

Deixou de gorjeta duas moedas no balcão, e ambos seguiram na direção do número 727 da Quinta Avenida.

— Ah, Sr. Greene, olá — cumprimentou-os efusivamente o mesmo vendedor idoso da Tiffany que lhes vendera o anel, com um sorriso benevolente. — Então, a felizarda gostou da surpresa de Natal?

— Bom, deve haver uma felizarda por aí apreciando muito a surpresa — disse Ethan, num tom mais cortante do que pretendia.

O homem levantou a sobrelancelha. Ethan suspirou e prosseguiu:

— Sinto muito, mas creio que houve algum engano.

— Um engano? Por favor, sentem-se — disse o vendedor, com ar genuinamente preocupado enquanto os guiava até o canto.

Ethan e Daisy se sentaram em frente a uma das vitrines octogonais, e ele tentou explicar melhor:

— Não sei como isso pode ter acontecido. Lembro muito bem de ter visto na caixa o anel que escolhi, antes de o senhor mandar ser embrulhado. Mas quando a minha noiva, ou será que devo dizer minha pretensa noiva, abriu o embrulho ontem de manhã, encontrou dentro uma... pulseira de berloques — disse Ethan. As palmas das suas mãos começaram a suar à lembrança daquele momento e ele secou-as no jeans. — Nada de anel, de solitário de diamante... Só uma pulseira de prata de berloques.

— Uma pulseira *de berloques*? — repetiu o vendedor, assombrado.

— Sim. Talvez tenha havido alguma confusão na hora de fazer os embrulhos, ou quem sabe me deram a sacola errada.

Isso era o mais provável, mas Ethan esperava que não fosse o caso, porque significaria que sua compra estava em posse de um

desconhecido muito feliz.

— Mas não posso imaginar o que... Isso nunca ocorreu aqui — vociferou o vendedor. — Vendemos apenas diamantes neste andar. Artigos para presente são vendidos no andar térreo ou no terceiro andar, o Salão da Prata — explicou, e ficou pensativo. — Um momento. Vou chamar meu supervisor.

O maxilar de Ethan tremia. A coisa não estava indo bem.

— É claro. Obrigado — agradeceu Ethan.

Quando o vendedor os deixou, Daisy pôs a mão no joelho do pai.

— Está tudo bem, pai. Tenho certeza de que vai dar tudo certo — falou, num tom ansioso.

Ethan olhou para ela e imediatamente se sentiu culpado por envolvê-la naquela enrolação.

— Eu sei, desculpe ter ficado tão perturbado. Mas... obrigado por estar me ajudando, filha.

Pouco depois, Ethan e Daisy foram gentilmente apresentados ao gerente geral da Tiffany e levados por ele e outros dois funcionários a uma sala, onde a equipe de segurança lhes mostrou a filmagem da véspera do Natal.

Sentado ali naquela sala escura, Ethan teve a impressão de que havia tantas câmeras quanto joias na loja. Por sorte, isso significava que podiam assistir à chegada deles na loja e seus passos no Salão dos Diamantes sob vários ângulos, mas, infelizmente, nada pareceu fora do normal. Não houvera troca de sacolas e, até onde ele podia ver, nenhum tipo de engano.

Ethan imaginou que aqueles sujeitos suspeitavam tanto dele — se não mais — quanto ele dos sujeitos, pois sem dúvida não era a primeira vez que alguém tentava reivindicar alguma coisa perdida. Mas, no fim das contas, nada foi revelado nas fitas de segurança. Ele e Daisy definitivamente tinham saído da Tiffany com o anel de diamante.

Final da história.

Ethan agradeceu ao gerente e à equipe da segurança pela boa vontade, eles prometeram lhe dar todo apoio possível e pediram-lhe que informasse de qualquer progresso.

— Obrigado e igualmente — disse Ethan, apertando a mão de todos.

Ao chegar à rua sentiu-se absolutamente frustrado.

— E agora, pai? — perguntou Daisy.

— Eu realmente não sei, boneca — respondeu, vasculhando sua cabeça para encontrar uma nova linha de ação.

Se não houvera troca ou qualquer descuido da Tiffany, o que poderia ter havido? Eles foram direto para o hotel quando saíram de lá, não? Será que tinham parado em algum lugar...?

— Você acha que podemos comer uma coisinha agora? Desculpe, mas estou com muita fome.

Ethan olhou o relógio e viu que já estava quase na hora do almoço; eles tinham ficado muito mais tempo na loja do que previra.

— Está bem, acho que podemos... — tentou responder, mas um súbito cantar de pneus ali por perto cortou o final da sua frase. — É claro! — exclamou, olhando na direção do barulho.

O acidente! Era isso! *Tinha* de ser isso. Virou-se para Daisy com os olhos arregalados.

— Lembra daquele homem que foi atropelado por um táxi e que tivemos de ajudar, na véspera do Natal? Ele estava com uma porção de sacolas, lembra?

— Lembro... — concordou Daisy, sem saber aonde ele queria chegar.

— Lembra que eu pedi para você juntar as coisas dele e ficar de olho? Será que pode ter havido alguma confusão, alguma troca entre as coisas do homem e as nossas?

De repente ela pareceu assustada.

— Não, não, pai. Eu acho que não... — disse, mordendo o lábio; a ideia de que ela talvez fosse a causa de tudo aquilo deixou-a visivelmente perturbada.

— Querida, está tudo bem, não tem problema se isso aconteceu e não é culpa sua — falou depressa para acalmá-la. — Mas faz muito sentido, não é? Sim, deve ser isso. Certo — garantiu, o peso em seus ombros parecendo subitamente menor. — Vamos procurar um restaurante. Que tal comermos uma dessas pizzas de Nova York

enquanto estamos aqui? Você pode repetir quantas vezes quiser.
Preciso dar uns telefonemas.

CAPÍTULO 7

— Eu já disse, senhor. Sinto muito, mas não podemos dar esse tipo de informação. É contra as regras do hospital. Eu gostaria de poder ajudar, gostaria mesmo.

— Você não compreende — disse Ethan, chegando mais perto do posto de enfermagem e ficando cada vez mais impaciente.

Ele não era do tipo que jogava charme (pelo menos não desde seus anos universitários em Cambridge), mas parecia que aquela jovem enfermeira, Molly, estava bastante encantada com ele e sua adorável filha. E seu sotaque também contava pontos, Ethan deduziu.

Depois de horas de telefonemas em vão e de ir sem sucesso de um hospital para outro, finalmente teve uma sólida pista do homem que fora atropelado por um táxi na véspera de Natal e estava cada vez menos disposto a aceitar um não como resposta. Esquivar-se do assunto com Vanessa e tentar não levantar suspeitas não tinha sido fácil, mas agora estava ali e não pretendia desistir.

Era um homem com uma missão, pronto para usar quaisquer artifícios à sua disposição. Chegou mais perto da mesa da recepção, inclinou a cabeça e abriu um sorriso charmoso para Molly.

— Senhor — interveio outra enfermeira, visivelmente mais experiente, que apareceu e posicionou seu corpo largo entre ele e a mesa de recepção —, eu compreendo sua “situação”, mas peço que o senhor e esses seus grandes olhos azuis saiam daqui. E você, enfermeira — disse para a mais nova —, pode voltar para seu trabalho.

— Mas...

Ela interrompeu a investida de Ethan com um olhar desaprovador.

— Sim, ouvi a maior parte da história e devo dizer que o senhor não tem nenhuma razão para incomodar esse paciente e nenhum direito de saber sua identidade. O senhor não sabe nem qual é o nome do homem, pelo amor de Deus. Não me importa de onde vem, qual é sua programação e quando tem de voltar para casa. Não sei o que deseja com esse pobre homem, mas, quem quer que ele seja, parece que já passou por muita coisa. O senhor não poderá vê-lo e pronto. Ponto final.

Ao ouvir isso, Ethan sentiu um arrepio na nuca. Ele sabia que as pessoas em geral o consideravam passivo, coisa que o aborrecia profundamente, pois estava longe de ser verdade; só era muito cuidadoso com os assuntos em que investia sua energia. Porém, quando se comprometia com uma ideia, uma causa ou uma pessoa, não era possível persuadi-lo; e naquele caso, o que estava em jogo era um diamante (muito caro), sem contar todo um relacionamento. Ele não desistiria.

Respirou fundo e chegou perto da enfermeira.

— Já que a senhora está defendendo a privacidade desse homem, e parece saber precisamente de quem estou falando, só posso concluir que ele está aqui neste hospital.

— Eu não disse isso — protestou ela. — E se ele não é um membro da sua família, como diz, por que é tão importante para você encontrá-lo?

Depois de um telefonema para o primeiro hospital, durante o qual Ethan forneceu todos os detalhes, ele percebeu logo que sua história era pouco plausível e o fazia parecer maluco, então nas suas buscas seguintes decidiu deixar de fora a parte do anel perdido.

— Veja bem — disse para a enfermeira, esperando contar com sua boa vontade —, eu perdi uma coisa no meio dessa confusão toda, uma coisa muito importante. E o que ninguém aqui parece estar levando em conta é que, se não fosse por mim e minha filha, esse sujeito poderia não ter sobrevivido. É muito provável que tenhamos salvado a vida dele.

— Salvado a vida dele?

— Sim, eu lhe prestei os primeiros socorros enquanto esperávamos a ambulância, e minha filha ficou encarregada de

proteger seus pertences — disse, passando a mão pelo cabelo, frustrado.

— Foi *você* quem acudiu o homem? — perguntou a enfermeira mais nova. — Os paramédicos falaram sobre isso.

— Sim — respondeu Ethan, então cruzou os braços e afastou bem as pernas, numa postura sólida, encarando a enfermeira mais velha, que ainda não parecia convencida.

— Boa jogada, Funcionária do Mês — disse ela, revirando os olhos para sua colega e voltando-se para Ethan. — Tudo bem, talvez isso mude um pouco as coisas. Quer dizer, ninguém faz esse tipo de coisa aqui em Manhattan — falou, balançando a cabeça, espantada.

Os ombros de Ethan relaxaram um pouco quando ela fez uma pausa, aparentemente para pensar.

— Como o senhor se empenhou em ajudar esse homem, temos uma brecha aqui, e suponho que *podemos* permitir que o veja, desde que sob supervisão, é claro.

Ethan entusiasmou-se, mas se conteve.

— Eu ficaria muito grato — disse ele.

— Não, enfermeira Starks, não preciso de uma acompanhante voluntária — falou rispidamente para a colega mais jovem, que se levantara esperançosamente do balcão do posto de enfermagem. — Aliás, por que não cuida desta mocinha aqui enquanto arranjo alguém para levar o Sr. Greene até o quarto?

— Certo — disse a enfermeira mais jovem. — Posso dar um refrigerante e um lanche para ela? — perguntou a Ethan.

— O que ela quiser — respondeu ele. — Tudo bem por você, florzinha?

Daisy anuiu, e logo depois Ethan foi levado por um atendente ao quarto do homem que ele esperava ser quem estava procurando.

Enfiou a cabeça pela porta e ficou aliviado ao ver que o paciente na cama era de fato quem ele ajudara na rua dois dias antes. Soltou a respiração que nem notara que estava prendendo.

Finalmente!

— Posso falar com ele? — perguntou ao atendente.

— Infelizmente, não. Desde que deu entrada no hospital, ele continua recuperando e perdendo a consciência. Quase tudo

resultado da medicação, mas ele ficou bastante ferido.

Droga. Ethan não previra isso. Mas pelo menos era o sujeito certo — o que significava que sua sacola da Tiffany ainda devia estar no meio dos pacotes dele, e como ele estivera quase todo o tempo inconsciente, provavelmente não tinha a menor ideia da confusão.

Então, na verdade, tudo o que Ethan podia fazer naquele momento era esperar que ele acordasse (tomara que fosse logo). Eles conversariam, a situação seria explicada, e em breve Ethan e as moças poderiam voltar para Londres. Mas primeiro se reuniriam de novo em volta da árvore de Natal do quarto do hotel, e Ethan ajoelhariam para pedir Vanessa em casamento, como planejara. Seria maravilhoso.

Então, durante um último jantar em Nova York, os três ririam dos acontecimentos dos dias anteriores e conversariam sobre a nova vida que iriam construir juntos na Inglaterra. Ethan tinha tudo arquitetado na cabeça e teve de se conter para não cutucar o homem até ele acordar.

Mas, dez minutos depois, ele continuava inconsciente, e Vanessa estava ligando para o celular de Ethan. Tinha terminado suas compras e queria saber onde ele e Daisy estavam.

Enquanto esperava no corredor do lado de fora do quarto do homem, cujo nome descobriu ser Gary Knowles, Ethan viu o número dela no visor, mas deixou a ligação cair na caixa postal porque precisava inventar uma história razoável.

— Oi, querida — falou depois, tentando soar espontâneo.

— Oi, onde vocês dois estão?

— Estamos no Battery Park — mentiu. — Levei Daisy na barca de Staten Island para vermos o mar e a vista da cidade — emendou, estremeando de nojo por mentir descaradamente para Vanessa, mas não tinha escolha. — Já estamos quase terminando aqui, devemos estar de volta em uma hora, mais ou menos, dependendo do trânsito.

— Ótimo. Vejo vocês no hotel então — encerrou Vanessa, com um tom tenso, e com razão.

Ele andava tão distraído e misterioso nos últimos dias que seria impossível que ela não percebesse. Talvez fosse melhor voltar logo

para o hotel. Como Knowles continuava inconsciente, não valia a pena permanecer ali, e Daisy devia estar irrequieta.

Decidiu tentar a sorte mais uma vez e pediu na recepção mais detalhes sobre o misterioso Sr. Knowles. Dirigiu-se ao posto de enfermagem, e Daisy foi imediatamente ao seu encontro.

— É ele, papai? — perguntou ansiosa.

— É ele, sim — falou com um sorriso.

— Oba! Ele está com o... — interrompeu a frase ao ver o olhar firme do pai. — Ele está com a nossa sacola?

Ethan olhou para a enfermeira jovem, Molly, que observava a cena com renovado interesse, e respirou fundo, frustrado.

— Tenho certeza que sim, mas infelizmente não pude perguntar, porque ele está inconsciente.

— Ah, não! — disse Daisy, desapontada.

— Com licença — disse Molly, que (como Ethan quisera) tinha ouvido a conversa. — Vocês falaram sobre uma sacola?

— Sim, por quê?

— Bem — continuou e olhou em volta, nervosa, com medo que a autoritária supervisora ouvisse —, é que eu estava aqui quando ele foi trazido, e veio mesmo com uma porção de sacolas de compras. Umás coisas muito bacanas, aliás — acrescentou ela.

— Sim, Daisy cuidou delas enquanto eu esperava os paramédicos. Você sabe como são as pessoas — continuou, enfatizando que mantiveram o tempo todo em mente o bem-estar e a segurança de Knowles. — Me pergunto se... É que a sacola que perdemos era muito importante e...

— Então *você* foi o sujeito que ajudou aquele bocó do quarto 303? — intercedeu alguém.

Ethan olhou em volta e viu outra enfermeira se aproximando por trás.

Droga. Ele ficou furioso com a interrupção, pois sabia que Molly estava prestes a contar onde os pertences de Knowles estavam guardados.

— Isso mesmo — respondeu, forçando um sorriso.

— Foi muita bondade sua ajudar um sujeito no meio da rua assim — continuou ela.

— É, talvez — disse Ethan, já cansado de ouvir todos dizerem como ele tinha sido maravilhoso e ainda assim não conseguir chegar a lugar algum. — Mas aposto que qualquer pessoa teria feito o mesmo.

— Nesta cidade? Duvido, meu bem. Os ferimentos causados pelo táxi provavelmente teriam sido insignificantes comparados aos da debandada para roubar as coisas dele — disse ela em meio a um sorriso e piscou para Daisy.

— Sim, bem, eu tenho curso de primeiros socorros, então me sinto obrigado a reagir nessas horas. A propósito, meu nome é Ethan Greene, e essa é minha filha Daisy.

Ele pensou que podia muito bem ser gentil e tentar ter o maior número possível de pessoas do seu lado.

— Prazer em conhecê-los — disse ela, apertando a mão de Daisy também. — Eu sou Kim, e o Sr. Knowles é um dos meus pacientes. É bom saber que ainda existe esse tipo de espírito, especialmente na véspera de Natal — acrescentou e deu uma risada. — A namorada do Sr. Knowles, Rachel, deve chegar daqui a pouco. Ela com certeza vai querer agradecer-lhe pessoalmente. Então, se o senhor quiser esperar mais um pouco...

Uma namorada? Ethan não tinha previsto isso. Então provavelmente era *ela* que estava de posse dos pacotes do homem. Ele não sabia se isso era bom ou ruim. Por um lado podia ser bom, pois ele não teria de esperar que Knowles acordasse, mas, por outro, e se a namorada não acreditasse na sua triste história?

Sem dúvidas, se ele explicasse tudo que acontecera na véspera de Natal, ela entenderia, não? Era uma situação desesperadora, com certeza, mas Ethan também estava rapidamente se tornando um homem desesperado.

Mas agora que sabia com alguma certeza que as sacolas não estavam mais sendo guardadas no hospital, pensou que não tinha motivos para continuar tentando amolecer as enfermeiras. O que precisava era ver a namorada do Sr. Knowles.

— Ela vem aqui? Hoje?

— É claro. Veio mais cedo, mas saiu para fazer alguma coisa rápida. Tenho certeza de que deve estar chegando.

— Entendi — disse Ethan depressa. — Bem, por que não vamos tomar um café enquanto esperamos? — disse para Daisy, que concordou na hora.

Pobrezinha, ela estava realmente aflita com sua participação em tudo aquilo, Ethan percebeu, portanto mais uma razão para acabarem com aquela história o mais rápido possível.

A caminho da cafeteria, sentindo-se arrasado por ter de mentir para Vanessa mais uma vez, telefonou dizendo que estavam presos no trânsito e talvez chegassem um pouco mais tarde no hotel. Mas o tempo era limitado, e isso tinha de ser resolvido... logo.

Sentados diante de dois pratos de sopa de galinha com macarrão, Daisy estava quieta e Ethan agitado.

— Você acha mesmo que vamos conseguir o anel de volta, pai?

— Claro — respondeu ele. — Finalmente encontramos o homem. Quando a namorada dele chegar aqui, explicaremos tudo e tenho certeza de que não haverá mais problema.

A única coisa é que a pulseira comprada por Knowles estava agora com Vanessa, e ele não poderia pegá-la de volta, não é? Mas podia explicar isso à namorada do sujeito e dizer que arrumaria uma pulseira igual o mais breve possível. O que significava, é claro, gastar ainda mais na Tiffany, mas, se conseguisse o anel de volta, isso não tinha importância.

Percebeu que Daisy estava brincando preguiçosamente com o macarrão da sopa.

— Não está com fome? — perguntou ele.

— Não muita.

— Por que não? Você também não comeu quase nada no café da manhã. Está tudo bem?

Ela hesitou um instante, como se fosse dizer alguma coisa, mas balançou a cabeça.

— Estou preocupada com o anel, só isso.

— Tente não se preocupar — disse o pai, sentindo-se culpado por ter envolvido a filha naquela confusão e por ter lhe dado motivos para se preocupar. — E lembre-se de que a culpa não foi sua — assegurou-a de novo. — Foi só um engano, só isso. Tenho certeza

de que vamos reaver o anel. Vamos terminar logo aqui para ver se conseguimos acabar com essa história de uma vez por todas, certo?

— Ok, pai — disse ela, mas dava para ver que estava realmente perturbada.

Voltaram para o posto de enfermagem e encontraram as duas enfermeiras com quem haviam conversado antes sentadas atrás do balcão.

— A namorada do Sr. Knowles já chegou? — perguntou Ethan à mais velha, Kim.

— Infelizmente ainda não, e ele continua dormindo.

Ethan ficou desapontado.

— Que pena, esperávamos falar com ela hoje. Como podem imaginar, voltaremos para Londres em breve.

— Eu gostaria de poder ajudar — disse Kim, olhando o prontuário que tinha nas mãos. — Como falei, ela já devia ter voltado a essa altura.

— Deve estar procurando um vestido de noiva por aí, ou coisa parecida — disse Molly, rindo com ar conspiratório.

Ethan sentiu um nó no estômago.

— Como? O que você disse? — perguntou ele.

— Não preste atenção ao que ela diz — falou Kim, olhando séria para Molly.

A cabeça de Ethan girava. Não, aquilo não podia estar acontecendo. A namorada... não podia ter encontrado o...

Não, é claro que não, racionalizou, com raiva de si mesmo por deixar sua imaginação correr solta. Eles provavelmente estavam noivos havia muito tempo. De qualquer forma, se o sujeito estava inconsciente, como ele conseguiria pedir a namorada em casamento, não é? Inclusive porque nem sabia da existência do anel.

Enquanto pesava as várias possibilidades, seu cérebro girava tão rápido que ele perdeu o fio da meada e tentou se convencer de que tudo daria certo.

— Sr. Greene? O senhor está bem? — perguntou Kim.

A expressão em seu rosto devia ter revelado sua preocupação.

— Papai, talvez seja melhor contar para elas — falou Daisy, puxando-o pela manga.

As enfermeiras se entreolharam.

— Nos contar o quê?

— Nada — disse Ethan depressa.

A última coisa que queria era que aquelas duas bisbilhoteiras se envolvessem. Mas elas pareciam saber bastante sobre a vida pessoal de Knowles.

— Vestido de noiva... Que bom, não é? — disse, tentando se controlar.

Olhou para Daisy, depois para as enfermeiras outra vez, sem saber como proceder. Vanessa estava esperando, eles não podiam ficar o dia inteiro ali.

— Vamos fazer o seguinte: quando a namorada do Sr. Knowles chegar, podem lhe dar meu número de telefone e pedir que ligue para mim? — pediu Ethan. — Eu gostaria muito de falar com ela e, é claro, gostaria também de acompanhar a recuperação do Sr. Knowles.

— Pode deixar.

Ethan escreveu seu nome e número de telefone em um pedaço de papel que Kim lhe deu.

— Obrigado mais uma vez pela ajuda de vocês duas — continuou, sem jeito.

— Foi um prazer — disse Kim, e Molly deu um grande sorriso. — Vou passar seu recado para Rachel, e foi ótimo conhecer o senhor. Você também, Daisy.

— Obrigada por nos ajudar — disse a menina sorrindo.

Depois disso, saíram para procurar um táxi que os levasse de volta ao Plaza.

No caminho, Ethan continuou a ruminar a situação.

Esperava que a tal de Rachel telefonasse logo, lhe desse algumas respostas e sobretudo revelasse se ele tinha ou não de se preocupar com o anel. Toda aquela conversa sobre o noivado do casal o preocupara. Não havia como seu anel estar envolvido naquilo, havia? O sujeito nem conseguia abrir os olhos, como poderia pedir a namorada em casamento? E a namorada não podia saber o que havia naquelas sacolas, a não ser que tivessem planejado ficar

noivos na véspera de Natal. E, nesse caso, seu anel não podia mesmo estar envolvido, Ethan tranquilizou-se.

— Papai, você está bem? — perguntou Daisy.

Ele fez um esforço consciente para tentar esquecer o anel e não preocupar sua filha ainda mais. Porém, dada a importância e o valor da joia, era simplesmente impossível!

— Estou bem, florzinha, estava só pensando na nossa viagem de volta para Londres. Talvez a gente deva ficar um pouco mais em Nova York, caso demore mais do que o esperado para resolver esse problema.

Os olhos dela brilharam.

— Podemos ficar mais?

— Claro.

Ele não podia sair da cidade sem antes resolver aquilo, e, embora mais uns dias em Nova York significassem um custo extra, não seria o fim do mundo, considerando todo o resto.

— Tudo bem por você? Ficar um dia ou dois a mais não vai ser nenhuma tragédia, desde que cheguemos a tempo para celebrar o Ano-Novo...

— Oba! Podemos ir de novo a Toys R Us na Times Square? Não vimos muita coisa lá na última vez.

— É claro, querida, podemos fazer o que você quiser — disse Ethan, com a cabeça longe dali.

Ele se perguntou o que Vanessa acharia de prolongar a estada, e como ele explicaria sua decisão súbita de passar mais tempo na Big Apple. Teria de pensar em alguma coisa, talvez comprasse um ingresso de última hora para um espetáculo da Broadway a que sempre quisera assistir.

— Vou ver o que posso fazer. Por enquanto, vamos só voltar para o hotel e passar uma tarde agradável com Vanessa. Vou esperar o telefonema dessa Rachel, e quando ela ligar vou ter de inventar alguma... é... razão, para me ausentar outra vez. Está me entendendo?

Daisy confirmou com um gesto de cabeça.

— É claro. Não podemos deixar que Vanessa saiba o que está acontecendo, nem contar o que aconteceu com o anel.

— Boa menina — disse ele, levantando a palma da mão para bater na dela, sentindo ao mesmo tempo uma culpa terrível por envolver sua filha de oito anos naquelas mentiras todas.

Daisy espalmou a mão na dele.

— Mas ponha suas luvas, pai, suas mãos estão geladas!

* * *

— Então, então... parece que homens lindos caem do céu para você, não é mesmo? — disse Kim, quando, nem dois minutos depois de Ethan sair, Rachel voltou para o hospital.

— O quê?

— Você tem um louro bonito no quarto no fim do corredor, e um homem lindo, parecido com o Michael Bublê, acabou de sair daqui e deixou o número dele. Se eu fosse você, telefonaria logo.

— Do que você está falando? — perguntou Rachel, confusa.

Kim riu alto.

— Desculpe, não pude resistir. Você não vai acreditar, mas o sujeito que ajudou Gary quando ele sofreu o acidente esteve aqui hoje com a filhinha. Foi ele que ficou ao lado de Gary até a ambulância chegar.

— Verdade? — exclamou Rachel.

Ela já tinha ouvido falar desse bom samaritano e ficou impressionada que, além de ajudar na hora do acidente, ele estivesse interessado na recuperação de Gary.

— Como será que ele nos encontrou? — indagou.

— Não tenho ideia. Só sei que ele é deslumbrante e a menina é uma gracinha.

Rachel franziu a testa.

— E deixou o número de telefone? Por quê? Você disse a ele que Gary vai ficar bom?

— Claro que disse, mas parece que ele perdeu alguma coisa enquanto acudia Gary e quer saber se você pode ajudá-lo. E quer

saber também do estado de saúde dele, é claro. Sério, você devia telefonar para ele.

Rachel estava confusa.

— Ok, acho melhor telefonar para agradecer. Mas não vejo como *eu* posso ajudá-lo a encontrar algo que *e/e* perdeu.

— Pois é — disse Kim, dando de ombros. — Acho que só mesmo em Nova York acontece esse tipo de coisa.

CAPÍTULO 8

No final daquela tarde, enquanto Ethan passeava com Vanessa e Daisy pela Times Square, o telefonema chegou. Tirou o celular que vibrava do bolso e, como não reconheceu o número na tela, imaginou que fosse Rachel. Maravilha.

Saiu da loja da M&M, feliz de escapar um pouco dali e deixar as duas naquele mundo frenético e multicolorido repleto de chocolate sorridente.

— Alô — atendeu, tentando não soar muito ansioso, mas suas mãos tremiam.

— Oi, é Ethan Greene? — perguntou uma voz de mulher com sotaque irlandês. — Meu nome é Rachel, as enfermeiras do Mount Sinai me deram o seu número.

— Oi, sim, muito obrigado por telefonar — disse, respirando aliviado.

Ao levantar os olhos viu que Vanessa o observava pela vitrine, e acenou nervoso enquanto ela e Daisy esperavam na fila do caixa para pagar. Logo estariam lá fora, então deduziu que só tinha uns trinta segundos de privacidade.

— Sim, eu queria saber como vai o... Sr. Knowles, mas...

— Gary está bem. Obrigada pela sua ajuda — continuou ela, em tom caloroso.

— Que bom saber disso. Ele já recuperou a consciência?

— Ainda não, infelizmente. Mas já que você estava lá na hora do acidente, eu adoraria saber mais detalhes sobre o que aconteceu. Como pode imaginar, foi um choque para mim, já que eu não estava com ele.

Ethan exalou aliviado, contente de ela ter lhe dado uma abertura.

— Claro, eu teria muito prazer de conversar com você sobre isso. Tem um tempo para tomar um café? Amanhã de manhã, de repente, já que à tarde voltarei para Londres? Aliás, gostaria de falar também sobre outro assunto.

— É, a enfermeira mencionou alguma coisa a respeito.

— Parece que houve um engano na hora do acidente e... Bem, é uma longa história e na verdade bastante... delicada — disse Ethan, tentando escolher as palavras com cuidado, pois Vanessa e Daisy já estavam vindo. — Mas tenho um tempo livre amanhã de manhã, e seria bom conversar com você pessoalmente, pode ser?

Sorriu para Vanessa, que o observava com atenção.

Rachel pareceu hesitar.

— Eu fico quase o tempo todo no hospital, mas...

— Por que não nos encontramos lá, então? Onze horas? — perguntou, esperando não assustá-la com sua insistência, mas ao mesmo tempo precisando ser veemente, pois se conseguisse resolver o problema logo sem adiar o voo, tanto melhor.

— Por mim, tudo bem.

— Fantástico. Vejo você amanhã.

— Com quem estava falando? — disse Vanessa quando ele desligou. — Vai se encontrar com alguém amanhã de manhã? — perguntou, parecendo intrigada. — É nosso último dia aqui.

Felizmente, Ethan tinha uma história na ponta da língua.

— Por incrível que pareça, era uma agente literária a quem eu enviei meu projeto um tempo atrás — explicou ele, com entusiasmo forçado. — Mande-i-lhe um e-mail antes do Natal dizendo que estaria em Nova York por volta dessa data, e, veja só, ela quer se encontrar comigo!

Ethan sabia que Vanessa ficaria muito feliz ao ouvir aquilo; afinal, estava sempre encorajando-o a dedicar mais tempo e energia aos seus escritos. Ele sorriu, como se não acreditasse na própria sorte.

— Não posso deixar passar essa oportunidade, não é?

— Que notícia fantástica! — falou ela, toda animada, obviamente sem parar para pensar na improbabilidade de uma coisa dessas acontecer, pois era certo que considerava as ideias dele bem melhores do que ele próprio. — É claro que você tem que ir. Qual é

a agência dela? Talvez eu a conheça — perguntou, mas antes que Ethan tivesse chance de responder, ela sorriu para Daisy. — Uau, parece que teremos um dia só para nós duas amanhã!

— Mas eu quero ir com você, papai — protestou a menina, parecendo magoada. — Por favor?

Ethan passou a mão no cabelo, sem saber como lidar com a situação. Entendia que Daisy queria estar lá quando ele recebesse o anel de volta, mas ela precisava entender que ele tinha de ser muito cuidadoso. Porém, sutileza não era bem uma característica de meninas de oito anos.

— Tudo bem, acho que não tem problema. Assim você vai poder passar um tempo sozinha, querida — disse, virando-se de novo para Vanessa.

— O quê? Mas eu tenho ficado muito tempo sozinha. De qualquer forma, você acha mesmo uma boa ideia, Ethan, levar sua filha para uma reunião de negócios? — perguntou, incerta.

— Vai ser só uma conversa informal. Aliás eu... eu mencionei na minha apresentação que Daisy foi minha grande inspiração. Tenho certeza de que ela gostará de conhecê-la também — insistiu Ethan, embora soubesse que aquilo soava totalmente fajuto.

— É mesmo? — Vanessa olhou de Daisy para ele e sua expressão mudou, como se tivesse percebido que eles estavam encobrindo alguma coisa, embora não soubesse dizer o quê. — Tudo bem, então. Vou dar um jeito de passar o tempo, talvez vá ao museu Guggenheim de novo e me encontre com vocês depois.

— Ótima ideia — Ethan falou entusiasmado, tentando superar o terrível constrangimento da situação, pensando exclusivamente na recompensa ao fim de tudo aquilo.

Vanessa podia estar desconfiada, mas, depois que tudo fosse resolvido, compreenderia perfeitamente, e os dois ririam da história no futuro próximo. Era em razão desse futuro que ele estava naquela situação, então umas pequenas mentiras não fariam mal, não é?

Sim, no dia seguinte a essa hora tudo estaria resolvido, Ethan tinha certeza.

* * *

Ao chegar no hospital no dia seguinte, Ethan se deu conta de que não saberia identificar Rachel, mas achou que poderia perguntar às enfermeiras. Se é que elas lhe diriam, claro. Como já havia percebido, a equipe médica do lugar ganhava até da Guarda Suíça em matéria de sigilo.

Quando estavam subindo no elevador, Daisy segurou sua mão com força. Ethan olhou para ela e sorriu.

— Vamos lá, florzinha. Vamos conseguir nosso anel de volta de uma vez por todas.

Ao chegarem no posto de enfermagem pouco antes das onze horas, ele avistou imediatamente em frente à recepção uma mulher de corpo sinuoso, bem-vestida, com cabelo escuro curto. Não podia ser ela, claro; não esperava que uma mulher com aquele porte e... elegância estivesse ligada a um sujeito como Knowles. Embora Ethan tivesse prazer em ajudar qualquer um em dificuldade, a impressão geral que tivera do rapaz, ao ouvir seus gritos e xingamentos no meio do trânsito antes do acidente, fora a de um homem grosseiro.

Aproximou-se da moça hesitante, e ela imediatamente olhou para ele.

— Olá — disse, com um sorriso incerto. — Você é Ethan?

Ele assentiu.

— Rachel?

— Sim, sou eu. Achei que devia ser você — continuou ela, sorrindo para Daisy. — As enfermeiras disseram que você tinha uma filha muito bonitinha. Oi, querida.

— É verdade — falou ele, checando discretamente a mão esquerda dela, e sem ver anel algum. — Obrigado por arranjar tempo para se encontrar conosco. Eu sou Ethan, e ela é Daisy.

— Muito prazer em conhecê-los — cumprimentou ela, apertando a mão dele primeiro e se abaixando então para falar com Daisy. — Obrigada por virem, mas devo avisar que não posso conversar muito. O médico vai vir examinar Gary, e eu preciso estar presente.

— É claro, não queremos prendê-la.

Droga, Ethan pensou; não era exatamente o tipo de coisa que podia ser resolvida às pressas.

— Mas espero que tenha tempo para tomar um café, sim?

— Bom... — hesitou, parecendo dividida. — Acho que sim.

Os três foram até a cafeteria do hospital, e Rachel pediu à enfermeira de plantão para chamá-la quando o médico chegasse na ala.

Ethan sentou-se de frente para Rachel, distribuindo um prato de biscoitos e café fresco que pegara no balcão.

— Não sei como agradecer por você ter ajudado Gary naquela noite. Vocês dois — falou, virando-se para Daisy, que deu um sorriso encabulado. — Ouvi dizer que você foi uma heroína e tanto, também. Gary nunca esteve em Nova York, entende, e não sei por que ele resolveu se enfiar no meio do trânsito assim, na hora do *rush* — disse e abriu um sorriso afetuoso. — Imagino que era isso que ele estava tentando fazer, não é?

— Bem, eu não vi o que ocorreu, mas creio que ele estava fazendo sinal para um táxi.

Ela anuiu, como se aquilo explicasse tudo.

— Exatamente o que eu pensei. Foi muita bondade sua intervir. Obrigada. Ele às vezes é muito desastrado — disse, sacudindo a cabeça com ar de tolerância.

— Imagina — disse Ethan, ansioso para chegar ao ponto que o preocupava. — Mas na verdade...

— E como você o encontrou? — interrompeu Rachel. — Digo, aqui no Mount Sinai.

— Dei uns telefonemas. Não foi muito difícil — respondeu depressa.

— Quero que saiba que serei eternamente grata a você. Viemos passar o Natal aqui, somos estrangeiros, como você deve ter notado — falou com um risinho. — Apesar de a viagem não ter saído como planejamos, vi que tudo tem um lado bom — disse ela, com um esboço de sorriso no rosto.

— Um lado bom? — perguntou Ethan, desconfiado, e sentiu Daisy bater ligeiramente na sua perna.

— Bem, a viagem me fez descobrir que existem pessoas prestativas no mundo, como você e sua adorável filhinha. Que vestido lindo você está usando — disse para Daisy.

— Obrigada, gostei do seu também — falou a menina, claramente encantada.

Ethan se inclinou para a frente, querendo mudar de assunto e ir direto à verdadeira razão de estarem ali.

— Também viemos passar poucos dias na cidade — disse ele. — Na verdade, voltaremos para Londres hoje à noite.

— Gary e eu estaríamos voltando hoje também, se isso não tivesse ocorrido. Mas a linha aérea não se opôs a mudar a data, dadas as circunstâncias.

— É claro. Então...

— Vocês moram em Londres? É uma das minhas cidades favoritas, adoro ir lá. Na verdade não vou há algum tempo, por causa do restaurante e tudo o mais — continuou ela. — Minha amiga e eu temos um bistrô e uma padaria artesanal em Dublin. E trabalhamos com encomendas também, às vezes.

— Aaaaah, você faz biscoitos? — perguntou Daisy, intrigada.

Ethan sorriu com ternura para a filha.

— Daisy tornou-se uma apreciadora de biscoitos nesta nossa viagem — disse ele.

— É, mas eu não como muitos, é claro. Muita gordura saturada — disse a menina em tom solene, e Rachel sorriu, encontrando o olhar divertido de Ethan.

— Sim, eu até faço biscoitos... *muito* melhores do que esses aqui, modéstia à parte — falou brincando, em tom conspiratório. — Só usamos ingredientes frescos, também — acrescentou, e Daisy abriu um largo sorriso. — Biscoitos, doces, pães, todo tipo de comida gostosa... Você ia adorar! Aliás, por que você não me dá seu endereço em Londres para eu poder te mandar uma caixa cheia de gulodices, como agradecimento por vocês terem ajudado tanto Gary? Não precisa comer tudo de uma vez. Que tal? — sugeriu ela, e Daisy pareceu encantada.

— Sim, muito obrigado, mas preciso falar sobre outra coisa — disse Ethan, tentando de novo ir direto ao ponto. — Não sei se as

enfermeiras mencionaram isso, mas parece ter havido um engano naquele dia, no meio da confusão...

— Ops, é meu celular. Desculpe — interrompeu Rachel, tirando o telefone que tocava da bolsa. — Deve ser a enfermeira. Alô? O médico está aí agora? Eu já vou... O quê?

Ethan observou a expressão dela, até então animada, tornar-se sombria.

— Ah, meu Deus! Ele está bem? Mas e o... Ok, sim, sim, já estou indo.

Ela franziu a testa e desligou o celular.

— Sinto muito, mas tenho de ir — falou, pulando da cadeira. — Eles mudaram a medicação de Gary porque ele estava dormindo demais, mas houve algum tipo de reação. Não sei exatamente o que está acontecendo. Desculpe, preciso mesmo ir.

— Sim, é claro. Quer que a gente acompanhe você? — perguntou Ethan, entendendo perfeitamente o pânico da mulher, mas sem querer deixar que a oportunidade de resgatar o anel lhe escapasse pelos dedos.

— Não, obrigada, mas é muita gentileza sua. Você tem meu número, não é? — acrescentou ela, confusa. — Envie seu endereço por mensagem, prometo que mandarei os biscoitos assim que chegar em casa.

Ethan levantou-se, passando a mão pelo cabelo.

— Tudo bem. Boa sorte para vocês. Espero que ele fique bem — murmurou, sentindo-se um tolo, sem saber o que fazer.

Não podia dizer mais nada diante da aflição daquela moça, podia? Estendeu a mão bobamente para apertar a dela.

— Eu também — falou Rachel, passando os braços em volta dele de repente num gesto que o pegou de surpresa. — Obrigada mais uma vez por tudo que fez, foi maravilhoso. Tchau, Daisy! — acrescentou, acenando, e desaparecendo em um segundo.

Ethan ficou olhando para Rachel se afastando durante um bom tempo, sem saber o que pensar.

— Eu gostei muito dela, pai — disse Daisy, sem se perturbar nem um pouco com o fato de eles não terem chegado absolutamente a

lugar algum, depois de tudo aquilo. — Ela faz biscoitos. *E* tem um cheiro bom.

Ethan sorriu, distraído.

— É, é, ela é encantadora.

O que faria agora?

De repente sentiu-se completamente exaurido pelos acontecimentos dos últimos dias. Tinha esgotado suas ideias. Era tarde demais para mudar o voo da noite, e, mesmo que a linha aérea aceitasse a mudança, eles sem dúvida teriam de pagar uma fortuna de multa por terem avisado na última hora. De qualquer forma, mesmo que ficassem na cidade mais tempo ele não poderia acampar ali no hospital até que Knowles melhorasse. Vanessa já estava bastante desconfiada.

Pegou sua xícara de café e deu um gole, embora pudesse igualmente estar bebendo água da pia. Percebeu, aliás, que não tinha sentido o gosto de nada nem comida direito desde a manhã do Natal, quando tudo aquilo começara.

— O que vamos fazer agora, pai? — perguntou Daisy. — Será que vamos à Tiffany e compramos outro anel para Vanessa?

Ah, a inocência das crianças de oito anos! Como se ele tivesse milhares de libras guardadas em algum lugar...

Pegou o biscoito que ela estava comendo, esperando que o açúcar melhorasse seu enjoo.

— Me dá um pedaço disso aí.

— Mas, pai, você não pode comer muito biscoito!

— Quem disse? — brincou ele. — Não existe essa coisa de muito biscoito.

Pegou uma mão cheia e pôs tudo na boca, numa imitação barata do monstro dos biscoitos da *Vila Sésamo*.

Daisy deu uma risada; era um som que sempre deixava o coração dele mais leve.

— Pai, você é um bobo!

— Não, você que é.

— Não, *você*.

E enquanto continuava a brincadeira com sua filha amada, lembrou que, o que quer que acontecesse, ele sempre teria pelo

menos uma mulher na sua vida que tornava tudo melhor.

CAPÍTULO 9

— Eu sei, é maravilhoso, não é? — disse Rachel ao telefone mais tarde.

Embora ela e Terri tivessem trocado mensagens de celular nos últimos dias, era a primeira vez que realmente se falavam.

Apesar do susto que ela levara no hospital mais cedo, Gary voltara a uma condição estável, mas com pouca lucidez, o que significava que Rachel ainda teria de esperar pelo grande pedido de casamento. Não fazia sentido ficar ali rondando pela ala do hospital, então Kim lhe dissera para voltar ao hotel e descansar um pouco, e prometera telefonar se o estado dele apresentasse alguma mudança.

Naquele meio-tempo, Rachel aproveitou a oportunidade para ligar para sua melhor amiga e contar-lhe as novidades.

— É bom ele te pedir em casamento de joelhos, senão, quando vier aqui, ele só vai ganhar cerveja se for derramada na cabeça. E não pense que estou brincando!

Rachel riu. Ela e Terri sempre faziam essas brincadeiras a respeito de Gary, mas no fundo eram grandes amigas e sempre se apoiavam.

Haviam se conhecido na escola de gastronomia muitos anos atrás, e quando tinham sido colocadas em dupla na seção de panificação do curso, a ligação das duas fora rápida e forte.

No primeiro dia de trabalho, quando estavam preparando a massa, Rachel cortou um pedaço e levou-o ao nariz para sentir seu aroma.

— Meu Deus, por que é tão maravilhoso o cheiro de massa fresca?

— Não sei, mas antes que você tenha um orgasmo aqui na minha frente, guarde seu entusiasmo para meu famoso pão levedado — brincou Terri. — Vai te deixar com água na boca e com as pernas

bambas. Chegou a atrapalhar minha relação com meu último namorado. Ele ficou com ciúme; não aguentou.

Rachel riu alto.

— Então espere até uma fatia quente do meu pão siciliano de azeitona passar pelos seus lábios e derreter na sua língua, aí eu quero ver.

— Manda ver — disse Terri em tom de desafio.

E assim foi. Na época, Rachel era uma garota do interior recém-chegada a Dublin e não tinha muitos amigos, enquanto Terri nascera e crescera na cidade. Depois das palestras no dia seguinte, as duas tinham ido jantar em um pé sujo da redondeza, e desde então tornaram-se inseparáveis.

Passavam os fins de semana em St Stephen's Green, conversando e comendo seus pães frescos e também queijos, frutas e muito vinho. Nos meses seguintes passaram a trocar receitas — uma mistura de gostos, texturas e fragrâncias — e a falar de suas vidas e de seus sonhos.

O amor de ambas pela gastronomia, especialmente por pães, fazia parecer que elas estavam destinadas a ser amigas. Começaram a fazer planos para uma viagem de baixo custo pelo mundo gastronômico, com foco especial na cozinha mediterrânea e, depois que se formaram, passaram um verão viajando por toda a Europa.

Depois ficaram anos trabalhando para vários bufês, mas mantiveram uma firme amizade, envolvendo-se profundamente uma na vida da outra.

Por fim, no ano anterior, o pai de Terri, que era proprietário de um pequeno café/bar no centro de Dublin, ficara doente, e as duas decidiram comprar o ponto e reformá-lo, transformando-o em um bistrô mais sofisticado, de estilo mediterrâneo, que batizaram de Stromboli.

Em termos de administração, o senso comercial de Terri e a criatividade de Rachel se complementavam. Embora as discussões fossem às vezes enérgicas, em geral as risadas superavam as brigas. Rachel gostava do pragmatismo e da inteligência de Terri, que, por sua vez, adorava a paixão e a impulsividade de Rachel.

— Eu sou a que observa, você é a que ousa — brincava Terri, sempre que seus papéis se misturavam no trabalho.

Normalmente era Terri quem fiscalizava a reforma, mas certo dia o pai da amiga piorara e Rachel concordara em tomar seu lugar na reunião com Gary Knowles.

Agora, sentada com os pés em cima do peitoril da janela do hotel, Rachel não conseguia acreditar na estranha virada do destino naquele dia que a levara a conhecer o homem com quem ia se casar. Podia muito bem ser Terri ali em Nova York, contando a *ela* tudo que ocorrera, mas ao mesmo tempo não conseguia imaginar isso. As duas pessoas que Rachel mais amava no mundo nem sempre se entendiam bem (para não dizer nunca), e assim ela não conseguia pensar em Terri e Gary noivos, planejando passar o resto da vida juntos.

Não que ela mesma e Gary tivessem feito isso ainda...

— Ele não precisa ficar de joelhos — disse para Terri. — Não me importa se ficar de cabeça para baixo, desde que eu possa abrir aquela caixinha azul outra vez.

— Tiffany! Quem diria! — disse sua amiga, pensativa. — Não que você não mereça, é claro, mas devo admitir que nunca pensei que Gary tivesse tanto bom gosto.

— É mesmo? E que tipo de gosto achou que ele tivesse? — perguntou Rachel tentando soar boba, mas com um sorriso na voz.

Na verdade, sabia exatamente o que sua amiga queria dizer, pois ela chegara a pensar o mesmo.

— Ah, não me venha com esse tom de cachorro abandonado, você sabe o que eu quero dizer.

Rachel pôs um pedaço de queijo na boca.

— Admito que foi um tanto inesperado — falou de boca cheia. — Mas espere até ver o anel, é simplesmente deslumbrante e...

— O que você está comendo?

— Um queijo *feta* que comprei de manhã.

— Ah, está com saudade de casa, é?

— Se está querendo dizer que estou com saudade de você, está enganada. Qualquer oportunidade para comer queijo é válida, é o que eu sempre digo. Passei por uma *delicatessen* grega quando

voltei do hospital e comprei essa tábua de queijos. Não é tão bom quanto o *nosso*, mas serve.

Além disso, Rachel não fazia uma boa refeição havia dias. Aliás, a última coisa que tinha comido fora um biscoito com o tal Ethan e sua filhinha, no início da manhã.

Então ouviu outra chamada no seu celular.

— Estão me ligando do hospital, Terri, preciso atender.

— Tudo bem. Me avise quando seu amado se recuperar, e não se preocupe com o bistrô; Justin e eu seguramos as pontas até você voltar.

— Obrigada. Prometo que vou te recompensar por isso. Mande um oi para Justin por mim. Falamos mais tarde — finalizou e desligou o telefone, e então atendeu a outra linha. — Alô?

Era Kim.

— Você conseguiu descansar? — perguntou. — Porque provavelmente não vai descansar muito daqui em diante.

— Como assim?

— Fico feliz em informar que seu namorado está melhorando.

O coração de Rachel pulou.

— Ele está acordado?

— Está — disse Kim, com um sorriso na voz. — Parece que você vai finalmente ter a chance de pôr aquele anelão de diamante no dedo para sempre.

* * *

Rachel sentiu a animação borbulhar dentro do peito quando entrou no hospital e pegou o elevador. Mal podia se conter, e deu um pulinho de alegria quando passou pelo corredor que dava no quarto de Gary.

Estava a ponto de adentrar o quarto bruscamente, mas resolveu abrir a porta com suavidade e dar uma olhada. Gary estava sentado na cama com o controle da televisão na mão, passando os canais.

Ao vê-lo com o aspecto tão normal e bem, sentiu um tremor de emoção atravessar-lhe o corpo.

— Não posso acreditar que você esteja acordado! — gritou, entrando rápido para lhe abraçar.

— Calma, calma! Ainda estou todo dolorido, gata — falou ele, levantando a mão para alertá-la.

— Ops, desculpe — disse Rachel, e tocou na sua testa e no seu rosto, coberto de uma barba por fazer de quase três dias. — Então, me diga, como está se sentindo? Lembra do que aconteceu?

Gary fez uma careta.

— Acho que vou sobreviver. Maldito motorista de táxi, me jogando no meio da rua daquele jeito — exclamou balançando a cabeça, com raiva. — Espero que os guardas tenham prendido aquele *gobshite* estúpido.

— Pobrezinho. Deve ter sido horrível.

— Ei, minhas coisas estão bem? — perguntou. — O hospital disse que você tinha levado as sacolas para o hotel. Espero que nada tenha se perdido nem tenha sido roubado; existem pessoas capazes de levar os anéis e os dedos — acrescentou, respirando com dificuldade ao tentar se sentar mais ereto.

Rachel sorriu por dentro. Que engraçado, Gary mal recuperara a consciência e já estava pensando no anel de noivado.

— Não está faltando nada, ao que eu saiba, graças a um homem muito gentil e sua filhinha. Eles socorreram você e cuidaram das suas coisas até a ambulância chegar. Mais tarde eu te conto tudo. Estou tão feliz por você ter melhorado. Não sabia se devia ou não ligar para sua mãe — falou, meio hesitante.

— Mas não ligou, não é? — perguntou Gary, e a olhou severamente.

Era imaginação dela ou uma sombra passara pelo seu rosto quando disse isso?

— Não, achei melhor esperar e te perguntar primeiro, já que eu não a conheço...

— Que bom. Não quero ninguém preocupado sem necessidade.

— Foi isso mesmo que pensei. É claro que eu teria garantido a ela que você estava bem e que não precisava se preocupar.

Ele se irritou.

— Eu não estou tão bem assim. Minhas costelas ainda doem muito, sabia?

— Eu sei — disse Rachel, acalmando-o. — Mas é melhor que ela não saiba, já que estamos longe e é Natal e tudo o mais — disse, e decidiu mudar de assunto. — Foi uma pena você perder o Natal, mas podemos celebrar em grande estilo assim que você sair daqui — acrescentou com um sorrisinho. — E trocar presentes, também.

— É, acho que sim — respondeu Gary num tom indiferente. — Não posso acreditar que tenha ficado inconsciente todo esse tempo. Precisamos voltar logo para Dublin, vou começar um trabalho agora na quarta-feira. Que dia é hoje? Dia vinte e sete, não é? Acho que foi isso que o médico me disse.

Rachel ficou decepcionada.

— Mas eu mudei nosso voo porque não sabia quanto tempo você ainda ficaria aqui. Gary, você não vai poder começar um projeto logo depois de sair do hospital. Você mesmo disse que ainda não está cem por cento; precisa ir com calma, pelo menos por enquanto.

Ele pensou no assunto.

— Acho que posso ligar para o homem e dizer que estarei lá logo depois do Ano-Novo...

— Assim é melhor. Enfim, pensei que depois que você saísse do hospital poderíamos ficar por aqui até o Ano-Novo, que tal?

Rachel achou que ele toparia, dadas as circunstâncias, especialmente com seu grande plano do pedido de casamento tendo sido estragado. Passar o réveillon em Nova York seria sem dúvida fantástico. Eles poderiam ir a Times Square e curtir o clima enquanto esperavam a bola descer à meia-noite, para compensar a perda do Natal.

Gary a encarou como se ela estivesse louca.

— Nem pensar! Você vai ter de trocar as passagens, gata. Pegaremos o primeiro voo disponível. Para ser sincero, depois de tudo que passei, estou louco para ir embora daqui.

— Ah.

— E vou precisar chegar logo lá para arranjar outros trabalhos. Dinheiro não dá em árvore, sabia?

— Entendi — disse Rachel, que não esperava que ele fosse tão negativo.

— Não me entenda mal. Gostei da viagem e tudo o mais. E me diverti muito nos primeiros dias. Mas é que tem o trabalho, e a corrida de moto do Ano-Novo, que eu vou fazer mesmo com essas malditas costelas ainda doloridas, com certeza.

— Eu entendo — falou ela com um sorriso.

Afinal, ele tinha razão. Dinheiro *não* dava em árvore, e ela lembrou que ele já havia gastado muito com aquele anel. Provavelmente já estava fazendo planos futuros e economizando para o casamento e a lua de mel, então, pensando bem, mais uns dias ali seriam de fato uma grande extravagância. Além disso, ela também tinha suas responsabilidades no bistrô.

Talvez fosse melhor mesmo, percebeu. Gary sem dúvida já pensara nisso tudo em detalhes, e achara mais adequado chegar em casa para pedi-la em casamento.

Muito bem, Rachel disse a si mesma, será necessário esperar um pouco mais para colocar o tal anel no dedo.

— Assim é que se fala! Vem cá — disse, se movimentando para abraçá-la.

Ela inclinou o corpo e beijou-o com carinho.

— Agora vamos pedir ao médico que prescreva minha medicação para eu poder sair logo daqui.

Ele parecia estranhamente ansioso para deixar o hospital. Talvez não pretendesse esperar até chegar em casa para pedi-la em casamento, e quisesse fazer isso o mais depressa possível, de preferência antes de pegarem o avião de volta.

Seria muito melhor; para Rachel, um noivado em Nova York — fosse no Natal ou em qualquer outro dia — parecia muito mais romântico.

— Olá — disse uma voz vindo da porta, e Rachel e Gary se viraram para olhar.

— Oi, Kim! — cumprimentou Rachel calorosamente. — Que bom que você está aqui. Eu... *nós* queremos te agradecer e nos despedir. Você foi muito gentil, e adorei nossas conversas.

— Eu também. Acho que ele vai ter alta amanhã, mas, caso eu não esteja aqui quando vocês saírem, quis fazer uma visita para me despedir. Oi, senhor irlandês — falou, olhando para Gary. — Como está se sentindo de volta à terra dos vivos?

— Eu me sentiria bem melhor se me dessem uns analgésicos — respondeu grosseiramente, e Rachel olhou para ele, mortificada. — Por que não posso sair hoje?

— Gary, seja mais educado — repreendeu. — Kim cuidou de você muito bem desde que chegou, e foi ótima comigo também.

— Alguém tinha de fazer companhia à sua adorável namorada — falou Kim, evidentemente sem ter se perturbado. — Fico feliz que você esteja se recuperando. Foi uma pancada e tanto. Rachel cuidou de você como um anjo — disse a ele, pondo a mão no ombro dela. — Agora vou deixar vocês dois colocarem o papo em dia. Só queria desejar melhoras caso não o veja de novo. Vou verificar com o médico quando ele pretende te dar alta e volto para lhes informar.

— Obrigada, Kim, ficamos muito agradecidos.

— Imagina — disse a enfermeira e virou-se para sair, mas fez uma pausa e olhou por cima do ombro. — E você, querida, não se esqueça do que eu falei aquele dia, ok?

Rachel sentiu o rosto corar, e seu olhar cravou em Gary para ver sua reação. É claro que ele não tinha ideia do que ela queria dizer, mas ainda assim fora pega de surpresa. Até então não tinha notado o relógio na parede, mas de repente ouviu o tique-taque nitidamente.

— É claro, é claro, não vou esquecer — disse depressa. — E obrigada mais uma vez.

— Do que ela estava falando? — perguntou Gary depois que a enfermeira fechou a porta.

— Nada... Só uns segredinhos para ajudar você a se recuperar melhor — respondeu ela, acariciando o braço de Gary e tentando parecer despreocupada. — Estou louca para ver você fora daqui. Temos um Natal atrasado para comemorar.

— É, espero que você tenha comprado uma coisa bonita para mim; depois de tudo isso, acho que eu mereço — falou ele, e Rachel teve de sorrir diante daquele senso de humor irônico.

Um jeito esperto de me despistar, meu bem, pensou, toda feliz.

CAPÍTULO 10

Enquanto se preparava para fechar o Stromboli no final da noite, Terri Blake ainda estava se recuperando do telefonema de Rachel e da notícia do noivado. Embora estivesse empolgada pela amiga, era a última coisa que esperava, especialmente de Gary.

Terri ficara surpresa no ano anterior quando, pouco depois da abertura do bistrô, Rachel começara a sair com o construtor encarregado da reforma. Lembrava-se de que ele se esforçara ao máximo para que as obras terminassem a tempo, mas era óbvio (pelo menos para ela) que agira assim para impressionar Rachel. E tinha funcionado.

Mas ela nunca chegara a considerar Gary Knowles um bom partido para Rachel, não a longo prazo, pelo menos.

Ele era atraente, sem dúvida, no estilo rude e desgrehado, mas, a seu ver, parecia muito imaturo e autocentrado. Por essa razão, nunca simpatizara muito com o sujeito, nem compreendia exatamente o que Rachel tinha visto nele.

Também não gostava do fato de Rachel não ter sido apresentada à família de Gary; ela sabia pouco ou praticamente nada sobre eles, apesar de estar saindo com Gary havia quase um ano. Para Terri aquilo era um mau sinal, apesar do argumento de Rachel de que ele simplesmente preferia levar as coisas devagar.

Ficava também irritada com o fato de Gary aproveitar-se da generosidade de Rachel; comia e bebia no bistrô por conta da casa e com frequência ficava no apartamento dela. Tudo bem, o apartamento dele era longe da cidade, então isso era conveniente, mas, na opinião de Terri, o relacionamento de Rachel e Gary tinha sido até agora uma via de mão única, Gary sempre recebendo.

Rachel estava a par das apreensões da amiga, e Terri sabia que Rachel via a troca de farpas entre ela e Gary com bons olhos, em geral comparando-a com brigas de irmãos. Por sorte não parecia notar que Terri ficava genuinamente perplexa com seu interesse por ele.

Mas agora Gary comprara um anel de diamante para Rachel, e da Tiffany, ainda por cima.

Terri ouvira dizer que um anel da joalheria mundialmente famosa era supostamente o apogeu do romance. Não saberia dizer. Só sabia que o auge do romance era o amor da sua vida fugir com sua suposta melhor amiga, como acontecera no seu último relacionamento.

Isso tinha ocorrido havia quase oito anos, lembrou com algum espanto, mas achava que não teria conseguido superar a desolação que sentira se não fosse Rachel, que conhecera na faculdade de gastronomia logo em seguida.

Era estranho, mas depois de digerir a inesperada notícia de Rachel, sua mente foi tomada de repente por uma quantidade de lembranças partilhadas com a amiga ao longo dos anos.

Lembrou-se do tempo em que eram estudantes e ficavam à toa no apartamento de Rachel, com os pés para cima, tomando vinho e falando sobre amores passados e presentes; faziam compras e trocavam dicas de moda; ficavam acordadas até tarde falando sobre seus sonhos para o futuro...

Então, é claro, houvera o grande entusiasmo quando elas decidiram abrir um negócio juntas, as discussões sobre os detalhes do funcionamento do bistrô junto com a padaria e, finalmente, a inauguração do Stromboli, que Terri estava certa de que fora o momento de maior orgulho da carreira de ambas, assim como um momento determinante da sua amizade.

Sorriu ao relembrar a emoção que fora não só abrir o restaurante como também escolher o nome.

Embora as duas tivessem concordado logo com o tipo de culinária que ofereceriam, simplesmente não conseguiam encontrar um nome que englobasse suas intenções e que fosse criativo, sem ser pretensioso demais.

Enfim, escolheram algo que refletia tanto a origem siciliana de Rachel quanto a culinária explosiva da casa: Stromboli. Era o nome de uma ilha vulcânica na costa da Sicília. E uma coisa era certa: não havia nada igual em Dublin.

Com uma mistura eclética de arte, móveis, fragrâncias e comidas mediterrâneas, o Stromboli atraía gente de muito longe. A padaria artesanal estava se tornando praticamente um ponto turístico por si só, graças às notas em jornais locais e depois no *Irish Times*, além de uma menção especial do *Dublin Food Guide*. Poucos meses depois da inauguração do bistrô, tiveram de colocar um cartaz na janela dizendo “Reservas são recomendadas”.

A ideia de criarem um paladar autêntico de pratos singulares, de misturar sabores e texturas de vários países, fez mais sucesso do que Rachel e Terri esperavam. Embora elas no início pretendessem manter o serviço externo de bufê apenas para eventos pequenos e íntimos, a demanda foi cada vez maior.

Os pratos mediterrâneos, cheios de legumes e ricos em ovos, carnes e queijos, eram a escolha mais popular do bistrô e dos menus de bufê.

As preparações irlandesas mais tradicionais de tortas, assados e legumes atraíam os turistas, e a localização do Stromboli, bem perto da Ha’penny Bridge, ajudou consideravelmente a chamar a clientela. A *paella* de frutos do mar, com a qual serviam um pão levedado (a receita de Terri de deixar as pernas bambas), tornou-se sem dúvida o prato clássico do bistrô e o motivo pelo qual os clientes regulares voltavam sempre.

Também a carta de bebidas, repleta de toques pessoais, refletia uma atenção impressionante aos detalhes. Terri foi quem escolheu a maioria das bebidas, e tinha muito orgulho delas. Havia uma bela variedade de vinhos europeus populares e uma linha de cervejas espanholas e portuguesas, assim como as irlandesas mais conhecidas. Para um colorido adicional, tinham até algumas seleções de microcervejarias americanas à disposição. A favorita de Terri era a Babaca Arrogante, que, como dizia Rachel brincando, Terri só encomendou depois que foi apresentada a Gary. Passou a ser o ponto alto do menu do bistrô e, estranhamente, apesar da piada,

era uma das preferidas de Gary; ele chegou a pagar uma rodada para todos no dia do seu aniversário.

Tudo no bistrô inspirava Terri: a administração do dia a dia, a encomenda dos suprimentos, os orçamentos e a contabilidade, e até mesmo a loucura que era a parte do bufê.

E embora o Stromboli fosse um empreendimento dela e de Rachel, Terri ainda tinha a impressão de estar levando adiante parte do legado do pai.

Tom Blake administrara um velho café tradicional em Dublin, naquele mesmo local, desde a infância de Terri, e apesar de ter feito objeções às reformas e à placa do Stromboli, roxa e laranja acima da porta de entrada, ela sabia que o pai ficava felicíssimo que o negócio tivesse se mantido na família (ainda que com um enfoque muito diferente).

Mesmo nas primeiras lembranças de Terri, cozinha e comida eram simplesmente uma extensão dela mesma e da vida à sua volta.

Era realmente só na cozinha — com as mãos cobertas de massa pegajosa, os sentidos repletos do rico aroma açucarado da massa de ovo com açúcar e os braços cansados de sovar — que se sentia segura e confiante. Cozinhar representava um elo não só com o passado, mas com sua paixão no presente e sua identidade no futuro.

Na parede da cozinha do bistrô havia uma placa:

Quando não houver mais boa comida no mundo,
não teremos mais literatura, nem pensamento inteligente e perspicaz,
nem reuniões entre amigos, nem harmonia social.

Seu pai lhe dera a placa na noite da inauguração do Stromboli, e ela ficara sabendo desde então que a frase era atribuída a Marie-Antoine Carême. Era uma confirmação para Terri de que estava fazendo algo valioso, algo que dava continuidade à sua própria vida e à vida dos outros.

Não se lembrava o nome do livro, mas havia uma história de Toni Morrison em que a personagem principal não parava de fazer pão, para sustentar a família e entreter os amigos. A parte que Terri mais

gostava era a descrição da mulher amassando o pão com as mãos quentes, enquanto, por trás dela, seu namorado a segurava com suavidade e firmeza, amassando seu corpo também.

Foi aí que surgiu sua paixão por pão. Fazer pão — como o amor verdadeiro — implicava tempo, refinamento, mãos fortes e amorosas e paciência. Ele só nascia, crescia e se expandia em condições perfeitas. Se a água fosse muito quente, matava o fermento; se fosse muito fria, o fermento não tinha força para fazer o pão crescer. Sem a quantidade certa de açúcar, o fermento morreria sem alimento, deixando o pão achatado e sem vida; se o ar não estivesse suficientemente úmido, o fermento não estimulava o pão a atingir todo o seu potencial.

Muitas vezes, tarde da noite ou de manhã cedo, Terri ficava na cozinha testando novas receitas de pão e sovando a massa com texturas diferentes — ervas, temperos, salsichas e queijos — até ela tornar-se macia e brilhante sob suas mãos persuasivas.

Infelizmente, pensou Terri com ironia, como dizia sua mãe, o tempo e o esforço que ela dedicava a fazer pão talvez devessem ser dedicados à sua vida amorosa. Embora tivesse tido algumas paqueras ao longo dos anos, ela nunca mais se envolvera seriamente desde que terminara com Rob, e dizia com sinceridade que não se importava.

Não era por falta de pretendentes, e, apesar de Terri saber que estava muito distante da beleza estonteante de Rachel, achava que tinha uma boa aparência, com seus próprios méritos.

O que possuía de mais bonito era o cabelo, e os clientes muitas vezes comentavam sobre seus cachos vermelhos, tão grossos que ela mal conseguia contê-los debaixo do chapéu de chef. E embora estivesse um pouquinho acima do peso, não ia de jeito nenhum abandonar as comidas deliciosas dela e de Rachel para “prender um homem”.

Além disso, Terri ainda não encontrara nenhum que valesse o tempo e o esforço necessários para um relacionamento. Quase todos que conhecia eram do tipo Don Juan, sem interesse em namoros sérios, ou sujeitos recém-saídos de longas relações ou casamentos, com toda a bagagem extra que isso significava.

Rachel e o chef do restaurante, Justin, diziam brincando que ela era muito cética e tinha expectativas pouco realistas, mas o que havia de pouco realista em querer dividir a vida com um homem tranquilo e honesto? Terri não tinha interesse em fazer o jogo imaturo que acontecia entre tantas pessoas que supostamente já deveriam ter saído da adolescência há muito tempo. Queria simplesmente alguém com quem compartilhar seu dia a dia, alguém que a esperasse em casa à noite para conversar e rir com ela, alguém que entendesse suas esperanças e sonhos e que estivesse ali sempre que ela precisasse. Seria pedir demais?

— Eu não tenho padrão alto, apenas padrão, ponto final — dizia para Justin quase todos os dias, mas a verdade é que, aos trinta e dois anos e depois de quase oito anos solteira, Terri estava quase desistindo do “felizes para sempre”.

E apesar de ter sido uma surpresa (pelo menos para ela), estava contente por Rachel ter encontrado a felicidade.

CAPÍTULO 11

No fim das contas, para irritação de Gary, os médicos só concordaram em lhe dar alta na tarde do dia seguinte.

Naquele meio-tempo, Rachel entrou mais uma vez em contato com a companhia aérea e conseguiu, a preço de ouro, remarcar seu voo de volta à Irlanda para o dia vinte e nove, o que significava que ficariam uma última noite em Nova York depois que Gary saísse do hospital.

De volta ao hotel, tomou providências para que a última noite fosse ultraespecial. Se nada tivesse acontecido, acreditava que Gary poderia ter executado seus planos elaborados para o pedido de casamento, mas, com o acidente, tudo tinha ido por água abaixo. O mínimo que ela podia fazer era tentar tornar as coisas mais fáceis para ele.

Então, quando às seis da tarde bateram na porta do quarto de hotel, Rachel pulou do sofá para atender.

Deu uma gorjeta ao garçom do serviço de quarto e empurrou para dentro o carrinho com dois pratos de costeletas especiais, duas velas acesas e uma garrafa de champanhe gelado.

— Uau, está caprichando, não é, gata? — disse Gary sorrindo, quando ela pôs o braço à sua volta para ajudá-lo a ir até a mesa.

Ele se movimentava bastante bem, mesmo com a torção no tornozelo, mas ainda estava cheio de suscetibilidades, apesar dos analgésicos.

— Bem, já que nós perdemos o Natal... — disse ela, piscando para ele e mordendo a parte interna da bochecha para tentar conter um sorriso de empolgação.

Ele falara outra vez, mais cedo, em abrir os presentes de Natal, portanto ela não teria de esperar muito tempo mais.

Rachel conseguiu jantar sem que suas mãos tremessem muito. Gary, em compensação, parecia incrivelmente relaxado, e ela estava grata por isso. Receava que, se ele não estivesse sob efeito dos analgésicos, talvez desconfiasse que ela soubesse dos seus planos de pedi-la em casamento.

— Puxa, mal posso me mexer depois desse jantar — falou ela, raspando o prato com a faca e o garfo. — Esperei tanto por esse momento especial com você que acho que exagerei. Quer mais champanhe?

— Perfeito — disse Gary. — Eu mesmo me serviria se pudesse, mas acho que minhas costelas não aguentariam o esforço.

— Não se preocupe, eu te sirvo — disse Rachel.

Olhou para a garrafa e viu que estava quase vazia. Teriam de pedir outra para comemorar o noivado, se é que Gary iria adiante com seu plano! Às vezes ele era tão relaxado que chegava a ser engraçado, mas não daquela vez.

— Então — continuou ela, tentando parecer despreocupada —, acho que é uma boa hora para abrimos os presentes. Vou pegar os seus e abrimos juntos, ok?

— Ótimo. Um pouco de animação vai me fazer bem. Já que vai mexer nos presentes, pode pegar o que eu comprei para você?

O coração de Rachel bateu forte. Tinha chegado a hora!

— Certo, mas como vou saber qual é o meu? — perguntou, agradecida por ter seguido a carreira de chef e não de atriz.

— Bem — respondeu Gary, erguendo a sobrancelha com ar brincalhão —, o seu é o que está dentro da sacolinha azul.

Parecia muito satisfeito consigo mesmo, e Rachel deu um grande sorriso.

— Parece uma coisa boa — falou ela, fingindo desconhecer o significado da cor da sacolinha.

Dois minutos depois, voltou para a mesa com a sacola da Tiffany e vários presentes embrulhados para ele.

— Acho melhor nos sentarmos no sofá, é mais confortável para você — sugeriu ela, pois assim haveria menos risco de Gary se machucar quando ficasse de joelho no chão.

— Ok. Pode me ajudar aqui?

Ele se levantou e Rachel ajudou-o a dar uns poucos passos até o sofá.

— Muito bem, e não se esqueça da minha taça — acrescentou, indicando o champanhe.

— Espere um pouco, vou pegar a minha também.

Quando estavam sentados lado a lado no sofá, Rachel entregou os presentes cuidadosamente embrulhados para Gary.

— Você primeiro — falou ele.

— Não, abra os seus — insistiu ela.

Ficou feliz com a gentileza dele, mas achou que o anel de noivado devia ser o *grand finale*. Ele não parecia nada nervoso, mas ao mesmo tempo tinha uma vantagem; a maioria dos homens não fazia pedidos de casamento sob o efeito de analgésicos.

Gary obedeceu, e uns minutos depois tinha ao seu lado no sofá a calça de motociclista, a carteira de couro e uma linda camisa Hugo Boss. Rachel pegou a camisa e pensou que os presentes que comprara não eram nada comparados com a fortuna que ele devia ter gastado com ela.

— Obrigado, gata. Você me mima demais! Tenho muita sorte de ter você. Agora é a sua vez.

Rachel olhou-o, nervosa, esperando algum sinal de cerimônia, mas, ao lembrar do estado dele, entendeu que devia se contentar com o fato de que poria o anel no dedo em poucos minutos. Pegou a sacola.

— Uau, da Tiffany! — exclamou, representando seu papel com perfeição.

Gary sorriu.

— É, nada é demais para minha garota.

Rachel tirou a caixinha de dentro da sacola e sorriu, esperando ter feito bem o laço de fita para que ele não reparasse que já fora aberto.

Mas ele não pareceu notar nada.

— Estou louco para ver como fica em você — disse ele, e Rachel engoliu em seco.

Lá vamos nós...

Desamarrou a delicada fita branca e tirou com cuidado a tampa da caixa.

— Ah, meu Deus! — disse, arregalando os olhos e abrindo a caixinha de veludo.

A essa altura não estava mais representando; a beleza do anel era mais que suficiente para deixá-la nas nuvens de novo.

— Gary...

— Eu sabia que você ia gostar. Quando vi isso pensei imediatamente: é perfeito para Rachel, ela vai poder usar com qualquer coisa.

Seu senso de humor sempre a surpreendia, não havia dúvida. Não era uma boa hora para brincadeira, embora Gary fosse tão terrível que era capaz de deixá-la em suspense só para se divertir.

Apesar da tentativa de leviandade dele, Rachel foi tomada de emoção com aquele momento. Sorriu, com lágrimas aparecendo no canto dos olhos.

— É claro que sim. Não vou tirar nunca.

Olhou para ele, ainda esperando algum gesto romântico, mesmo que ele não pudesse se ajoelhar aos seus pés.

— Quero dar uma olhada — disse ele. — Ponha para eu ver.

— Bem... — disse ela, virando a caixa para ele. — Eu esperava que você me ajudasse com isso.

De repente os olhos de Gary arregalaram-se mais que os de Rachel, e por um instante ele não conseguiu encará-la. O silêncio começou a deixá-la sem jeito, mas ele enfim falou.

— Então você... gostou?

Os olhos de Rachel brilharam, e de repente ela compreendeu. Ele estava nervoso; apesar de todas as brincadeiras, o pobre coitado estava apavorado.

— Gary, eu *amei*! E amo você também. Terei muito orgulho de usar este anel.

— Eu... é... eu também... quer dizer, terei orgulho que você use — gaguejou ele, tentando sentar-se mais ereto.

Rachel olhou para ele com ar encorajador, ainda segurando a caixa.

— Ah... certo — disse ele, pegando o anel.

Ela colocou a caixa no sofá e estendeu a mão esquerda.

— Então, você aceita... Quer se casar comigo? — perguntou Gary, com o queixo tremendo um pouco.

— Sim, sim, quero, Gary. É claro que quero! — respondeu Rachel, e uma lágrima rolou pelo seu rosto.

Nunca poderia imaginar que fosse ser tão emocionante. Inclinando o corpo para abraçá-lo, notou que os olhos dele continuavam arregalados.

— Pobrezinho! Não posso acreditar que você tenha feito tudo isso nessa situação. Podíamos ter esperado você se sentir melhor.

Depois de uma pausa, continuou, rindo e enxugando outra lágrima do rosto.

— Ah, quem eu quero enganar? Fico muito feliz que você não tenha esperado. É lindo. Amei. E amo você! — disse, radiante, segurando o anel que brilhava maravilhosamente na luz.

— Eu também. Que tal tomarmos um pouco mais daquele champanhe? — disse com a voz fraca... devido à tensão emocional da coisa toda, sem dúvida.

— É claro. Um brinde!

O coração de Rachel cantava. Ela encheu as duas taças com o pouco de champanhe que restava e pegou-as. Entregou a taça dele esperando que dissesse algo significativo, mas Gary, sem pestanejar, virou a taça de uma vez só.

— A nós — falou ela, ligeiramente desapontada por ele não ter esperado, mas o que importava?

Tomando um gole de champanhe, ela apreciou a agradável sensação das bolhas na sua língua. Ali estava ela em Nova York, noiva! E não só isso: agora possuía o anel mais estupendo, maravilhoso e *magnífico* da Tiffany.

Era a realização do sonho de toda mulher.

Engolindo as últimas gotas, virou-se e deu um sorriso malicioso para Gary.

— Eu sei que você não está plenamente capaz de fazer certas... atividades físicas, mas não quer dizer que eu não esteja.

Pôs a taça na mesa e foi para junto dele.

— Bom, está bem — foi tudo que Gary disse, e Rachel sentiu-o relaxar finalmente quando começou a beijá-lo de leve nos lábios, no pescoço, descendo aos poucos pelo torso.

Olhando para o rosto dele mais acima, ela sorriu com malícia.

— Só um gostinho do que você vai ganhar pelo resto das nossas vidas...

— Por mim tudo bem — disse Gary sorrindo, fechando os olhos e apoiando a cabeça no encosto do sofá.

* * *

Mais tarde, muito depois de Rachel ter adormecido, Gary continuava acordado ao seu lado.

Que diabo tinha acontecido?

Fez aquela pergunta várias vezes, com a luz do relógio digital da mesa de cabeceira refletindo na lateral do seu rosto na escuridão. Mesmo depois de mais um analgésico, tomado uma hora atrás, não conseguia aquietar sua mente o bastante para dormir um pouco.

Revia as cenas sem parar na sua cabeça: ele comprando a pulseira... Observando a vendedora fazer o embrulho e colocar a *pulseira* na caixa... Ele saindo para pegar um táxi... Acordando no hospital... E naquela noite, Rachel olhando-o radiante ao pôr o diamante colossal no dedo.

Mais tarde conseguiu cochilar um pouco, mas no seu sonho ele estava de novo na Tiffany, perguntando para a vendedora loura quanto tinha sido cobrado do seu cartão de crédito. Estaria havendo algum tipo de conspiração feminina, ou algo assim?

Minutos depois estava acordado de novo, com as imagens do sonho ainda nítidas na cabeça. Saiu do quarto na ponta dos pés, foi até a sala e ligou seu laptop para checar a fatura do cartão.

Respirou fundo. Lá estava, preto no branco; tinham cobrado apenas uns cento e cinquenta dólares pela pulseira de berloques.

Tudo certo, então.

Tudo bem, era verdade que ele não planejava se casar, mas não havia como negar que tinha se dado bem com aquele negócio.

Agora, sem qualquer falha ou esforço da sua parte, estava noivo. Sentiu um embrulho no estômago. O momento não era dos melhores, sem sombra de dúvida; havia algumas... pendências em jogo. Ele seria pressionado a encerrá-las... e depressa.

Teria de apresentar logo Rachel à sua mãe, também, e isso podia ser delicado. Esperava que a mãe não abrisse a boca. Ele falaria de antemão com ela, para ter certeza de que não deixaria escapar nada sobre... a outra situação.

Recostou-se no sofá, pensando em Rachel.

Queria se casar com ela? Não era a pior opção de esposa, considerou, lembrando das mulheres com quem se envolvera ao longo dos anos. Rachel era divertida, fácil de lidar na maior parte do tempo, e, embora fosse um pouco emotiva demais às vezes, todas as mulheres eram um pouco assim, não eram?

É, pensando bem, ela era um ótimo partido: tinha o próprio negócio, era fervorosa na cama e, mais importante ainda, não vivia reclamando do tempo que ele passava com os amigos andando de moto.

De qualquer modo, estava apenas noivo. Um anel não significava necessariamente que eles teriam de se casar logo, não é? Rachel parecia bastante feliz só de usar o anel, e, se estava feliz, talvez ele também devesse estar. Uma coisa era certa: tinha mais era que aproveitar a boa reputação que aquilo lhe dava pelo tempo que pudesse. Porque se ela algum dia soubesse da outra coisa...

Gary coçou o queixo. Considerando a situação, lembrou que a cavalo dado não se olham os dentes.

Desligou o laptop e deu de ombros.

Como dizem, às vezes é preciso aguentar o tranco e aceitar as cartas que a vida te dá.

CAPÍTULO 12

Ethan sentiu a mão enluvada de Vanessa na dele e concluiu que era bom estar de volta a Londres. Daisy tirou o dia para ver os avós, e ele estava ansioso para passar um tempo sozinho com Vanessa.

Seus pais o apoiaram e ampararam muito desde a morte de Jane, pensou Ethan. Casados havia quase cinquenta anos, eram mais do que uma base sólida para ele. Eram uma referência, uma espécie de perspectiva externa da sua vida. Ele tinha plena consciência disso, e era algo que o reconfortara e amparara nos últimos anos.

Mas depois de ir com Vanessa deixar Daisy na casa dos avós, na véspera, sentiu que alguma coisa havia mudado.

Não conseguia detectar exatamente o que era. Sabia que não tinha nada a ver com seus pais, mas não conseguiu se livrar da irritação que sentiu com o jeito grudento e amoroso da mãe. O labrador preto dos pais, Bailey, avançou para dentro de casa enquanto se despediam de Daisy, e, ao ver o cão sacudir a umidade dos pelos — com movimentos longos e controlados, o corpo todo num ritmo só —, Ethan quase o invejou.

Gostaria de também conseguir sacudir para longe as coisas, dar um jeito naquele sentimento que o incomodava, e depois brincar feliz ou relaxar junto da lareira sem nenhuma preocupação.

Fosse o que fosse, era uma reminiscência da sensação que tivera enquanto fazia compras na véspera de Natal, só que agora não estava revigorado, com o controle da situação. Era o oposto.

Sem saber em que ritmo ele mesmo andava até ouvir o barulho da neve rangendo sob seus pés a intervalos curtos, pegou a mão de Vanessa e lhe disse que quanto mais depressa andassem, mais cedo parariam para almoçar.

— Mas, Ethan, eu não estou com tanto frio. Estou gostando da caminhada. O dia está adorável; vamos aproveitar o máximo possível.

Ele forçou um suspiro e observou sua respiração se transformar em vapor diante dos seus olhos. Ela estava certa, pensou. Desde que voltaram, ele estivera muito preso a seus próprios pensamentos, fixados apenas no anel perdido. Precisava relaxar.

— Desculpe, querida. Retomar as coisas depois das férias me deixou um pouco estressado, eu acho — disse apertando a mão dela e dando um sorriso. — Sim, vamos aproveitar o dia. Aliás, por que não almoçamos naquele pub ali em frente? O que você acha?

— O Snug? — perguntou Vanessa, parando. — Por que cargas-d'água você quer almoçar em um pub irlandês?

Apesar da origem dela, ele lembrou que os dois nunca tinham estado juntos em um pub irlandês em Londres. Ela os evitava, preferia estabelecimentos ingleses mais tradicionais; devia achar que aqueles pubs eram muito diferentes dos que havia na Irlanda, eram *kitsch* e pouco autênticos. Mas Ethan sempre gostara daquele, em particular.

— Não sei. Acho que estou com vontade de experimentar um lugar diferente.

— É mesmo? No avião você disse que estava louco para voltar à nossa rotina. Chegou até a mencionar nosso café.

Ethan sabia que ao dizer “nosso” café ela se referia ao lugar onde almoçavam com frequência nos fins de semana.

— É verdade. Mas por que não acrescentar um novo sabor à rotina? Não vou ao Snug há anos. Além do mais, a comida desse pub ganhou quatro estrelas no *The Times* recentemente, e talvez a gente encontre um ou dois políticos lá — acrescentou, para dar um tom mais atraente ao lugar e tentar interessá-la.

Ela riu, parecendo incrédula.

— Você pesquisou esse lugar? — perguntou ela.

— Não foi exatamente uma pesquisa, mas li uma crítica; ontem mesmo — respondeu ele, tentando se explicar. — Não se deixe levar pela aparência; eu sei que o lugar tem um ar meio surrado, mas o menu é realmente impressionante.

O olhar de Vanessa não transparecia muita coisa, e Ethan não sabia se ela estava impressionada com o que ele dissera, ou desconfiada.

— Você nunca me pareceu o tipo de homem que gosta de pubs irlandeses — disse ela, finalmente.

A observação o deixou sem chão. Que tipo de homem Vanessa considerava que ele *fosse*? Na verdade, que tipo ele mesmo se considerava? Quando chegaram em frente ao pub, do outro lado da rua, a brisa fria já havia se transformado em um vento cortante.

— Ok, devo admitir que estou levemente intrigada — concordou Vanessa. — Desde que você não queira que eu encha a cara de cerveja e cante músicas revolucionárias, acho que podemos tentar — disse em meio a um sorriso e varreu a neve do cabelo louro.

Ethan jogou a cabeça para trás, pegando flocos de neve na língua.

— Ótimo. Você vai adorar — disse ele.

— Você parece bem seguro de si.

Seria mesmo? Ethan se deu conta de que Vanessa nunca lhe dissera isso antes. Na verdade, gostou de ouvir aquilo, pois desde a morte de Jane não achava possível sentir-se seguro de nada. Pegou a mão dela para atravessarem a rua e entrarem no Snug.

Sentados na área reservada para refeições em uma mesa com toalha de linho branca, Vanessa expressou sua aprovação.

— Confesso que não é exatamente o que eu esperava. Nenhum trevo de quatro folhas em neon. Um lugar bem legal, na verdade.

— Que bom — disse Ethan sorrindo, como se tivesse vencido alguma batalha. — Então, eu tinha razão.

O almoço foi agradável. Vanessa apreciou o pão preto, a batata caseira e a sopa de alho-poró, e Ethan devorou uma travessa de ostras frescas. No meio do almoço, achou que uma cerveja complementar perfeita a refeição, e, como o copo estava pela metade quando terminou de comer, resolveu pedir uma sobremesa. O *crumble* de maçã com sorvete foi uma boa pedida.

— Meu Deus, Ethan. Você trouxe esse apetite todo de Nova York? — disse Vanessa rindo. — Se trouxe, sugiro que o devolva logo. Acho que nunca te vi comer tanto.

Ele deu uma risadinha.

— Eu sei. Nada mal, não é? — respondeu.

Mas a menção a algo que ele trouxera de Nova York só o lembrou do que ele *não* trouxera, ou seja, o anel.

Ficou quieto por um instante, e Vanessa não disse nada, como se a menção à Big Apple tivesse trazido à tona a bolha de perguntas tácitas que flutuava entre eles. Não tinham conversado muito sobre a viagem desde que chegaram em Londres, e embora Vanessa insistisse em afirmar que se divertira, Ethan sabia que ela sentia, mesmo que vagamente, que alguma coisa mudara na relação dos dois enquanto estavam lá. Ele se perguntava como seu repentino jeito disperso e cheio de evasivas, que se prolongava desde o Natal, tinha sido percebido aos olhos dela.

Ela perguntara como tinha sido o encontro com a “agente literária”, e Ethan lhe dera uma resposta deliberadamente ambígua. Dissera que não tinha sido bem um encontro profissional, mas uma breve conversa e um café, que tinham sido interrompidos por um telefonema urgente.

— Mas o que ela falou sobre o projeto? Está pretendendo te representar?

— Não sei bem. Ela precisa ler um trecho antes de decidir.

— Então seria bom você começar a trabalhar nisso, não é? — brincara Vanessa.

Ethan tentara mudar o rumo da conversa oferecendo-lhe mais um presente: uma maçãzinha de prata para acrescentar à pulseira.

Tinha comprado o berloque na Tiffany depois de se encontrar com Rachel Conti no hospital e esperava que servisse como um pedido de trégua e uma lembrancinha do tempo que tinham passado juntos na cidade.

Ou, mais provavelmente, Ethan admitira a si mesmo: havia sido uma tentativa fraca de apaziguar sua consciência por ter mentido para ela.

Agora, de volta a Londres havia dois dias, ainda não chegara mais perto de resgatar o anel de noivado e não sabia qual seria seu próximo passo. Desde a volta, ele telefonara outra vez para Rachel a pretexto de se informar sobre Gary Knowles, mas caíra na caixa postal, e ele deixara suas informações de contato.

Ele tinha alguma esperança de que a situação se resolvesse por si só, quando o homem se recuperasse dos ferimentos e fosse examinar suas sacolas, percebendo então que houvera um engano. Se tivesse sorte, ele e Rachel desvendariam o mistério, e Ethan receberia o anel de volta sem mais delongas. Pelo menos era assim que esperava que as coisas ocorressem, pois no momento não tinha ideia melhor. Sabia que alguma coisa teria de ser feita, sem dúvida; não era possível deixar aquela situação no ar. Mas até entrar em contato com Gary Knowles, não havia muito a fazer.

— Vamos? — perguntou ele, pegando a conta.

— Claro. Está quase na hora de você buscar Daisy, e eu preciso voltar para casa hoje, pois ainda nem desfiz minhas malas. Mas ainda posso levá-la para a aula de balé amanhã à tarde, se você quiser. Que tal jantarmos depois?

— Boa ideia — disse Ethan, inclinando-se para tirar sua carteira do bolso de trás.

* * *

Naquela noite, Ethan saiu da varanda e voltou para a sala da casa geminada de dois andares em Richmond, onde morava com a filha.

Sentou-se na cadeira de couro em frente às chamas que dançavam na lareira, inclinou-se para a frente e, com os cotovelos apoiados nos joelhos, começou a roer a unha do polegar esquerdo.

Parou e sorriu com a lembrança não solicitada que veio com o gesto.

Jane sempre adorara observar secretamente enquanto ele roía aquela unha, perdido em pensamentos. Ela dizia que achava muito sexy o jeito do seu cabelo cair sobre o olho direito. Sempre gostara dos seus olhos azuis, mas achava-os particularmente irresistíveis “quando refletiam pensamentos misteriosos”. Mas o que mais lhe agradava eram suas mãos fortes e masculinas, porém sensíveis e artísticas. Gostava da forma como elas seguravam uma xícara de

café e como seguravam seu corpo, de seu aspecto sobre sua pele nua.

Ao ouvir Daisy no outro quarto, Ethan afastou a lembrança e suspirou recostando-se na cadeira de couro, que exalou sob o seu peso. Ele adorava o aroma terroso que se desprendia do couro, e que fazia daquela cadeira seu lugar favorito da casa. Esfregou a mão no peito e sorriu ao pensar no almoço que tinha devorado mais cedo e, sem se dar conta, evocou os biscoitos de chocolate que ele e Daisy haviam comido quando tinham ido se encontrar com Rachel.

Onde estaria agora aquela mulher com seu anel? Ainda em Nova York cuidando do namorado acidentado ou já de volta à Irlanda? Em dois dias seria véspera de Ano-Novo, e ela mencionara que tinha alguma espécie de restaurante, de forma que teria de voltar a tempo para preparar as festividades, não?

Ethan olhou o relógio. Era tarde, mas não tão tarde se Rachel ainda estivesse em Nova York. Deveria ligar para o número dela de novo, e explicar as coisas de uma vez por todas? Mas ao mesmo tempo não queria magoá-la, sobretudo na situação em que se encontrava. Parecia uma ótima pessoa, particularmente adorável: gentil, calorosa e com uma risada contagiante.

Afastou logo aquela sensação. Era quase hora de Daisy ir para a cama, de maneira que não havia tempo para telefonemas e explicações. Levantou-se e foi até o quarto da filha.

— Pronta para dormir? — perguntou a Daisy, junto da porta, do lado de fora do quarto.

Uma coisa que aprendera sobre criar uma menina de oito anos é que nunca devia entrar no quarto dela sem se anunciar ou pedir licença.

— Entre, papai. Estou só desenhando — falou a garotinha, sentada na cama de camisola.

— Desenhando o quê? — perguntou Ethan.

— Minhas lembranças favoritas da nossa viagem — respondeu ela, sem levantar os olhos.

Espalhadas à sua volta, havia páginas e páginas com cenas dos dias passados em Nova York.

— Quero mostrar para minhas amigas quando voltar para a escola, na semana que vem.

Ethan sentou-se com cuidado na beira da cama para não interromper o trabalho da pequena artista, apreciando os desenhos dos momentos que, aparentemente, tinham sido especiais para ela. Ela sentada no avião ao seu lado, a Estátua da Liberdade, os dois caminhando pelo que parecia a Quinta Avenida, a vista do Central Park da janela do hotel, as luzes de Natal na Park Avenue. E também, estranhamente, um desenho dele acudindo Knowles depois do acidente.

— Essa também é uma boa lembrança? — perguntou, segurando o desenho.

— Sim, pai, porque todos disseram que você e eu fomos os heróis daquele dia.

Ethan deu um ligeiro sorriso.

— Acho que fomos mesmo.

Então avistou um desenho de três pessoas em torno de uma mesa, comendo biscoitos de chocolate e sorrindo. De início pensou que fossem eles dois com Vanessa, mas percebeu que a cor do cabelo não batia.

Levantou a sobancelha.

— O que foi? — perguntou Daisy, olhando para cima. — Não gostou dos desenhos?

— São lindos. Tem algum da Vanessa?

— Tem, este aqui — disse ela, mostrando três pessoas ao redor de uma árvore de Natal.

Era certamente Vanessa, mas um pouco ocultada por Ethan.

— Ah, agora estou vendo — disse ele, e reparou que o retrato de Rachel era radiante e sorridente, de frente, bem no centro da página, enquanto o de Vanessa se misturava com o fundo da imagem. — Você se divertiu bastante lá, boneca?

— Muito — disse em meio a um suspiro e balançou a cabeça. — Você já me perguntou isso várias vezes, pai.

— Eu sei, mas é que as coisas não saíram exatamente como esperávamos, não é? Ainda preciso resgatar o anel e pedir Vanessa

em casamento. Ainda está tudo bem por você? Continua achando que é uma boa ideia?

— É claro — concordou a menina. — Só acho que ela não se divertiu muito em Nova York, mas isso pode mudar.

Ethan fez uma expressão de desagrado. Esperava que o comportamento distante de Vanessa fosse fruto da sua imaginação, mas pelo visto não era.

— Nossa viagem foi um pouco conturbada, não foi?

— Foi — disse Daisy, parando de desenhar para olhar para ele. — Pai, e *você*, se divertiu? Se fizesse um desenho da sua lembrança favorita, qual seria?

— Bem... — balbuciou Ethan, desconcertado, tomando um momento para pensar, depois dando um risinho. — Acho que seria eu obrigando você a comer M&M na nossa última noite. Passe para cá uma folha de papel e um lápis de cera!

Daisy riu, deliciada. Quando Ethan terminou sua versão do festival de chocolate entre pai e filha, ela correu para a cozinha e prendeu o desenho na porta da geladeira, junto com os dela, que Ethan pretendia deixar pendurados até que os cantos amarelassem e rasgassem.

CAPÍTULO 13

— Estou te dizendo, não sei como aconteceu — disse Gary, agachado para apertar o último parafuso de uma nova linha de combustível que instalava na sua moto.

Sentia-se feliz por estar de volta em casa, com uma chave inglesa na mão e uma cerveja no piso de concreto da garagem. O voo pelo Atlântico fora longo, principalmente com aquela dor nas costelas, mas pelo menos não tão longo quanto sua internação naquele maldito hospital. Deu de ombros e olhou para seu melhor amigo, Sean.

— Às vezes, quando você vê as cartas que recebeu, precisa blefar e manter um ar inexpressivo.

— Eu poderia ter sido atropelado por um ônibus quando você me contou que ia se casar, mas, da forma como as coisas se desenrolaram, você não teve muita escolha — disse Sean com uma gargalhada. — De qualquer modo, podia ser alguém pior do que a Rachel, sabe? Ela nunca vai te deixar passar fome e você vai ter aquelas curvas na cama todas as noites — disse com um sorriso malicioso e levou a lata de cerveja à boca. — Já achava que um de nós ia ter que pular da prancha logo. Detesto admitir, seu cretino, mas você só tem a ganhar com essa situação.

Gary e Sean eram amigos próximos havia mais de trinta anos. Tinham crescido juntos na mesma área de Dublin e sempre tiveram fascínio por coisas rápidas, desde carrinhos de rolimã até bicicletas BMX e, mais tarde, motocicletas. A certa altura, vieram também garotas rápidas e depois mulheres rápidas. Embora Rachel não se incluísse na categoria “rápida”, era sensual e espontânea o suficiente para atrair o olhar de Gary e, mais importante ainda, para conseguir a aprovação dos seus companheiros.

Gary levantou-se, limpou as mãos em uma estopa cheia de graxa e jogou-a na bancada.

— Manda mais uma cerveja para cá — disse para Sean, que fez o favor e pegou uma das seis Heineken que ainda restavam de uma embalagem de doze. — Bom, casamento não é uma situação em que você só ganha, mas já que tenho de caminhar na prancha, acho que tive sorte — disse ele, abrindo a lata.

— É, contanto que você não mude — disse Sean, sacudindo a lata de cerveja em sua mão. — Pelo menos Rachel nunca tenta se meter entre você e seus amigos. E até nos oferece rodadas de cerveja nos fins de semana depois das corridas. Quantas garotas nos tratariam assim?

— Saúde — disse Gary, pouco à vontade com aquela conversa sobre casamento, mudança de vida, e tudo o mais.

Ele só queria a opinião de Sean a respeito do que deveria fazer com o anel, caso as coisas não dessem certo com Rachel.

— Só mais uma coisa: você não pode falar sobre isso com ninguém. No que diz respeito ao resto do pessoal, vou contar que comprei o anel e pedi Rachel em casamento. Estou no controle. Ok?

— Não precisa dizer mais nada. Dou minha palavra — disse Sean solenemente.

— Acho bom! — Gary riu. — Agora vamos cuidar da sua moto. A minha está pronta.

Os dois tinham uma espécie de acordo tácito de se encontrarem na casa de Sean aos domingos, depois das corridas de sábado, para manter as motos em perfeita condição. Devido aos ferimentos de Gary, ele não podia andar de moto ainda, mas aproveitou o dia para conversar com o amigo.

— Por falar em sorte, você deve ganhar uma grana preta em breve, dos taxistas — disse Sean.

Gary franziu a testa. Não tinha pensado naquilo. Sean viu a hesitação no seu rosto e riu.

— Você sabe que pode levar esses taxistas à falência, não sabe? Seria burrice da sua parte ficar de braços cruzados. Eles esperam esse tipo de coisa. Não são os próprios ianques que vivem processando uns aos outros toda hora?

Gary pensou na possibilidade. Sean tinha razão. A companhia de táxi devia estar esperando uma intimação pelo correio, e ali estava ele feito um imbecil, sem fazer nada.

— Sabe, acho que você tem razão.

Sean deu de ombros.

— Você seria louco de deixar passar essa oportunidade. Pelo que me contou, é uma coisa certa.

Isso era verdade, Gary concordou. Lá estava ele em plena Manhattan, cuidando da própria vida, quando aquele *gobshite* apareceu do nada e derrubou-o no chão. É claro que ele merecia um ressarcimento. E também merecia ser ressarcido pelas contas do hospital que teve de pagar, apesar do seu seguro-saúde ter coberto grande parte das despesas. Mas, pensando bem, as companhias de táxi também tinham seguro para esse tipo de coisa, não é? Então ele seria muito estúpido se não fosse pelo menos averiguar essa situação mais de perto.

— Você está certo — disse Gary.

Ele telefonaria para um advogado assim que o novo ano começasse. Com a economia conturbada daqueles tempos, ninguém podia perder uma oportunidade assim. Afinal, ele tinha direito a isso, não é? Ainda estava cheio de dores e, se os rapazes não tivessem se disposto a esperar por ele, teria perdido a corrida de moto do Ano-Novo. Além disso, fora forçado a adiar uma construção porque estava internado no hospital, e quem sabe quantas outras seriam adiadas até ele se restabelecer?

Sem contar que alguns trocados viriam a calhar agora. Poderiam muito bem ser a resposta a um ou dois dos seus problemas mais prementes. Sean não sabia de metade do que se passava.

— Muito obrigado de novo por adiarem a grande corrida até eu poder participar — disse a Sean. — Minhas malditas costelas vão demorar a ficar curadas.

— Tudo bem. É claro que vamos fazer a coisa em equipe, como sempre — garantiu o amigo. — Os rapazes concordaram. E estão muito animados com a festa também.

— A festa... É — disse Gary, pegando uma estopa limpa enquanto Sean aplicava um produto de limpeza no motor.

Na volta de Nova York, Rachel tivera a brilhante ideia de dar uma grande festa para comemorar o noivado.

— Poderia ser no bistrô na véspera do Ano-Novo, quando tudo já vai estar pronto para comemorações — sugerira ela, pensando nas possibilidades, e Gary tinha sido obrigado a concordar.

— Uma coisa estou aprendendo com esse noivado — disse com um risinho. — Há muita bebida e festejos até o dia do evento principal. Não posso reclamar disso, eu acho.

— Pura verdade — concordou Sean, tomando um último gole e jogando a lata no lixo reciclável do outro lado da garagem. — Vou providenciar a maior e melhor despedida de solteiro de todas para você. Rachel não perdeu tempo para organizar essa, não é? Uma festa de noivado na véspera do Ano-Novo! — disse, puxando a toalha e depois a enrolando e batendo com ela no braço de Gary. — Muito chique.

— Seu idiota, você vai se arrepender disso quando eu voltar à minha forma — disse Gary, pegando mais uma cerveja da caixa e jogando-a para Sean.

— Claro, nunca é diferente com você, não é? — disse seu amigo, dando uma piscadela.

* * *

— Espere um instante — disse Brian, parando para dar um gole no vinho e apoiar a taça de novo no balcão do bar, e olhando incrédulo para Ethan. — Você comprou um diamante de dois quilates para Vanessa?

Ethan olhou para o amigo, perguntando-se por que ele parecia tão surpreso.

— Comprei, estava planejando isso havia algum tempo. Pensei que você soubesse.

— Bem, eu sabia que vocês estavam juntos, mas não pensei que fosse tão sério, na verdade... Mas, voltando ao assunto, você comprou e *perdeu* o maldito anel?

— Em uma palavra, sim — respondeu Ethan. — E obrigado por resumir a história de um jeito que me faz parecer um completo idiota. Sei que posso sempre contar com você para isso — acrescentou, erguendo sua taça para fazer um brinde, e Brian seguiu a deixa alegremente.

Os dois tinham se conhecido anos atrás na universidade onde lecionavam, muito antes de Brian tornar-se o escritor famoso que Ethan esperava ser um dia.

— Fico contente de poder dar alguma estabilidade à sua vida — disse Brian, tomando de um só gole o final do seu Montrachet e fazendo sinal para o barman. — Mais um, por favor.

Ethan balançou a cabeça.

— Pensei que tivéssemos vindo aqui para tomar *uma* taça, não três.

— Essa coisa de uma taça não existe... Qual seria o objetivo? — rebateu Brian. — Além do mais, você ainda não me disse como Vanessa reagiu quando soube do que tinha acontecido.

— Eu não contei a ela. Como poderia contar? — queixou-se Ethan, desviando o olhar.

Terminou seu vinho e, sem pensar, levou a mão à boca para roer a unha.

— Então você ainda não a pediu em casamento? — perguntou Brian.

— Não. Como eu disse, como poderia? Que mulher quer um pedido de casamento que termina com o cara contando que perdeu o anel?

Brian ficou em silêncio por um instante antes de se pronunciar de novo.

— Não posso acreditar — disse o amigo, meneando a cabeça. — Só sei que, no seu lugar, eu não teria perdido aquela sacola de vista nem por um segundo, muito menos largado na rua para ajudar um desconhecido. Às vezes você é bonzinho demais, meu caro.

— Bem, aí é que está — respondeu Ethan, explicando que tinha deixado a sacola aos cuidados de Daisy. — Ela está se culpando, é claro. Mas tentei tirar isso da sua cabeça, dizendo que não foi culpa dela. As sacolas não foram trocadas intencionalmente.

Brian olhou-o de esguelha.

— Então Daisy sabia que você planejava pedir a mão de Vanessa no Natal. Como ela reagiu?

— Brilhantemente. Ela só soube do meu plano quando fui comprar o anel em Nova York. Mas reagiu muito bem, ficou entusiasmada.

— Que bom, Ethan. Estou contente de saber que Daisy aprovou a ideia. Esse tipo de coisa pode virar um obstáculo enorme, sobretudo porque ela é muito ligada a você.

E por que não ficaria? Fazia tanto tempo que eles viviam sozinhos, Ethan pensou.

— Ela continua obcecada com essa coisa de saúde?

Ethan deu um sorriso triste.

— Infelizmente. No outro dia levou para casa um folheto sobre alimentação saudável que pegou em algum lugar — disse, e lembrou-se de que na época ficara de coração partido ao ver que a maioria dos itens listados no folheto era destinada a combater o câncer. — E está tentando de todo jeito me convencer a fazer jogging, como uma resolução de Ano-Novo. Diz que isso vai me ajudar a manter baixo o nível de estresse.

Essa era outra razão para Ethan continuar se esforçando para assegurar à filha que ela não era culpada pela troca das sacolas, e que ele conseguiria reaver o anel com um mínimo de aborrecimento.

Só que ele mesmo não sabia se isso era verdade.

— Ela é uma ótima menina. E você, um grande pai, Ethan, melhor do que eu jamais seria. Não que *isso* seja uma possibilidade — acrescentou com sarcasmo. — Ou se é, não sei nada a respeito, nem quero saber.

— Obrigado — agradeceu Ethan, e sorriu, pensando que com a reputação de Brian era muito provável que ele tivesse mesmo filhos espalhados por aí, sem saber.

Mas Ethan não acreditava que o que o amigo dissera a respeito de ele ser um bom pai era verdade. Fizera o melhor possível até então, mas havia muita coisa que ele não sabia sobre como criar uma menininha no mundo de hoje. Por isso ficava tão feliz de ter encontrado Vanessa. Não havia como substituir a mãe de Daisy, é

claro, mas era fácil ver que sua querida filha precisava de uma influência feminina na vida.

— E quais são seus planos para reaver o anel? — perguntou Brian.
— Imagino que ainda vá pedir Vanessa em casamento.

— É claro que vou. Por que não? — disse Ethan, encarando-o. — Enfim, parece que vou ter de fazer uma viagem a Dublin em breve.

Então explicou que tinha deixado inúmeras mensagens para a pessoa que estava com o anel, mas até o momento não tivera retorno.

Brian parecia incrédulo.

— E como exatamente planeja fazer essa viagem misteriosa sem contar à sua linda futura noiva o que está acontecendo? Meu Deus, Ethan — fez uma pausa e sacudiu a cabeça —, pode me chamar de antiquado, mas se você vai se casar com essa mulher não devia ser capaz de *conversar* com ela?

Ethan empurrou para o lado sua taça vazia e colocou os cotovelos no balcão.

— Engraçado ouvir isso de alguém que nunca ficou com uma mulher mais de seis meses.

— O argumento é válido — disse Brian, com um risinho, sem poder negar que era um famoso Don Juan, o que era muito facilitado por sua profissão.

— Enfim, parece que as coisas não são tão simples. A mulher que está com o anel... Eu a conheci em Nova York... É a namorada de Gary Knowles — disse ele, atrapalhando-se com as palavras. — Nós tomamos um café e trocamos telefones. Então, suponho que terei de tentar...

— Espera aí! *Mulher?* Que mulher? Você não mencionou nenhuma mulher. Pensei que o anel estivesse com um cara.

— Estava. Pelo menos acho que estava, mas ele não sabia... *Não sabe.*

Ethan olhou para o amigo e percebeu sua expressão de perplexidade, que vira pela última vez quando o pneu do carro de Brian furara e ele teve de admitir que não sabia trocar.

Durante os dois longos minutos que se passaram, Ethan notou a música vinda do *jukebox* e um crescente burburinho no bar, todos

chegando para o *happy hour*. Sentiu-se derrotado, como se todos os grandes planos que havia em sua mente tivessem se encolhido e inadvertidamente sido derrubados e pisoteados.

— Veja bem, não estou dizendo que a forma como você está agindo é errada — começou Brian, num tom subitamente sério. — Só acho que precisa entender que diabo está fazendo e por quê. Aliás, o que está acontecendo aqui? Você em geral é quem dá conselhos, e agora me obriga a fazer o papel do amigo conselheiro, atencioso e sentimental. Eu não sirvo para isso, guardo esse tipo de coisa para os meus escritos. Então resolva logo tudo para podermos voltar aos nossos papéis de sempre, está bem?

Ethan sorriu.

— Você tem razão. Eu devia simplesmente ir lá, trazer o anel de volta e dá-lo a Vanessa, conforme planejado.

Brian não disse nada, mas levantou a taça e olhou para Ethan com um ar pouco convencido, e os dois ficaram calados por uns minutos.

— Na verdade não estou dizendo que essa seja a coisa certa a fazer — falou Brian, quebrando o silêncio. — Pegar o anel de volta, sim; caramba, se eu tivesse gastado todo esse dinheiro com uma joia iria *nadando* para Dublin para buscá-la, pode ter certeza. Mas quanto a pedir Vanessa em casamento... Pense bem se é isso mesmo que quer fazer. Eu sei que está ansioso por causa de Daisy, mas também não se subestime como pai. Não enfie na cabeça que tem uma espécie de prazo; ninguém deve se precipitar quando se trata de uma coisa dessas — aconselhou, e após uma curta pausa, retomou. — Não tenha medo de tomar seu tempo; veja bem se é isso mesmo que vocês *dois* querem, e pelas razões certas.

— Obrigado pelo conselho, mas por falar em tempo — agradeceu Ethan, e bebeu quase metade do vinho recém-servido e colocou a taça no balcão —, é melhor eu ir. Vanessa vai lá para casa esta noite. Vai pegar Daisy na aula de balé e depois vamos jantar. Provavelmente elas já chegaram a essa altura.

Olhou a hora, já passava de seis e meia.

Brian também colocou sua taça no balcão de madeira envernizada e pediu com um aceno a conta para o barman.

— Vai a pé ou de táxi? — perguntou o amigo quando eles saíram do bar.

— Vou a pé — respondeu Ethan, e os dois ficaram parados ali um momento, debaixo da luz vermelha e verde em neon. — Obrigado. Feliz Ano-Novo.

— Para você também. Tenha uma boa noite. E se precisar de alguma ajuda para resolver aquela outra coisa — falou, referindo-se ao anel, Ethan imaginou —, é só telefonar.

— Pode deixar.

Quando Ethan virou-se para ir embora, percebeu algo se esgueirando em sua mente. Era aquele sentimento de novo, agora mais acentuado devido ao comentário de Brian sobre tomar o seu tempo. Tempo era exatamente o que ele *não* tinha. Se pudesse ao menos tomar uma decisão, algum tipo de decisão, e agir...

Sim, era disso que precisava. E o que Daisy precisava também. De ação. Ao vestir as luvas, notou a pulseira que Vanessa tinha lhe dado. Lembrou da inscrição e murmurou-a para si mesmo: “Ela o amava de forma clara demais para temer sua nebulosidade.”

— Não, não há nada a temer aqui — falou, marchando com dificuldade pela neve fofa, com o aconchegante efeito do álcool para amortecê-lo.

Estava indo para casa preparar o jantar para suas duas garotas. Teriam uma refeição agradável, depois talvez se recolhessem em frente à lareira, assistindo à televisão.

Vanessa dormiria lá e ele faria o possível para que ela soubesse exatamente como ele se sentia a seu respeito. Poderia até falar sobre o futuro. Ainda queria que o anel fosse uma surpresa, mas se eles abordassem o rumo do relacionamento, a tensão existente entre os dois desde o Natal talvez desaparecesse.

Depois de alguns minutos chegou em casa e, ao abrir a porta, sentiu imediatamente cheiro de alho. A casa parecia estranhamente quieta, considerando que Daisy e Vanessa estavam lá; pelo menos ele supôs isso, pois o Volvo de Vanessa estava estacionado lá fora.

— Onde estão minhas lindas senhoritas? — perguntou.

— Oi, pai — gritou Daisy, vindo correndo do seu quarto.

Ainda vestia o *collant* e o tutu, que a deixavam uma graça.

— Oi, florzinha. Como foi a aula de dança?

— Foi boa. Vanessa se atrasou um pouco para me buscar, então pratiquei mais uns minutos. Vamos. Ela está na cozinha. A gente estava olhando meus desenhos, e o seu também — continuou, levando-o toda alegre até onde Vanessa estava, sentada em uma das três banquetas em frente ao pequeno balcão da cozinha.

— Oi, querida — falou, beijando seu rosto e notando que ela estava terminando de comer um frango à milanesa. — Ah! Vocês já comeram?

— Já, não aguentamos esperar. O jantar estava pronto às seis, como combinamos.

— Ah — falou ele, percebendo logo seu erro.

— Eu liguei para você para saber se ia demorar, mas ninguém atendeu.

É mesmo, havia um aviso de ligação perdida no visor do seu telefone.

— Eu não devo ter sentido o celular vibrar quando estava voltando para casa. Fui me encontrar com Brian para tomar uma taça de vinho e bater um papo.

— *Uma taça?* O cheiro é de quem tomou mais do que isso — falou ela, com um sorriso que camuflava sua irritação.

— Desculpe. Eu estava certo de que tínhamos combinado de nos encontrar às sete horas...

— Tudo bem, pai. Nós separamos um prato para você.

Mas Ethan nem ouviu o que a filha falava. Começou a observar os desenhos que ela fizera da viagem, espalhados pela bancada. Como Daisy dissera, as duas estavam olhando os desenhos quando ele chegou.

— Eu mostrei a Vanessa onde ela está neste aqui — continuou a menina.

— Que bom ver que estou em um deles — disse Vanessa rindo enquanto enxaguava o prato e colocava-o na máquina de lavar louça, mas ele podia ouvir a tensão na sua voz. — Você devia pôr suas lembranças favoritas da nossa viagem em um álbum de recortes, Daisy. E o seu desenho também, Ethan — completou com um tom sincero e tranquilizador o bastante para Daisy, mas Ethan

sabia muito bem que ela não estava nada satisfeita. —Aquele de você com Daisy comendo biscoitos está uma graça — disse ela, pegando preguiçosamente o desenho do encontro dos dois com Rachel. — E essa deve ser a agente literária que você conheceu, não é?

— É — disse Ethan, aquiescendo com ar não comprometedor.

— Foi a melhor viagem do mundo, não foi? — disse Daisy sorrindo, e ele aproveitou a oportunidade para mudar de assunto.

— Definitivamente. Sobretudo porque foi sua primeira grande viagem, meu bem; mas haverá outras. Nós três faremos várias outras viagens juntos — disse com determinação. — Talvez da próxima vez Vanessa possa escolher o destino.

Fez uma pausa, esperando que ela concordasse.

— Talvez — falou ela. — Já terminou de jantar, Daisy? Você não comeu muito.

— Não, vou comer mais agora. Só queria esperar o papai.

Ethan ajudou-a a subir na banqueta e deu de ombros desajeitadamente para Vanessa. Levou o prato ao micro-ondas para esquentar. Depois aqueceu o seu e sentou-se, enquanto Vanessa limpava o balcão e punha mais pratos na máquina de lavar.

— Deixe o resto aí, eu lavo mais tarde — disse Ethan. — Venha se sentar conosco — convidou, estendendo a mão, e fez um carinho leve no braço dela. — Temos um sorvete de chocolate no freezer que dá para nós três, para quando a gente terminar de comer. Desculpe ter chegado tarde.

Vanessa finalmente se virou na direção dele.

— Não, fiquem vocês dois aí. Acho que vou embora, na verdade. Preciso acordar cedo amanhã. Tenho muita coisa para pôr em dia.

— Não, não, por favor, fique. Eu estava querendo muito passar uma noite agradável, só nós três — disse Ethan, largando o garfo e segurando as duas mãos dela.

— Ethan... — disse Vanessa, encarando-o nos olhos, a banqueta permitindo que ficassem no mesmo nível de altura. — Hoje não. Desculpe — respondeu e afastou-se, pegando sua bolsa no balcão. — Boa noite, Daisy — falou, acariciando a cabeça da menininha e dando um beijo no seu cabelo ondulado.

— Boa noite — disse Daisy, concentrada no prato de comida à sua frente.

Ethan pulou da banquetta para levar Vanessa até a porta, e ela foi andando na frente; pegou seu casaco nas costas do sofá e entrou no hall sem diminuir o passo. Ele conseguiu passar na frente dela quando chegaram na porta. Segurou o rosto dela entre as mãos e olhou-a com seriedade.

— Desculpe. Sei que você está aborrecida comigo e sei também que tenho andado um pouco... estranho nos últimos tempos. Não é nada com você, honestamente. Você é maravilhosa. Eu te amo e Daisy te ama também. Nós três somos uma equipe, não somos?

— Papai, *Procurando Nemo* vai passar agora na televisão! Podemos ver? — gritou Daisy da cozinha.

Vanessa fechou os olhos por uns segundos e apertou os lábios.

— Só um instante, meu bem — gritou Ethan exasperado, e virou-se para Vanessa. — Eu te telefono amanhã de manhã. Daisy vai para a casa de Tanya, e nós dois podemos almoçar sozinhos. Se você não estiver muito ocupada.

Vanessa hesitou.

— Ok, seria legal — assentiu ela.

Virou-se para sair, e Ethan ouviu seus passos distanciando-se dele, enquanto os de Daisy vinham na sua direção, da cozinha.

CAPÍTULO 14

Às sete da noite da véspera do Ano-Novo, Terri corria pelo bistrô fazendo os últimos preparativos até a chegada dos convidados para a festa de noivado de Rachel e Gary. Tinham fechado o bistrô depois do almoço, como já haviam planejado, e Rachel sugeriu que deviam usar a noite de folga para celebrar o grande acontecimento.

Por alguma razão, Terri achava que aquela noite marcava uma grande mudança na história dela e de Rachel; cada uma seguiria seu caminho. Era inevitável, é claro, e no fundo ela sempre soubera que Rachel seria a primeira a se casar. Mas o noivado tinha ocorrido tão de repente que ela se sentia meio... abandonada.

Com uma pontada de culpa, tentou afastar aqueles pensamentos negativos (ou seriam de inveja?). Rachel adorava Gary, sentimento que, como provava o noivado, só podia ser mútuo, de forma que ela devia ficar feliz por eles.

Tinha de dar crédito a ele por surpreender Rachel em Nova York daquela forma e gastar tanto com aquele diamante tamanho família. Seus olhos quase saltaram das órbitas quando ela tinha visto o tamanho do anel, e sentira-se culpada por ter julgado mal Gary Knowles, que até então considerava um pão-duro. Mas ninguém podia culpá-la por isso, visto que o sujeito comia (e bebia) frequentemente no Stromboli e nunca havia tirado a carteira do bolso.

Em preparação para a noite, Terri passara a manhã toda em um canto da cozinha (para a tristeza de Justin) fazendo vários pães e massas para acompanhar os saborosos canapés da festa de Ano-Novo e de noivado de Rachel.

Naquele momento o chef entrou pela porta giratória da cozinha, seguido de perto por Rachel, muito empolgada.

— Você ainda está por aqui? — brincou ele. — Tudo está organizado e pronto, vocês duas deviam ir se arrumar e, mais importante ainda, sair do meu caminho.

Justin trabalhava para Terri e Rachel desde o início e já era praticamente uma peça do mobiliário no Stromboli. Além do seu talento na cozinha, elas também apreciavam seu raciocínio rápido e bom humor, e a capacidade de manter os garçons sorridentes quando o bistrô lotava nos fins de semana.

— Terri! — disse Rachel ofegante, vendo que sua amiga estava afobada. — Por que ainda está trabalhando na cozinha?

— Eu sei, eu sei, já estou indo — respondeu, limpou as mãos e colocou alguns *blini* frescos na geladeira. — Só queria me certificar de que temos bastante de tudo.

Rachel parou, e, pela expressão em seu rosto, Terri pressentiu que ela ia se entregar à emoção, como era da sua natureza.

— Olha, caso eu não tenha a oportunidade de dizer isso hoje à noite — começou, com lágrimas brilhando nos olhos, e Terri sorriu —, obrigada por me ajudarem a organizar esta festa tão depressa. Sei que foi pedir muito de vocês, abrir mão da sua noite de folga, e quero que saibam que aprecio não só o esforço de vocês esta noite, mas também a amizade de vocês, e... — interrompeu o discurso, balançou as mãos no ar como que para não cair em prantos. — Obrigada por me ajudarem a celebrar este passo enorme e inesperado que estou dando na vida.

A sinceridade da sua voz fez Terri sentir-se pior por ter pensado mal de Gary antes.

— Você já está no vinho de novo? — brincou ela, a essa altura acostumada às explosões emocionais de Rachel.

Sua amiga era inacreditavelmente sentimental, com uma capacidade impressionante de se manter otimista e de ver o lado bom em tudo; coisa que Terri invejava.

— Sua boba, é claro que íamos ajudar você a celebrar! Aliás, não precisamos de muita desculpa para isso, e de todo modo estamos muito felizes por você... não estamos, Justin?

— Você merece ser muito feliz, Rachel, e sua festa vai ser maravilhosa.

Rachel ficou radiante.

— Obrigada, pessoal. E você tem razão, é melhor eu me arrumar senão vou sair com avental de cozinha em todas as fotos. Volto daqui a pouco.

Quando ela deixou a cozinha, Terri olhou para Justin.

— Você se saiu bem — falou num tom irônico.

Ele deu de ombros.

— Ao contrário de certas pessoas, não vou mentir e dizer que estou *feliz* com isso.

— Como assim? Rachel é minha amiga, é claro que eu estou feliz por ela.

Embora Justin tivesse uma opinião bem parecida com a dela sobre Gary, Terri ficara horrorizada ao pensar que o chef talvez tivesse notado alguma apreensão da sua parte a respeito do noivado. Ou pior, que Rachel tivesse notado.

— Você está feliz de ela se casar com um neandertal? Que boa amiga você é.

Mesmo a contragosto, Terri sorriu. Nunca tinha havido nenhuma amizade entre Justin e Gary, que costumavam se evitar a todo custo. Era óbvio que Gary se sentia muito pouco à vontade com a sexualidade do chef, e Justin, com seu jeito atrevido, exagerava os trejeitos ao máximo sempre que Gary estava por perto.

Ela deu de ombros e encostou-se no balcão da cozinha.

— O que quer que eu diga? Ela está feliz e é isso que importa, não é?

— Hum, veremos — respondeu o chef. — Mas na minha opinião, esse suposto noivado de conto de fadas vai ser um verdadeiro show de horrores.

* * *

No pequeno escritório nos fundos do bistrô, onde tinha deixado uma muda de roupas, Rachel pegou sua bolsa e procurou dentro dela o diamante lindo e cintilante que ainda não acreditava que fosse seu.

Desde que Gary colocara o anel no seu dedo em Nova York, ela não tinha parado de admirá-lo, e tinha pena de não poder usá-lo o tempo todo. Porém — não que ela estivesse reclamando nem fosse dizer nada para Gary —, o diamante era na verdade um pouco grande demais e incômodo para alguém que trabalhava tanto com as mãos. Só se deu conta disso quando voltou para a cozinha e o anel ficou preso em uma massa fresca de biscoito.

Ainda assim, era uma inconveniência insignificante que Rachel ignoraria com prazer para ter o privilégio de possuir aquela expressão tão perfeita de amor e devoção. De repente pôs a mão na testa. Massa de biscoito! Por falar em biscoitos, tinha esquecido completamente daquele homem, Ethan Greene, e da sua promessa de mandar para Londres uns biscoitos para a filhinha dele.

Ela perdera uma ligação dele para o seu celular no dia em que ela e Gary tinham chegado de Nova York e, com o *jet lag* e a organização da festa, esquecera por completo de retornar o telefonema. Teria de lembrar Gary de ligar para ele em breve; sem dúvida, seu noivo ia querer lhe agradecer, e eles poderiam combinar de mandar os biscoitos para Londres.

Tirou seu uniforme de chef, jeans e camisa branca, e colocou o vestido vermelho, o mesmo que usara na véspera do Natal. Afinal, Gary não chegara a vê-la com o vestido naquela noite, portanto parecia apropriado usá-lo agora.

Puxou a meia de náilon até o alto da coxa e pegou seus brincos pendentes favoritos, imitação de joia antiga, em um compartimento lateral da bolsa de mão. Após aplicar maquiagem apenas o suficiente para acentuar os olhos de formato amendoado e corar os lábios carnudos, sorriu para si mesma no espelho do banheiro anexo. A luz não era lá essas coisas, mas ela viu que estava com o visual certo. Como não estaria? Nunca tinha se sentido tão feliz.

— Toc-toc! — ouviu Terri dizer do lado de fora do escritório.

— Entre! Estou quase pronta.

— Não sei por que você não subiu até o meu apartamento para se vestir e... — disse Terri, mas as palavras se perderam ao ver a amiga pronta. — Uau, você está deslumbrante! Adorei o vestido — prosseguiu, com as duas mãos no rosto, e balançou a cabeça em

admiração. — Olhe só para nós duas, como evoluímos desde a época em que perambulávamos por aí quando éramos estudantes e não tínhamos dinheiro para nada. Tínhamos dificuldade até de comprar passagens de ônibus naqueles dias, mas agora... — balançou a cabeça de novo. — Com nosso negócio e seu casamento, de repente me sinto muito adulta.

Rachel ficou surpresa. Ao contrário dela, que se emocionava por qualquer motivo, era muito raro ver sua amiga ultracética mostrar seu lado sensível. Abraçou-a com os olhos lacrimejando de novo.

— Pare com isso, vai estragar minha maquiagem!

— Bobagem. Um rastro de rímel indo dos olhos até o decote é considerado sexy hoje em dia — disse Terri, rindo e se afastando.

— Você está bem? — perguntou Rachel baixinho.

— Estou ótima. Na verdade, não sei de onde veio essa emoção toda — respondeu, voltando ao seu normal. — Nós duas sabemos que você é a sentimental na nossa relação. E não só isso, mas é você também que devia estar emocionada, com seu noivado e tudo o mais...

Rachel sorriu.

— Não sei — continuou Terri. — Acho que talvez esse noivado tenha me pegado tão desprevenida que ainda estou me habituando com a ideia.

— Eu sei exatamente o que você quer dizer.

Na realidade, Rachel tinha a impressão de que seu próprio cérebro ainda tentava se ajustar ao seu coração, ou vice-versa.

— Tem certeza de que está feliz de ser minha madrinha de casamento?

— Está brincando? — disse Terri, com os olhos arregalados. — Eu não perderia esse convite por nada nesse mundo, mas não te invejo por ter de encontrar um vestido que combine com essa cor — falou com sarcasmo, mostrando seu cabelo vermelho desgrenhado.

Com sua pele clara de irlandesa, Terri contrastava enormemente com a tez morena de Rachel, e as duas não podiam ser mais diferentes.

— Então, o que a mãe de Gary disse? Ficou entusiasmada?

Rachel deu de ombros.

— Eu não estava lá quando ele contou a ela, e para ser franca acho que ela teve a mesma reação que todo mundo; foi tomada de surpresa. Mas Gary disse que ela ficou encantada, é claro, e o melhor de tudo é que ela vem hoje à noite!

Estava especialmente animada com isso, ansiosa para conhecer sua futura sogra. Sua sogra, imagine!

— Fantástico — disse Terri. — Bom, é melhor eu ir para casa me vestir.

Ela não tinha de ir longe, visto que a “casa” era o apartamentozinho que ficava logo acima do bistrô.

— Está tudo praticamente pronto lá fora, você não precisa se apressar e... — parou ao chegar na porta.

— O que foi? — perguntou Rachel, erguendo o olhar.

— Nada — disse Terry, balançando a cabeça. — Estava só pensando que esse é um jeito fantástico de terminarmos o ano. E o ano que vem será ainda melhor, com o grande dia propriamente dito, não é?

Rachel hesitou um pouco. Ela e Gary não tinham chegado a marcar uma data ainda; na realidade, não tinham tido a oportunidade de discutirem o assunto desde que voltaram de Nova York. Mas sim, como Terri, ela supunha que o casamento ocorreria no próximo ano. Pessoalmente, detestava noivados longos (para quê?). E como o pedido de casamento fora bem repentino, estava certa de que Gary pensava igual a ela.

— É, deve ser no ano que vem, mas temos ainda muita coisa a combinar.

— E muitas celebrações a fazer! — disse a amiga com uma piscadela, antes de voltar para o restaurante.

— É isso aí — Rachel falou com um grande sorriso, ajeitando o vestido justo nos quadris.

CAPÍTULO 15

Ethan estava sentado na cozinha de sua casa tomando uma taça de vinho e, esperando Vanessa chegar. Era véspera do Ano-Novo, e ele dera um jeito para que Daisy passasse a noite na casa da amiga Tanya, pois precisava de um tempo a sós com Vanessa.

Estava decidido a fazer daquela uma noite especial. Colocara champanhe no gelo e passara o dia preparando uma bela refeição para lhe proporcionar uma ótima noite e mostrar quão sério era seu compromisso com ela.

Mas não podia deixar de desejar que as coisas fossem diferentes, que em vez de ele ficar ruminando em segredo o que fazer para ter seu anel de volta os dois pudessem falar naquela noite sobre seu casamento iminente. Pensara em contar tudo para Vanessa a fim de acabar com a tensão que se criara entre eles, mas simplesmente não era capaz.

Isso seria muito distante da sua intenção original, e do que sempre imaginara. Queria que o pedido de casamento fosse especial, algo romântico que deixasse lembranças pelo resto da vida, e não uma história longa e confusa de um mal-entendido idiota.

Pensara muito em como mostrar a ela pelo menos seu nível de compromisso, provar que seu relacionamento significava muito mais do que uma simples pulseira de berloques de prata — que *ela* significava muito mais do que isso.

De repente uma ideia lhe veio à cabeça, e seu pulso acelerou-se. É claro!

Mas não teve tempo para considerar melhor a revelação, pois bem naquele instante a campainha tocou e ele se levantou para atender.

Lá estava Vanessa, na porta, muito bem-vestida, como sempre. Naquela noite usava um vestido preto muito bem cortado, que caía

perfeitamente bem em seu corpo esguio. O cabelo louro estava preso num coque no alto da cabeça, e no pescoço tinha um cordão com pingente de diamante simples em forma de pera. Sua futura noiva, ele pensou. Se ao menos ela soubesse...

— Oi, querida. Você está linda — disse Ethan, sem saber por que sua voz saía tão rígida e grosseira de repente.

Por que a formalidade constrangedora?

— Obrigada.

Ela sorriu e entrou no hall. Ao passar por ele em direção à sala, beijou-o de leve na bochecha e tirou o casaco.

— Por que tocou a campainha? Esqueceu a chave? — perguntou ele, tentando amenizar a situação.

— Não sei bem — disse ela, corando um pouco.

De novo a formalidade.

— Onde está Daisy? — perguntou Vanessa, olhando ao redor da sala.

— Foi passar a noite com uma de suas amigas. Achei que seria uma boa ideia passarmos esta noite sozinhos.

— Ah, que bom.

Vanessa sorriu de novo, mas o sorriso não transpareceu em seus olhos, e Ethan sentiu um aperto no coração. Que constrangedor, ele pensou. Era como se toda a história dos dois tivesse se apagado de repente e eles estivessem começando do zero.

— Aceita uma taça de vinho? — perguntou ele.

— Sim, se você for tomar uma também.

Ethan foi à cozinha e pegou a garrafa de vinho tinto que já abrira. Quando voltou, notou a expressão tensa no rosto de Vanessa e ficou surpreso. Precisava mudar aquele astral, e depressa.

— Aqui está — disse, entregando uma taça a ela e erguendo a sua para fazer um brinde, mas Vanessa não esperou, levou o copo à boca e deu um grande gole. — Saúde — completou, sem convicção.

— Ui! Desculpe! — disse com um risinho, e só então bateu com sua taça na dele.

Ethan sentou-se em uma das banquetas altas na bancada da cozinha.

— Sabe, ouvi dizer que a gente deve sempre tentar terminar o ano como começou — disse Ethan.

— É mesmo?

— É. Nessa época, no ano passado, você e eu estávamos muito felizes, lembra?

— Ethan... — balbuciou ela, com um ar de súplica na voz.

— Não, me deixe terminar, por favor. Tenho sentido uma certa tensão entre nós ultimamente, sobretudo desde Nova York, e, bem... ela não existia antes. Eu te amo, Vanessa. Daisy te ama. Preciso de você na minha vida e quero te ver feliz.

Vanessa baixou o olhar. Se foi por causa da emoção do momento ou pela tensão do ambiente, ele não sabia.

— Ethan, eu estou feliz. Só que... Você tem razão, há alguma tensão e eu achei... — hesitou e balançou a cabeça.

Ele desceu da banquetta, colocou a taça na mesa e pegou as duas mãos dela.

— Mas nada disso importa agora. Bem, importa, mas... — gaguejou um pouco. — Eu queria conversar com você sobre uma coisa, um assunto sério.

Ela levantou os olhos e encarou-o.

— Sério?

— Sim — confirmou ele, engolindo em seco.

Esperava que sua ideia desse certo, seria uma digressão temporária até ele ter o anel de volta.

— O que é, Ethan? — perguntou ela, com um sorriso suspenso no canto da boca.

Ele se perguntou o que ela estaria pensando, o que esperava que ele dissesse.

Ethan pigarreou.

— Eu andei pensando que devíamos levar nosso relacionamento para um próximo nível. Começar a agir mais como uma família.

Ela sorriu esperançosamente e ele sentiu o coração mais leve.

— Vanessa, eu estava pensando que talvez fosse bom morarmos juntos. Você... podia vir morar conosco...

Fez-se silêncio por um instante, e as mãos dele começaram a suar. Não podia acreditar que estivesse tão nervoso; afinal de contas, se

tudo tivesse ocorrido conforme planejado, eles já estariam noivos. Na verdade, sentia-se quase tolo por se preocupar com a resposta dela. Mas, e se ela dissesse não?

— Me mudar para cá com você e Daisy? — disse ela finalmente, seu rosto se iluminando.

Ethan sorriu e anuiu com um gesto de cabeça.

— É — respondeu, e na mesma hora os olhos dela encheram-se de lágrimas. — Nós dois te amamos, você deve saber disso.

Uma lágrima desceu pelo seu rosto, e ela pôs os braços em volta do pescoço dele.

— Ah, Ethan, estou me sentindo uma boba. Você não tem ideia do que andei pensando nessa última semana! Achei que viajar com você para Nova York tinha sido um erro, que a cidade tinha trazido muitas lembranças dolorosas da... — gaguejou. — É claro, é claro que venho morar com vocês. Eu adoraria!

Ethan respirou aliviado, sentindo-se muito bem. Não sabia de onde viera a ideia, mas era uma ideia brilhante.

Agora tudo estava nos eixos, e, embora Vanessa não tivesse admitido por completo, Ethan sabia *exatamente* o que ela vinha pensando desde a viagem a Nova York. Estava preocupada que seu distanciamento súbito fosse consequência da saudade que sentia de Jane. E tudo por causa daquela confusão idiota. Era a solução perfeita, o jeito perfeito de mostrar a ela que suas intenções eram sérias. Não sabia como não tivera a ideia antes.

Lembrou-se do comentário de Brian sobre tomar seu tempo, não apressar as coisas. Pelo menos assim teria oportunidade de ganhar algum tempo, não é?

Tempo para recuperar o anel com Knowles, e assim poder tocar a vida e tornar tudo absolutamente perfeito.

* * *

Rachel estava no celular, sorrindo. Pelo jeito como seus olhos brilhavam, falava com Gary. Seus olhos sempre ficavam assim, Terri

pensou, quando ela falava com ele.

Ao terminar o telefonema, Rachel foi praticamente dançando até a amiga. Estendeu os braços e abraçou-a impulsivamente.

— Ah, a vida é boa quando a gente está apaixonada — disse, toda feliz.

— Deve ser mesmo — comentou Terri, mas sua voz falhou um pouco, e Rachel se afastou para olhá-la.

— O que foi? Você está... estranha.

— Ah, você me conhece. Toda essa felicidade e alegria pesam no meu coração — disse Terri, tentando dar o tom irônico de sempre à sua voz, mas sem conseguir esquecer o que Justin tinha dito.

Gary seria *mesmo* o homem certo para Rachel? O noivado parecera um pouco precipitado, sem dúvida, mas ainda era um noivado. E qualquer idiota podia ver que Rachel estava incrivelmente feliz, e isso contava, não é?

— Ah, para — disse Rachel rindo. — Nós duas sabemos que no fundo você tem um coração mole.

— Sim, essa sou eu — disse, e olhou o relógio. — Caramba, são quase oito horas. Os convidados vão chegar aos montes daqui a pouco. Onde está seu príncipe encantado?

— Era ele no telefone, mas como estava na moto não consegui ouvir direito o que ele falou. Acho que perguntou se temos cerveja suficiente — disse e revirou os olhos. — Você sabe que aqueles rapazes não tomam vinho de jeito nenhum.

Terri sabia. Os amigos de Gary eram infantis e, na sua opinião, deveriam era estar gratos com a comida e a bebida por conta da casa naquela noite em vez de fazer maiores exigências. Mas Rachel não parecia se importar, então talvez ela também não devesse deixar que aquilo a incomodasse.

De repente, cinco motos chegaram em fila na porta do bistrô, bem na hora. Rachel deu um pulinho e bateu palmas.

— Lá vamos nós, chegou a hora de começar a festa! É melhor eu ajeitar o cabelo — falou, indo ao banheiro feminino.

Terri atravessou o restaurante para falar com Justin, que já estava servindo canapés para os primeiros convidados.

— O Sr. Maravilha e seu séquito acabaram de chegar — disse o chef com ironia.

— Sim, eu vi a caravana — concordou ela.

Logo depois, Gary e os amigos motoqueiros, vestidos com roupas de couro, entraram porta adentro, bem quando Rachel saiu do toalete. Ele jogou o capacete em uma cadeira, agarrou Rachel pela cintura e a fez girar. O punhado de convidados que já estavam presentes aplaudiram, Gary riu e Rachel sorriu recatadamente. Depois serviu cerveja para ele e os amigos e uma taça de champanhe para si mesma.

Terri viu Justin olhar a cena, desconfiado.

— Como é que Sua Alteza só está chegando agora? Não acha que devia ter vindo mais cedo para nos dar uma mão?

— Pare de implicar com ele, Justin; essa é a nossa área de trabalho, não a dele. A não ser que você quisesse que a cozinha fosse ampliada ou coisa do tipo.

Agora que Gary era noivo de Rachel, Terri sentia-se no dever de defendê-lo.

— Ai, meu Deus! — exclamou o chef, de boca aberta, apontando para o casal feliz. — Será mesmo que ouvi Rachel perguntar se ele tinha gostado do vestido? Ela teve de *perguntar* se ele gostava do vestido? Preciso de uma bebida — falou dramaticamente, e Terri sorriu.

Uma hora depois, umas trinta pessoas devoravam bandejas e mais bandejas de quiches, queijos, panquecas recheadas e uma variedade de outras gulodices para ocasiões especiais. O DJ finalmente chegou; era um amigo de Justin, que prometera fazer um mix perfeito para a festa no seu iPod por meio do sistema de som do bistrô.

Algumas pessoas dançavam, mas Terri tomava sua segunda taça de champanhe quando viu uma mulher parada na porta. Alguma coisa nela lhe era vagamente familiar, e, quando outra pessoa entrou atrás dela e uma rajada de vento fez seu cabelo louro escuro esvoaçar, mostrando mais seu rosto, Terri soube logo de quem se tratava.

— Olá — disse, cumprimentando a mulher calorosamente. — Você deve ser a mãe de Gary.

— Sim — a mulher baixinha respondeu, contente de ter sido notada. — Mary Knowles. Me sinto péssima por ter chegado tarde, mas sou enfermeira e... bem, me atrasei.

— Imagina. A festa está na verdade começando agora. Entre e coma alguma coisa. Posso lhe oferecer uma bebida? Talvez uma taça de champanhe?

A mulher pareceu hesitante. Sua pequena estatura a fazia parecer jovem demais para ser mãe de Gary, mas olhando mais de perto, Terri notou as rugas no seu rosto.

— Ah, desculpe, ainda não me apresentei. Sou Terri, amiga de Rachel e sócia do restaurante. Não foi uma ótima notícia o noivado dos dois? Você deve estar muito orgulhosa do seu filho.

Mary respirou fundo e inclinou a cabeça para o lado, como que tentando ganhar tempo para pensar em uma resposta.

— Muito orgulhosa, sim. E um pouco surpresa também, devo admitir — respondeu, tomando um gole de champanhe. — Esse meu filho é apaixonado por suas motos há tanto tempo que nunca pensei que uma mulher fosse conseguir segurar sua atenção.

— Mãe — chamou Gary, aparecendo com Rachel toda sorridente ao seu lado. — Achei que você não vinha.

— Por que eu não viria? — disse, olhando para Rachel, e estendeu a mão para cumprimentá-la. — Você deve ser a felizarda.

— Sou Rachel, sim. Que prazer finalmente conhecer você!

Terri teve de sorrir quando Rachel, com seu típico entusiasmo, abraçou a mulher calorosamente.

Surpresa com aquela inesperada manifestação de emoção, Mary corou e deu um passo atrás, olhando de Rachel para o filho.

— Uhm... sim, meus parabéns para vocês dois — disse.

— Muito obrigada. E este é o anel... Não é maravilhoso? — disse Rachel radiante, estendendo a mão.

Terri observou com interesse a mãe de Gary olhando atônita para o anel.

— Deslumbrante, não é? — comentou Terri, e Mary, aparentemente estupefata, apenas concordou com um gesto de

cabeça.

Olhou bastante curiosa para o filho, parecendo intrigada com sua generosidade súbita.

— Eu diria que você gastou uma nota preta nisso.

Gary não teve coragem de olhar para a mãe, e Terri percebeu alguma coisa no ar, entre os dois.

— Bom, você sabe...

— É lindo — disse Mary, dirigindo-se a Rachel com um sorriso.

— Obrigada. Confesso que foi uma grande surpresa, mas uma surpresa ótima. Seu filho, no fundo, é mesmo um clássico romântico — acrescentou, olhando amorosamente para Gary.

— Agora que estão todos aqui... — exclamou Rachel, com uma batida de palmas.

Terri viu-a correr até o DJ, e segundos depois a música diminuiu de volume.

Rachel foi para junto das mesas do bufê e pediu a atenção de todos.

— Obrigada — falou sorrindo, quando começaram a interromper as conversas. — Antes de tudo, Gary e eu queremos agradecer a vocês por passarem a noite do Ano-Novo conosco e ajudarem a celebrar nosso noivado.

Olhou para Gary, que deu de ombros e retribuiu o olhar.

Longe da vista da Sra. Knowles, Justin revirou os olhos vendo a reação desleixada de Gary, e Terri mordeu o lábio para conter um sorriso.

— Segundo — continuou Rachel, com a voz meio embargada —, como vocês sabem, parte da minha família é siciliana, e eu gostaria de manter uma tradição que nós, sicilianos, temos, em homenagem aos meus pais, que sei que ficariam orgulhosos se estivessem presentes. E também em homenagem a todos vocês, que praticamente se tornaram minha família — disse com um brilho no olhar, e inclinou-se para pegar uma cesta de pão que estava debaixo da mesa coberta com uma toalha de linho. — Muitos de vocês já experimentaram meu pão siciliano de azeitona ou uma variação dele. Bem, este aqui — apontou, mexendo os quadris e acenando dramaticamente com as mãos — é o da receita autêntica. Para os

que não sabem, é uma receita da minha tataravó. Na tradição siciliana, essa receita específica é usada só em ocasiões especiais e simboliza a participação de corpo e alma na ocasião e no que ela celebra. Vou pedir ao meu futuro marido para vir aqui e provar um pedaço comigo... — disse, chamando Gary com um sorriso. — Depois os pães serão servidos para todos vocês.

Os convidados bateram palmas quando Gary se juntou a Rachel. Ela pegou uma fatia do pão e deu outra para ele, e os dois entrelaçaram os braços na pose tradicional do brinde de casamento. Rachel deu uma grande dentada e depois continuou comendo a fatia toda, sorrindo.

Gary comeu parte da sua e largou o resto na mesa.

— Uma das desvantagens de casar com uma chef é que não é bom para a forma — falou brincando, batendo na barriga.

Seus companheiros juntaram-se à brincadeira, erguendo seus copos e gritando.

— Ai... meu... Deus — disse Justin, aproximando-se de Terri. — E eu pensei que os gays é que fossem vaidosos.

— Agora eu gostaria de fazer uma coisa — prosseguiu Gary, e o rosto de Rachel se iluminou.

— Como vocês provavelmente sabem, eu tive um acidente grave recentemente e, acreditem, se há alguma justiça neste mundo, aquele *gobshite* que me atropelou receberá o que merece — falou, o maxilar ficando tenso. — Enfim, eu estava em péssima forma quando saí do hospital, mas isso não me impediu de ir adiante com meus planos — disse e piscou para sua noiva. — No máximo, tornou a surpresa ainda melhor. Quando o táxi me atropelou, a pobre Rachel deve ter ficado tão assustada quanto eu, só que não fraturou as costelas — brincou, e todos riram quando ele fez uma pausa e esfregou o tórax com ar dramático. — Então — continuou, virando-se para ela —, como não tive chance de fazer isso de forma adequada na primeira vez... — olhou para Rachel e, ao entender o que Gary estava planejando, ela tirou o anel do dedo e entregou a ele.

Depois de certificar-se de que todos tinham dado uma boa olhada no anel, ele se ajoelhou.

— Rachel Conti, quer se casar comigo? — perguntou, e os convidados deram vivas.

— É claro que quero — respondeu com os olhos cheios de lágrimas quando Gary colocou o anel de volta no seu dedo.

Justin sacudiu a cabeça.

— Que dramático — murmurou em tom sombrio.

Terri ficou pensativa.

— Não sei. Nós sempre achamos que Gary fosse um idiota de primeira ordem, mas talvez ele mereça uma chance. Parece estar realmente empenhado nesse noivado.

O chef suspirou.

— Bem, pense o que quiser, mas, se quer saber minha opinião, há alguma coisa muito errada nesse quadro. Esse sujeito tem a maturidade emocional de um ouriço, e não consigo acreditar que tivesse planejado isso antes de viajarem, muito menos que compraria um diamante daquele tamanho.

O olhar de Terri voltou para Rachel e Gary. Eles ainda estavam abraçados e pareciam um casal de noivos normal e feliz. Olhou de esguelha para Justin.

— Você não está com ciúme, está? — brincou, cutucando-o. — Que Rachel vá fazer esse grande casamento?

Ele bufou.

— Qual é! — balançou a cabeça. — Não, só não posso acreditar que nossa Rachel vá realmente se casar com essa ameba. Por quê? O que ela vê nele? Ela diz que ele a faz rir, mas é de propósito?

Terri deu de ombros.

— Cada um com seu gosto, suponho. Só porque você e eu somos uns perdidos no departamento amoroso não quer dizer que a gente deva ser cético com relação aos outros.

— Fale por você, querida. Eu sei que Bernard e eu brigamos como cão e gato, mas estamos passando por uma boa fase no momento.

— Conhecendo vocês dois, isso não vai durar mais que uma semana.

— Pois saiba que ele está planejando uma coisa muito especial para nosso dia de folga amanhã e... Ah, por falar nisso — disse Justin, e mexeu no bolso —, recebi duas mensagens enquanto você

e Rachel estavam se arrumando. Uma do contador falando sobre um formulário do imposto de renda. Não adianta me pedir detalhes, você sabe que isso é grego para mim. A outra de um sujeito chamado Ethan Greene querendo falar com a Rachel, e eu esqueci de dar o recado para ela — acrescentou e passou para Terri dois pedaços de papel com as mensagens. — Ele estava ligando de Londres, com um sotaque *muito sexy*, por sinal, e parecia um pouco nervoso... Falou algo sobre uma confusão em Nova York envolvendo Gary — disse Justin com uma careta e revirou os olhos. — Só Deus sabe. Enfim, ele disse que ligou para o celular da Rachel e conseguiu esse número pelo correio de voz. Pode dar o recado a ela amanhã?

— É claro — assentiu Terri, lendo a mensagem e franzindo a testa. Uma confusão... envolvendo Gary? O que poderia ser?

Olhou para o prometido de Rachel do outro lado do salão, que, depois de ter feito o papel do noivo dedicado, tinha ido para junto dos seus companheiros distribuir cerveja a rodo, enquanto Rachel circulava educadamente entre os convidados.

— O que foi? — perguntou Justin, perspicaz como sempre. — Eu conheço esse olhar.

— Nada — respondeu ela, balançando a cabeça.

Mas por algum motivo, Terri tinha a sensação de que aquele recado era importante. Que tipo de “confusão” podia ter ocorrido em Nova York? Alguma coisa a ver com o acidente, talvez? Por que um sujeito inglês telefonaria para Rachel sem parar procurando por Gary?

Terri mordeu o lábio. Talvez Justin tivesse razão; talvez *houvesse* mesmo alguma coisa errada com aquele quadro.

O que mais Gary teria aprontado em Nova York?

CAPÍTULO 16

— Pai, você devia ligar para o restaurante de novo — insistiu Daisy, parecendo muito mais velha do que era.

Ele sorriu ao ouvir seu conselho. Era dia dois de janeiro, e, apesar de suas tentativas anteriores de entrar em contato com Rachel no período das festas, ela não retornara suas chamadas.

Não queria ser insistente demais, especialmente por ela ter sido tão gentil com eles. Mas gentil ou não, ele precisava ter seu anel de volta.

— Eu sei, Daisy, eu sei — disse, pegando o telefone. — Então você tem certeza de que não tem nenhum problema com o fato de Vanessa vir morar conosco?

Ela deu um suspiro profundo.

— Pai, se você tivesse pedido Vanessa em casamento ela acabaria vindo morar aqui, certo? Então, já que isso não era um problema para mim...

— Está bem, está bem.

Não era exatamente o que ele queria ouvir, mas Daisy estava certa, e não adiantava importuná-la com perguntas desnecessárias.

— Bom, vamos resolver essa situação de uma vez por todas.

Daquela vez não haveria rodeios. Ele explicaria a situação a Rachel e lhe contaria o que tinha ocorrido. De qualquer forma, àquela altura, ela e Gary Knowles já deviam ter entendido tudo e ele provavelmente não ia precisar dar explicações.

“Então por que eles não entraram em contato com você?”, perguntou seu subconsciente, mas Ethan o ignorou.

Digitou o número do celular de Rachel e esperou a conexão ser feita na Irlanda. Tomara que ela atendesse para ele não ter de falar de novo com algum empregado do restaurante, que obviamente não

se preocupara em dar o recado da outra vez. Finalmente, no quarto toque, atenderam o telefone.

— Alô?

— Rachel? Aqui é Ethan Greene — disse, sem resposta imediata.

— Nós nos conhecemos em Nova York recentemente — acrescentou.

— Ethan, é claro! — exclamou ela. — Ah, meu Deus, sinto muito. Perdoe-me; minha cabeça tem estado a mil nesses últimos dias. Eu recebi seu recado e passei seu número para Gary. Ele não te ligou?

— Não... não ligou.

Fez-se um breve silêncio.

— É mesmo? Tinha certeza de que ele já teria te telefonado a essa altura... Peço desculpas por ele. Gary tem estado ocupado demais desde que chegamos, e muita coisa aconteceu também... Mas sei que ele quer muito conversar com você, e agradecer, é claro, sua grande ajuda.

— A esse respeito...

— Nós acabamos de ficar noivos, deve ser por isso que ele ainda não teve tempo de te ligar — continuou ela, toda contente, e Ethan empalideceu. — Temos estado muito ocupados desde a volta. Fizemos uma grande festa de noivado e tudo.

Ethan não sabia o que pensar. Não haveria chance de...? Não, claro que não.

Gary Knowles não seria tão burro a ponto de surrupiar o anel e usá-lo para pedir a namorada em casamento, seria? Uma pessoa em sã consciência não faria uma coisa dessas. Então uma ideia lhe passou pela cabeça: e se o sujeito *não estivesse* em sã consciência? Seu cérebro talvez tivesse sido afetado no acidente, ele podia ter tido uma amnésia ou coisa semelhante, e nesse caso não saberia que tinha havido um engano e talvez acreditasse que o anel fosse seu.

A cabeça de Ethan girava, tentando elucidar o problema, e ele percebeu que Daisy o olhava com curiosidade.

— Vocês acabaram de ficar noivos? — murmurou ele. — Quando?

Rachel riu.

— Gary me pediu em casamento logo que saiu do hospital. Eu não acreditei. Parece que tinha planejado fazer o pedido na véspera do

Natal e acabara de comprar o anel na Tiffany e tudo o mais, só que é claro que o acidente estragou os planos.

Era como se Ethan tivesse levado um soco na boca do estômago, e cerrou os punhos instintivamente.

— E como ele ficou... depois do acidente? — perguntou, rangendo os dentes. — Teve alguma lesão permanente?

— Nada importante, graças a Deus — confirmou ela. — É muita gentileza sua se preocupar, mas felizmente tudo acabou bem.

— Ele não teve nenhuma lesão cerebral? — insistiu Ethan. — Problemas de memória? Alguma coisa desse tipo?

— Não, nada desse tipo — disse Rachel, um pouco surpresa. — Segundo os médicos, ele está ótimo. Por que a pergunta?

— Queria saber. Achei que ele podia ter levado uma pancada na cabeça quando o encontrei, mas devo ter me enganado — Ethan respondeu, pensando depressa.

Droga, o que estava acontecendo ali? Será que o sujeito era um canalha tão imoral a ponto de tentar seriamente fazer passar o anel de Ethan como seu? Era óbvio que não pretendia pedir a moça em casamento antes do acidente, já que o presente que comprara na Tiffany era uma simples pulseira de berloques.

Seu coração bateu forte. E agora, o que ele devia fazer?

Ou, mais relevante, o que devia dizer?

Mas como podia destruir a ilusão daquela pobre moça agora contando-lhe a verdade? Rachel parecia gentil demais para estar se casando com alguém tão claramente mau-caráter e desonesto. Pensar que o sujeito podia ser tão descarado...

Uma raiva súbita surgiu dentro dele. Droga, o momento para a conversa tinha mesmo acabado. O problema teria de ser resolvido pessoalmente, Ethan decidiu com determinação. Ele iria direto a Dublin fazer uma visitinha a Gary Knowles. Solucionaria a situação de homem para homem, cara a cara.

Percebendo que ninguém falava do outro lado da linha, voltou à realidade.

— Meus parabéns, então!

Considerando o que Rachel acabara de contar, era a frase óbvia a ser dita, mas a palavra teve gosto de fel quando a pronunciou.

— Muito obrigada. Tudo aconteceu muito depressa, e é claro que temos muito a fazer e a planejar e... Ah, olha só para mim! Já virei a noiva neurótica! Nada disso é do seu interesse.

Nem me fale, Ethan pensou com ironia.

— Aliás, já que estamos conversando — continuou ela animadamente —, pode me dar seu endereço para que eu possa mandar para sua linda filhinha aqueles biscoitos que prometi? Já teria mandado, mas, como disse, minha vida virou de pernas para o ar desde o Natal. Vou fazer uma fornada fresquinha e mandar para vocês por correio hoje.

Ao ouvir a oferta, Ethan teve uma súbita inspiração.

— Não, não precisa. Eu irei pessoalmente buscar os biscoitos.

— Buscar aqui?

— Sim. Você está em Dublin, não é? Vou precisar resolver uns negócios aí no próximo fim de semana e lembrei que você disse que tem um café na cidade, certo? Se me der o endereço vou até aí e eu mesmo pego os biscoitos. Quem sabe até bato um papo com o seu noivo.

Ele sabia que era uma história pouco convincente, mas na verdade não se importava. Que negócios um professor universitário poderia ter em Dublin? Prendeu a respiração, com alguma expectativa de que Rachel ficasse desconfiada ou ao menos questionasse a motivação dele. Mas se alguma coisa lhe parecera estranha, ela fingiu não notar.

— Ah, bem, é um bistrô, não um café, e se chama Stromboli. Fica bem junto ao cais, perto da Ha'penny Bridge. Você conhece a ponte? O prédio é pintado de roxo escuro e a placa é cor de laranja; você não vai ter dificuldade de encontrar. Não dá para se perder. — Ela riu. — Terei prazer em encontrá-lo, vou avisar a Gary que você vem a Dublin.

— É melhor não combinar nada muito concreto por enquanto, caso eu não tenha tempo de passar aí.

Ethan não queria anunciar sua chegada para que o sujeito não escapasse. Com um homem como aquele, era bem capaz.

— Se eu tiver um tempo livre passo aí para almoçar, ou coisa assim. Teria problema?

Esperava sinceramente conseguir uma reserva para o fim de semana no Westbury, o único hotel de Dublin localizado naquele porto.

— Problema nenhum, imagina. Mas tem certeza de que não quer que eu mande os biscoitos, só para garantir? Eu gostaria de fazer alguma coisa, ainda que pequena, em agradecimento a vocês. E é claro que se tiver tempo para nos visitar enquanto estiver em Dublin, o almoço é por nossa conta!

— Obrigado, mas não precisa agradecer. Se tudo der certo, vejo você no fim de semana.

— Com prazer. Dê lembranças minhas a Daisy, está bem?

— Eu darei. Até logo, Rachel.

Com a cabeça fervendo, desligou o telefone e expirou longamente.

Daisy lançou seu famoso olhar enviesado.

— Por que não contou a ela sobre a troca das sacolas, pai? — perguntou.

Ethan sentiu a boca seca. Sim, por que não contou? Afinal de contas, mal conhecia aquela mulher e não cabia a ele proteger os sentimentos dela; devia mesmo ter dito alguma coisa logo de uma vez.

— Parece que o namorado dela usou nosso anel para pedi-la em casamento — disse, olhando para a filha.

— O que? Ah, não! — exclamou Daisy, de olhos arregalados.

— Então achei melhor não dizer nada por enquanto, para não magoar Rachel.

— Foi muita bondade sua, pai — disse a menina, dando um tapinha na mão dele. — Então é por isso que está indo a Dublin? Para resolver as coisas com aquele homem?

Ethan confirmou com um gesto de cabeça.

— É — disse, com um ar cansado.

Sim, era bem típico dele, pensou irritado: bonzinho demais. Brian ia se divertir quando soubesse. Ethan sabia que seu amigo não hesitaria em contar tudo pelo telefone, especialmente dadas as circunstâncias. Mas Rachel parecia uma pessoa tão doce, e estava tão incrivelmente feliz com o suposto noivado de conto de fadas que

ele não conseguiu esclarecer tudo, pois iria partir o coração da pobre moça.

Bem, no fim de semana seguinte, decidiu Ethan com ar sombrio, não seria nada bonzinho quando tivesse a cara de ladrão de Gary Knowles na sua frente.

CAPÍTULO 17

— Quem era? — perguntou Terri quando Rachel desligou o telefone.

As duas estavam na cozinha preparando o bistrô para a noite, e ela cortava pimentões e cebolas roxas.

— Ouvi você dizer que ia fazer uns biscoitos? Temos um monte de biscoitos no estoque.

Rachel abria a massa fresca de macarrão com o rolo.

— Não, tudo bem. Queria mandar uns para Ethan, mas não vai mais ser preciso.

— Quem? — perguntou Terri.

O nome lhe parecera familiar, mas ela não sabia de onde vinha.

— Ethan Greene. O inglês simpático que ajudou Gary quando ele foi atropelado em Nova York. Já te contei sobre ele, lembra?

— Ah, sim.

Terri havia se esquecido do suposto bom samaritano até que Rachel explicou de novo a história quando ela lhe deu o recado do sujeito na véspera do Ano-Novo.

— Gary não ligou para ele? — perguntou.

— Parece que não — disse Rachel, corada. — Foi meio constrangedor, na verdade. Pensei que Gary tivesse entrado em contato com ele nesse meio-tempo, considerando que... mas ele deve andar muito ocupado com o trabalho e tudo mais.

Um estranho salvara a vida de Gary e ele não tinha tido a delicadeza de pegar o telefone para lhe agradecer? Pior ainda, o homem que o ajudara estava visivelmente preocupado com o estado de Gary para ter certeza de que estava bem. Não só isso, mas a pobre Rachel estava servindo de pombo-correio. Bem, tirando o romântico pedido de casamento, parecia bem típico do antigo Gary, Terri pensou impiedosamente.

— Você não deve se sentir mal. Não é sua culpa se Gary não se deu o trabalho de retornar a ligação do cara.

— Ah, não, não é isso; tenho certeza de que Gary só se esqueceu. Mas de qualquer modo parece que ele vem a Dublin a negócios no fim de semana, então com alguma sorte os dois terão oportunidade de bater um bom papo.

— Quem vem para Dublin no fim de semana?

— Você não ouviu o que eu falei no telefone? Ethan Greene, é claro.

Terri franziu a testa. Rachel não tinha dito que o sujeito era professor ou coisa parecida?

— Que tipo de negócios um professor pode ter em Dublin? — perguntou ela, desconfiada.

Rachel deu de ombros. Sua linguagem corporal indicava que, diferentemente de Terri, ela não estava nem um pouco curiosa a esse respeito.

— Ele é professor universitário, e não tenho ideia. Talvez esteja organizando uma excursão ou algo assim.

— Não me lembro de nenhuma excursão a outros países quando estávamos na faculdade, muito menos nos fins de semana, você lembra?

— Quem sabe? Além do mais, de que importa? Se não fosse por ele, Gary poderia ter morrido ou ter sido roubado, ou qualquer coisa ainda mais horrível do que o que aconteceu. Ficarei feliz de ter a oportunidade de agradecer a ele de novo, pessoalmente.

— E ele disse que vem aqui no bistrô... para ver Gary?

Terri achou muito estranho, ou que não era apenas uma coincidência, que esse tal de Ethan Greene, que Gary conhecera em Nova York mas morava em Londres e era professor universitário, fosse aparecer de repente em Dublin no fim de semana.

— É, se tiver tempo — respondeu Rachel, então parou e olhou para a amiga. — Por que tanta pergunta?

Terri parou o que estava fazendo e pôs a mão na cintura.

— É meio estranho, não acha? Alguém que nem conhece Gary estar tão interessado na sua recuperação. Você mesma disse que ele ligou para o hospital em Nova York, e tem ligado para cá também.

Rachel riu com leveza.

— Você, desconfiada como sempre! Não vejo qual é o problema de alguém se interessar pelo bem-estar de Gary. Você não estava lá, Terri, não viu como ele ficou machucado.

— Eu sei, mas se esse tal de Greene é um estranho, por que se preocuparia tanto?

— É claro que ele é um estranho. O que mais poderia ser? Mas é um cara muito gentil; você devia ter visto como as enfermeiras babavam por ele.

Terri levantou a sobrancelha, curiosa.

— Então ele é bonito também?

— É — disse Rachel, olhando de esguelha para ela. — Aliás, se ele aparecer mesmo no fim de semana, talvez eu apresente vocês dois — falou com um risinho. — Ele tem uma filha, mas por alguma razão tive a impressão que é solteiro.

Terri ficou rígida.

— Meu Deus, só porque você é a Noivinha Querida não precisa me empurrar para cima de todo homem que passar por perto. Estou ótima como estou, muito obrigada.

Mas, se as enfermeiras de Nova York tinham ficado babando por esse tal de Greene, como Rachel disse, talvez valesse a pena dar uma olhada nele, não é?

— Ok, ok, você tem razão. Desculpe — disse Rachel, rindo, pois a vida amorosa de Terri (ou a falta de uma) era um tema esgotado entre as duas. — Mas, sério, ele é encantador: muito inglês, muito polido. Deu até os parabéns pelo meu noivado, o que achei muito gentil da parte dele.

Terri olhou de novo para a amiga, que continuava a abrir a massa, sem poder acreditar que ela não estivesse mais intrigada com aquela visita iminente. Mas Rachel era assim, não era? Aceitava as coisas como pareciam ser, não importava quais fossem as circunstâncias. Terri balançou a cabeça. Talvez Rachel tivesse razão, talvez ela fosse desconfiada e cética demais a respeito de tudo.

Mas depois da afirmação de Justin na véspera do Ano-Novo de que havia alguma coisa “esquisita” com aquele noivado — e com a

desconfiança que ambos tinham havia muito tempo a respeito de Gary — ela não pôde evitar.

As duas voltaram ao trabalho e estavam conversando banalidades quando a porta que dava no salão de jantar se abriu e Gary entrou a passos largos.

Usava sua roupa de motociclista, e Terri franziu o nariz ao sentir o cheiro de couro e de gás de escapamento que emanava dele. Esperava que Rachel o mandasse embora dali depressa, pois não gostava que ele ficasse perto da área onde preparavam a comida vestido daquele jeito.

Mas isso não aconteceu, pois, assim que Gary entrou, o rosto de Rachel iluminou-se com um sorriso.

— Oi! O que está fazendo aqui? Não devia estar trabalhando?

Ele deu de ombros indolentemente.

— Para falar a verdade, não há muito a fazer a não ser uns pequenos orçamentos, que já fiz, então tirei o resto do dia de folga — respondeu e deu um passo para trás quando Rachel tentou abraçá-lo. — Ei, gata, cuidado com a farinha na minha jaqueta — falou em tom de repreensão.

— Ah, é mesmo — disse Rachel, contendo-se. — Desculpe. Nem me dei conta.

Pegou um pano de prato e começou a tirar as marcas de farinha da preciosa jaqueta de couro de Gary.

Terri bufou em silêncio. É, o arrojado Romeu da véspera do Ano-Novo tinha desaparecido por completo, sendo substituído pelo Gary que todos conheciam e... de quem não gostavam. O que será que Rachel via nele?

Observou Gary, parado ali, deixando Rachel cuidar dele. Então lhe veio uma ideia à cabeça, de repente. Ela mordeu o lábio e decidiu jogar verde para colher maduro.

— Gary, você vai gostar de saber disso. Rachel acaba de receber outro telefonema de Ethan Greene — falou, observando-o com atenção.

— Quem é Ethan Greene? — perguntou ele a esmo, e Terri quase pôde ver a engrenagem se pondo em marcha lentamente na sua cabeça.

— O homem que te ajudou, seu bobo, depois do acidente — disse Rachel. — Ele e a filhinha esperaram até você ser levado para o hospital.

Um olhar estranho passou pelo rosto de Gary, e Terri, na mais completa atenção, sentiu os pelos da sua nuca se arrepiarem instintivamente. Alguma coisa estava errada, tinha certeza. O problema é que não conseguia descobrir o quê.

— Ele ligou para cá? — perguntou, sua voz tremendo de leve na palavra “cá”.

Terri fez que sim.

— É, há poucos minutos.

Manteve os olhos grudados no rosto de Gary; ele era como um livro aberto em situações assim. Provavelmente porque não era esperto o suficiente para esconder alguma coisa que pudesse traí-lo.

— O que ele queria? — perguntou, olhando para Rachel.

Ela deu de ombros, indiferente.

— Queria só saber se você estava bem. Aliás, foi meio constrangedor, querido. Pensei que você já tivesse telefonado para ele.

— É, eu ia telefonar mas... perdi o número.

É, e eu me chamo Nigella Lawson, pensou Terri com sarcasmo. Hum, havia definitivamente alguma coisa errada ali. Mas o quê?

— Pois é, achei que devia ter sido uma coisa assim — disse Rachel. — É claro que falei que você estava bem. Ele é realmente muito simpático, mas, para ser franca, acho que estava mais preocupado do que seria necessário — comentou com uma risadinha leve. — Mas, bom, ao mesmo tempo não fui eu quem tirou você da rua, não é? Pensando bem, foi maravilhoso o que ele fez por você, Gary, um completo estranho. Temos de ser muito gratos a ele.

— Certo — resmungou Gary sem nenhum ar de gratidão, Terri notou.

— É, foi muita bondade dele mesmo — disse Terri. — Mas não faz mal você ter perdido o número do telefone porque talvez possa lhe agradecer pessoalmente em breve.

— O quê? — exclamou Gary, levantando a cabeça.

— Ah é, já ia me esquecendo. Ethan disse que é possível que venha para cá no fim de semana, e está pensando em nos fazer uma visita.

— Aqui? Em Dublin, você quer dizer?

Seria imaginação de Terri ou Gary ficara lívido?

— Sim. Engraçado, não é? Mas fiquei contente, pois assim teremos a oportunidade de lhe agradecer; podemos convidá-lo para almoçar ou jantar conosco, dependendo do tempo disponível dele.

— Está dizendo que ele vem aqui... no bistrô? — Gary vociferou, e Terri notou seus olhos indo de um lado para outro velozmente.

Rachel olhou para Gary, percebendo por fim a tensão na sua voz.

— Sim, se tiver tempo. Por quê? Não quer lhe agradecer pessoalmente?

— É claro que sim, mas... Ele falou mesmo que vinha aqui?

— Não deu certeza. Disse apenas que talvez viesse a Dublin e que se tivesse um tempo livre entraria em contato para ver se estávamos dispostos a bater um papo. Foi uma combinação muito vaga, então não precisamos nos preocupar; não é como se ele estivesse esperando uma grande recepção. Mas por que você está tão perturbado?

— Não estou perturbado — disse Gary. — Só... surpreso, nada mais.

— Não fique assim. Como falei, talvez ele venha, talvez não. Mas de qualquer modo você devia dar uma ligada para ele. É sempre comigo que ele fala, e eu detesto ter que ficar inventando desculpas.

— Ok, ok, pare de me incomodar, Rachel.

Terri pigarreou. *Incomodar?* Que atrevimento dele!

Mas Rachel não pareceu nada ofendida.

— Agora nos diga, o que te traz aqui? Já está com saudade da sua noiva? — brincou.

— É. Vim ver se você gostaria de comer alguma coisa. Eu não almocei ainda, então...

— Boa ideia. Onde você gostaria de ir?

— Achei que podíamos comer aqui mesmo — respondeu ele, vacilante.

Mais uma vez, Terri teve vontade de esganar Gary. É claro, comendo ali ele não gastaria nada, pensou, rangendo os dentes.

— É, faz sentido — disse Rachel, e virou-se para Terri. — Não se importa se eu der uma parada agora?

— Nenhum problema. Justin vai chegar às duas horas, e então eu almoço.

— Ótimo! Vou lavar as mãos e volto já, já — falou para Gary.

— Ei, cadê o diamante? — perguntou ele, apontando para a mão dela.

— Ah, geralmente eu tenho que tirar quando estou trabalhando — explicou Rachel, em tom de culpa. — É tão grande que fica prendendo em tudo, e eu não quero estragar o anel.

Ele fez que sim, parecendo satisfeito com a explicação.

Gary e Rachel atravessaram o salão de jantar enquanto Terri os observava, perguntando-se mais uma vez por que sua amiga tolerava um comportamento tão egocêntrico. E o jeito como ele perguntou sobre o anel — como se fosse um pai superprotetor ou coisa parecida! Certo, era evidente que ele tinha gastado uma fortuna com o anel, então talvez tivesse o direito de se preocupar, mas, no fim das contas, ele pertencia a Rachel agora, não era?

Alguma coisa estava martelando na cabeça de Terri, se esgueirando, dizendo a ela para prestar atenção a algum detalhe importante, mas ela não sabia dizer qual.

Pôs a bandeja de legumes de lado e começou a rechear a pastelaria, pensando um pouco mais na reação de Gary ao ouvir o nome de Ethan Greene. Ele pareceu meio surpreso com a perspectiva de sua visita a Dublin, isso era óbvio, mas ficou contente quando Rachel falou que o encontro não estava confirmado.

Terri, por sua vez, estava interessada em saber se esse pseudo-herói iria aparecer no fim de semana, porque, do seu ponto de vista, parecia que aquilo tudo não podia ser pura delicadeza.

É claro que Greene só conhecia Gary desmaiado, então o sujeito não tinha como saber com quem estava lidando. Se soubesse, Terry tinha certeza de que Ethan Greene não se preocuparia tanto com Gary Knowles.

Muito pelo contrário.

CAPÍTULO 18

— Então, quanto tempo exatamente você pretende passar em Dublin? — Vanessa perguntou a Ethan, sentada na cama, vendo-o fazer a mala.

Ele sorriu distraidamente para ela.

— Só uma noite, ou talvez mais, conforme as coisas correrem.

Era sábado de manhã cedo, e sua namorada não parara de fazer perguntas desde que ele dissera no início da semana que planejava ir a Dublin. Ethan também perguntara se ela se importaria de ficar com Daisy enquanto ele estivesse fora.

Desde a véspera do Ano-Novo, quando eles falaram em morar juntos, Vanessa estava muito mais feliz e chegara a dormir duas noites na casa dele, mas precisaria de algum tempo para deixar seu próprio apartamento e ir morar com ele e Daisy.

— E me diga mais uma vez, por que está indo para Dublin? Tudo isso parece tão repentino.

— Não especialmente — falou ele, tentando soar descontraído. — Você sabe como eu fiquei entusiasmado de conhecer aquela agente em Nova York. Então decidi me dedicar a esse livro de corpo e alma.

— Entendi — disse Vanessa, arregalando um pouco os olhos, como se na verdade não entendesse nem um pouco. — E ir à Irlanda vai ajudar... como, exatamente?

Jesus, como ela era insistente!

— Com a pesquisa de campo, é claro.

— Ah, então há um aspecto irlandês no seu romance agora?

Ele sorriu, tenso, nitidamente incomodado com o questionamento incessante de Vanessa.

— Para ser franco, sempre houve. Eu só não fiz nenhuma pesquisa até agora porque, como você sabe, estava procrastinando

a coisa toda. Mas agora, com o novo ano começando e as indiretas nada sutis de Daisy — acrescentou, segurando o presente de Natal da filha para ele —, vi que está na hora de me dedicar ao meu projeto. Resolução de ano novo, e tudo mais.

— Bem, fico feliz de ouvir isso, com certeza — disse Vanessa sorrindo, e Ethan soltou a respiração ao perceber que sua historinha estava sendo uma salvação para ele. — E Deus sabe como os críticos gostam de um toque irlandês, com toda aquela velha repressão católica constante — brincou ela. — Então aquela agente de Nova York deve ter sido muito positiva com relação ao que você escreveu até agora. Como era o nome dela mesmo?

— Hum, Rachel Knowles. Ela trabalhava em uma das grandes agências, mas acabou de abrir seu próprio negócio — respondeu ele, pensando rápido.

Droga, detestava mentiras deslavadas, mas era absolutamente necessário, dadas as circunstâncias, certo?

— Você não deve ter ouvido falar dela — continuou, com um sorriso nervoso.

Nesse momento Daisy entrou no quarto. Ethan teve vontade de abraçá-la. Salvo...

— Oi, querida — disse Vanessa num tom carinhoso quando Daisy sentou-se na cama ao seu lado. — Estou tentando fazer seu pai explicar por que tem de ir a Dublin neste fim de semana e nos abandonar.

Daisy deu um sorriso conspiratório para o pai.

— Por causa do livro dele, bobinha.

— Eu sei, mas... — balbuciou Vanessa e olhou de Ethan para Daisy. — Tive uma ideia — sugeriu de repente. — Por que não vamos nós três?

Ethan levantou a cabeça.

— Para Dublin? — disse ele.

Engoliu em seco. A última coisa que queria era repetir o ocorrido em Nova York, ter de ficar inventando desculpas para poder sair.

— É, por que não? — disse ela sorrindo. — Eu e Daisy conseguiríamos passagens com facilidade no aeroporto. Na verdade,

seria um bom pretexto. Não vou à Irlanda ver meus pais há tempos e, como fomos a Nova York, não estive com eles no Natal.

Os pais de Vanessa moravam num subúrbio de Dublin, mas ela não os visitava com frequência, e Ethan só estivera lá uma vez para conhecê-los.

— Mas e minha aula de piano? — reclamou Daisy com veemência, e Ethan olhou-a com ar de gratidão.

Sua filha sabia exatamente o que estava acontecendo e recebera um relatório completo da história que ele inventara nos últimos dias.

— Não posso perder mais nenhuma aula, já estou atrasada por causa da nossa viagem a Nova York — disse, olhando para Ethan com ar petulante. — Não quero viajar de novo, pai.

Ele olhou para Vanessa e deu de ombros, impotente.

— É uma boa ideia, mas Daisy tem razão. Nós acabamos de voltar de uma viagem, talvez seja cedo demais para fazermos outra. Além do mais, eu vou estar trabalhando o tempo todo — falou ele, e voltou a arrumar a mala. — Vamos esperar uma oportunidade melhor... Quem sabe nas férias de meio do ano? Aí vamos poder fazer uma visita mais longa aos seus pais, em vez de passar lá às pressas agora.

— Talvez você tenha razão — assentiu Vanessa.

Vanessa parecia reconsiderar, mas Ethan sabia que ela não estava muito convencida dessa suposta viagem de pesquisa.

Abafou um suspiro. Não havia nada que ele pudesse fazer agora. Toda a farsa era para benefício dela, no fim das contas, então ele devia parar de se sentir tão culpado. Respirou fundo. Meu Deus, as mentiras, as evasivas e os disfarces estavam deixando-o exausto. Ele nunca poderia ser um espião.

— Nós ficaremos muito orgulhosas de você quando seu livro for publicado, papai — disse Daisy, sorrindo.

— Vou fazer o meu melhor, mas é claro que não há garantia — murmurou ele, sem querer colocar mais pressão na situação tendo de apresentar um manuscrito publicável no final de tudo.

Vanessa levantou-se da cama.

— Isso é verdade, e sem dúvida essa viagem será por uma boa causa. Vá fazer sua pesquisa, querido, e aproveite bem seu tempo

lá. Daisy e eu vamos nos divertir muito enquanto você estiver fora. Agora vou fazer um chá. Alguém quer?

Ethan anuiu, aflito para ela sair do quarto e ele poder ficar um instante a sós com a filha.

— Adoraria, obrigado.

— Daisy, quer um suco de laranja?

— Quero, por favor.

Vanessa foi fazer as honras da casa, e, logo que ela saiu do quarto, Ethan se dirigiu a Daisy.

— Você se saiu bem, florzinha. Por um instante achei realmente que teríamos de ir todos para Dublin.

— Tudo bem, pai. Eu sabia que você não ia querer que a gente fosse junto.

— Não é bem isso, mas provavelmente vou precisar de todo o meu tempo lá para recuperar o anel com Rachel.

Daisy balançou a cabeça em concordância.

— Não posso acreditar que ela esteja usando seu anel — ela levantou os olhos, com ar pensativo. — Será que serve nela?

— Como? O que você disse?

— O anel, será que cabe no dedo de Rachel ou ela teve de diminuir ou aumentar o aro?

— Não tenho ideia, querida. Fiquei tão surpreso ao saber que ela estava usando o anel que não pensei em perguntar.

Daisy assentiu, como se estivesse ponderando algo.

— Você devia verificar isso.

— Sim, sim, vou verificar — disse Ethan, distraído, embora na verdade não se importasse nem um pouco se o anel cabia ou não no dedo de Rachel, se ela tinha gostado dele, ou qualquer outra bobagem do tipo.

O que importava é que o anel era *dele*, àquela altura já devia ser de Vanessa e, para salvar seu relacionamento (e sua sanidade mental), precisava trazê-lo de volta.

* * *

Nas montanhas Wicklow, Gary estava em seu ambiente. Ele e Sean voaram nas suas motos por terrenos irregulares; nas trilhas de granito, os pneus quicavam, na terra úmida, afundavam. As costelas de Gary doíam, mas ele não se importava. Não aguentava mais ficar sentado como nas duas últimas semanas, e estava louco para voltar ao selim da moto.

Já fora ruim o bastante terem tido de adiar a corrida habitual de Ano-Novo do grupo até que ele se sentisse cem por cento recuperado, de forma que um enduro suave era fundamental. Além disso, um lado seu estava ansioso para fugir e passar um tempo a céu aberto; desde o noivado, Rachel viera com força com o papo de casamento, e ele estava ficando incomodado.

Gary não conseguia entender de que importava o número de andares que o bolo devia ter ou a cor do vestido da madrinha. Embora essa história de casamento tivesse parecido boa no início, ele tinha agora a nítida impressão de ter se metido numa enrascada.

Bem naquele momento, Sean apareceu ao seu lado.

— Fantástico, mas estou com sede — disse o amigo. — Que tal uma cerveja?

Em princípio Gary não bebia quando estava dirigindo, mas uma só não faria mal. E, embora não gostasse de admitir qualquer fraqueza para Sean, uma trégua caíria bem. Seguiu o amigo pela trilha lamacenta e pelos campos até chegarem à estrada principal que levava a um pequeno vilarejo, não longe da pitoresca Glendalough. Era um lugar meio turístico, mas a cerveja era boa, e sempre havia um fogo crepitante no saguão.

— Como vai sua senhora ultimamente? — perguntou Sean a Gary quando os dois se sentaram no bar. — Ainda está enchendo seu saco com a conversa de casamento?

Gary fez uma careta.

— Você sabe como é — disse, sentindo-se meio culpado de reclamar com Sean; achava que devia começar a mostrar um pouco mais de lealdade a Rachel, já que supostamente estavam juntos para valer agora. — Acho que ela está só animada.

— Ah, elas todas ficam assim — falou Sean, como se conhecesse bem o assunto, e Gary se perguntou como ele podia saber se nunca

saíra com uma mulher por mais de duas semanas. — Ela reclamou de você sair de moto hoje?

— Não muito.

Na verdade, Rachel tinha sido bem tranquila, considerando a situação. Gary achou que ela ia atazaná-lo a respeito dos seus ferimentos, mas ela só lhe disse para ir devagar.

— Para seu próprio bem — falara Rachel. — Você não vai querer perder a grande corrida quando chegar a hora, não é?

O que, na verdade, fazia sentido.

— Então, você voltou a pensar em processar aquele idiota que te atropelou em Nova York? — perguntou Sean, referindo-se ao taxista.

Gary tinha feito muito mais do que isso. Logo depois do feriado de Ano-Novo, telefonara para seu advogado e perguntara sobre o assunto, e Frank Donnelly, como Sean, disse que ele tinha muita chance de ganhar.

— Sim, está tudo encaminhado. Meu advogado já começou a agir.

— Que bom. Eu diria que você vai ganhar uma graninha boa.

— Espero que não seja só uma graninha — brincou Gary. — Seria legal poder comprar pelo menos rodas novas para a moto.

— Desde que sua senhora não meta a mão no dinheiro primeiro, é claro! Você sabe como elas ficam enlouquecidas com essa coisa de casamento — disse Sean, rindo. — Mas a festa foi boa na semana passada. Rachel com certeza sabe receber bem.

Gary concordou e deu um gole na sua cerveja.

— É, pensando bem, até que ela é um bom partido, não é?

Sean olhou-o com curiosidade.

— Ao que parece, você ainda está pesando as coisas. Um pouco tarde, não?

— Não. Eu estava só comentando.

Embora a decisão tivesse sido mais ou menos forçada, Gary estava aceitando cada vez melhor a ideia de se casar com Rachel. Para começar, estava aliviado que o primeiro encontro com sua mãe já tivesse acontecido. Convidá-la para a festa tinha funcionado bem. Significava que qualquer conversa que ela e Rachel tivessem tido fosse curta e agradável, como Gary queria.

O que o incomodava agora, porém, era o telefonema que ela havia recebido daquele inglês, Greene, que o ajudara em Nova York. Por alguma razão não acreditava muito naquela história de o sujeito estar interessado na sua recuperação, e o fato de ele ter ligado algumas vezes desde então parecia um pouco insistente demais para o seu gosto.

Olhou para Sean, se perguntando se deveria colocar o assunto na roda para saber a opinião do amigo.

— Lembra que te falei sobre aquele bom samaritano de Nova York?

— O cara que chamou a ambulância? — perguntou Sean.

— É.

— O que tem ele?

— É um pouco estranho, mas ele foi me ver no hospital e anda farejando alguma coisa desde então.

— Como assim “farejando alguma coisa”?

— Não sei... estou me perguntando isso. Ele encontrou com Rachel no hospital quando eu estava dopado, e não sei se interessou por ela ou algo assim.

— Por que acha isso?

— É só uma ideia. Ele ligou para ela algumas vezes desde que voltamos e no outro dia falou que talvez passasse no bistrô quando viesse a Dublin.

Sean levantou a sobrancelha.

— Entendi. Você está se perguntando por que ele telefonou para ela, e não para você.

— Bem, para começar, ele não tem o meu número e eu nem cheguei a o conhecer o sujeito. Rachel está insistindo que eu telefone para agradecer e toda essa baboseira, mas não quero me dar ao trabalho — disse, e deu outro gole na cerveja. — A meu ver, qualquer idiota podia chamar uma maldita ambulância.

— Você está mais do que certo. Mas entendo o que você quer dizer; a coisa parece um pouco suspeita, mesmo — falou Sean, pensativo. — Não há como negar que Rachel é de encher a vista, não é culpa dele.

Gary fez que sim, sentindo uma mistura estranha de orgulho e dominância o atravessar. Então ele não estava imaginando nada. Visivelmente, Sean também achava que havia alguma coisa aí.

— Por que não liga para o cara assim mesmo, para saber exatamente qual é a intenção dele? — disse Sean.

Gary olhou para o fogo.

— Talvez eu ligue.

CAPÍTULO 19

O voo de Ethan chegou em Dublin na hora prevista, e ele foi aguardar um táxi na fila. Pela milésima vez, olhou o papel que tinha na mão e leu as indicações de como chegar ao bistrô. Quando entrou no táxi, explicou ao motorista aonde queria ir. O homem grunhiu e deu partida no carro.

Embora tentasse se controlar, estava muito ansioso. Não sabia por que tanto nervosismo; afinal de contas, estava no seu direito, o anel era propriedade dele. Só esperava que conseguisse lidar com isso com um mínimo de dissabor.

Ao pensar em Gary Knowles teve outra crise de raiva. Que tipo de homem faria uma coisa dessas? Apossar-se de uma joia, uma joia muito cara, e fingir de maneira descarada que era sua. Pior ainda, que tipo de homem daria um anel roubado à mulher que supostamente amava?

Um ladrão faria isso, essa é a verdade, pensou Ethan. Que figura desagradável esse tal Gary Knowles devia ser. Pensou de novo em Rachel e no encontro deles em Nova York. Ela parecia ser uma mulher bastante sincera e gentil; como podia se sentir atraída por um sujeito tão evidentemente mau-caráter?

Deu um suspiro. Ele não devia tirar nenhuma conclusão sobre ela. Até onde sabia, ela podia perfeitamente estar envolvida na coisa toda também, e sua oferta de biscoitos para Daisy talvez fosse uma mera cortina de fumaça para despistar.

Não, ele percebeu então, Rachel *era* boa gente; era uma pessoa absolutamente autêntica, ele sabia. Se não fosse, por que teria falado de maneira tão aberta do seu noivado e se mostrado tão disposta a recebê-lo no restaurante?

Estava certo de que, àquela altura, ela já teria dito ao seu noivo que ele vinha a Dublin, e ficou imaginando como Knowles reagira.

Talvez ele nem se importasse; Deus sabe como fora descarado com a coisa toda até então. Deixando de lado o anel, ele não tivera nem a decência de pegar o telefone para agradecer a Ethan pela ajuda, então por que se envergonharia de surrupiar o anel dele?

Porque, àquela altura, Gary Knowles já *tinha* que ter entendido o que havia acontecido.

Rachel afirmara que ele não sofrera nenhuma lesão no cérebro, nem nada que pudesse fazê-lo acreditar que gastara, sem se lembrar, uma quantia de cinco dígitos em um anel.

Ethan não pôde deixar de ponderar isso também. Se Gary tivesse a intenção de pedir Rachel em casamento, certamente teria comprado um anel de diamante, ainda que diferente, não uma pulseira de berloques. Então qual era o jogo do sujeito?

Ethan olhou pela janela quando o motorista do táxi aproximou-se do centro de Dublin.

Fazia quase um ano que tinha estado ali e se esquecera de quanto gostava da cidade. Talvez fosse mesmo uma boa ambientação para seu "romance", no fim das contas. Sentiu um nó no estômago quando pensou de novo nas mentiras que contara para Vanessa e arrependeu-se também de ter envolvido Daisy naquela artimanha.

Mas é claro que no final tudo aquilo valeria a pena; e com relação ao seu romance, poderia fingir depois que Dublin não se encaixava com o tema do livro.

Ou que a "agente de Nova York" estava em dúvida se o representaria como autor. Esse tipo de coisa acontecia o todo tempo, não é?

Afinal, ele estava em Dublin para recuperar o anel, nada mais. Não era pesquisa nem viagem turística, longe disso. Era, digamos, a finalização de uma transação comercial. Ele precisava pegar o anel e voltar para Londres, onde pediria Vanessa em casamento e tocaria sua vida.

Minutos depois, o táxi parou perto da Ha'penny Bridge. Ethan agradeceu ao motorista e pagou depressa.

Tirou sua maleta do carro e olhou em volta à procura do prédio roxo que Rachel mencionara, encontrando-o com facilidade mais à frente, junto do rio. Ao chegar no local, deu uma boa olhada no restaurante à sua frente.

Na entrada, à direita, por trás de uma janela grande de vidro temperado, havia uma cesta de vime com todo tipo possível de pães frescos, junto de uma grande variedade de pastelarias e de biscoitos, como Rachel mencionara. Junto da porta, o menu do almoço anunciava uma tentadora seleção de pratos mediterrâneos. No interior do bistrô, os lambris de madeira, banquinhos de couro colorido e a luz suave davam ao ambiente um ar aconchegante e convidativo, diferente dos ambientes monocromáticos berrantes da maioria dos restaurantes modernos.

Por estranho que fosse, o Stromboli era quase exatamente como Ethan imaginara. Caloroso e agradável.

Um pouco como Rachel, ele pensou de repente.

Pare com isso, disse a si mesmo, como que dando um tapa na própria testa. Tinha de parar de pensar na mulher como amiga e começar a tratar seu namorado e ela como os adversários que eram, pelo menos no que dizia respeito ao assunto em questão.

Respirou fundo e se aprumou para entrar, esperando que Rachel estivesse lá. Embora tivesse dito que telefonaria antes de aparecer, não quis avisar logo antes da sua visita para que ela e seu noivo não tivessem chance de se fazerem ausentes.

O sino na porta da frente do restaurante badalou quando Ethan entrou, e ele imediatamente viu que, apesar de já ter passado bastante da hora do almoço, a sala ainda estava apinhada de clientes. Ficou impressionado. Rachel obviamente criara um empreendimento de sucesso. A sensação do lugar, acrescida do aroma de pão fresco vindo da padaria artesanal, era sedutora — um restaurante com um toque retrô e charmoso. Para ele, aquele ambiente era uma mistura de noites aconchegantes junto à lareira e café da manhã na cama debaixo das cobertas. Sentiu que poderia passar o dia todo ali, na porta da entrada, só respirando aqueles deliciosos aromas.

— Alô, posso ajudar em alguma coisa? — perguntou uma mulher ruiva bonita, e ele imediatamente saiu do seu devaneio para focar nela.

A mulher estava de calça jeans, com um uniforme de chef por cima da blusa, e era mesmo muito atraente. Eram os olhos, ele percebeu. Ela tinha os maiores olhos verdes que ele já tinha visto.

— Sim. Vim ver Rachel. Ela está?

Percebeu o nervosismo na própria voz, e mais uma vez se repreendeu por ser tão hesitante.

— Rachel só deve voltar à noite. Posso ajudar em alguma coisa? — perguntou ela calorosamente. — Sou sócia dela no bistrô.

Ele viu o nome bordado na sua camisa, "Terri".

— Ah — balbuciou.

Droga. Estava certo de que encontraria Rachel lá, visto que era um sábado à tarde e tudo mais.

— Eu devia ter telefonado antes de vir. Você disse que ela estará aqui mais tarde?

— Sim. No momento está trabalhando no bufê, em um evento — respondeu, examinando-o com interesse. — Quer deixar um recado, de repente para que ela telefone para você quando voltar?

— Não precisa, obrigado. Talvez eu apareça mais tarde.

Mais uma vez, Ethan queria contar com um elemento surpresa.

— Daqui a uma hora, mais ou menos, ela deve estar de volta — disse Terri, e reparou na maleta de Ethan ao seu lado, o que a deixou curiosa. — Você parece ter chegado de viagem. Não quer comer alguma coisa enquanto espera? — sugeriu ela.

Ethan pensou bem. Não havia almoçado nem comido nada desde o café da manhã, e a comida ali tinha um cheiro realmente apetitoso...

— Se conseguir uma mesa para mim, adoraria. Obrigado.

— Sem problemas. Venha comigo — chamou ela e o conduziu para uma mesa vaga no fundo do salão de jantar. — Desculpe, mas esta é a única mesa que resta, estamos lotados no momento. Em geral o tumulto acaba depois do almoço, mas hoje está particularmente movimentado — disse, mostrando o salão cheio.

— Bem, se a comida for tão boa quanto o cheiro, posso compreender o porquê — falou ele.

Terri sorriu e passou-lhe o menu.

— Obrigada. Tem certeza de que não posso ajudá-lo em mais alguma coisa? Meu nome é Terri. Como disse, sou sócia de Rachel.

Estendeu a mão e Ethan teve a impressão de que estava sendo forçado a uma apresentação. Bem, já que ia esperar, por que não?

— Prazer em conhecê-la, Terri. Meu nome é Ethan Greene.

Uma luz de reconhecimento passou imediatamente pelo rosto dela.

— Ah. Sim, Rachel estava te esperando — disse.

Ele ficou ligeiramente surpreso.

— Verdade? Mas eu não tinha certeza se poderia vir...

— Ouvi tudo a seu respeito — disse ela com um largo sorriso. — O que você fez por Gary foi maravilhoso.

— Como? — disse Ethan erguendo o olhar, meio perdido.

— Ajudar Gary em Nova York, quero dizer.

— Ah, sim, é claro.

— E é muito gentil da sua parte vir ver como ele está.

— Sim. Por acaso ele está aqui?

Terri deu um risinho.

— Não, Gary não trabalha aqui. Na verdade, ele passa pouco tempo aqui, a não ser quando vem comer ou beber — acrescentou ela num tom irônico, mexendo nos talheres da mesa. — Mas tenho certeza de que gostaria muito de ver você para agradecer de novo e vocês dois poderem conversar. Afinal, se não fosse por você, talvez ele não estivesse mais conosco.

Ethan notou alguma coisa na voz de Terri, talvez uma ponta de sarcasmo, mas não sabia bem se era dirigido a ele ou a Gary.

Mudou de posição na cadeira, incomodado.

— Eu na verdade não cheguei a conhecer o Sr. Knowles.

— Não? — repetiu ela, fazendo uma parada brusca.

— Não, não oficialmente. Ele estava inconsciente quando eu o acudi, e também não consegui falar com ele quando o visitei no hospital.

— Você nunca falou com ele? — perguntou Terry, estreitando ligeiramente os expressivos olhos verdes, e, por alguma razão, Ethan sentiu-se como se estivesse sendo examinado num microscópio.

— Não. Como disse, ele estava inconsciente.

Não sabia aonde ela estava indo com aquilo e não queria falar demais caso a mulher fizesse parte do golpe de Gary Knowles.

— Eu tentei, é claro... porque minha filha estava ansiosa para saber se ele tinha melhorado. Ela tem só oito anos e ficou um pouco abalada com a cena.

— Entendi — disse Terri sorrindo, e Ethan viu que definitivamente havia alguma coisa por trás de tudo aquilo.

Ficou constrangido. A conversa estava tomando um rumo estranho, parecia que Terri estava tentando pescar alguma coisa. Será que sabia da confusão com as sacolas e estava envolvida na mentira? Quis perguntar sem rodeios se ela sabia sobre o anel, mas se deu conta de que não podia divulgar aquelas informações, pelo menos não ainda, sobretudo não para alguém que não fosse Gary ou Rachel.

— Então, como vim aqui a trabalho neste fim de semana, pensei em aparecer na esperança de...

— Ah, já ia me esquecendo de mostrar nossa carta de vinhos — disse Terri, interrompendo-o.

Saiu de repente e Ethan seguiu-a com os olhos. Junto à entrada da cozinha ela bateu no ombro de um homem mais velho, que parecia ser um chef. Cochichou alguma coisa no seu ouvido, e os dois viraram-se para olhar para ele.

Imediatamente Ethan percebeu que estava corando, e virou-se. Não tinha ideia do que estava acontecendo ali, mas esperava que Rachel aparecesse logo para que pudesse resolver seu problema e ir embora.

Uns segundos depois, Terri voltou com outro menu, e por algum motivo também com o homem com quem estava falando na cozinha.

— Este é Justin, nosso chef. Justin, este é Ethan Greene, o homem que salvou a vida de Gary na véspera de Natal.

Dessa vez ele não teve dúvida de que havia algo escondido em seu tom de voz.

Justin acenou com a cabeça e sorriu para Ethan.

— Ah, nosso famoso herói de Nova York. Muito prazer em conhecê-lo.

Ethan não sabia quem era o alvo da brincadeira, mas esperava que não fosse ele. Acenou com a cabeça para o chef.

— Prazer em conhecê-lo também.

— Ethan estava me contando que ele e a filha cuidaram de Gary depois do acidente. Foi muita bondade dele, não foi?

— Muita bondade — repetiu Justin, com ar sábio.

Ethan levantou os olhos. Alguma coisa estava acontecendo. Os dois sabiam de algo, não sabiam? Mas o que dizer ou fazer? Devia admitir a eles qual era a verdadeira razão de estar ali, ou esperar Rachel e conversar com ela? O problema é que ele não tinha ideia de quem ficaria do seu lado, se é que alguém fosse ficar.

— Com licença, eu gostaria de pedir alguma coisa para comer — disse ele severamente. — Estou faminto.

— É claro, é claro — disse Terri com calma.

Com isso, o chef voltou para a cozinha e Ethan respirou aliviado por um instante.

— E o que deseja, Sr. Greene? — disse ela, seu tom agora tão leve e doce que Ethan se perguntou se fora imaginação sua que ela e o colega estivessem interrogando-o.

Sentindo-se meio tonto e um tanto idiota, baixou a cabeça para ler o menu.

Visivelmente, a coisa toda estava confundindo sua cabeça e deixando-o louco.

CAPÍTULO 20

Daisy estava preocupada, embora dissesse a si mesma que não havia razão para isso. Segundo sua melhor amiga, Tanya, seu pai tinha mais chance de ser pisoteado por uma manada de burros do que de morrer em um desastre de avião, mas ainda assim Daisy não gostava de imaginar o pai a milhares de quilômetros acima do solo, muito menos sem a sua companhia.

Depois que Ethan fora para o aeroporto, Vanessa tinha sugerido que quando Daisy voltasse da aula de piano elas comessem pipoca e outras besteiras enquanto viam filmes no sofá da sala a tarde toda. Daisy achava uma ótima ideia; em geral tentava se alimentar de forma saudável para dar um bom exemplo ao seu pai. Mas seria bom se empanturrar de sorvete e batatas fritas sem se preocupar em ser uma má influência. Ao que sabia, meninas de oito anos não tinham de se preocupar com colesterol ou problemas cardíacos, pelo menos não ainda.

Na metade do segundo *Piratas do Caribe*, Vanessa se espreguiçou.

— Como será que seu pai vai se sair em Dublin? — perguntou casualmente em meio a um bocejo.

Daisy deu de ombros e tomou mais um pouco de sorvete.

— Bem, desde que ele pegue o anel com Rach...

Tarde demais. Fez uma pausa e percebeu imediatamente que falara mais do que devia.

Vanessa sentou-se ereta no sofá e virou-se para olhá-la.

— O que você disse?

Daisy ficou vermelha e olhou fixamente para o pote de Ben & Jerry's na sua mão.

— Quer dizer, desde que ele faça sua *pesquisa* para Rachel.

— Não foi isso que você disse, Daisy — falou Vanessa, com um tom que a menina não gostou. — O que está acontecendo? Pensei que Rachel fosse uma agente de Nova York. Por que ele se encontraria com ela em Dublin?

Fez uma ligeira pausa.

— E que história é essa de anel? — insistiu.

Daisy não conseguia olhar para ela.

— Não é nada. Não foi isso que eu quis dizer. Falei que o papai tem que fazer muita pesquisa para o livro... para poder *preparar* tudo para Rachel — murmurou, sentindo-se em pânico por dentro.

Ah não, seu pai ia *matá-la!*

Mas talvez a namorada dele a matasse primeiro. Pelo jeito como Vanessa a olhava, Daisy achou que isso era uma possibilidade real.

Vanessa ficou em silêncio um instante.

— Daisy, está acontecendo alguma coisa que eu não sei, não é?

Os olhos de Daisy grudaram na televisão, vendo Johnny Depp fazer alguma bobagem.

— Não.

— Você pode me contar, eu juro. Acho que seu pai não foi fazer pesquisa nenhuma na Irlanda como ele disse. Nós duas sabemos disso, não é?

— Foi, sim, de verdade — disse Daisy, com os lábios tremendo. — Eu não sei por que disse aquilo... sobre Rachel. Eu me confundi porque a gente estava falando sobre o livro do papai, e ela falou sobre isso também quando a encontramos em Nova York...

Daisy queria que Vanessa parasse de interrogá-la. Por que tinha de desconfiar do que seu pai estava fazendo? Não era como se eles fossem casados.

Ainda.

— Então essa Rachel é a agente de Nova York?

— É.

— A que está no seu desenho? A moça bonita? — perguntou Vanessa, e Daisy olhou para ela.

Por que teve de desenhar Rachel? Agora Vanessa parecia desconfiada disso também.

Ela concordou com veemência, com um ar inocente e normal, esperando que fosse o bastante para Vanessa parar de falar e voltar a assistir ao filme. Era hora da cena da grande briga de Johnny com Orlando Bloom, e ela tentou ao máximo se concentrar.

— Então ela é definitivamente uma agente de Nova York, não da Irlanda?

— Acho que sim — falou Daisy com calculada incerteza, tentando lembrar-se do que seu pai tinha dito a Vanessa sobre a agente Rachel.

Era tudo culpa dele, por não ter dito a verdade a Rachel naquele dia no hospital. Ela era muito legal, teria entendido. Daisy tinha certeza. E então Vanessa não a estaria perturbando com todas aquelas perguntas agora.

— Meu bem, o que você e seu pai *realmente* fizeram em Nova York? — perguntou Vanessa.

— O quê? — resmungou Daisy, sentindo-se acuada.

— Todas as vezes que vocês dois desapareciam, aonde iam de verdade?

— Hum...

Dessa vez olhou fixo para o fundo do pote de sorvete, decidida a não falar mais nenhuma palavra.

— Daisy, você pode me contar. Não tem problema, mesmo.

— Não, o papai falou...

Vanessa ficou rígida de repente.

— Seu pai falou o quê?

O coração da menina batia forte no peito.

— Meu pai falou para eu não contar — respondeu ela baixinho.

Ah, Deus, seu pai ia mesmo *matá-la!*

— Não contar o quê? — perguntou Vanessa com severidade, mais ou menos como sua professora de piano quando ela tocava errado as notas. — Daisy, olhe para mim. Eu te fiz uma pergunta.

Seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Não posso! — exclamou ela. — Não posso mesmo! Era para ser uma surpresa.

Então o rosto de Vanessa mudou, assim como sua voz.

— Uma surpresa? — repetiu, de volta ao seu tom habitual. — Que tipo de surpresa, querida? Para você, para seu pai... ou para mim? E quem é na verdade Rachel... Onde ela entra nessa história? Daisy, você tem de me contar. Por favor.

Àquela altura, Daisy já estava farta de tantas perguntas. Jogou o pote de sorvete no chão, com lágrimas nos olhos.

— Não quero mais ver televisão.

Foi em direção ao seu quarto mas Vanessa a deteve.

— Sinto muito, querida, não queria te chatear... Eu só...

— Me deixe em paz — falou, desvencilhando-se de Vanessa. — Também não quero mais conversar.

— É claro, é claro, faça o que quiser — disse, alisando o cabelo comprido de Daisy quando ela passou pisando forte.

Na segurança do seu quarto, Daisy ficou se lembrando do que havia acontecido e sentiu um nó no estômago de tanta preocupação. Tinha estragado tudo. Dissera uma coisa idiota e, apesar de ter tentado omitir a parte do anel, sabia que Vanessa devia estar ainda mais desconfiada agora e provavelmente descobriria tudo.

Foi para a janela e olhou o parque em frente à casa. Por que aquele homem estúpido teve de ser atropelado em Nova York? E por que seu pai teve de ajudar o homem? Se não houvessem feito nada daquilo, ele teria dado o anel para Vanessa na manhã do Natal, e tudo teria acontecido conforme planejado.

Mas em vez disso ele tinha de ir resgatar o anel com aquela mulher que conheceram no hospital, que parecia muito gentil.

É claro que se ela tivesse cuidado melhor da sacola da Tiffany...

Então Daisy pensou em algo. Lembrou-se da sua mãe lhe mostrando os vários colares e pulseiras que juntara ao longo dos anos, e dizendo que a Tiffany era uma loja muito especial, um lugar mágico.

Daisy sempre fora fascinada pelas joias da mãe, assim como pelas lindas roupas e sapatos, com os quais lembrava vagamente de brincar quando era bem pequena e Jane ainda estava viva. Sabia que seu pai guardara algumas coisas para quando ela crescesse, e esperava por esse dia avidamente. As coisas da sua mãe eram as melhores.

E ela se lembrou de novo das palavras exatas de Jane.

“Um pouco da mágica da Tiffany espalha felicidade por todo lado, Daisy”, ela dissera, e o homem com quem ela e seu pai tinham conversado na loja concordara.

Portanto, as coisas que vinham da Tiffany talvez fossem mágicas também... encantadas... Como a floresta encantada da *Bela Adormecida*.

Talvez tudo o que acontecera em Nova York tivesse uma razão de ser, como num conto de fadas. Talvez não tivesse sido culpa sua as sacolas terem sido trocadas. Talvez tudo tivesse acontecido por mágica, e Rachel, não Vanessa, *devesse* ganhar o anel.

Afinal de contas, se o anel coube no dedo de Rachel, talvez fosse com ela que seu pai *devesse* se casar, como em *Cinderela* — o sapatinho de cristal só caberia na moça certa para o príncipe.

O coração de Daisy bateu forte, com animação. Ela perguntaria a seu pai se o anel coubera no dedo de Rachel, e se tivesse entrado...

De repente percebeu que estava sendo boba. Balançou a cabeça e tentou afastar aqueles pensamentos idiotas. O anel provavelmente não cabia em Rachel. Ela podia ter só oito anos, mas já devia saber que a vida não era como nos contos de fadas.

Seu pai se entenderia com a moça em Dublin e voltaria com o anel. Pediria Vanessa em casamento, ela aceitaria e eles se tornariam uma família, como seu pai queria. Era assim que as coisas ocorreriam, disse Daisy a si mesma.

Essa era a vida real.

* * *

— Ethan, olá! — exclamou uma voz atrás dele.

Ethan virou a cabeça e viu Rachel na porta da cozinha, sorrindo.

— Terri e Justin me disseram que você estava aqui. Que bom ter tido tempo de nos visitar.

— Espero que não se importe de eu ter chegado sem avisar. Minha reunião terminou mais cedo do que eu esperava e... — Parou

no meio da frase, sem querer entrar em detalhes.

— Nem um pouco, é ótimo ver você de novo. E eu espero que Terri e Justin tenham cuidado bem de você.

Ethan olhou para seu prato quase vazio. A *paella* que escolhera tinha sido uma das mais deliciosas que já havia comido, e o pão levedado que a acompanhara era de outro mundo. — Sim, eles foram ótimos. Minha *paella* estava magnífica.

Não quis acrescentar que os colegas dela tinham lhe feito um interrogatório completo quando ele chegou.

Levantou-se e estendeu a mão.

— É um prazer ver você de novo.

Rachel sorriu descontraída e sentou-se em frente a ele.

— Por favor, sente-se e termine sua refeição. Como você vai? A propósito, feliz ano novo.

— Para você também. Gary está aqui?

Ela corou.

— Infelizmente, não. Precisava fazer uma coisa importante hoje à tarde, e já que a gente não sabia se você viria ou quando viria...

Ethan sentiu-se desanimado. Droga! Pensando bem, deveria ter avisado em vez de tentar chegar de improviso.

— É claro, eu compreendo.

— Ele vai ficar aborrecido, pois queria muito te ver para agradecer.

— Não se preocupe.

Tinha de deixar Gary para lá; esperava manter Rachel fora da jogada, mas parecia que teria de envolvê-la de qualquer maneira. Respirou fundo.

— Eu estive pensando — olhou em volta do bistrô, que esvaziara bastante desde a sua chegada —, eu sei que você está trabalhando, mas será que teria tempo para tomar um café rápido comigo? Tenho um assunto para tratar com você.

Rachel pareceu muito culpada, e ele se sentiu desprezível.

— Eu gostaria muito, Ethan, mas preciso substituir Terri agora, depois temos de nos preparar para o jantar...

Naquele exato momento, como se tivesse sido planejado, Terri apareceu.

— Como estava a comida? Gostaria de um café ou de uma sobremesa?

— Estava deliciosa. Não consigo comer mais nada — brincou, mostrando para Terri o prato tão limpo que parecia ter sido lambido, e na verdade Ethan ficara tentado a fazê-lo.

— Estou vendo — disse com um sorriso nos lábios.

— Mas aceito um café, obrigado.

Esperava que, dadas as circunstâncias, Terri dissesse para Rachel tomar um café com ele.

— Que pena que Gary não está, não é, Rachel? — disse Terri. — Ah, você contou ao Sr. Greene que ficou noiva? — acrescentou, apontando para a mão esquerda da amiga e sorrindo para Ethan. — Afinal, você teve um papel importante nisso tudo, salvando a vida de Gary daquele jeito. Se você não tivesse aparecido na hora, quem sabe o que poderia ter acontecido?

Mas Ethan mal ouvia o que ela dizia. Ficou olhando fixo para a mão de Rachel.

Ali estava o anel, refinado e brilhante, bem como ele lembrava, mas no dedo de outra mulher. Imediatamente lembrou-se do que Daisy tinha lhe dito, e viu que o anel cabia no dedo de Rachel perfeitamente.

Saiu do seu estupor ao perceber que Terri, sem saber, lhe dera a oportunidade perfeita para tocar no assunto. Só precisava agora explicar a situação para poder ir embora.

Mas, por alguma razão, talvez pela expressão radiante de Rachel, não conseguiu tocar no assunto.

— É lindo. Meus parabéns — murmurou.

Notando que Terri lhe dirigia um olhar intrigado, virou-se na cadeira, constrangido, com medo de se trair.

— Obrigada, estamos muito empolgados — disse Rachel, que olhou para Terri e levantou-se. — Ok, ok, já vou indo — disse, rindo. — Ethan, mais uma vez, mil desculpas. Eu gostaria muito de ter mais tempo para conversar com você, mas... — interrompeu a frase, com um ar pensativo. — Aliás, o que você vai fazer hoje à noite? Eu termino às sete, e Gary já deve estar de volta a essa hora; se estiver

livre, nós três podemos nos encontrar para jantar em algum lugar, se não tiver de voltar ainda hoje para Londres.

Ethan animou-se. Bingo.

— Não, eu só vou voltar amanhã à tarde, e não tenho planos para esta noite, na verdade.

— Fantástico! Onde está hospedado? Vou ligar para Gary e combinar de fazermos uma reserva em algum lugar agradável perto do seu hotel. Assim vocês dois poderão bater um bom papo, e ele finalmente terá oportunidade de lhe agradecer direito. Gostou da ideia?

— Parece ótimo.

Depois de informar a Rachel onde ficava seu hotel e dizer que tipo de comida gostaria de experimentar, recostou-se na cadeira, um pouco mais relaxado.

Sentia-se muito mais calmo agora que sabia que iria ver Gary, e definitivamente muito melhor por não ter desabafado com Rachel.

Porque à noite, quando a verdade fosse enfim revelada, seria Gary Knowles — e não ele — que se preocuparia com as consequências.

CAPÍTULO 21

De volta à cozinha, enquanto Rachel cuidava da reserva para o jantar com Ethan, Terri deu uma cutucada forte no ombro de Justin.

— Você viu isso?

Ele recuou.

— Ei, pare com esse abuso, você sabe que eu fico roxo facilmente. Ela pôs as mãos no balcão e começou a tamborilar com os dedos.

— Mas você viu?

— É claro que sim. Ele é bonito, não é?

— Não é disso que estou falando — replicou Terri, exasperada.

Não havia dúvida de que Ethan Greene era *extremamente* bonito, com um jeito franco, autêntico de ser. Com seus suaves olhos azuis e a mandíbula bem masculina, era muito diferente dos professores que Terri conhecia.

— Eu sabia — disse ela.

— Dizem que a gente sempre sabe quando encontra o príncipe encantado — Justin brincou, cantarolando.

Terri riu.

— Dá para ficar sério pelo menos por um segundo? Esqueça a aparência dele, você e eu sabemos que há alguma coisa estranha na visita deste homem. Qualquer idiota pode ver que ele não está aqui só para saber da recuperação de Gary. Caramba, ele mal se sentou na mesa e já estava perguntando sobre ele.

E pelo nervosismo de Ethan quando ele perguntou por Gary, ficou bastante óbvio que havia alguma outra coisa em jogo. Mas Terri não conseguia saber o que era. Ainda.

Justin pensou no que ela disse.

— Ok. Sim, eu concordo que há alguma coisa suspeita nessa chegada súbita dele.

— *E* você devia ter visto como Gary reagiu no outro dia quando eu disse que seu “salvador” tinha telefonado procurando por ele. Não pareceu nada feliz, embora este sujeito tenha supostamente lhe feito um grande favor.

— Então o que você acha, Sherlock? Que há mais alguma coisa ligada à história do acidente do que nos foi dito? — perguntou o chef.

— Ou do que foi dito a Rachel...

Justin estreitou os olhos.

— Bem, isso não me surpreenderia nada, conhecendo a habilidade de Gary de... fazer amigos e influenciar pessoas — murmurou em tom sarcástico. — Mas o que pode ter ocorrido? Será que esse tal de Greene tem algum assunto para acertar com Gary?

— Não seria a primeira vez, não é? — disse Terri, dando de ombros.

Deus sabe como Gary era capaz de ofender as pessoas.

— Mas ele não disse que não chegou a conhecer Gary?

— É verdade — respondeu ela, pensativa. — Mas alguma coisa está acontecendo. Ethan Greene está aqui por alguma razão que não é a preocupação com a saúde de Gary. Isso é óbvio. Só precisamos tentar descobrir...

Naquele momento Rachel entrou na cozinha.

— Terri, desculpe — falou, afobada. — Pode descansar um pouco, eu fico aqui — disse à amiga, em um tom de desculpas. — Não pensei que ele viria sem avisar, e como Gary não está aqui para lidar com ele...

— Não tem problema — garantiu Terri, com um grande sorriso. — E eu não te culpo por querer conversar mais um pouco com ele, é um homem lindo.

Rachel fez que sim.

— Não é? E um cara ótimo também. Estou muito feliz que nós três vamos poder conversar direito hoje à noite, especialmente depois do que ocorreu em Nova York — disse e olhou para Justin. — Quer que eu comece a fazer a massa para a torta de berinjela?

— Boa ideia.

— Então, o que aconteceu? — perguntou Terri, curiosa. — Sei que você disse que Greene prestou os primeiros socorros a Gary, mas considerando que ele nem o conhece é estranho estar tão interessado no seu bem-estar, não é? Vir de Londres até aqui só para ver Gary...

Rachel abriu um saco novo de farinha.

— Não foi só para ver Gary, ele vinha a Dublin de qualquer jeito e... Ah, que droga! — exclamou, puxando o anel de diamante agarrado na farinha. — Sempre me esqueço de tirar o anel quando estou aqui.

— Eu sei. Anéis de diamante podem ser uma *verdadeira* chateação! — disse Justin dramaticamente, e as duas riram.

Quando Terri ia saindo, olhou para a mesa a que Ethan Greene tinha se sentado e que agora estava vazia. Que pena. Gostaria de ter tido a oportunidade de interrogá-lo mais um pouco. A história toda a deixava cada vez mais intrigada e ela não descansaria enquanto não soubesse a verdade.

* * *

— Como está indo tudo? — perguntou Vanessa, quando Ethan ligou do conforto do seu quarto de hotel.

Ele tinha de admitir, com toda a honestidade, que ainda estava um tanto abalado de ter visto Rachel com o anel que ele comprara no dedo, e esperava que um telefonema para casa o acalmasse e o trouxesse de volta à realidade.

Sorriu ao telefone, querendo parecer animado. Esperava que Vanessa não notasse a tensão na sua voz.

— Está indo bem. Tinha me esquecido de como Dublin é uma cidade charmosa. Nós devíamos vir visitar seus pais com mais frequência.

— E vamos — disse ela, parecendo singularmente entusiasmada, visto que em geral não se animava muito com a ideia. — Então

como a... pesquisa vai indo? Sei que você mal chegou aí, mas já foi inspirado pela Musa?

Alguma coisa no seu jeito de falar deixou Ethan em alerta. A maneira como acentuara a palavra "pesquisa", como se soubesse que a razão da sua viagem não era aquela.

Ethan percebeu, então, que devia estar paranoico, e o dia havia contribuído para isso.

— Bem, como você disse, eu mal cheguei aqui, mas estou tendo muitas ideias — murmurou rapidamente. — Como está Daisy?

— Ótima. Está lendo no quarto agora — disse com um suspiro. — Tentou fingir que não estava preocupada com o seu voo, mas eu sei que só relaxou depois que você mandou aquela mensagem de texto.

Ethan já imaginava, por isso tinha mandado a mensagem assim que o avião aterrissara, um recadinho para tranquilizar a filha constantemente preocupada.

— Como eu já disse várias vezes, não acho uma boa ideia alimentar esse comportamento de Daisy — falou Vanessa.

Ethan sabia que, na opinião de Vanessa, ao tentar apaziguar os medos de Daisy, talvez ele os tivesse validando.

A verdade é que ele não sabia qual era o melhor jeito de lidar com aquele tipo de neurose de longa duração, mas como podia não fazer o seu máximo para tranquilizar a filha?

Ainda assim, era um alívio poder debater com alguém na hora de tomar decisões sobre o bem-estar emocional de Daisy. Quando ela crescesse, as coisas se tornariam mais complexas, sem dúvida, e uma influência feminina forte na sua vida só faria bem. E Vanessa era certamente isso. Com seu modo de ser determinado e prático, que lhe permitira crescer rapidamente no mundo editorial de Londres, uma força a ser reconhecida. Ele percebera traços daquela mesma objetividade em várias ocasiões do relacionamento deles.

— Eu sei, mas não gosto que ela se aflija.

— Não precisa se preocupar. Daisy está bem. Hoje à tarde ficamos que nem duas crianças, vendo televisão e comendo besteira.

Ethan teve de sorrir. Daisy... comendo besteira?

— Que ótimo, Vanessa. Obrigado mais uma vez por ficar com ela. Foi uma grande ajuda.

— Não seja bobo, é um prazer. Você sabe que Daisy é quase como uma filha para mim. É o mais próximo que chegarei de ter uma, pelo menos! — falou brincando, referindo-se à sua impossibilidade de engravidar.

Mais uma vez, Ethan admirou o jeito como ela aceitara aquele fato, pois sabia que outras mulheres teriam muita dificuldade de lidar com a situação. Aparentemente, tratava-se de um problema ginecológico que ela tivera na adolescência, e era estranho, mas quando Ethan soubera disso tinha ficado ainda mais ansioso para que ela fizesse parte da família. Uma bobagem, também, porque a própria Vanessa era tão tranquila com relação ao assunto. Mas para Ethan era como se os dois preenchessem as lacunas um do outro.

— Que bom que vocês duas se divertiram.

— Mas, voltando ao livro — disse Vanessa, deixando Ethan pouco à vontade —, Rachel deu mais notícias?

O coração de Ethan bateu forte.

— Rachel...?

— É, a agente que você conheceu em Nova York. Pensei que ela é que tivesse sugerido esse viés irlandês para o *manuscrito*.

Embora seu tom parecesse bem casual, ele quase ouvira o itálico na palavra. Ainda estavam falando sobre o manuscrito? Ou será que havia um duplo sentido que ambos entendiam mas nenhum dos dois podia confessar?

Ethan mordeu o lábio, sem saber o que pensar. Alguma coisa acontecera desde a última conversa deles. Será que Daisy tinha soltado a língua?

Não, pensou, balançando a cabeça. Ela nunca revelaria a história a Vanessa, jamais. A não ser que tivesse deixado escapar alguma coisa sem querer...

Era improvável, e decerto Vanessa voltara a falar do manuscrito só porque trabalhava com edição e apoiava genuinamente as ambições literárias dele.

— De forma alguma, mas como já disse ainda tenho de trabalhar muito para convencê-la. Esse é o objetivo do fim de semana, na verdade — continuou ele.

— Ótimo. Boa sorte para você. Estou ansiosa para saber de tudo — disse Vanessa num tom alegre. — O que você vai fazer hoje à noite?

— Nada demais. Estou planejando explorar um pouco mais alguns lugares. Há muitas propriedades rurais lindas na vizinhança, e pensei em alugar um carro e dar uma olhada.

Tirou essa ideia de um folheto turístico que viu no seu quarto, e achou que devia pelo menos tentar fazer com que sua pesquisa parecesse autêntica.

Fez-se uma pequena pausa.

— Parece uma ótima ideia. Eu fui a uma dessas propriedades rurais para um casamento há uns dois anos, mas era mais um castelo do que uma casa de campo. Esses lugares são perfeitos para casamentos.

Agora ela parecia a Vanessa de sempre, e Ethan se sentiu bobo por pensar que ela desconfiara de algo antes. Estava nitidamente a favor da pesquisa.

— Imagino que sim.

— Então você acha que uma propriedade rural antiga seria uma boa ambientação para a história? Acho que tem razão, seria absolutamente incrível.

— Bem, eu tenho algumas ideias em mente, mas vale a pena ir dar uma olhada — disse Ethan, sem querer se comprometer demais.

De outro modo, teria de visitar de fato alguma propriedade rural irlandesa aleatória e pegar folhetos para provar a Vanessa que estava realmente fazendo pesquisa.

Suspirou profundamente, percebendo que esses subterfúgios estavam se tornando demais para ele. Não via a hora de pegar o avião para Londres com o anel no bolso. Aquele suplício já tinha durado tempo demais.

— Você parece cansado, querido. Não faça muita coisa de uma vez só, ok? Aliás, não devia estar cuidando disso tudo sozinho. Eu adoraria ajudar, se você deixasse. Esse tipo de coisa tem tudo a ver comigo.

— Eu sei. Enfim, telefonei só para ter notícias suas e de Daisy. Vou sair de novo daqui a pouco e talvez seja tarde quando voltar,

então...

— Tudo bem. Você tem um monte de coisas para fazer e planejar. Confesso que estou louca para ler seu livro, Ethan — disse ela, muito feliz. — Sei que vai ser preciso muito planejamento, mas, quando tudo estiver pronto, sei também que você e eu vamos nos divertir muito... lendo o livro juntos.

Ethan franziu a testa. Aquela conversa estava ficando realmente estranha.

— Bem, ainda falta muito, e eu não quero tomar nada como certo — disse ele, com um riso nervoso. — Este fim de semana é só para desenvolver a ideia, dar o pontapé inicial e assim por diante... Você sabe como é.

— É claro. Mas vou ficar feliz com qualquer ideia que lhe venha à cabeça. Agora preciso desligar. Está quase na hora da Daisy dormir. Divirta-se. A gente se vê amanhã à noite.

— Diga a ela que mandei um beijo de boa noite, está bem?

— Pode deixar.

Eles se despediram e Ethan desligou, completamente confuso com a conversa. Mas, pelo menos, conseguira tirar da cabeça seu encontro com Gary Knowles naquela noite, mesmo que por pouco tempo.

Na verdade, estava apavorado de jantar com ele e Rachel. Detestava confrontos, e não havia dúvida de que aquela conversa seria uma bagunça. Só esperava que o sujeito fosse homem suficiente para confessar a troca das sacolas e garantir à sua noiva que o pedido de noivado deles não tenha sido feito no calor do momento, embora fosse essa a impressão de Ethan. E pelo pouco que sabia de Rachel, ela não merecia isso. Que mulher merecia?

Tirando uma camisa e um par de calças de algodão da mala e colocando-as sobre a cama, Ethan abriu o chuveiro e começou os preparativos para a batalha daquela noite.

CAPÍTULO 22

— Gary, não... Não posso acreditar que você vá fazer isso comigo.

Rachel teve vontade de gritar. Quando finalmente conseguiu entrar em contato com o noivo pelo celular (o sinal era instável nas montanhas de Dublin) para falar sobre o jantar com Ethan, descobriu que Gary e Sean tinham passado a tarde enchendo a cara de cerveja com um “velho amigo” que haviam encontrado no pub!

— Desculpe, gata, mas não posso fazer nada — disse ele, num tom arrependido. — Não tenho condição de voltar de moto para Dublin hoje à noite depois de entornar mais de uma. Não seria responsável da minha parte.

Apesar de zangada, ela teve de admitir que ele estava certo.

— Está me dizendo que você e Sean vão passar a noite com esse... amigo de vocês?

— Sim. Liam disse que podemos deixar as motos no estacionamento do pub e pegar um táxi para a casa dele mais tarde. Amanhã de manhã ele ou a esposa vão nos dar uma carona para pegarmos as motos.

— E onde esse Liam mora?

— Não muito longe. A poucos quilômetros daqui, então faz sentido.

Tudo parecia tão racional e sensato que Rachel não pôde discutir.

É bem verdade que Gary não sabia que ela fizera planos de jantar com Ethan Greene, mas podia ao menos ter telefonado para dizer que iria passar a noite fora. Mas Gary era assim, não era? Impulsivo ao máximo. Rachel lembrou-se de que uma das razões de ter se apaixonado por ele era essa sua imprevisibilidade; na verdade, talvez tenha sido essa característica que levara ao noivado dos dois.

— Por favor, não fique brava comigo, gata. Não é como se eu tivesse planejado, e faz anos que não vejo Liam. Eu e Sean viemos comer alguma coisa e não pudemos acreditar quando ele apareceu no pub. Então, uma cerveja levou à outra, você sabe como é...

— Posso imaginar.

Ela sabia exatamente como era. Quanto mais eles bebiam, mais coisas tinham para lembrar, e ia ficando cada vez mais divertido também, sem dúvida. Era sempre assim quando Gary estava com os amigos.

Pensando bem, ela não podia se aborrecer muito; com o acidente e os ferimentos, ele passara por maus bocados nos últimos dias, e um sábado à noite com os rapazes era tudo o que ele precisava. Só gostaria que isso não a deixasse em uma situação tão embaraçosa.

— Além do mais, nós não tínhamos combinado nada para hoje à noite, tínhamos? — perguntou ele.

Rachel achou melhor não confessar que tinha feito planos sem consultá-lo. Ela pareceria tão indelicada quanto ele, se não pior.

Resolveu não mencionar o jantar com Ethan Greene. Podia ligar para ele e explicar que surgira um imprevisto e que teriam de cancelar o compromisso, embora estivesse farta de inventar desculpas para o pobre homem.

— Não exatamente, só que... Não importa. Você tem razão, não gostaria que você andasse de moto depois de beber. Só não abuse da cerveja, ok? Você ainda está tomando remédio.

— Sim, mamãe — disse Gary rindo, e, sem querer, Rachel sentiu uma ligeira irritação.

Detestava quando ele debochava dela na frente dos seus amigos. Sabia que era coisa do machismo irlandês, em geral inofensiva, uma faceta de uma personalidade na maior parte do tempo amorosa, mas às vezes também incrivelmente imatura.

— Ei, prometo que vou me redimir por isso, ok, gata? Vamos fazer alguma coisa legal quando eu voltar amanhã.

Mas o comentário foi quase abafado por mais gargalhadas ao fundo, e Rachel achou por bem terminar a conversa.

— Ok, divirta-se então. Amanhã a gente se vê. Mande um oi para Sean.

Desligou o telefone e voltou para a cozinha, onde Terri se preparava para o ritmo intenso da hora do jantar das noites de sábado.

— O que houve? — perguntou a amiga, notando sua expressão desconcertada.

Rachel pigarreou.

— É Gary. De novo.

— Ah! Não parece boa coisa.

— Não foi nada, na verdade — disse Rachel antes de explicar a façanha alcoólica do namorado durante a tarde, e balançou a cabeça. — É tudo culpa minha por ter programado esse jantar sem perguntar a ele. Mas só consegui falar com Gary agora. Você sabe como é ruim o sinal naquela região pantanosa.

Terri estava pensativa.

— Então vai ser só você o Sr. Olhos Azuis hoje à noite.

— Não. Vou telefonar para ele agora e cancelar o jantar. Não adianta se encontrar comigo de novo, quando é Gary que ele quer ver. Aposto que já se cansou de falar comigo e de ouvir minhas desculpas em nome de Gary. Meu Deus, parece até que alguém está tentando manter esses dois separados.

Terri ficou um instante em silêncio.

— Mas ele parece um bom sujeito, e tive a impressão de que estaria meio perdido esta noite. Talvez você deva jantar com ele mesmo assim, não?

Rachel franziu o cenho.

— Mas não vai parecer meio... esquisito? Digo, sem o Gary?

— Não necessariamente. É você que ele conhece, com quem já se encontrou e conversou. Ele disse que nunca chegou a falar com Gary. A não ser que tenha falado antes do acidente.

— Ao que eu saiba, não. Gary ficou inconsciente durante dois dias e quando acordou Ethan já tinha voltado para Londres.

— Bom, de qualquer forma, você devia ir — insistiu Terri. — Você mesma disse que era grata a ele, então por que não? Além do mais, ele não é desagradável de se olhar.

— Terri! — exclamou Rachel, chocada.

— O quê?

— Para que dizer uma coisa dessas? Eu estou noiva.

— Ah, pare com isso, você ainda é humana, não é? Ethan Greene é um gato, e se eu tivesse a oportunidade de jantar com um sujeito como ele...

— Então por que *você* não vai?

— Porque isso não tem nada a ver comigo. Além do mais, tenho a impressão de que ele é comprometido.

— Sêrio? Por que diz isso?

— Não sei bem, é só um palpite. De qualquer forma, já passa das seis horas, é tarde demais para cancelar o jantar, seria uma grosseria... com Ethan e com o restaurante onde você fez a reserva. Qual é o restaurante?

— O Venu. É perto do hotel dele, e como ele disse que gosta de frutos do mar...

— Ah, vá e pronto. É sábado à noite e, ao contrário de mim, você está de folga. Ele parece um bom sujeito, e, levando-o para jantar, você terá cumprido seu dever em nome de Gary. Que mal pode haver?

Rachel refletiu sobre o assunto. Talvez Terri tivesse razão. Ethan era um bom sujeito, e ela se sentia mesmo em dívida com ele. Sim, que mal podia haver?

* * *

Ethan respirou fundo antes de abrir a porta do restaurante. Não conseguia entender por que estava tão nervoso. Aqueles dois tinham uma coisa que lhe pertencia, uma coisa importante e pessoal, além de muito cara.

Pior ainda, ele não estaria naquela situação se não tivesse parado para ajudar um completo desconhecido. Maldito azar!

Talvez estivesse apenas nervoso por ficar cara a cara com Gary, uma vez que ele ainda era o elemento imprevisível da história. Já Rachel parecia uma pessoa racional e normal, e Ethan acreditava que ela ficaria horrorizada quando descobrisse a verdade.

Tudo o que tinha de fazer agora era entrar e explicar a situação com gentileza, e só sair depois de resolver o problema a contento.

Respirou fundo para acalmar os nervos. Ele podia enfrentar aquilo. Mas por um lado desejava ter trazido Brian para lhe fazer companhia. Lembrava-se, pelo que vira no local do acidente, de que Gary era um homem forte, e Ethan gostaria de ter um sujeito musculoso a seu lado caso as coisas se complicassem.

Bem, tarde demais...

Ao entrar no salão à meia luz, olhou em volta. Rachel dissera para se encontrarem no bar antes do jantar, mas nenhum dos dois estava lá. Será que já tinham ido para a mesa?

Enquanto esperava na entrada para perguntar a respeito da reserva, ouviu uma voz atrás de si.

— Ethan, aí está você!

Olhou na direção da voz e engoliu em seco. Era Rachel, com um vestido vermelho de parar o trânsito.

Seu rosto sorridente tinha uma expressão ligeiramente confusa, e Ethan percebeu que a olhava de queixo caído. Tentou recompor-se depressa e pigarreou.

— Desculpe, eu cheguei um pouco cedo — disse ele.

Seus pensamentos estavam lentos, assimilando cada detalhe daquela visão. Mas, ao ver o brilho do anel na sua mão quando ela ajeitou o cabelo, lembrou-se do propósito do jantar. Ele estava ali para pegar o anel. Seu anel... O anel de Vanessa.

Foi então que notou uma coisa.

— Seu noivo está atrasado? — perguntou.

Rachel corou, e não conseguiu encará-lo.

— Sinto muito, mas Gary não vai poder vir. É uma longa história — disse ela, com uma expressão de desgosto.

Ethan tencionou o maxilar. O que estava acontecendo? Aquele cara o evitava de propósito, não era? Por que outra razão não retornara seus telefonemas e agora faltava ao suposto jantar “de gratidão”?

Mas o que ele queria realmente descobrir era se Rachel sabia ou não sobre o que estava acontecendo. Ela seria parte de um plano para que ele não conseguisse seu anel de volta?

Bem, não ia funcionar. Por mais linda que ela fosse, ele não se deixaria mais ser tapeado.

Mas pela sua expressão, via-se que Rachel estava muito constrangida com a situação e com a obrigação de dar mais desculpas.

— Entendi.

— Sinto muito. Foi culpa minha, por ter feito planos sem consultar Gary — desculpou-se Rachel.

Explicou que ele estava ilhado em um pub a quilômetros da civilização, e, embora parecesse uma história improvável, Ethan acreditou nela. Rachel se desculpava tanto e parecia tão genuinamente desconcertada que ele não conseguiu questionar a situação.

— Já era tarde quando fiquei sabendo e teria sido uma grosseria cancelar o jantar, então, se não se importa, vou ser sua única companhia da noite — disse e deu uma ligeira risada, e Ethan, para sua surpresa, percebeu que a ideia não lhe desagradava.

— É claro que não me importo, mas você não devia se preocupar em ser grosseira. Se não for conveniente para você, é claro que podemos cancelar o jantar.

— Ah, não. Não tem problema mesmo. Agora já estamos aqui, e para ser franca fico contente de ter a oportunidade de avaliar a concorrência — acrescentou ela num tom maldoso, e Ethan sorriu.

— Considerando o que eu comi hoje, este lugar vai ter que dar duro para superar o seu.

— É muita gentileza sua, obrigada. Você teve dificuldade de encontrar o restaurante? — perguntou Rachel, quando estavam se encaminhando para a mesa. — Achei melhor escolher um lugar perto do seu hotel. Assim você não teria de se preocupar em pegar um táxi.

— Não, nenhuma.

Fez-se silêncio enquanto os dois se sentavam, e Ethan olhou em volta.

Era um lugar agradável, não tão aconchegante e íntimo como o Stromboli, porém o menu parecia bom. Lembrou-se então de que

não estava ali naquela noite por prazer, mas puramente por negócios, e tentou concentrar-se na situação.

Depois de pedirem as bebidas ao garçom, decidiu ir direto ao assunto. Só que não tinha ideia de como começar.

— Você e seu noivo vêm muito aqui? — perguntou.

Ela negou com um gesto de cabeça.

— Não, Gary não é muito fã de restaurantes, fora o nosso, é claro — acrescentou, com um sorriso acanhado. — Na verdade, ele é mais chegado a um pub.

— Entendi. Vocês dois estão juntos há muito tempo?

Achou que poderia começar obtendo o máximo possível de informações sobre os dois. Se ficasse claro que Rachel não sabia mesmo da troca das sacolas, talvez fosse mais fácil soltar a bomba.

— Não, nosso romance aconteceu meio como um furacão, na verdade — respondeu ela, explicando que se conheceram menos de um ano antes. — Nova York foi a primeira viagem que fizemos juntos.

— Vocês já tinham falado em casamento antes do noivado? — insistiu Ethan, tentando manter a voz o menos sarcástica possível.

Rachel sorriu.

— De forma alguma. Foi uma completa surpresa, a última coisa que eu esperava.

— Verdade? Por quê? — perguntou Ethan, com medo de estar soando muito invasivo. — É que estou em uma situação semelhante, e espero pedir minha namorada em casamento em breve — acrescentou.

— Que ótimo. Meus parabéns.

— Não fiz o pedido ainda, mas espero fazer logo.

Rachel sorriu.

— É um momento muito emocionante, na minha opinião, tenho certeza de que ela ficará encantada. Há quanto tempo vocês estão juntos?

— Há pouco mais de um ano.

Rachel era tão acessível e comunicativa que Ethan se viu contando tudo a respeito da morte de Jane e do quanto isso o afetara.

Quando terminara de falar, deu por si, e eles já tinham comido a entrada e estavam no prato principal.

Os olhos de Rachel encheram-se de lágrimas.

— Ela parece uma pessoa maravilhosa. Sinto muito pela sua perda. E a pobre Daisy, perder a mãe ainda tão menina...

— É, nós tivemos muita sorte de encontrar Vanessa.

Ao perceber que passara todo esse tempo falando de Jane e mal mencionara o nome de Vanessa, sentiu-se culpado.

— Ela vai ser uma ótima mãe — completou Ethan.

Rachel inclinou a cabeça para o lado.

— Desculpe, não me leve a mal, mas você fica dizendo que ela vai ser uma ótima mãe. Não acha isso um pouco injusto?

Ethan pousou o garfo na mesa.

— Como assim?

— Mais uma vez, desculpe minha intromissão, mas, do jeito que você fala, parece que a razão principal do casamento com Vanessa é para que você e Daisy sejam uma família de novo. Posso entender perfeitamente que queira isso para o bem de Daisy, mas você tem de amar Vanessa tanto quanto amava Jane, não é?

Ethan a encarou e percebeu que aquela mulher, praticamente uma completa desconhecida, tinha acertado em cheio. Mas não, percebeu então, não era apenas porque queria ter uma família de novo. É claro que ele amava Vanessa, talvez não tanto quanto amou Jane, mas, sinceramente, ele não achava que isso fosse possível.

— Desculpe — acrescentou ela, muito aflita. — Você mal me conhece e cá estou eu metendo o bedelho. Esqueça tudo o que eu falei.

— Não, não faz mal — disse ele, tranquilamente. — A culpa é minha se passei essa ideia para você. Eu amo Vanessa, e muito, e estou contando os dias para me casar com ela.

Achou que era uma boa oportunidade para voltar ao assunto que lhe interessava.

— O único problema é...

— Entendi, e mais uma vez não leve a sério o que eu disse, talvez esteja só fazendo uma projeção.

Ethan a encarou, curioso.

— Como assim?

— Eu tenho a mesma esperança para mim e Gary, de formarmos uma família, quero dizer. Perdi meus pais há um tempo e desde então me sinto um pouco sozinha... meio solta na vida, suponho — disse ela e explicou que Terri e a equipe do restaurante eram a coisa mais próxima que tinha de uma família. — Agora que fiquei noiva de Gary, terei finalmente a chance de ser parte de uma família de verdade, ou de formar a minha própria... se tivermos a sorte de ter filhos, é claro.

— Eu compreendo.

Havia tanta ânsia na voz dela que Ethan se compadeceu.

— E isso — disse, acariciando amorosamente o anel —, isso representa o início de tudo, o início de tudo o que sempre desejei. É tão precioso e tão lindo que mal posso acreditar que seja meu.

— Na verdade...

— É uma coisa que me vejo passando para meus filhos e talvez para os filhos deles, como que criando uma tradição. Os sicilianos são muito vinculados às tradições e, como eu nunca pude fazer parte de nenhuma delas, então sinto que é importante, quase essencial, que eu comece as minhas próprias, entende? — disse e sorriu, meneando a cabeça. — Desculpe, não sei por que estou te contando tudo isso; você deve me achar totalmente maluca.

E foi assim que Ethan descobriu que não haveria a menor possibilidade de ele esfacelar os sonhos daquela mulher adorável ao lhe contar a verdade. Simplesmente não poderia fazer isso, nem lhe cabia fazer. Gary é quem devia estar ali ouvindo Rachel abrir seu coração, dizendo quanto tudo aquilo significava para ela. Ethan sabia, apesar dos seus erros, que suas intenções para com Vanessa eram nobres; já as intenções do crápula com quem Rachel ia se casar...

— Você não parece nada maluca, e tenho certeza de que Gary está tão ansioso quanto você para realizar esse sonho.

— Francamente, acho que ele não compreende esses papos "sentimentaloides", como ele chama — disse e deu uma risada solta.

— Gary não é o tipo de cara que tem muito contato com os próprios sentimentos. É um típico machão irlandês, eu diria.

Mais uma vez, Ethan sentiu raiva em nome de Rachel por ela estar envolvida com um sujeito que parecia ser um brutamontes idiota.

— Você deve dizer essas coisas a ele. Pelo menos para que ele saiba quanto tudo isso significa para você.

— Primeiro tenho de tentar marcar a data do casamento! — falou ela brincando, e empurrou o prato para o lado. — Meu Deus, Ethan, há quanto tempo não me abro com alguém assim. Você é mesmo um professor de inglês? Tem certeza de que não é um psicólogo disfarçado?

Ele sorriu encabulado.

— Não, sou definitivamente só um velho professor sem graça. Mas a despeito do que você pensa, é importante que essas coisas sejam compartilhadas com seu noivo. Afinal, ele é o homem com quem você vai se casar.

Quem sabe assim o sujeito tivesse uma crise de consciência e admitisse que o noivado deles era uma farsa. De qualquer modo, Ethan o forçaria a fazer isso.

Deu um suspiro. Achou que o melhor a fazer seria parar com todo o disfarce e pedir a Rachel o telefone de Gary. Falaria com ele diretamente e o acusaria de ter se apropriado do anel, fingindo que era seu. Além disso, tinha vontade de lhe dar um sermão por recorrer a um subterfúgio tão vil com aquela mulher encantadora, mas sabia que não cabia a ele.

Rachel corou.

— Eu sei, e ele é realmente uma pessoa especial, embora eu saiba que muita gente não vê nele o que eu vejo.

Ethan não soube como responder e por isso ficou calado.

— Seria bom se você pudesse se encontrar com ele — disse ela.

— Eu também gostaria muito de me encontrar com ele — afirmou Ethan num tom irônico. — Então vocês dois ainda não chegaram a fazer muitos planos para o casamento? — perguntou, sentindo-se algo aliviado de não terem marcado ainda uma data, visto que a coisa toda podia acabar tendo de ser cancelada.

— Ainda não. Comecei a tomar umas providências. Terri e eu vamos comprar vestidos em breve, mas Gary acha tudo isso coisa de mulherzinha.

É claro que acha, Ethan murmurou para si mesmo.

Estava começando a parecer que nunca teria havido noivado se não fosse por aquele anel. Ele resolveu perguntar como tinham sido os detalhes do pedido de casamento. Assim, saberia ao certo se o noivado estava programado ou se acontecera apenas por causa da troca das sacolas.

— Como você reagiu quando ele te pediu em casamento em Nova York? Você mencionou que ficou meio surpresa.

Ela deu um largo sorriso.

— Honestamente, Ethan, não conseguia acreditar. Quando vi a caixa da Tiffany, quase desmaiei.

— Posso imaginar — disse Ethan, cerrando os punhos involuntariamente. — Ele te pediu em casamento e depois entregou a caixa?

— Não, não, na verdade... — disse hesitante e baixou o olhar para mesa, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, mas acabasse desistindo. — Não, depois que ele saiu do hospital, estávamos trocando presentes de Natal, e ele me entregou aquela linda caixinha azul e... Bem, quando vi o que havia dentro, quase enlouqueci.

— Sei exatamente o que você quer dizer — falou Ethan, rangendo os dentes. — Ou melhor, posso imaginar — explicou depressa, mas ela pareceu não notar nada de estranho.

Rachel ainda sorria com a lembrança.

— Ele precisou de um pouco de incentivo na hora... Foi engraçado, nunca vi Gary tão nervoso... Daí ele finalmente fez a pergunta, e o resto já se sabe.

Baseado naquele relato, Ethan teve certeza de que o noivado nunca estivera no horizonte e, pelo que pôde notar, o sujeito estava fazendo a pobre mulher de bobá. Ela merecia algo muito melhor. Gostaria de ter coragem de lhe dizer isso, mas realmente não podia.

— Ethan? Você está bem? — perguntou Rachel, e ele imediatamente saiu de seu devaneio.

— Sim, claro. Desculpe, meu pensamento estava a quilômetros de distância.

— Pensando em quê? — perguntou Rachel, e deu outro gole no vinho, e ao mexer a mão, o anel brilhou à luz da vela.

Ethan engoliu em seco.

— É um belo anel — falou, desejando poder pegá-lo sem que ela notasse.

— É, sim — concordou ela, levantando a mão. — E incrivelmente elegante, nunca esperei isso de Gary. — Sorriu e continuou. — Ele pode ser um pouco... como eu diria?

— Cafona? — sugeriu Ethan, contraindo os lábios.

Ela riu.

— Não, eu ia dizer cuidadoso... com dinheiro. E esse anel deve ter custado uma fortuna.

Ethan sabia muito bem quanto tinha custado, até o último centavo.

— É uma cravação tão clássica, tem um lindo design, e ainda por cima é da Tiffany... — disse, e olhou para o dedo com ar sonhador. — Eu não imaginava que um cara como Gary soubesse dessas coisas... isto é, que um anel de diamante da Tiffany é o ápice em matéria de romance.

— Foi o que ouvi dizer — murmurou Ethan.

— Mas enfim — disse ela, sacudindo a cabeça —, além de ouvir uma mulher desconhecida falar sem parar sobre sua vida pessoal, o que mais tem feito em Dublin? Espero que sua reunião tenha corrido bem. Alguma coisa a ver com o seu trabalho?

— Sim — respondeu Ethan, pego desprevenido pela pergunta. — Foi tudo bem mas... na verdade estou aqui fazendo pesquisa para um livro.

Já que decidira esperar para tocar no assunto com Gary, por que não usar a história já inventada e testada por ele em vez de dar alguma outra explicação sobre sua visita à cidade?

Ela arregalou os olhos.

— Você está escrevendo um livro? Fabuloso! Sobre o quê?

Naquele momento o garçom passou pela mesa com uma cesta de pães, e chamou a atenção de Ethan.

— Sobre... pães — falou impulsivamente, pensando rápido.

Por que não deu a mesma explicação que dera a Vanessa?

— Um estudo sobre o pão em diferentes culturas do mundo inteiro — completou. — No momento, estou pesquisando a Irlanda.

— Maravilha.

Rachel deu um sorriso educado, e ele viu que aquele assunto tão sem graça tinha sido uma ideia brilhante. Existia algo mais chato do que um livro sobre pão?

Que bom, pois a última coisa que ele queria era que ela começasse a fazer perguntas demais; já bastava tentar contar mentiras para Vanessa sobre sua “pesquisa”.

— Bem, como essa é minha área de trabalho, posso esclarecer algumas coisas, se você precisar — disse ela, toda contente, e de repente as palavras de Jane no seu leito de morte lhe vieram à cabeça com uma força fantástica.

Procure uma mulher que faça pão para você.

Olhou de novo para aquela mulher doce e gentil à sua frente, cujo coração achava impossível partir. Rachel mexeu a mão mais uma vez, e o diamante da Tiffany brilhou tanto que quase o cegou.

Uma mulher que faça pão para você.

A mesma mulher que estava usando seu anel de noivado naquele momento...?

CAPÍTULO 23

Terminado o tumulto do sábado à noite, Terri despediu-se de Justin e das garçonetes, e, quando estava prestes a trancar a porta do bistrô e subir para seu apartamento, Gary apareceu na entrada.

Ela franziu a testa, perguntando-se o que ele queria e o que estava fazendo ali.

Rachel tinha dito que ele não ia voltar para casa de moto porque havia bebido muito, não era? Contraindo os lábios, desconfiada.

Ao aproximar-se de Gary, viu que ele estava caindo de bêbado.

— Que surpresa — falou, deixando-o entrar. — Rachel disse que você ia passar a noite perto de Wicklow.

Ele deu um sorriso acanhado.

— Eu ia, mas resolvi voltar para não desapontar minha garota. Ela ainda está aqui?

— Não, está de folga esta noite. Pensei que você soubesse.

— Ah — murmurou ele, parecendo intrigado. — Achei que ela ia ficar até mais tarde no bistrô, já que sabia que eu não estaria por aqui.

Terri perguntou-se, não pela primeira vez, como uma mulher supostamente inteligente como Rachel podia acabar nas mãos de um idiota autocentrado feito aquele. Tinha quase certeza de que sua amiga não tinha nenhum problema de autoestima ou de insegurança. Afinal, não havia razão para isso. Rachel era linda, tinha um negócio de sucesso, era uma pessoa encantadora e todos a adoravam. O que será que ela via naquele sujeito que ninguém mais conseguia ver? Rachel insinuava às vezes que a vida sexual deles era tórrida, mas isso bastaria para manter um relacionamento? No entanto, era um assunto sobre o qual não tinha muito conhecimento, Terri pensou com tristeza.

— Não, ela não ficou aqui.

Por alguma razão, Terri quis dificultar as coisas para ele, e decidiu não revelar imediatamente que Rachel estava jantando com Ethan Greene.

Um tanto desapontado, Gary olhou o relógio.

— Merda. É sábado à noite. Não estou com vontade de ficar vendo televisão sozinho.

— Você deveria ter organizado melhor seu dia, não é mesmo? — disse Terri, com ironia.

— Não comece você também. Já ouvi bastante de Rachel mais cedo. Mas acabei voltando, não é?

— E como conseguiu voltar? Espero que não tenha vindo de moto. Gary meneou a cabeça.

— Não. Acontece que a mulher de Liam não gostou da ideia de dormirmos na casa deles, como ele propôs, por causa do bebê recém-nascido e tudo mais. Então eu e Sean tivemos de pegar um táxi. Foi uma fortuna, e vamos ter que voltar lá amanhã de manhã para buscar as motos.

— É mesmo? — perguntou Terri, sem estar particularmente interessada nos pormenores da aventura de Gary. — E onde foi parar seu amigo, já que você chegou sozinho?

— Ele não estava se sentindo muito bem e foi para casa. Deve ter sido uma cerveja ruim.

— Sei — comentou Terri, e balançou as chaves propositalmente.

— Gary, por mais que eu queira ficar conversando a noite toda com você, tenho umas coisas a fazer aqui, e...

— Ei, será que posso tomar uma saideira? — perguntou ele.

Terri teve vontade de estrangulá-lo. Como se ela não tivesse nada melhor para fazer do que ficar servindo bebida de graça para ele!

Mas ao mesmo tempo...

Terri ponderou a questão. Ela tinha refletido a semana toda sobre a situação bizarra entre Rachel, Gary e Ethan Greene. Sabia que havia alguma coisa errada ali e estava desesperada para descobrir o que era. Visto que a guarda de Gary estava baixa, talvez aquela fosse a oportunidade perfeita para extrair algumas informações.

— Pode entrar — disse, dando um passo atrás para ele passar. — Ainda tenho de cuidar da limpeza, então é só você não me atrapalhar...

Ele riu.

— Você é o máximo, Terri, eu já te disse isso?

— Já, muitas vezes.

Foi para trás do bar, tirou uma cerveja do isopor, pegou o abridor e destampou. Hora do show.

— Quer um copo?

— Não precisa.

Terri empurrou a garrafa pelo balcão de granito, e Gary levou-a à boca, engolindo a bebida de uma vez, como se fosse um elixir de vida.

— Boa garota — exclamou ainda de pé, após esvaziar a garrafa praticamente de um gole só, então exalou alto. — Depois do dia que tive, estava precisando disso.

— Posso imaginar — disse ela, tendo que segurar sua língua, e começou a varrer o chão do salão. — Como vai sua vida esses dias? Deve estar muito ansioso para o casamento, não é? — perguntou.

Ele pousou a garrafa no bar.

— Nem me fale. Ei, que tal mais uma dessas? Eu mesmo posso pegar.

É claro que pode, Terri pensou.

— Claro, sirva-se.

— Obrigado. Foi um dia muito longo. Além do mais, nada melhor do que cerveja de graça.

Terri balançou a cabeça. Mais uma vez, não pôde entender como alguém como Gary gastaria uma fortuna em um anel se era tão sovina, e não resistia à oportunidade de embebedar-se às custas de alguém. No caso, às custas dela e de Rachel, pensou com raiva. Ainda assim, era necessário...

— Confesso que você realmente nos surpreendeu — continuou ela, determinada a prosseguir com o assunto do noivado. — Quem diria que você era tão bom em guardar segredos?

— Você não faz ideia — murmurou Gary, e Terri olhou-o com curiosidade, perguntando-se o que ele queria dizer com *aquilo*. —

Ah, está falando do noivado, não é? — perguntou logo, ajeitando o corpo na cadeira. — É, acho que sou bom em guardar segredos, e queria garantir que fosse uma surpresa para ela.

— Pois então, missão cumprida.

— Quanto aos preparativos para o casamento, isso é com Rachel. Além do mais, ela vai ter de se virar agora para fazer sua parte e pagar todo o resto. Eu já fiz a minha.

Terri se esforçou para manter o sorriso no rosto.

Um verdadeiro Romeu!

— Eu sei que fez. Aquele diamante deve ter acabado com as suas economias, ainda mais sendo da Tiffany.

— É, eu realmente não poupei despesas. Ela deve estar se sentindo muito sortuda com um anel que vale pelo menos... umas mil libras no dedo.

Só Gary mesmo para falar do preço do anel, Terri pensou, irritada com a deselegância dele; mas o valor que ele mencionou a chocou. Mil libras uma ova! Não por um diamante daquele tamanho e certamente não por um anel da Tiffany! O anel devia ter custado pelo menos vinte mil libras... Então ela parou, pensando que, se Gary soubesse o preço real daquela joia, ele não estaria se gabando em vez de tentar parecer modesto?

Imediatamente ela soube que havia alguma coisa errada. Gary estava escondendo algo, e ela não sabia se tinha a ver com o noivado ou com outra coisa, algo ainda maior. Mas o que quer que fosse, ela estava determinada a descobrir.

— Certo — disse, parando de varrer o chão e encostando o corpo na vassoura. — Meu dia também foi muito longo, acho que vou beber um pouco com você. Que tal uma dose de uma bebida mais forte?

Gary ergueu as sobrancelhas.

— Boa ideia.

Pôs a vassoura de lado, pegou na prateleira uma garrafa de uísque e dois copos, e serviu duas doses generosas.

— Saúde — disse sorrindo, engolindo tudo de uma vez, tentando não fazer careta.

Detestava uísque, mas havia uma razão por trás daquela loucura.

Gary engoliu a bebida de uma vez só também, e ela lhe serviu outra em seguida, vendo-o tropeçar ligeiramente ao encostar-se no bar.

— Agora sente e relaxe — insistiu ela. — A não ser que esteja com pressa.

— É claro que não — falou Gary, radiante. — Além do mais, eu nunca deixaria uma mulher bebendo sozinha em um sábado à noite.

Caramba, será que Gary estava flertando com ela? Terri sentiu um nó no estômago, dessa vez não por causa do uísque.

— Tenho de aplaudir sua decisão de se comprometer com Rachel. Nunca imaginei que você fosse homem de uma mulher só — sussurrou, resolvida a entrar no jogo. — Você e Rachel formam um casal tão bonito, tenho que admitir que fico um pouco enciumada. Eu adoraria ter um homem como você na minha vida.

Gary olhou-a, tentando em vão focalizar seu rosto, e ela tentou manter o sorriso e deixar o nojo de lado. Agora era Gary que se perguntava se *ela* estava flertando com *ele*. Quando Terri achou que ia cair na gargalhada, serviu-lhe mais uma dose, que ele bebeu rapidamente.

— Bom uísque! — elogiou Gary.

Sua expressão agora era de satisfação, um misto de lisonja e uísque que parecia correr direto para sua cabeça.

Terri serviu-lhe mais uma dose e lhe ofereceu mais uma cerveja para completar.

Gary sentou-se, sem equilíbrio.

— Sabe, gostei desse seu lado, Terri, gostei mesmo. Você é em geral tão... sei lá, tão séria o tempo todo.

— Bem, de vez em quando todo mundo precisa enlouquecer um pouco.

Ele deu um soluço, e suas palavras saíram ligeiramente arrastadas.

— Boa garota.

Ela serviu-lhe outra dose, e Gary olhou-a intrigado, como se fosse dizer alguma coisa.

— O que foi? — perguntou Terri.

— Eu estava pensando...

Bebeu todo o uísque, mas então pareceu perder o fio da meada.

— Pensando em quê?

— Ah, nada, na verdade.

— Não, vamos lá, pode dizer para mim.

— É aquele sujeito, Ethan, que fica ligando para ela... Ele está começando a me incomodar...

Terri fez uma pausa. Finalmente a conversa estava tomando um rumo.

— Verdade? Por quê? Está com ciúme?

— Nah! — exclamou ele, com uma gargalhada. — Por que eu teria ciúmes? Rachel é louca por mim.

— É claro que sim. Mas eu também andei me perguntando sobre isso. *Por que* ele fica ligando para Rachel?

— Não sei. Acho que se encantou por ela no hospital enquanto eu estava dopado.

— Entendi.

Terri ficou desapontada. Esperava que Gary fizesse uma grande revelação sobre Greene, explicasse por que ele insistia tanto em manter contato.

Será que Ethan Greene se encantara mesmo por Rachel em Nova York? Não pareceu ser o caso, embora, pensando bem, ele tenha ficado muito nervoso perto dela e preocupado demais com o paradeiro de Gary. Queria mesmo ver Gary ou será que estava com medo dele?

Não, havia outra coisa por trás daquilo tudo, Terri tinha certeza.

Mais uma vez, decidiu deixar o barco correr e esperar a hora certa para contar a Gary que naquele exato momento Rachel estava jantando com Ethan Greene.

— Está com receio de que Greene tente roubar Rachel de você, é isso?

Gary riu.

— Você deve estar brincando! Não, só não gosto de ver esse homem atrás dela, só isso.

— Eu imagino. É engraçado como essas coisas funcionam às vezes. Se Greene não tivesse aparecido naquela hora, quem sabe o que poderia ter acontecido? Na hora do acidente, quero dizer.

— É, quem sabe? — falou Gary, mastigando as palavras. — Em todo caso, funcionou bem para Rachel, com certeza.

Terri semicerrou os olhos. Sabia que estava a ponto de descobrir o que estava acontecendo.

— Como assim? É claro que funcionou bem, mas para vocês dois, não é?

Fingiu estar chocada e encorajou-o a falar.

Gary riu.

— Bem, para ser franco, não consigo me lembrar de muita coisa, só sei que se esse acidente não tivesse ocorrido, nós provavelmente não estaríamos noivos.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Terri, prendendo a respiração, mas ele pareceu não notar.

Gary sorriu e fez sinal para ela se aproximar.

— Posso te contar um segredo?

— É claro. Eu sou um túmulo.

Ele coçou a cabeça, fazendo Terri lembrar-se de um gorila que tinha visto recentemente durante um passeio com um de seus sobrinhos no zoológico de Dublin.

— Eu não sei de onde veio esse anel.

— O quê? Como assim?

Seus olhos estavam embaçados.

— Como eu disse, não sei de onde ele veio. Apareceu no meio das minhas sacolas depois do acidente.

Terri piscou, confusa.

— Quer dizer que você não se lembra de ter comprado o anel na Tiffany?

— Não. Eu comprei uma coisa lá, sim, mas não foi aquele diamante.

A cabeça de Terri galopava como um cavalo de corrida.

— Calma aí, vamos recapitular. Você está me dizendo que comprou um presente na Tiffany mas quando voltou do hospital não era ele que estava na caixa?

— Acertou em cheio. Deve ter havido uma troca na loja — disse e levantou o copo. — Mas acabei me dando bem.

— Espere aí. Quer dizer que de alguma forma você acabou ficando com o anel que Rachel está usando agora?

— É.

— Mas, Gary, você não voltou à loja com o anel para dizer que tinha havido um engano? — interpelou Terri, pasma. — Nem pelo menos explicou a Rachel?

— Como eu podia explicar quando ela estava toda feliz? — disse ele, com um sorriso de satisfação. — De qualquer forma, na minha opinião, achado não é roubado.

— Mas...

Terri estava achando difícil entender tudo aquilo. Não era o que ela imaginara, mas fazia sentido.

— E o que você tinha comprado?

Ele deu de ombros.

— Só uma pulseira de berloques, achei que Rachel ia gostar. Não custou muito caro, e olhe só com o que eu acabei! — exclamou e sorriu de novo. — Não sei... Era tarde e eu ia voltando apressado para o hotel... e quando dei por mim estava numa cama de hospital.

Terri ficou em silêncio um instante, enquanto tentava destrinchar a história.

— Você foi atropelado no momento em que saiu da Tiffany?

Ela não sabia dos detalhes antes, mas agora tudo começava a fazer sentido, tudo estava se encaixando. O anel não era destinado a Rachel, nunca fora. O que significava...

De repente, Terri se lembrou dos olhos arregalados de Ethan Greene no almoço, quando Rachel mostrou-lhe o diamante magnífico.

Ah, caramba...

Tentou visualizar a cena. Dois homens fazendo compras na véspera de Natal, ambos carregados de pacotes. Um é atropelado por um táxi e o outro vai ajudar, e, de alguma forma, as sacolas da Tiffany são trocadas.

Não dava para acreditar. Pobre Ethan Greene. Devia ter quase morrido quando percebeu que seu caríssimo anel de diamante se extraviara, e que, pior ainda, ele mesmo tinha acabado com uma bonita mas simples pulseira de berloques.

Pobre Rachel também. Aquilo sim era piorar a situação: Gary tinha tão pouca consideração por ela que estava disposto a fingir que o anel era seu e a pedi-la em casamento por um capricho aleatório.

— Eu não compreendo. O anel não é seu, então como você pôde usá-lo para pedir Rachel em casamento?

— O que eu podia fazer, Terri? Acredite, fiquei chocado quando vi o que estava dentro da caixinha, mas não podia explicar para Rachel quando ela tinha ficado toda encantada com a coisa, não é? Além do mais, no final tudo deu certo, não deu? Rachel está feliz. Tudo bem, não estava exatamente planejado, mas... fazer o quê?

Terri estava tão enojada que teve vontade de vomitar. Pensar que Gary podia seguir despreocupadamente com uma coisa tão terrível...

— Gary — começou ela, decidida a expor a situação, pois estava claro que ele não era inteligente o suficiente para somar dois e dois.

— Você já pensou que *talvez* Ethan Greene ande perseguindo vocês, como você diz, não porque está encantado com Rachel, mas porque o anel na verdade é dele?

Ele pareceu completamente desnortado, e Terri percebeu que aquela ideia nunca lhe passara pela cabeça.

— Ahn? Mas como pode ser? A sacola era minha.

Mas ela notou uma certa suspeita em seu olhar agora que o assunto fora levantado.

— É, mas talvez ele também tivesse uma sacola da Tiffany, que foi trocada pela sua quando ele te deu assistência na hora do acidente.

Gary deu de ombros.

— Não, acho que não. De qualquer forma não é minha culpa se esse sujeito não sabe cuidar das próprias coisas.

As palavras dele saíam cada vez mais arrastadas, e Terri viu que não adiantava tentar convencê-lo de nada àquela altura. Será que se lembraria daquela conversa no dia seguinte?

Apesar da conduta vergonhosa em relação a Ethan Greene, Terri precisava saber agora quais eram suas verdadeiras intenções em relação à sua melhor amiga.

— Então esse noivado só aconteceu porque o anel apareceu na sua mão por acaso? Você não tinha planejado nada disso?

— Não, mas não me importo de levar isso adiante. Rachel é boa gente, atraente, divertida e boa de cama — acrescentou, e Terri teve de se conter para não estrangulá-lo.

Àquela altura, Gary se esquecera de com quem estava falando, e devia ser assim que falava com os “rapazes” sobre Rachel.

Terri estava tão irritada que mal podia pensar. Não sabia mais o que dizer. Gary era ainda mais simplório do que ela imaginara.

Gary então deitou a cabeça na mesa, fechou os olhos, balbuciou alguma coisa como “eu bem que me acostumaria com essas coisas de graça: cerveja, diamantes...”, e deu um sonoro ronco.

Terri esperou um instante para ter certeza de que ele estava apagado antes de começar a pensar no que fazer a seguir. Sua vontade era dar uma cacetada na cabeça de Gary, de tão chocada que estava com toda aquela história.

Embora suspeitasse desde o início que havia alguma coisa errada, nunca imaginara que pudesse ser aquilo. Devia contar a Rachel? Dizer à amiga que seu suposto noivado de conto de fadas era uma completa farsa, que só acontecera porque Gary se aproveitara de um erro? Tinha de contar, não é? Mas, pensando bem, Ethan Greene decerto estaria fazendo isso naquele exato momento.

Ao tentar imaginar a conversa, teve pena do pobre sujeito. Por que ele devia sofrer as consequências de tudo, quando o idiota do Gary era o único culpado?

Olhou de novo para o amor da vida de Rachel, roncando embriagado. Esperava que ele tivesse uma ressaca e tanto na manhã seguinte e ficasse profundamente envergonhado e culpado pelo que acabara de contar. Mas será que se lembraria?

Balançou a cabeça. Pobre Rachel com seus grandes sonhos sobre tradições. Casando-se com um crápula como Gary, que tipo de tradição poderia esperar?

CAPÍTULO 24

Gary ouviu alguém chamando seu nome. Estava em um lugar escuro, e algo frio e duro pressionava seu rosto, mas não conseguia deduzir o que era.

— Ah, mãe, dá um tempo...

— Gary, acorde.

Era isso, ouviu seu nome de novo. Por que não conseguia abrir os olhos? As pálpebras pareciam coladas. Aos poucos foi voltando à consciência, e a primeira coisa que notou foi uma dor aguda na cabeça, como se ela estivesse presa em um torno. Por que a cabeça doía tanto? E mais uma vez, onde ele estava?

— Gary, vamos, acorde!

Sentiu uma batida insistente no ombro e percebeu, com dificuldade, que conhecia aquela voz.

Finalmente foi capaz de abrir um olho, depois o outro. À sua frente estava Rachel. Sua noiva, lembrou. Ela não parecia nada feliz. Perguntou-se por quê.

— Gary — repetiu ela, sacudindo-o pelo ombro. — O que está fazendo aqui?

Era mais uma reclamação do que uma pergunta.

Ele ainda não dera uma palavra, tentava concentrar-se nas coisas à sua volta. Viu uma garrafa de uísque na sua frente e dois copos. Sua cabeça parecia estar pousada sobre uma mesa de madeira escura, e ele estava sentado em uma cadeira. Não era apenas a cabeça que doía, mas cada parte do seu corpo. Só podia imaginar que estava dolorido assim por ter dormido praticamente sentado a noite toda.

— Oi, gata — murmurou, tentando levantar a cabeça da mesa.

As narinas de Rachel se abriram, e ela semicerrou os olhos. Ele tentou se lembrar da última vez em que a vira com raiva e percebeu que não tinha uma só lembrança disso. É claro que às vezes se irritava com uma coisa ou outra no bistrô, mas sua raiva nunca fora dirigida a ele.

— Que diabo você está fazendo aqui? — perguntou ela de novo.

Uma boa pergunta, disse a si mesmo, o que ele *estava* fazendo lá? Tentou pensar na noite anterior. Lembrou-se de ter tomado um táxi em Wicklow com Sean e chegado no bistrô para ver Rachel, mas ela não estava lá. Porém, Terri estava e tinha lhe dado mais bebida. Sobretudo, ela fora *legal* com ele; convidara-o para tomar uma cerveja, e qual homem recusaria uma cerveja de graça?

Foi estranho, porque Terri nunca conversava com ele de verdade, e ele sempre achava que não gostava dele, mas na noite passada... será que ela tinha *flertado* com ele? Tentou desesperadamente se lembrar. Parecia que sim. Em todo caso, fora mais do que simpática. Fez um grande esforço para se lembrar do resto. Havia alguma coisa importante que não lhe vinha à cabeça. Os dois haviam tomado doses de uísque; lembrou-se de ter ficado surpreso quando ela pegou a garrafa. Havia bebido duas doses — não, muito mais que duas. Ela não parava de encher seu copo.

E de fazer perguntas.

Na hora, ele não tinha estranhado. Afinal, ela parecia apenas estar com ciúme porque Rachel ia se casar. Nunca tinha notado isso, mas talvez Terri estivesse interessada nele também.

Então Gary começou a suar frio, quando a parte mais importante da conversa lhe voltou à mente de uma só vez. Ele contara a Terri que tinha comprado uma pulseira e terminado com um anel. Contara *toda* a maldita história. Era imaginação sua ou Terri tinha uma teoria qualquer sobre como tudo tinha acontecido? Era alguma coisa a ver com aquele tal de Greene.

Jesus Cristo...

Ele se perguntou se Terri já tinha contado a Rachel sobre o engano. Se tivesse, isso certamente explicaria por que ela parecia tão zangada com ele agora. Esperava profundamente não ter feito nenhuma outra confissão.

— E então? Não vai responder?

Gary voltou à realidade, percebendo que ele ainda não tinha dito nada à Rachel e que ela estava batendo com o pé no chão. Levantou os olhos, imaginando se teria presença de espírito para se safar daquela.

— Bom...

Ele não sabia se devia explicar por que estava ali ou por que tinha feito o pedido de casamento com um anel de noivado que não lhe pertencia.

— Por que está dormindo em uma mesa do restaurante? — indagou Rachel mais uma vez, e ele suspirou aliviado.

— Que horas são? — perguntou, ainda grogue.

Lá fora começava a clarear. Será que tinha passado a noite toda ali?

— São sete horas da manhã. E você ainda não respondeu minha pergunta.

— Vim procurar você aqui na noite passada.

Alguma coisa passou rapidamente pela expressão de Rachel. Gary percebeu e ficou curioso. Seria culpa? Se fosse, talvez ele conseguisse virar o jogo.

— Mas como você não estava, fiquei conversando um pouco com Terri e tomamos um drinque — disse, achando que se insistisse nesse aspecto talvez ela se distraísse, talvez até ficasse com ciúme.

— Tomamos umas duas doses de uísque e...

— Parece que foram muito mais do que duas doses — falou ela, incrédula.

Gary piscou. Não sabia mais se ela estava zangada por ele ter bebido com Terri ou por ter dormido no bistrô. Então decidiu chutar.

— Qual é, gata, não precisa ficar com ciúme.

— Ah, por favor. Não estou com ciúme de Terri, só quero saber por que você dormiu a noite toda no meu restaurante.

Ok, ela não estava com ciúme. Gary mudou de tática.

— Não foi minha culpa. Terri me embebedou e me largou aqui, pode colocar a culpa nela.

Se ele pusesse a maior parte da culpa em Terri, Rachel talvez descontasse a raiva nela.

Mas Rachel revirou os olhos e suspirou.

— Gary, qual é! Achei que você fosse adulto. Terri não tem culpa de você ter ficado bêbado. Você mesmo disse que tinha passado o dia inteiro bebendo. Além do mais, como ela podia levantar você dessa cadeira? E com certeza não ia querer te levar lá para cima — contestou e pôs as mãos nos quadris. — Mas agora preciso abrir o bistrô e você não pode ficar aqui, com essa aparência e esse cheiro. Não seria bom para a reputação do bistrô. Então vá embora.

Ela o estava realmente expulsando? Não podia ao menos lhe oferecer um café para ajudá-lo a acordar primeiro? Ou alguma coisa para comer enquanto não abria o bistrô? O que ela tinha?

Quando ia abrir a boca para fazer essas perguntas, Rachel levantou a mão.

— Por favor, Gary, vá andando. Não tenho tempo para isso agora. Já passa das sete horas e tenho muita coisa para fazer. Saia pela porta dos fundos.

Agora ela o estava forçando a sair pelos fundos, como se tivesse vergonha dele? Que diabo?

Balançando a cabeça, irritada, Rachel começou a limpar ao redor dele, recolhendo os copos sujos e colocando a garrafa de uísque de volta na prateleira. Gary ficou sentado ali, confuso e sem saber o que dizer. Ela nunca tinha agido assim com ele, normalmente ficava toda encantada com a sua presença.

Entrou em pânico ao pensar que Terri talvez tivesse lhe contado a verdade sobre o noivado deles; mas Rachel não estava dizendo nada, esperando que ele adivinhasse por que ela estava tão brava, como as mulheres muitas vezes fazem. Olhou para sua mão esquerda e viu que o anel de diamante, graças a Deus, continuava ali. Respirou aliviado. Certo, não era esse o problema. Que bom. Pelo menos ele não teria de enfrentar tudo isso agora.

Rachel chegou junto da mesa, fazendo gestos para ele se levantar.

— Vamos, vamos. O que está esperando?

Conduziu-o até a porta que levava à cozinha e depois até a entrada de serviço. Quando ele ia saindo, virou-se e tentou usar seu sorriso mais charmoso.

— Não vou ganhar um beijo de despedida?

Rachel fez uma expressão de nojo.

— Gary, você está fedendo. Vá embora, talvez eu fale com você mais tarde.

Empurrou-o para fora e fechou a porta.

Sozinho ali no beco, Gary cheirou sua camisa. Rachel tinha razão, ele estava fedendo. Sentiu um desconforto crescente, como um nó no estômago. Queria lembrar mais da noite anterior, saber o que tinha dito para Terri ou, mais importante ainda, o que não tinha dito. Acreditava que não havia ficado tão bêbado a ponto de soltar a língua por completo e dar um tiro no próprio pé, não nesse grau. Mas quem sabe? Uma coisa era certa, não tinha gostado de ver Rachel zangada com ele. Em geral ela ficava encantada quando o encontrava, e feliz de estar com ele. Devia tentar se redimir com ela? Comprar umas flores ou outra coisa qualquer?

Foi andando até a fachada do prédio, olhou para dentro do bistrô pela janela e viu Rachel ajeitando as mesas, preparando tudo para o dia de trabalho. Esperou que ela olhasse na sua direção, mas ela não olhou. Era como se o ignorasse propositalmente.

Saiu para a rua à procura de um táxi que o levasse para casa. Tomara que conseguisse chegar lá sem vomitar.

Quando um táxi parou, ele entrou e tentou livrar-se da preocupação que começava a incomodá-lo seriamente. Não tanto por Rachel estar zangada com ele; muitas mulheres tinham se zangado com ele ao longo dos anos.

Mas se ela estava tão brava porque o encontrara apagado em cima da mesa, como ficaria se Terri lhe contasse a verdade sobre o anel?

CAPÍTULO 25

Rachel quase podia sentir o olhar de Gary nela do outro lado da janela.

Sabia que ele estava olhando, mas já decidira ignorar. Tinha a sensação de estar prendendo a respiração até ele ir embora. Nunca o tratara assim antes; nunca o manipulara nem ficara brava com ele. Era uma sensação completamente nova.

Sentia-se meio esquisita naquela manhã, e tentou se convencer de que a sensação se devia apenas ao fato de ter encontrado seu noivo apagado depois de uma noite de bebedeira.

Porém, por mais que tentasse se convencer disso, uma vozinha dentro dela dizia que era outra coisa. Seus sentimentos por Gary estavam diferentes, e era assustador pensar que isso talvez estivesse ligado ao jantar da noite passada com Ethan.

Ethan era tão diferente de Gary, tão caloroso e fácil de conversar. Na noite anterior, ambos se estenderam por um longo tempo após terminarem a comida, conversando por séculos durante o café. Rachel ainda não podia acreditar que tinha se aberto para ele a respeito de seu desejo de ter uma família e criar tradições de verdade. Estava certa de que ele a consideraria uma maluca, mas ele pareceu compreender perfeitamente o que ela queria dizer. Afinal, tinha a mesma aspiração com relação à sua futura noiva.

Mesmo sem querer, ficou imaginando que tipo de pessoa Vanessa seria. Sem dúvida inteligente, estilosa e muito bonita, pois o próprio Ethan era um homem extremamente bonito. Também era simpático, cortês e muito educado, tanto que, depois do jantar, insistira em acompanhar Rachel até o táxi.

Rachel pegou um pano molhado e limpou a parte da mesa onde Gary ficara babando a noite toda. Era um contraste e tanto...

Foi à cozinha para começar a fazer os pães e as massas para o café da manhã e lembrou-se do tema do livro de Ethan. Que saco! Independentemente do que ela fizesse naquela manhã, seus pensamentos voltavam para ele. O que estava acontecendo com ela?

Sentiu-se inquieta, por alguma razão. Não era por causa do jantar com Ethan, longe disso. Na verdade, aquela era a primeira vez em muito tempo que um homem mostrava real interesse por ela e pela sua vida. Ethan lhe fizera perguntas e ouvira as respostas pacientemente. Queria saber tudo sobre sua vida e seu trabalho, até mesmo seus sonhos, e pela primeira vez ela não tivera dificuldade em compartilhar essas coisas.

Isso não queria dizer que não compartilhava com Gary, mas era diferente. O relacionamento deles era excitante, de extremos. Ele a fazia rir, mesmo quando estava sendo ridículo, e normalmente ela gostava de nunca saber o que ele ia falar ou fazer em seguida. Mas pensou outra vez no que Ethan tinha lhe dito na noite anterior, que ela devia compartilhar esperanças e sonhos com seu noivo, e percebeu que nunca chegara a fazer isso. Claro, isso se devia sobretudo ao fato de seu noivo ser um típico machão e não ter interesse naquele tipo de papo. E em geral ela gostava disso.

Mas ao se lembrar agora de alguns dos sacrifícios que tinha feito, sua mente pareceu se concentrar claramente nas estranhezas que ignorara antes: a recusa de Gary de comer em alguns dos seus restaurantes preferidos porque eram "chiques demais e nunca te alimentavam direito"; o fato de que ele raramente elogiava sua aparência; de que com frequência não notava os favores que ela lhe fazia; o tempo que levava para apresentá-la à sua mãe...

Ficou quase surpresa ao perceber tudo isso. Então Gary não tinha consideração por ela?

Sua cabeça dizia que não, mas lá no fundo seu coração parecia sentir o oposto. Decerto essa falta de consideração não era intencional; era uma falta de noção, mais do que qualquer outra coisa.

Suspirou e começou a refletir sobre si própria. Talvez o problema não fosse Gary, mas ela. Seria tão superficial que, logo que outro

homem lhe dava atenção, ela começava a perceber as falhas do seu companheiro?

Não, não era esse o caso, disse a si mesma. De qualquer maneira, e além do fato de já estar comprometido, Ethan não fazia seu tipo.

Na verdade, fugia completamente dos seus parâmetros em matéria de homens. Ela preferia os tipos fortes, musculosos e altamente imprevisíveis, e não homens estáveis, francos e abertos como Ethan parecia ser. O tipo que Terri dizia sempre que não existia mais.

Ao pensar na noite anterior, sentiu-se um pouco culpada por, depois de se despedir de Ethan e pegar um táxi, só ter se lembrado de Gary quando foi para a cama. Só então se deu conta de que não tivera notícia dele a noite inteira.

Rachel franziu a testa. Nunca teria imaginado que seu amado estaria ali, caído de bêbado, dormindo no bistrô. O que tinha ido fazer ali e por que não lhe telefonara? Mas sentiu-se envergonhada ao lembrar-se de que ela tampouco lhe telefonara ou avisara que estava jantando com outro homem. Que diabo, quem era ela para falar em falta de consideração?

Naquele momento, ouviu o barulho de chaves chacoalhando lá fora, anunciando a chegada de Terri, que vinha do seu apartamento no andar de cima.

— Bom dia! — saudou Rachel a Terri com um sorriso. — Como *você* está se sentindo hoje?

Considerando o estado lastimável de Gary, achou que sua amiga também estaria com uma baita ressaca, mas ela parecia bem acordada e lépida.

Na verdade, Rachel percebeu, Terri parecia muito alerta.

— Estou bem. Por que a pergunta? — respondeu sorrindo.

Rachel levantou a sobrancelha.

— Bem, como *você* e meu querido noivo ficaram acordados até tarde, achei que *você* estaria um trapo.

Terri balançou a cabeça.

— Não. Eu sei me controlar. Mas imagino que Sua Senhoria ainda estava aqui hoje quando *você* chegou, não é?

Rachel fez que sim e revirou os olhos.

— E *eu* imagino que você tenha tido de cuidar dele na noite passada. Sinto muito.

— Tudo bem — disse Terri e tirou o casaco felpudo, vestiu a roupa branca de chef e olhou fixo para Rachel. — E você? Sua noite foi boa?

— Sim, foi ótima, na verdade. Ethan é um cara tão legal, foi mesmo muito agradável.

— Entendi — disse, ainda a encarando com ar estranho.

Rachel achou por um instante que os pensamentos que tivera minutos antes estavam estampados no seu rosto.

— Quer dizer, foi uma pena Gary não ter ido também... Aliás, o que ele estava fazendo aqui? Espero sinceramente que não tenho voltado de Wicklow dirigindo a moto.

— É... quer dizer, não, ele e Sean pegaram um táxi.

Ela parecia um tanto distraída, pensou Rachel.

— Estou com a impressão de que ele ficou aqui mais tempo do que devia na noite passada, desculpe.

Terri deu de ombros.

— Gary já estava meio bêbado quando chegou, e depois de beber mais caiu no sono e eu não consegui tirá-lo da mesa.

Rachel sentiu de novo uma repulsa estranha pelo comportamento grosseiro do seu noivo.

— Desculpe mais uma vez. Tenho certeza de que Gary aparecer do nada depois de uma noite agitada era a última coisa de que você precisava.

— Não importa. Na verdade, nós tivemos oportunidade de conversar um pouco.

— Sobre o quê? — perguntou Rachel, perplexa, pois Gary e Terri raramente “conversavam”.

Mais uma vez, percebeu um ar estranho no rosto da amiga, mas Rachel não imaginava o que fosse.

— Nada em especial, falamos só banalidades. Agora conte mais sobre sua noite. De que você e Ethan Greene falaram?

— O de sempre. Ele disse que está fazendo pesquisa para um livro seu sobre pão. Dá para acreditar? — disse Rachel com um sorriso. — E falou também sobre Daisy, sua filha, e sobre a noiva, é claro.

Terri parou abruptamente a caminho da geladeira.

— Noiva? Quer dizer que ele também está noivo?

— Ainda não, mas aparentemente está querendo pedi-la em casamento em breve. Você tinha razão quando disse que ele parecia comprometido.

— Certo — falou Terri, parecendo muito concentrada em algo. — Ela estava com ele em Nova York?

— A namorada? Não tenho certeza. Creio que sim. A filhinha estava. Aliás, me lembre de separar uns doze biscoitos que vão ser feitos hoje, está bem? De preferência os de chocolate. Prometi a Daisy que lhe mandaria uma fornada como agradecimento por ela ter cuidado das sacolas de Gary. Ethan vai passar aqui para buscá-los antes de ir para o aeroporto hoje à tarde.

Terri parou o que estava fazendo.

— A filha dele cuidou das sacolas de Gary?

— Foi o que Ethan disse. Caramba, olha o relógio, já são quase oito horas. É melhor pararmos de papear e preparar o café da manhã.

— É — concordou Terri. — O tempo voa quando a gente está se divertindo. Não sei quanto a você, mas eu fui dormir tarde ontem, por causa do seu noivo.

— Eu também.

— O quê? Você chegou tarde em casa também?

— Era quase uma da manhã quando terminamos de jantar.

Terri arregalou os olhos.

— Uau, a conversa devia estar boa mesmo.

— Muito boa. Ele é um cara encantador e é fácil conversar com ele, nós nem vimos o tempo passar.

— Porque estavam muito ocupados conversando.

Sem querer, Rachel enrubesceu, e Terri notou.

— Ah, meu Deus, você está corando.

— Não estou, não.

— Está, sim! O que aconteceu na noite passada? O que Ethan Greene te disse?

— Do que você está falando? — interpelou Rachel, balançando a cabeça, mortificada. — Não aconteceu nada. Foi apenas uma noite

divertida. Jesus, Terri, eu mal conheço o cara. Além do mais, caso você tenha se esquecido, eu estou noiva de Gary.

— Sei... Mas Gary não tinha a menor ideia que você estava jantando com outro homem.

— Sinceramente, não foi nada disso — insistiu Rachel, mas não pôde escapar do olhar indagador de Terri.

— Olha, Rachel, não tem problema nenhum. Não estou te criticando, e você não precisa se culpar. Ethan parece ser um homem encantador, e fico feliz de saber que você se divertiu. E para sua informação, eu não disse a Gary onde você estava — acrescentou num tom bastante sincero, e Rachel a encarou.

Por que ela falava como se a estivesse ajudando a esconder alguma coisa? Não havia nada a esconder. Ethan era um ótimo sujeito, mas estava comprometido, e ela também. O fato é que eles tinham sido unidos por um acaso, e ela tinha uma dívida de gratidão com ele por ter salvo a vida de Gary em Nova York.

Tinham rido bastante na véspera, trocado histórias e apreciado a companhia um do outro, mas fora só isso.

Fim de papo.

CAPÍTULO 26

Terri sentiu-se como uma gata em teto de zinco quente. Não podia acreditar que naquela manhã, em vez de estar chorando pela mentira de Gary, Rachel estava se lembrando da ótima noite que passara com Ethan Greene.

Sorriu com a ironia da coisa e, embora detestasse a ideia de ver sua amiga envergonhada e humilhada, gostou de saber que depois de uma noite agradável com Ethan, na manhã seguinte ela encontrou seu noivo errante desmaiado e bêbado, babando na mesa no bistrô.

Com a revelação de Gary na noite passada, não havia dúvida de que Rachel estava sendo enganada, mas nem mesmo Terri imaginaria que aquele sujeito pudesse vir a ser punido de forma tão diferente e inesperada. Pensou mais uma vez no que Gary lhe dissera, em como ele pedira Rachel em casamento com um anel destinado a outra pessoa. E pensou na fortuna que Ethan devia ter gastado com o anel, o que levou a outras conjecturas.

Qual era o jogo de Ethan? Era óbvio que ele não contara a Rachel na noite passada sobre toda a confusão, pois ela ainda estava usando o anel e não fazia ideia do que acontecera.

O que ele estava esperando? Afinal de contas, devia ter percebido a troca das sacolas pouco depois de ela ter ocorrido. Lembrou dos seus telefonemas nervosos e da sua aparição súbita no bistrô no dia anterior.

É claro que tinha vindo buscar o anel, então por que não dissera nada? Sobretudo visto que o engano lhe custara caro sob vários aspectos. Segundo Rachel, ele pensava em pedir a namorada em casamento, mas seu plano devia ter ido por água abaixo quando vira na sacola de presente a pulseira de berloques. Que azar! Pensar que

o pobre homem tinha parado para ajudar um sujeito como Gary Knowles e acabara se dando mal de um modo tão horroroso.

Ainda não podia acreditar que Gary não compreendesse a verdadeira razão da troca de sacolas e que continuasse a pensar que fora por um golpe de sorte que o anel de diamante, que valia uma fortuna, viera parar na sua mão. A ponto de pedir Rachel em casamento, embora não tivesse planejado isso antes.

Mas por que Ethan não confessara tudo para Rachel? Devia estar muito ansioso para pegar o anel de volta, então por que a demora?

Pensou na expressão satisfeita no rosto da amiga naquela manhã. Seria possível que eles tivessem se encantado um pelo outro durante o jantar, e por isso Ethan não quisesse magoar Rachel?

Certo, era pouco provável, mas qualquer um que conhecesse Rachel sabia que ela era uma alma romântica, que não merecia ser magoada de forma alguma.

Só podia ser isso. Ethan não tivera coragem de contar a verdade, e Terri tinha de admitir que sabia o que era isso. Com as novas descobertas que fizera, também relutava em tocar no assunto, especialmente porque era tudo culpa do idiota do Gary; ele não podia ter deixado a situação chegar àquele ponto.

Será que devia tentar entrar em contato com Ethan de alguma forma, deixando entender que sabia do ocorrido, e dizer que o ajudaria no que fosse possível?

Mas era um território delicado, até mesmo porque ela mal conhecia o sujeito e não fazia ideia da razão por trás do seu silêncio a respeito de tudo.

Continuou com sua rotina matinal, mas sua cabeça estava longe dali. Era como se da noite para o dia ela tivesse se transformado em cupido, tentando desesperadamente orquestrar um triângulo amoroso muito estranho e complexo... ou talvez um quadrado amoroso, ela pensou, já que a namorada de Ethan também fazia parte do jogo.

O que quer que fosse, a situação envolvia um diamante muito grande e muito caro, digno da própria Audrey Hepburn.

* * *

— Você teve notícias do papai hoje? A que horas ele chega? — perguntou Daisy.

Vanessa franziu a testa automaticamente, mas logo suavizou sua expressão. Depois da discussão do dia anterior, não queria parecer impaciente diante de Daisy outra vez, mas tinha de admitir que estava para lá de nervosa e muito agitada.

Era quase meio-dia, e Ethan não telefonava desde a véspera.

Ela achou que ele ligaria, senão no final da noite, pelo menos de manhã cedo, para falar do andamento da sua “pesquisa”. Mas não ligou.

Tentara telefonar para ele, mas a chamada caíra direto na caixa postal. Sabia que seu celular estava funcionando perfeitamente na Irlanda, então por que ele não atendia nem retornava suas chamadas?

— Não sei bem, querida. Ele não ligou ainda.

Daisy deu um sorriso débil, e Vanessa percebeu que ela ainda estava chateada por ter revelado o segredo. Passara a maior parte do dia anterior em silêncio, fechada no quarto, e só se dirigira a Vanessa brevemente na hora do jantar e no café da manhã de hoje.

— Você vai contar para o papai que eu falei da surpresa?

— É claro que não, querida — disse Vanessa depressa. — Afinal, você não chegou a dizer muita coisa, não é?

Aquela era a parte mais frustrante. Quando Daisy dissera sem querer algo sobre um anel, Vanessa ficara tão curiosa que tentara arrancar mais informações dela!

Sua imaginação estava a mil, queria desesperadamente saber quais eram os planos de Ethan. Mas considerando o pouco que Daisy falara, tinha quase certeza de que a suposta pesquisa era um disfarce para outra coisa: ou seja, uma espécie de plano complexo para pedi-la em casamento. Se havia um anel envolvido, pensou, muito animada, tinha de ser isso, não é?

Não sabia bem onde aquela tal de Rachel se encaixava na história, se é que se encaixava (talvez fosse uma cerimonialista, quem

sabe?), mas conhecendo Ethan bem como conhecia, ele decerto fora a Dublin para visitar seus pais e lhes pedir a mão dela em casamento oficialmente.

Ethan era muito tradicional, seria *exatamente* o tipo de coisa que ele faria, e ela teve de resistir arduamente à tentação de ligar para sua mãe e perguntar se ele tinha entrado em contato. Não queria que Ethan soubesse que ela estava a par das coisas, nem queria ficar com cara de tacho se sua suspeita fosse infundada.

Mas no telefonema da véspera, quando Ethan falara em visitar propriedades rurais na Irlanda, ela tivera quase certeza de que ele estava procurando um local para a festa de casamento, embora tivesse preferido ser incluída nisso.

Ainda assim, se todos os subterfúgios resultassem em um pedido de casamento, Vanessa podia deixar passar essas coisas. Queria se casar com Ethan. Soube desde o início que ele era o partido ideal: maduro, respeitado e talentoso. Mais importante ainda: com Daisy, eles se tornariam uma família completa.

Então, como se tivesse sido combinado, o telefone tocou.

— Deve ser ele agora — disse para Daisy.

Esperava descobrir em breve tudo o que precisava saber.

Vanessa abriu a aba do celular.

— Oi, querido, como você está?

— Oi — disse Ethan.

Seria imaginação sua ou ele parecia um pouco... distante?

— Está se divertindo por aí? Como vai sua pesquisa?

— Bem... Estou fazendo o máximo que posso nesse curto espaço de tempo.

— Eu imagino. Estou louca para ouvir tudo o que você tem para contar. Parece um projeto muito interessante.

— É claro que está ainda num estágio inicial — observou ele.

Vanessa se calou, algo desapontada. Que droga, o que *isso* queria dizer? Não conseguiria esperar muito mais, aquele suspense a estava matando.

— Na verdade — continuou Ethan —, talvez eu tenha de reconsiderar toda a ideia do livro.

— Por que faria isso? — perguntou ela. — Especialmente depois de ter todo esse trabalho... de viajar até Dublin?

— Digamos que a primeira ideia que tive não correu conforme o planejado, então talvez eu precise arranjar outra.

A primeira ideia? Será que ele não avisara aos seus pais que ia visitá-los e quando chegou na casa deles não encontrou ninguém...?

— Verdade? Por que sua primeira ideia não funcionou? — perguntou.

— Bem, estou achando que talvez algumas pessoas fiquem chateadas com o final.

Ela franziu a testa. O que ele queria dizer com aquilo?

— Que final?

— O final da história, é claro. Não quero contrariar o leitor.

Vanessa meneou a cabeça. Que conversa mais bizarra!

— Não quer contrariar o *leitor*?

— É.

Se por acaso seu pai tivesse dito ou feito alguma bobagem, ela o *esganaria*.

— Haverá sempre críticas, Ethan. Você não pode agradar a todos.

— Eu sei.

— Talvez você devesse se preocupar menos com o que os leitores vão pensar do final e garantir que eu e você fiquemos satisfeitos com o final.

— Como eu disse, o livro está na fase inicial, acho que não estou pronto para deixar você ler.

Droga. Agora os pensamentos de Vanessa estavam totalmente confusos. Que diabo ele estaria tentando dizer?

— Sei, e como nós ficamos nesse meio-tempo? — perguntou, se esquecendo por um instante de que deviam estar falando em código.

Mas Ethan não podia saber, é claro.

— Como assim? — perguntou ele, e ela sentiu um pânico na sua voz.

Deliberadamente, suavizou seu tom.

— Espero que você me deixe ler um dia.

— É claro que vou deixar. Mas o livro está uma bagunça por enquanto, só isso.

— Entendi.

Vanessa sentiu um aperto no coração. Parecia não haver nenhum plano no futuro próximo em termos de anel, pedido de casamento ou qualquer outra coisa. Será que Daisy entendera mal a situação? Ou ela mesma não entendera absolutamente nada?

Virou-se para olhar a filha de Ethan, que estava sentada quietinha à mesa do café da manhã.

— Nós estamos ansiosas para te ver. Quando você volta?

— Meu avião sai às sete da noite. Você e Daisy estão se divertindo?

— Estamos nos divertindo muito — disse ela, piscando com um olhar cúmplice para a menina. — Quer falar com Daisy?

Esperava que Ethan contasse para a filha o que estava acontecendo, e que Daisy lhe esclarecesse alguma coisa.

— Quero, se ela estiver por perto.

— Só um instante.

Entregou o celular para a menina, que o agarrou com ansiedade.

— Oi, pai. Estamos nos divertindo muito, sim. Não... não muito.

Vanessa viu a sombra de culpa estampada no rosto dela, e se deu conta de que Ethan devia ter perguntado sobre o segredo deles dois. Cerrou os punhos. O que estava acontecendo? Como podia fazer com que Daisy lhe contasse?

— Estou com saudade também. Até mais tarde, pai.

Ao terminar de falar, passou o celular para Vanessa.

— A que horas exatamente seu avião chega, Ethan? Podemos te buscar em Heathrow, se você quiser.

— Não, pode deixar. Não precisa. Eu posso pegar um táxi.

— Se você prefere assim...

— Prefiro. Agora preciso desligar. Tenho muita coisa a fazer hoje. Mais opções para explorar, como você bem pode imaginar.

Mas ela não imaginava, pensou, frustrada; aquele era em parte o problema.

— É claro. Aproveite bem o resto da viagem, e se eu puder te ajudar com alguma coisa, se houver alguma pesquisa que eu possa

fazer por aqui, é só dizer.

— Obrigado, mas até o fim do dia devo ter tudo sob controle — disse ele, num tom muito constrangido.

— É bom saber. Até mais tarde, querido.

Quando Vanessa desligou, perguntou-se quanto tempo mais conseguiria aguentar aquele suspense.

CAPÍTULO 27

Ethan sabia que devia ter aguentado o tranco e recuperado o anel com Rachel na noite passada, mas não conseguiu.

Era frouxo demais — ou burro demais. Devia estar num avião para Londres naquele momento; mas, em vez disso, estava voltando ao Stromboli para dar a última cartada e tentar terminar o serviço. Se conseguisse levar o anel de Vanessa de volta, valeria a pena.

— Ethan, olá de novo!

Antes que pudesse pensar mais no assunto, foi recebido com o radiante sorriso de Rachel. Na noite anterior ela devia ter ido dormir depois das duas da manhã, mas mesmo assim estava linda. Seus pensamentos a respeito de recuperar o anel sumiram quando olhou para ela, parado ali feito um bobo. Sentiu um embrulho no estômago; não sabia dizer exatamente o que era, mas sabia que aquilo não estava mais relacionado somente ao anel.

A verdade é que ainda estava muito aflito com as palavras de Jane que tinham vindo à sua mente na noite passada e com a relevância delas em relação ao que estava ocorrendo agora. Jane teria rido se pudesse ler seus pensamentos. Era ela que sempre acreditara no destino, no alinhamento do universo e em toda essa baboseira. Mas não era estranho que o destino o tivesse levado até aquela mulher desconhecida? Uma mulher que acabara inadvertidamente com um anel de noivado que lhe pertencia, e que era padeira de profissão.

Uma mulher que fizesse pão para ele...

E era ainda mais estranho que a desculpa aleatória para o tema do seu livro acabasse levando-o a relembrar as palavras da sua querida namorada.

Uma onda de pânico e confusão passou pelo seu corpo quando percebeu isso. Era ridículo, pensou. O que estava acontecendo com

ele?

— Dormiu bem ontem à noite? — perguntou Rachel, e Ethan se obrigou a voltar à realidade.

— Sim, muito bem, obrigado.

— E o que vai fazer hoje? Mais pesquisa para seu livro, imagino. Ele fez que sim, constrangido à menção de seu patético disfarce.

— O máximo que eu puder.

No início da manhã, enquanto estava no hotel, procurou no Google algumas informações básicas que deveria ter se estivesse escrevendo um livro sobre a história do pão em outras culturas. Agora podia não apenas citar centenas de tipos de pão no mundo todo, como também falar dos seus simbolismos, rituais e ingredientes, caso alguém lhe fizesse perguntas.

— Como eu disse na noite passada, se você precisar da minha ajuda nessa área, é só pedir.

Ele sorriu.

— Obrigado, é muita gentileza sua, e não vou me esquecer.

Houve um momento ligeiramente constrangedor com os dois parados ali no meio do bistrô, se olhando.

— Ah! — exclamou Rachel, como que se lembrando. — Veio comer aqui? Você deve estar com fome. Vou arranjar uma mesa.

— Não, obrigado, tomei um café da manhã reforçado no hotel hoje cedo — disse, com ar hesitante. — Só vim te agradecer pela noite adorável. Foi muita gentileza sua servir de acompanhante para mim num sábado à noite.

— Imagina. Eu me diverti muito.

— Eu também. Queria saber... será que você pode me dar o telefone do seu noivo? Eu gostaria de falar com ele hoje, se possível.

Seria sua imaginação ou uma sombra passara pelo rosto de Rachel à menção de Gary?

— Ethan, tenho de me desculpar mais uma vez em nome dele. Não sei o que tem dado em Gary ultimamente, mas não é justo que você tenha de correr atrás dele. A que horas vai voltar para Londres? Vou fazer com que ele te telefone durante o dia. Se não, esta noite com certeza — disse e contraiu os lábios. — Digamos que Gary não está... se sentindo bem, no momento.

— Entendi. Mas eu gostaria muito de poder telefonar para ele eu mesmo, caso ele se esqueça de novo.

Que maldição, será que não dava para ela passar logo o maldito número de telefone? Ter Rachel como pombo-correio estava ficando cansativo; por mais que gostasse de conversar com ela, isso não o estava levando a lugar algum.

— Pode ter certeza que não vou deixar que isso aconteça, mas em todo caso — disse Rachel e foi até o bar apanhar um caderninho —, aqui está o número do celular dele.

Escreveu num papel uma série de números, e Ethan teve vontade de gritar de alegria.

Finalmente conseguiria conversar com Knowles de homem para homem.

— Obrigado — agradeceu Ethan, depois guardou o papel na carteira com cuidado, como se fosse feito de ouro. — Mais uma vez, boa sorte para vocês dois com os planos de casamento.

Rachel olhou dentro dos olhos dele.

— Para vocês também. Não demore muito para agir. Você não vai querer que sua namorada se canse de esperar, não é? — acrescentou, rindo.

— Acredite, não vou demorar.

Quando ia apertar sua mão, ela deu um passo à frente e mais uma vez abraçou-o calorosamente. Ethan ficou quase tonto ao sentir o aroma do seu cabelo e o perfume de sua pele.

— Foi ótimo ver você de novo, Ethan. Por favor, dê notícias. Você tem meu número também e, como já disse, se precisar saber alguma coisa sobre pães...

Ele sorriu.

— Saberei exatamente a quem perguntar — brincou ele e olhou o relógio, relutando em ir embora. — Acho melhor eu ir andando. Tenho muito que fazer hoje.

— Sei como é. Os fins de semana são muito agitados por aqui.

Deu um sorriso, e ao passar a mão pelo cabelo, Ethan viu o diamante brilhar na luz.

— Adeus, Rachel — falou, e quando se virou para sair percebeu que, depois de ver como o anel ficava bem no dedo dela, estava

achando cada vez mais difícil imaginá-lo em Vanessa.

* * *

Passando pelas mesas, servindo os clientes, Terri observou com interesse o encontro entre Rachel e Ethan. Não estava bisbilhotando, só tentando “ouvir acidentalmente” o que eles diziam.

Quaisquer que fossem as palavras, a julgar pela expressão extasiada de Ethan e as risadas sedutoras de Rachel, não restava dúvida de que o jantar da noite anterior tivera um efeito e tanto sobre os dois.

E isso explicava até certo ponto por que Ethan não falara nada com Rachel sobre a troca das sacolas.

Se ele se comportava daquela maneira toda vez que Rachel sorria, como conseguiria contar a verdade sobre o anel? E como Rachel iria descobrir o tipo de homem que Gary era?

Terri mordeu o lábio. Não queria interferir na vida da amiga, mas era uma situação delicada. Conhecendo Rachel como conhecia, sabia que ela continuaria a planejar aquele casamento fajuto, enquanto seu noivo idiota deixava a coisa rolar por pura comodidade.

As duas tinham planejado sair em breve para comprar os vestidos do casamento, mas Terri não podia permitir que sua amiga gastasse mais nenhum centavo com um casamento que simplesmente não deveria acontecer.

Sendo assim, Ethan precisava acordar e explicar para Rachel de uma vez por todas a grande confusão ocorrida. Ele sabia de tudo, mas continuava hesitante. E que baboseira era aquela que dissera a Rachel, de que tinha vindo a Dublin fazer pesquisa para um livro? Esperava realmente que alguém acreditasse que estava fazendo pesquisa sobre *pão*?

Terri balançou a cabeça. Ela que era padeira não tinha interesse algum em ler sobre isso, então qual seria o mercado para esse tipo de livro? Que desculpa esfarrapada!

Tirou o chapéu de chef e sacudiu o cabelo. Estava claro que seria necessária uma interferência, decidiu, encaminhando-se para a porta da frente. E aparentemente ela era a única pessoa capaz de ajudar nesse processo. Se deixasse por conta de Ethan, a situação só se resolveria no próximo século.

Ethan já estava descendo a rua quando ela o alcançou.

— Ei, você — disse Terri num tom alegre, e ele virou-se, surpreso.

Só então ela notou que ele estava com o celular no ouvido e um papel na mão.

— Sim? — disse ele, guardando depressa o papel no bolso.

— Oi! Lembra de mim? De ontem?

— Sim, claro. Terri, não é? Mas quase não te reconheci sem o chapéu de chef escondendo seu cabelo. Um cabelo extraordinário — disse, quase que entredentes.

— Desculpe interromper, não percebi que você estava falando no celular.

— Não precisa se desculpar. Eu ia ligar para uma pessoa... em Londres — murmurou.

Devia ser a namorada, Terri pensou, imaginando se ela também sabia do problema com o anel. Provavelmente não, caso contrário teria vindo resgatá-lo, e sem dúvida arrancaria não só o anel como também a mão de Rachel! Se fosse Terri, ela sem dúvida faria isso. Não podia acreditar que aquele sujeito fosse tão frouxo que não conseguira resolver o problema ainda. Mas os ingleses às vezes eram assim, não eram? Muito educados, não gostavam de incomodar os outros. Características admiráveis, mas não quando um diamante daquele tamanho estava em jogo.

De qualquer modo, Terri estava convencida agora de que havia muito mais coisa envolvida do que apenas boa educação no que dizia respeito a Ethan. Ele e Rachel tinham se encantado um com o outro, e ele não queria magoá-la. Estava claro que tinha sentimentos extremamente conflitantes sobre o que devia e o que queria fazer. Terri estava impressionada; na sua experiência pessoal, era raro encontrar um homem — sem falar num desconhecido completo — que se preocupasse de fato com os sentimentos alheios; em geral eles ignoravam esses sentimentos para conseguir o que queriam. E é

claro que fora a consideração de Ethan pelo seu semelhante que o levara a toda aquela confusão para começo de conversa, não fora?

Então qual seria seu próximo passo?

— Entendi — disse Terri.

Ao contrário de Ethan, ela usava sempre de franqueza, e decidiu ir direto ao assunto; se não fizesse isso, nada seria resolvido.

— Posso falar com você um instante? — pediu ela, e Ethan olhou nervoso de um lado para outro.

— Comigo? — perguntou, perplexo, imaginando o que ela poderia querer com ele.

— Sim. Eu sei por que você está aqui.

Ethan olhou-a, desconfiado.

— Como assim?

— Sei que sua vinda a Dublin neste fim de semana não tem nada a ver com pesquisa para um livro.

Os olhos dele se arregalaram.

— Não tenho ideia do que você está dizendo.

Terri sorriu e meneou a cabeça.

— Que graça, mas seus grandes olhos azuis não vão funcionar comigo. Eu sei de tudo. Sei sobre o acidente em Nova York e sobre a confusão com o anel de noivado. Sei que você comprou um anel caríssimo na Tiffany, mas que sua namorada acabou ganhando uma pulseira de berloques.

Ethan ficou lívido.

— Como você pode...

— E também sei que você tem tentado dizer a verdade a Rachel, mas por alguma razão inventou essa história aleatória de pesquisa para um livro.

Por um instante pareceu que Ethan ia argumentar, mas ele não conseguiu encontrar as palavras certas.

Terri revirou os olhos.

— Um livro sobre a história do pão? Que emocionante! — exclamou, sentindo-se gratificada ao ver um ligeiro sorriso no rosto dele. — De qualquer forma, sei de tudo isso porque embebedei Gary na noite passada, e, como dizem, ele abriu o bico.

Ethan levantou a cabeça.

— Gary admitiu ter roubado o anel?

— Não exatamente. Vai por mim: Gary Knowles não está entre os primeiros alunos da turma. Aliás, é tão burro que a ideia de que o anel pudesse pertencer a outra pessoa nunca lhe passou pela cabeça.

Ethan arregalou ainda mais os olhos.

— Ele não sabia? De verdade? Confesso que isso me deixa um pouco aliviado. Pensei que ele estivesse me evitando de propósito.

— Não, tenho de dar esse crédito a ele; ele realmente não tinha a menor ideia.

— Mas então por que ele deu o anel para Rachel? — indagou Ethan, com os olhos azuis faiscando de irritação. — E por que pediu Rachel em casamento se é óbvio, pelo menos para mim, que não tinha nenhuma intenção de fazer isso?

— Como eu disse, Gary é um idiota. Do tipo que acredita que de cavalo dado não se olha os dentes.

— Mesmo assim, ele fez uma coisa horrível.

— Imagino que é por isso que você não tenha contado nada para Rachel? — perguntou com delicadeza. — Essa é a verdadeira razão da sua vinda a Dublin, não é? Ou era, pelo menos.

Ele concordou, e deu um suspiro profundo.

— acredite, eu tentei contar tudo para ela inúmeras vezes. Mas, por alguma razão, não consigo me forçar a isso. Seria horrível descobrir que o seu noivado não passa de um grande erro, e pelo que entendi *foi mesmo* um erro, não é? Gary nunca pensou em se casar com ela.

— Infelizmente para Rachel, não.

Terri ficou de novo comovida com a óbvia preocupação de Ethan por alguém que mal conhecia. Isso não acontecia com frequência nos dias de hoje. E por essa razão, talvez além de qualquer outra, quis ajudar Ethan Greene ainda mais.

— Enfim, eu achei que não era justo expor Rachel a isso, já que foi Gary Knowles que causou o problema — justificou-se Ethan, e ergueu o celular. — Eu ia ligar para ele agora, mas, para ser franco, não sabia bem o que esperar. Não posso acreditar que ele não

tivesse ideia do que aconteceu — disse e olhou para Terri. — De onde achou que o anel tinha vindo?

Ela revirou os olhos de novo.

— Quem sabe? Talvez da poderosa fada dos anéis — brincou e deu um risinho. — Mas o fato é que agora ele sabe, assim como eu. E o que nós vamos fazer?

Ethan olhou-a, surpreso.

— Nós?

— Sim. A verdade precisa vir à tona. Gary é um mentiroso e em última instância um ladrão, para falar com franqueza. E ao que parece acha que pode manipular Rachel completamente, e eu não vou assistir a esse absurdo de braços cruzados.

— Bem, eu não tenho nada a ver com isso.

— Ethan, por favor. Acho que você também não disse nada a Rachel por uma outra razão, mais pessoal, não é? — sugeriu ela gentilmente.

Ethan enrubesceu e baixou o olhar.

— Não tenho ideia... — respondeu ele.

— Não fique com vergonha, isso não me surpreende nem um pouco. Rachel é fantástica e acho maravilhoso que vocês dois tenham se dado tão bem.

Ao mesmo tempo, sentiu-se estranhamente decepcionada ao pensar que aquele homem adorável tinha se encantado pela sua amiga. Mas nenhum homem que a conhecia podia evitar isso...

Ethan pigarreou.

— Isso é tudo muito surreal. Eu só vim aqui pegar de volta o que me pertence, mas...

Terri sorriu gentilmente.

— Mas encontrou um pouco mais do que esperava?

Ethan ficou em silêncio de novo, perdido em seus pensamentos, e Terri imaginou a luta interna que ele estava travando. Talvez tivesse toda a intenção de pedir a namorada em casamento, mas estava inegavelmente interessado em Rachel.

— Olha, eu só não imaginei que fosse ficar nessa situação — admitiu, com ar desconcertado.

— Tenho certeza de que não, mas não é culpa sua. Você foi legal ajudando Gary, e ele devia ter sido honesto com Rachel a respeito do anel, mas Gary é um canalha.

— Ele admitiu mesmo tudo para você?

— Com todas as letras. Mas estava muito bêbado, e não sei nem se lembra de tudo o que me contou — disse com um sorriso maldoso. — Deixei-o desmaiado no bistrô. Rachel não ficou nada feliz quando o encontrou lá hoje de manhã. Posso te garantir.

Ethan balançou a cabeça, incrédulo.

— Ainda não consigo acreditar que ela queira se casar com esse sujeito.

— Somos dois. Nunca fui fã número um dele, mas confesso que o noivado me despistou um pouco. Não sei o que Gary fez para ela ficar tão cega, mas acredite quando digo que todos nós sabemos que tipo de homem ele é. Rachel em geral julga bem o caráter das pessoas. Mas acho que está começando a enxergar o erro da sua decisão — disse, num tom sincero.

Ethan deu de ombros.

— Confesso que não sei o que fazer. Estou encurralado. Nunca me encontrei nessa posição antes. Quer dizer, em casa eu tenho Vanessa, que eu amo e com quem quero me casar, mas — baixou o olhar novamente — você tem razão: há alguma coisa em Rachel que não consigo identificar. Sinto que se eu lhe contar a história do anel ela ficará arrasada, e ela tem sido maravilhosa comigo — lamentou, balançando a cabeça. — E tem também essa farsa a respeito do livro...

— Ah, sim, o livro que com certeza será um best-seller — disse Terri rindo. — Retiro tudo o que disse. Talvez Rachel seja tão crédula, se chegou a acreditar que alguém se interessa pela história do pão.

Ele sorriu, sem jeito, e Terri percebeu que se Rachel *estivesse* mesmo reavaliando Gary depois do jantar da noite anterior, seria completamente compreensível. Havia algo de bastante sedutor em Ethan Greene; ele era a perfeita combinação de sensibilidade com masculinidade.

— Eu não sabia o que dizer, e foi a primeira coisa que me veio à cabeça — justificou-se Ethan.

— Então creio que precisamos elaborar sua habilidade de contar histórias.

— acredite em mim, Terri, eu normalmente não tenho de mentir sobre nada.

— Isso é bom — falou ela baixinho.

— Obrigado.

— Então, Ethan, é aí que você pode precisar da minha ajuda, pois, ao contrário de você, sou muito boa em inventar histórias plausíveis.

— Não sei aonde você quer chegar. Já que Knowles sabe do problema, é ele quem deve contar a verdade a Rachel e...

— Mas você não conhece Gary. É muito provável que ele procure ignorar essa coisa toda.

— Mas isso é roubo, não é?

— É, sim. Mais uma vez, é bem possível que Gary seja capaz disso.

Pelo que Terri conhecia dele, não se surpreenderia.

— Porém não sei como isso tem a ver comigo... quero dizer, além da parte que envolve o anel.

Terri olhou para ele.

— Tem certeza absoluta? — perguntou ela, e mais uma vez ele não conseguiu encará-la. — Fica feliz de ver Rachel ser magoada sem fazer nada?

— Terri, eu não tenho absolutamente nada a ver com isso — afirmou e olhou o relógio. — Obrigado por me contar tudo; é bom saber que não sou só eu que pensa mal de Gary Knowles, de verdade, mas nada além disso. E agora que ele conhece a extensão do problema, tenho certeza de que vou conseguir o anel de volta logo. O que acontecer depois não me diz respeito.

— Mas...

— Como eu disse, sinto muito que Rachel esteja metida no meio de tudo isso, e tenho certeza de que as coisas vão acabar bem.

Mas enquanto Ethan Greene falava, Terri percebeu que suas palavras não eram sinceras. Sabia que ele se importava com os sentimentos de Rachel quase tanto quanto ela.

CAPÍTULO 28

Quando voltava de Wicklow, onde tinha ido buscar sua motocicleta, Gary sentiu o celular vibrar no bolso da jaqueta. Sorriu, contente de ser um conhecedor tão experiente de motos a ponto de distinguir entre as vibrações da máquina e as do telefone celular no bolso. Na verdade, estava contente de seu cérebro ser capaz de distinguir qualquer coisa naquela tarde, pois estava com uma ressaca fenomenal.

Devia ser Sean telefonando para saber onde eles se encontrariam para tomar mais umas. Para Gary, uma cerveja seria a única forma de aliviar a dor nos seus ossos e as persistentes pontadas nas costelas. Dormir por cima da mesa no bistrô na noite anterior não ajudara e, embora tivesse tentado aplacar com o sono a pior parte da ressaca em casa, viu que só melhoraria mesmo com uma volta de moto, seguida de uma tarde no pub.

Rachel estava zangada com ele de qualquer maneira, então tanto fazia escolher entre a cruz e a espada. E pensar que ele tinha voltado de Wicklow só para estar com ela! Às vezes você não tem como acertar, especialmente com as mulheres.

Mas Terri até fora legal com ele na véspera, servindo bebida de graça e lhe fazendo boa companhia. Ela ficava brava às vezes, mas no fundo era boa gente. Gary sorriu, pensando que ela sempre devia ter tido uma quedinha por ele, mas como estava com Rachel ele nunca notara.

Ele breiou a moto, espalhando cascalho por todo lado. Ainda sentado no banco, enfiou a mão no bolso e pegou o celular. Então fez uma pausa, com medo de que fosse ela de novo... mas não, parecia uma chamada internacional. Tinha recebido várias chamadas desde o começo do ano e, embora tentasse evitar a maioria delas,

não poderia fazer isso para sempre. Não reconheceu o número, mas ficou curioso e decidiu atender. Podia sempre dizer que era engano, se fosse preciso.

— Alô.

— É Gary Knowles?

Era uma voz de homem, com um sotaque inglês refinado. Merda, pensou Gary, percebendo imediatamente que devia ser o tal de Ethan Greene.

— Ele mesmo — disse.

— É bom falar com você, finalmente. Aqui é Ethan Greene.

— Certo. Humm... Olá.

Gary tentou parecer à vontade, mas seus nervos estavam à flor da pele. Será que, como Terri tentara convencê-lo na noite passada, a sorte que caíra na sua mão (ou pelo menos na sacola da Tiffany) não era sorte coisa nenhuma? Não queria pensar muito sobre isso.

Se alguma coisa dera errado não fora um erro proposital, e não tinha nada a ver com ele, já que estava inconsciente.

— Não sei se você se lembra, mas nossos caminhos se cruzaram em Nova York — continuou Greene, num tom pouco simpático. — Tentei entrar em contato inúmeras vezes, mas parece que você é um homem difícil de se localizar.

— Sim, certo. Acho que Rachel mencionou alguma coisa.

— Sr. Knowles, vamos acabar com esses rodeios. Eu quero de volta o que me pertence.

Gary estreitou os olhos, num gesto defensivo. Não gostou do tom do sujeito. Quem ele pensava que era, telefonando assim, sem mais nem menos, e fazendo exigências?

— Não sei do que está falando.

— Creio que sabe muito bem do que estou falando. O anel de diamante que está atualmente no dedo da sua namorada Rachel. Nós dois sabemos que ele não foi comprado por você.

— Como já disse, não sei do que...

— Sr. Knowles, podemos resolver isso do jeito fácil ou do jeito difícil. O anel é meu e o quero de volta. Terei o maior prazer em devolver o que você comprou na Tiffany... uma pulseira de berloques, certo?

— Realmente não sei aonde você quer chegar — negou Gary, pois não era otário de admitir qualquer coisa logo de cara. — Obrigado por ter me socorrido depois do acidente e tudo, mas isso que está dizendo é novidade para mim. Eu próprio comprei esse anel.

— É mesmo? Então por que disse à sua amiga Terri que não fazia ideia de onde ele tinha surgido?

Merda! Gary não acreditava que tivesse sido tão burro e baixado a guarda daquele modo. Ele não ia pedir o anel de volta de jeito nenhum, não depois que Rachel começara a considerá-lo seu príncipe encantado após ter dado aquele diamante a ela. Não, o que estava feito estava feito; além do mais, como podia saber que aquela droga de anel pertencia a outra pessoa? Era culpa do sujeito por não ter cuidado das próprias coisas, certo? Gary se irritou. Já fora difícil o bastante ser colocado na situação incômoda de ter de fazer um pedido de casamento — não planejado! — por causa daquele maldito anel, e esse sujeito aparecer agora esperando que ele o devolvesse, depois de tudo, era um absurdo!

A seu ver, qualquer estranho poderia telefonar e alegar que o anel lhe pertencia, mas onde estava a prova?

— Olhe aqui, eu não tenho tempo para isso — falou, tentando livrar-se do sujeito. — Não sei sobre o que você está tagarelando, para ser franco.

— Ótimo, então não tenho escolha a não ser chamar a polícia.

— Muito bem. Como quiser.

Gary não sabia o que mais dizer. Além disso, o que os policiais poderiam fazer? Ele não cometera nenhum crime e, com toda a sinceridade, também era vítima da situação, considerando que o aparecimento daquele anel o levava a ficar noivo sem ter chance de pensar direito no assunto. A última coisa que ele queria fazer agora era ter de juntar uma grana preta para comprar outro anel de diamante só porque um estranho o culpava pela perda do seu. Ele não tinha condição de comprar nem mesmo um diamante pequeno, que dirá um daquele tamanho.

Era importante que Rachel continuasse tendo boa impressão dele. Gary não imaginava como ela reagiria se soubesse que sua pequena construtora passava por sérios problemas e que as dívidas estavam

se empilhando. Sobretudo quando o negócio dela estava indo tão bem. Mulheres como Rachel não olhavam duas vezes para homens que não conseguiam se sustentar, disse Gary sabia.

— Está se recusando de verdade a devolver o anel? — Greene perguntou, e Gary viu que ele estava blefando quando falou que chamaria a polícia.

É claro que ele não possuía prova alguma e portanto não tinha em que se apoiar.

— Olhe aqui, meu chapa, sinto muito por seus problemas, mas não tenho ideia do que você quer comigo. Eu nunca te vi mais gordo, e aqui está você, me telefonando para me acusar dessa coisa toda e...

— Pelo amor de Deus, você roubou meu anel de noivado!

— Espere aí — disse Gary, mostrando os dentes.

Já estava farto de tudo aquilo.

— Eu não roubei nada. Se você perdeu alguma coisa sinto muito, mas, como já disse, isso não tem nada a ver comigo.

— Eu vi o anel no dedo da sua namorada agora há pouco. Não há dúvida de que é o meu!

Gary franziu o cenho. Como é que é? Como Greene podia ter visto o anel no dedo de Rachel?

— Para ser franco, não entendo o que aquela moça encantadora está fazendo com um sujeito como você. Nós jantamos juntos na noite passada, e ela me contou tudo sobre seu suposto pedido de casamento e como você tinha planejado tudo. Planejado uma ova.

Gary estava incrédulo. Certo. Já bastava. Primeiro, o sujeito o acusava de roubar um anel, depois tinha a audácia de se encontrar com sua noiva? Rachel não dissera nada sobre um jantar com alguém na noite passada, muito menos com aquele sujeito.

Seria esse o verdadeiro jogo dele por trás de tudo? Será que essa conversa toda de anel era só um disfarce para levar Rachel para a cama? Gary não ia engolir essa.

— Ok, Greene — disse, num tom ácido. — Vou te dizer uma coisa. Não gosto que estranhos fiquem paquerando minha namorada. Se sabe o que é melhor para você, acho bom ficar longe dela.

— Pelo amor de Deus, eu só quero o meu anel — disse Ethan, recuando imediatamente, para alegria de Gary.

— Boa sorte com isso — disse ele, desligando o telefone.

Aquele idiota obviamente não sabia com quem estava lidando, e se achava que podia simplesmente aparecer em Dublin e inventar uma história esfarrapada para tentar roubar sua namorada, estava muito enganado.

Gary guardou o celular no bolso da jaqueta e acelerou a moto novamente.

Precisava conversar com Sean sobre isso, pedir sua opinião. Aquilo tudo parecia meio simples demais para seu gosto. Certo, o anel tinha aparecido como que por mágica, mas isso não significava nada. Só se arrependia de ter contado para Terri, e esperava que ela não fosse tagarelar para Rachel. Afinal, o anel era dele, sim; bem, pelo menos depois que aparecera na sua sacola. E embora o pedido de casamento não tivesse sido tão planejado quanto todos pensavam, ele pedira a mão de Rachel diante de metade da cidade na véspera do Ano-Novo! Agora estava acostumado com a ideia, e bastante satisfeito com a perspectiva de se casar com ela.

Então ela certamente não ficaria muito chateada com detalhes técnicos, não é?

Com alguma sorte, Terri não diria nada sobre o assunto, não havia por que se preocupar. Ela também estava bem bêbada na noite anterior, talvez nem se lembrasse. Mas enquanto isso, caso ela desse com a língua nos dentes, era bom ele começar a pensar na sua própria versão dos fatos.

Desceu a rua voando em direção à casa de Sean.

Não perderia tempo preocupando-se com um imbecil como Ethan Greene. Rachel acreditaria nele e não num almofadinha excêntrico vindo de Londres. Tinha certeza disso.

CAPÍTULO 29

— O que eu devo fazer agora?

Terri perguntou a Justin, depois de pôr o chef a par de todos os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas: como embebedara Gary para extrair a verdade dele, e a confusão com o anel. Por último, falou da conversa que tivera com Ethan. Justin esbugalhou os olhos e, quando ela terminou de falar, ele deu um assobio longo e baixo.

— É absolutamente inacreditável, mesmo para Gary. Mas nós sabíamos desde o início que alguma coisa não cheirava bem nesse noivado.

— É, mas além disso você devia ter visto a cara que Ethan fez. Ele acha Rachel a coisa mais maravilhosa desde... a invenção do pão — acrescentou.

Justin olhou-a com ar cético.

— Mas ele já tem uma namorada, não é? Namorada que seria sua noiva a esta altura se Gary não tivesse criado toda essa confusão.

— Eu sei — disse Terri, mordendo o lábio. — Sorte dela, quem quer que seja. Ethan é um amor, Rachel estaria muito melhor com ele que com um sujeito como Gary.

— Qual é, Terri, Rachel mal conhece esse homem. E você também não, a propósito.

Mas Terri achava que às vezes não era preciso conhecer uma pessoa tão bem para se ter uma boa impressão. Pôs as mãos nos quadris.

— Coisas mais estranhas já aconteceram, Justin. Você não viu Rachel hoje de manhã. Algo aconteceu entre aqueles dois ontem à noite, tenho certeza — afirmou, mas quando Justin arregalou os

olhos de novo, ela esclareceu depressa. — Não esse tipo de coisa. Quis dizer uma centelha, uma ligação, chame como quiser.

Justin estreitou os olhos, desconfiado.

— Quando foi que você se tornou tão romântica?

— Desde que percebi que minha melhor amiga estava noiva do maior canalha do mundo — respondeu e massageou a testa. — Eu sou a madrinha do casamento, e nós vamos sair para comprar os vestidos em breve. Como posso dizer a Rachel que Gary não tinha a menor intenção de pedi-la em casamento, e que ela, para todos os efeitos, está usando um anel roubado? Que bagunça, essa história.

— Então você *vai* contar para ela? Quer dizer, sobre como o anel foi parar na mão de Gary?

Terri fez uma careta.

— Pode imaginar essa conversa? Eu não quero chatear Rachel, mas também não quero que ela seja magoada. Você sabe como ela é; ficaria arrasada. Mas não cabe a mim contar, não é?

— Bom, Gary com certeza vai dizer alguma coisa, agora que sabe que a brincadeira acabou.

Terri franziu o nariz.

— Eu não teria tanta certeza.

Justin continuou a preparar sua salada de folhas frescas.

— Mas uma coisa é certa: é bem revelador que Ethan Greene não tenha dito nada a Rachel. Sobretudo considerando o tamanho daquele diamante. Se fosse eu, a esta altura já teria arrancado o anel do dedo dela.

— Exatamente. O que quer dizer que ele sente alguma coisa por ela, ou pelo menos se preocupa com seus sentimentos. Ele admitiu isso para mim quando conversamos na rua mais cedo.

— Então o que você vai fazer?

— O que eu posso fazer, Justin? Rachel está convencida de que Gary é o homem dos seus sonhos, quando na realidade ele é o pesadelo da maioria das mulheres. Ethan, por outro lado... — disse e sorriu ao lembrar do seu rosto sincero e dos olhos azuis profundos.

— Pode ser obra do destino.

Justin ergueu a sobrancelha.

— Se quer minha opinião, acho que você deve ficar quieta por um tempo e ver como as coisas se desenrolam. Eu não contaria para Rachel ainda. Você já fez sua parte conseguindo que Gary admitisse a verdade; talvez seja o suficiente para que ele crie vergonha na cara e confesse tudo. Se confessar, você estará a postos para consolar Rachel depois.

Terri olhou para ele.

— Quando você se tornou tão *sensato*?

— Eu sempre fui sensato. Você é que veio com esse papo de “destino”, que não tem nada a ver com você — provocou e pegou uma faca. — Mas se realmente acredita nisso, tem de deixar o destino agir à sua maneira. O problema é que, na minha experiência, às vezes o destino tem um estranho senso de humor.

Terri suspirou, mas sabia que no fundo Justin estava certo.

Durante sua conversa com Ethan Greene, já tinha tentado dar uma mão ao destino.

O que o sujeito faria depois era de inteira responsabilidade dele.

* * *

Terri ficou surpresa de ver Gary no bistrô no final da tarde, e mais surpresa ainda quando, depois de falar rapidamente com Rachel, ele foi até a cozinha e perguntou se podia falar com ela em particular.

— O que houve? — perguntou Terri, limpando as mãos sujas de farinha num pano de prato. Ele parecia preocupado e pouco à vontade, uma grande mudança no seu comportamento geralmente arrogante.

— Eu, ahn, queria conversar com você sobre a noite passada — começou ele, num tom cauteloso.

— A noite passada? O que tem?

— Eu bebi um pouco demais e talvez tenha dito umas coisas...

— Não sei bem o que você quer dizer — disse Terri, bancando a inocente.

Gary estaria com medo que ela contasse a Rachel sobre o suposto flerte dos dois? Ou sua preocupação teria outra origem, a saber, a patética verdade sobre o anel?

— Como eu disse, a noite de ontem ficou um pouco vaga na minha memória, mas você se lembra de que falamos sobre o noivado e eu disse que tudo tinha acontecido meio rápido?

Ah! Então ele *estava* preocupado com isso, Terri percebeu com certa satisfação. Decerto pensara bastante depois da noite passada e finalmente entendera de onde o anel tinha vindo. Talvez ela o tivesse julgado mal, e ele fosse agir corretamente, enfim.

— É, acho que você mencionou que o noivado foi uma surpresa tanto para você quanto para ela.

— Isso. Só que... — balbuciou, e então olhou para ela, como que tentando entender alguma coisa. — Rachel te disse onde estive na noite passada?

— Depois do trabalho? Ao que eu saiba ela saiu para jantar.

— Sabe por acaso com quem?

Terri continuou a bancar a inocente.

— Pensando bem, acho que foi com aquele sujeito que salvou sua vida, Ethan Greene.

O olhar de Gary estava estranho.

— Não acredite em tudo que ouve, Terri. Aquele sujeito não salvou a minha vida.

— É claro que salvou. Você sabe disso.

Gary fez uma careta.

— Não sei. Acho que ele é metido a conquistador, esse sujeito, e está inventando história sobre um anel perdido para levar Rachel para a cama.

Terri meneou a cabeça, perplexa com a conclusão dele.

— Gary, não acho que seja isso. E você mesmo admitiu que não sabe de onde veio aquele anel.

— Mas não há como provar que veio dele, não é?

Terri não podia acreditar no que ouvia. Gary estava mesmo tentando se justificar por ficar com o anel, embora soubesse que ele pertencia a Ethan Greene? E estava tentando acusar Ethan de dar

em cima de Rachel? Ele tinha certa razão a esse respeito, mas era uma coisa apenas circunstancial e certamente não planejada.

— Gary, não sei bem o que você está perguntando.

— Se esse tal de Greene estava tão ansioso para falar comigo, por que agiu pelas minhas costas e convidou Rachel para jantar?

— Porque você não estava aqui e Rachel achou que ia passar a noite em Wicklow. Na verdade, Ethan não a convidou, foi ela quem fez o convite para agradecer a ele por ter ajudado você.

Gary passou a mão no queixo mal barbeado.

— Não sei, Terri; esse sujeito parece um pouco bonzinho demais para o meu gosto. E se acha que vou cair nessa historinha que me contou mais cedo...

— Então você falou com ele?

Terri sentiu-se aliviada de saber que os dois tinham pelo menos entrado em contato. Isso significava que Gary não tinha mais escolha a não ser contar tudo que acontecera. Certo, Rachel ficaria magoada e se sentiria enganada, mas a verdade tinha de vir à tona o quanto antes.

— Que bom. Quanto mais cedo Rachel souber disso... — insinuou.

Gary olhou para ela.

— Rachel não precisa saber de nada, pois não há nada a saber.

— Mas... mas nós dois sabemos que esse anel não é seu! — exclamou ela, com os olhos arregalados. — Você precisa devolver o anel para Ethan.

— Nem pensar, Terri. Não há nada que prove que o anel é dele. Agora é de Rachel, e nenhum de nós quer que ela se magoe, não é?

Ele olhou bem para Terri, e ela viu que por trás daquela fachada de brutamonte havia uma mente calculista, o que a preocupou ainda mais.

Pior ainda, estava acabando com o blefe dela, desafiando-a a contar a Rachel o que sabia, pois ela não poderia comprovar nada. E de certa forma ele estava certo; provavelmente não havia prova de que o anel pertencia a Ethan. E ao que parecia, Gary planejava afirmar que Ethan estava inventando aquela história para aproximar-se de Rachel. Talvez até estivesse convencido disso.

De qualquer forma, parecia que Ethan não conseguiria o anel de volta tão cedo.

Naquele momento Rachel entrou na cozinha.

— Ei, por que vocês dois estão se escondendo aqui? — perguntou, esgueirando-se para perto de Gary.

— Vim agradecer a Terri por me fazer companhia na noite passada — disse ele, pondo o braço em volta de Rachel, e Terri espantou-se ao ver com que facilidade ele mentia. — Agora é melhor eu ir embora e deixar vocês duas trabalharem.

— Tem certeza de que não quer pôr um avental e nos dar uma mãozinha? Preciso fazer umas pastelarias — disse Rachel num tom de implicância, dirigindo-se para a despensa.

— Não, prefiro deixar essas coisas para as especialistas — brincou ele.

Deu um beijo na bochecha de Rachel e olhou para Terri com ar de desafio.

Com o coração pesado, Terri percebeu que mesmo que quisesse contar a verdade para Rachel não teria nenhuma prova para oferecer. A história ia parecer tão improvável e rebuscada que talvez Rachel achasse que Terri estava com ciúme ou rancor.

O pior era que Gary estava disposto e (ao que parecia) era muito capaz de cobrir seus rastros. Depois da conversa que tivera com Justin, Terri percebera que se dissesse alguma coisa para Rachel correria o risco de arruinar não só a amizade mas também a sociedade delas.

Então, o que fazer?

Rachel voltou da despensa.

— Já está fazendo mais pão levedado? — perguntou, ao ver Terri sovando a massa fresca. — Caramba, ele deve estar fazendo sucesso hoje.

Ela e Terri tinham uma competição extraoficial com a venda dos respectivos pães na padaria artesanal. Naquele dia, o pão de azeitona de Rachel estava perdendo.

— E não é sempre que faz sucesso? — disse Terri brincando, esperando que o desânimo não transparecesse na sua voz.

— Mas ainda temos biscoitos, e... que droga! — disse Rachel, muito aflita. Limpou as mãos e procurou o celular no bolso do avental.

— O que aconteceu?

— Não sei quantas vezes prometi a Ethan que faria uns biscoitos para sua filha. Devia ter lhe dado os biscoitos quando estive aqui hoje de manhã, mas me esqueci completamente. Talvez ele possa dar um pulo aqui mais tarde.

Terri observou enquanto Rachel esperava que ele atendesse a ligação.

Rachel revirou os olhos.

— Não atendeu. Vou deixar uma mensagem, espero que ele receba antes de voltar para Londres.

Terri se perguntou vagamente por que Ethan não havia atendido. Mas, considerando a reação de Gary à sua situação, talvez estivesse na delegacia de polícia tentando apresentar queixa, ou, pior ainda, estivesse junto do rio Liffey pensando se devia ou não se atirar lá dentro, ela pensou com um sorriso triste.

— Que horas ele volta para Londres? — perguntou Terri. — Ele não teve muito tempo para fazer sua pesquisa.

— Não estou certa. Acho que hoje à noite. Eu não tive coragem de dizer a ele que um livro sobre pão seria tão interessante quanto assistir tinta secando — falou ela com um risinho. — Mas disse que a gente ajudaria, se ele quisesse, dado o nosso conhecimento superior do assunto.

— Boa ideia.

Talvez Ethan aceitasse a oferta de Rachel como pretexto para se manter em contato. Se fizesse isso, ficaria preso na sua história patética.

— Mas nós duas sabemos que eu sou a verdadeira padeira aqui — brincou ela. — Visto que meu pão levedado deixou seu pão de azeitona no chinelo de novo.

— Bom, então por que não faz um pouco mais da sua massa em vez de se gabar? — reagiu Rachel. — Eu deixei uma mensagem para Ethan vir buscar os biscoitos quando puder; se ele aparecer mais tarde, depois que eu sair, você entrega os biscoitos para ele?

— É claro.

Terri se perguntou se Ethan voltaria com um policial, dada a recente recusa de Gary. Mas sabia que ele não faria uma cena, em consideração a Rachel. Em todo caso, outro encontro com Ethan Greene não lhe desagradava. Quem sabe conseguiria descobrir exatamente o que ele e Gary haviam dito no telefone.

Rachel separava com os dedos uns pedaços de gordura para sua massa folhada.

— Droga, sempre me esqueço de tirar isso — falou, pegando o anel que estava prestes a escorregar do seu dedo. — Se eu não for mais cuidadosa, um dia desses o anel vai acabar no prato de alguém! — brincou, dando uma risada.

Terri levantou os olhos e viu Rachel colocar a joia numa estante próxima, antes de voltar ao que fazia.

— É, a gente não ia querer isso, não é? — falou, distraída, voltando a sovar a massa.

CAPÍTULO 30

Ethan estava a ponto de explodir de raiva. Que audácia daquele homem negar descaradamente que o anel era de Ethan, quando sabia muito bem que o dito anel lhe chegara às mãos por circunstâncias improváveis!

Já bastava. Não havia mais nada a fazer senão procurar diretamente a polícia. Mas havia um problema: qual polícia? O incidente ocorrera em Nova York, então por que a polícia irlandesa, ou mesmo a britânica, se interessaria?

Talvez pudesse reivindicar a devolução pelo seguro do seu cartão de crédito. Havia prova visual (e testemunhas) da compra do anel na loja, e ele poderia contatar a Tiffany e pedir que lhe mandassem cópias das câmeras de segurança mostrando Gary Knowles comprando a pulseira de prata. Sim, podia tentar. Ethan se irritou por não ter pensado nisso antes, mas achou que estava lidando com um homem razoável e racional, e não com um canalha imoral, que não via nada demais em se apropriar de uma joia valiosa.

Ficou contente de ter mais uma desculpa para ir ao bistrô e ver Rachel quando recebeu o recado sobre os biscoitos de Daisy.

De tarde veria Rachel uma última vez, e lhe diria sem rodeios que tipo de homem seu noivo era realmente.

Desta vez nada o deteria.

* * *

— Ela não está — disse Terri quando Ethan chegou no bistrô.

Seu avião saía às sete horas, e ele reservara bastante tempo para voltar lá e explicar tudo a Rachel antes de ir para o aeroporto.

— Foi trabalhar no bufê de um evento hoje à noite.

Ele passou a mão pelo cabelo.

— Não posso acreditar.

Terri olhou para ele.

— Ouvi dizer que as coisas não correram muito bem entre você e o Príncipe Encantado, não é?

— Nada bem — disse num tom pouco amigável. — Ele nega absolutamente que o anel seja meu!

— Sinto muito, Ethan. Dei o meu melhor para criar um pouco de juízo nele, mas Gary, além de idiota, é teimoso.

— Vamos ver se ele vai ser teimoso quando tiver a Scotland Yard no pé dele — disse bruscamente, mas era uma ameaça vã e ambos sabiam disso. — Mas agradeço sua ajuda. Você é a única pessoa que parece acreditar em mim.

— É claro que acredito em você. Só gostaria que as coisas tivessem corrido de forma diferente. Enfim — disse, pegando uma caixa de papelão branca embaixo do balcão —, Rachel me pediu para te entregar isso. Ela falou que são biscoitos para sua filha.

— Obrigado — disse Ethan, distraído, e pôs a caixa debaixo do braço.

— E isso é para você — continuou ela, entregando-lhe um pacote embrulhado em papel roxo com o logotipo cor de laranja do Stromboli. — É aquele pão levedado de que você gostou tanto quando almoçou aqui ontem. Acho que talvez goste ainda mais deste.

— Obrigado, mas não precisava se preocupar — disse ele, relutante.

Na verdade, não queria nada que lhe lembrasse aquele maldito lugar.

— Eu sei que Rachel gostaria que você levasse isso — disse Terri, pondo o pacote na mão dele.

Alguma coisa na sua voz fez com que ele a olhasse mais de perto, mas depois achou que estava imaginando coisas. Só Deus sabia

como sua cabeça estava confusa naquele fim de semana. Os olhos verdes de Terri fixaram-se nos seus.

— Por favor, eu insisto. E tente comer assim que puder, ok? O pão não se mantém fresco por muito tempo. Por que não prova um pedaço durante o voo de volta para Londres?

— Obrigado, é muita gentileza sua.

Pegou o pacote, mais para agradá-la do que qualquer outra coisa. Ele gostava de Terri; sabia exatamente como lidar com ela e era a única pessoa, fora Daisy, com quem podia dividir sua frustração.

Mas agora só queria sair daquele lugar e voltar para Londres. Na manhã seguinte iria direto conversar com a empresa de cartão de crédito e com seus advogados, para ver que outras opções ele tinha.

— Mais uma vez, sinto muito por tudo o que ocorreu. Tenho certeza de que Rachel ficaria horrorizada se soubesse e...

— Eu sei — disse ele, mas a essa altura Ethan praticamente não se importava mais com o que Rachel pensava ou deixava de pensar. Ainda assim, ficara grato pela gentileza de Terri. — Obrigado pelo pão e por tentar me ajudar. Isso significa muito para mim. Não sei o que vou fazer, mas...

Ela sorriu e deu um tapinha na sua mão.

— Tente não se preocupar, Ethan. As coisas acabam dando certo no fim das contas.

* * *

— Seja bem-vindo de volta! — disse Vanessa mais tarde, abraçando Ethan calorosamente.

Ele estava tão exausto com os acontecimentos do fim de semana que se sentiu quase aliviado de estar de volta, apesar de não ter conseguido nada em Dublin.

Daisy ficou à margem, sorrindo e visivelmente esperando um momento para ficar sozinha com ele e saber como as coisas tinham ido. Ethan levantou-a no colo e abraçou-a com força até ela gemer.

— Senti sua falta, florzinha — falou, e cochichou no seu ouvido que lhe contaria tudo mais tarde. — E a sua também, querida — disse, beijando Vanessa rapidamente.

Seria imaginação dele ou ela parecia um pouco... empolgada?

— Eu não sabia se você ia comer no avião, então preparei uma ceia leve para nós — disse ela.

Na verdade, Ethan estava faminto. Não gostou de nada que ofereceram no avião, e tinha colocado (um erro, em retrospecto) a caixa de biscoitos e o pão na mala que tinha sido despachada. Agora, visto que os biscoitos eram para Daisy, abriu a mala e pegou a caixa.

— Esses são especialmente para você — disse, piscando para ela.

Lembrando que não podia mencionar o nome de Rachel, resmungou algo sobre ter comprado os biscoitos no aeroporto.

— Eba, obrigada, pai.

Ao se dar conta de que não comprara nada para Vanessa, pegou o pão levedado.

— E isso é para você, ou melhor, para nós. Estive em um adorável bistrô perto do hotel, onde fazem pães artesanais, e achei que você gostaria deste.

— Pão?

Vanessa pareceu decepcionada.

— É, pão levedado. O cheiro era tão delicioso que não resisti...

Ele deu de ombros, pensando que suas desculpas patéticas e idiotas estavam se tornando um hábito ultimamente.

— Ótimo. Acho que combina bem com a ceia. Vamos comer?

Ethan anuiu com um gesto de cabeça e seguiu-a para a cozinha. Tentou evitar o olhar curioso de Daisy, pois estava cansado demais para lhe passar a mensagem de que sua visita a Dublin fora uma completa perda de tempo.

Vanessa tinha preparado uma linda mesa com azeitonas, queijos e presunto de Parma, e Ethan serviu-se com prazer, usando seu apetite como boa desculpa para não falar sobre a viagem. Inventar mais histórias era a última coisa que queria fazer, considerando que a coisa toda tinha sido tamanho desastre.

Vanessa tirou o pão do embrulho do Stromboli e cheirou-o com aprovação.

— Você tem razão, o cheiro é delicioso — disse, e cortou um grande pedaço de uma ponta. — Daisy, quer provar?

— Não, obrigada.

Daisy parecia estranhar que seu pai a estivesse ignorando, mas Ethan não tinha energia para explicações nem para qualquer outra coisa. Precisava agora de uma boa noite de sono para recarregar suas baterias.

— Ai! — disse Vanessa, levando a mão à boca. — O que é isso? Quase quebrei um dente...

Ethan observou em silêncio enquanto ela tirava uma coisa sólida da boca.

— Meu Deus, eu podia ter engasgado com uma coisa desse tamanho — falou, em tom de desaprovação.

— O que é? — perguntou Daisy, e, ao olhar mais de perto, Ethan viu que Vanessa segurava uma coisinha embrulhada em papel impermeável.

— Ah, meu Deus, Ethan...

O coração dele acelerou-se quando Vanessa desembulhou o pacotinho, e, com os olhos esbugalhados, mostrou um anel de diamante. *O anel de diamante.*

Ethan ficou de queixo caído, e de repente lembrou-se da insistência de Terri para ele levar o pão e da sua afirmação enigmática de que tudo acabaria bem.

— Como você...? É o que estou...?

Os olhos de Vanessa estavam esbugalhados, e ela sorria de orelha a orelha, enquanto Daisy olhava espantada.

— Não posso acreditar!

Embora Ethan estivesse surpreso, sentiu um peso enorme sendo tirado dos seus ombros. Como Terri tinha feito aquilo? E por quê? Devia ter surrupiado de algum jeito o anel de Rachel, possivelmente porque sabia que ele não chegaria a lugar algum com Gary...

Vanessa ainda olhava para o anel, com uma expressão de total e absoluta alegria no rosto.

— Ethan, é o que estou pensando? — perguntou, radiante. — Me perdoe, mas não é... algum tipo de brincadeira, é?

Com esforço, Ethan se forçou a sair do seu devaneio.

— Não, querida. É exatamente o que você está pensando — assegurou, sem entender a dureza da própria voz, já que era isso que ele queria desde o começo.

Talvez por ter sido tudo tão inesperado.

— Ah, meu Deus... não sei o que dizer. Que surpresa absolutamente fantástica!

Ethan podia ver Daisy observando-o com atenção, como se percebesse que ele estava tão surpreso quanto Vanessa. A cena toda parecia quase um *replay* daquela manhã de Natal em Nova York.

— Mas — falou ele, pigarreando — eu ainda não fiz a pergunta mais importante. Quer se casar comigo, Vanessa?

Ela olhou o anel e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— É claro que quero! — gritou, pulando para abraçá-lo. — Ah, Ethan, essa é a melhor surpresa de todas!

Quando tomou-a em seus braços, Ethan perguntou-se por que aquele momento parecia tão surreal e tão... anticlimático, quase.

Então pegou o anel e colocou-o no terceiro dedo da mão esquerda de Vanessa, onde devia estar desde o início.

— Ah — disse ela com um riso reprimido, ao ver que o anel não descia suavemente como devia. — Parece um pouco apertado — comentou, tentando forçá-lo para baixo mas o anel não passou no nó do dedo. — Não importa, posso mandar alargar um pouco — assegurou, muito feliz, mas Ethan ficou perplexo.

Sua mente evocou a visão do anel no dedo de Rachel, onde ele coubera perfeitamente, uma estranha coincidência visto que a Tiffany tinha usado especificamente a medida do dedo de Vanessa.

Mais uma vez cruzou o olhar de Daisy; ela tinha aquele seu olhar enviesado, enquanto assistia à cena com interesse. Suspeitou que ela estivesse pensando o mesmo que ele.

Não era estranho que o anel não coubesse no dedo de Vanessa e ficasse perfeito no de Rachel?

CAPÍTULO 31

Rachel estava desvairada. Como podia ter perdido seu lindo anel? E onde? Lembrava-se claramente de tê-lo tirado do dedo na manhã do dia anterior antes de ir trabalhar... Ou será que o tirara *no* trabalho?

Quem sabe foi ao voltar para casa depois do jantar com Ethan Greene no sábado. Talvez estivesse um pouco inebriada, mas decerto não tanto que não se lembrasse de ter tirado o anel do dedo. E, se o tirara, só podia ter posto na mesa de cabeceira.

Não estava certa, admitiu, entrando em pânico ao verificar a lateral da cama e o chão, procurando a joia. Depois foi para a sala de estar e começou a revirar as almofadas do sofá, mas tudo em vão.

Notou que o anel não estava no seu dedo durante o jantar de aniversário de casamento servido pelo Stromboli na noite anterior. Os homenageados estavam casados havia quarenta anos, e durante os discursos, Rachel, instintivamente imaginando seus futuros aniversários de casamento com Gary, olhou para o dedo e percebeu que seu maravilhoso anel de diamante não estava lá. Não conseguiu relaxar até voltar para casa e procurar.

Como não havia sinal do anel, achou que devia tê-lo tirado no bistrô e que provavelmente estaria na cozinha. Talvez Justin ou Terri o tivessem encontrado debaixo de um pano de prato ou de um saco de farinha e colocado em um lugar mais seguro.

Respirou fundo, tentando se acalmar. Só podia ser isso, pensou, já se sentindo melhor. Não imaginava o que faria se tivesse de contar para Gary que perdera o anel. Ele ia ficar uma fera.

Perguntaria a todos no restaurante, mas primeiro tinha de reservar um horário na loja de noivas para quando estivesse de folga na próxima semana.

Mal podia esperar, mas ainda não conseguia acreditar que tudo aquilo — o pedido de casamento em Nova York e o enorme diamante da Tiffany — estivesse acontecendo. Parecia um conto de fadas. No ano passado, nessa mesma época, nem conhecia Gary, mas olhe para ela agora! Era dona de um negócio de sucesso e estava planejando o casamento do ano. Era tudo o que sempre quis — ou voltaria a ser assim que localizasse o anel, pensou preocupada, mexendo no dedo anelar.

Olhando sua querida casinha, perguntava-se o que ela e Gary fariam em relação à moradia.

Iam morar juntos, obviamente, mas onde? Ainda não tinham falado sobre detalhes práticos. Sem dúvida começariam a procurar uma casa no futuro, mas o que fazer nesse meio-tempo? A casa de Gary era longe demais para ela — não ia lá havia meses, pensou, sentindo-se culpada —, e a sua era muito pequena, não teria espaço para os dois.

Havia também a moto amada de Gary.

Ele andava até falando em comprar outra quando a indenização pelo acidente lhe chegasse às mãos, e ela deu um suspiro baixinho, já imaginando peças de motor espalhadas por toda a casa deles.

Rachel ficava dividida quanto ao processo de Gary contra a empresa de táxis. Como ele estava recuperado, não via ganho algum em processar a empresa, mas não fora ela que tivera costelas quebradas e uma concussão cerebral. Felizmente ele tinha seguro de saúde; quem sabe o que teria acontecido se ele tivesse tido de pagar as altíssimas contas do hospital? Seu precioso anel talvez tivesse de ser devolvido à Tiffany antes mesmo de ela ter oportunidade de vê-lo, pensou sorrindo.

Mas depois que Gary enfiou na cabeça que processaria a empresa de táxi, não houve como dissuadi-lo, e aparentemente seu advogado aceitara prontamente agir em sua defesa.

Rachel tinha pena do pobre taxista de Nova York, e esperava que o processo não o deixasse mal com seus empregadores ou, pior ainda, não o fizesse perder o emprego. Ethan mencionara que o homem ficara aflitíssimo na hora, e Rachel realmente não via por

que ele tinha de ser punido ainda mais; porém, não dependia dela, e era impossível fazer Gary enxergar a razão.

— Você está maluca? — dissera Gary, quando ela sugeriu que ele seguisse em frente e deixasse aquilo de lado. — Aquele idiota quase me matou! Além do mais, esses sujeitos têm seguro para esse tipo de coisa.

Ela gostaria que Gary passasse menos tempo perseguindo o homem que o atropelara, e em vez disso demonstrasse alguma gratidão ao que o ajudara. Ao pensar nisso, lembrou-se de Ethan novamente.

Como Rachel e Gary não tinham se falado naquele dia, ela não sabia se os dois haviam se comunicado durante o fim de semana. Era muito constrangedor ter de inventar desculpas em nome de Gary, especialmente porque Ethan se preocupara tanto com ele depois do acidente. Terri tinha razão, Ethan era um cavalheiro e tinha uma boa alma. Rachel ficou impressionada com a sua consideração, especialmente depois de tudo o que ele havia passado.

Não podia imaginar como seria a dor de perder o amor da sua vida. E apesar de não conhecer a atual namorada, e futura noiva, de Ethan, sentia certa pena dela. Devia ser difícil viver à sombra de um amor do passado, um amor que obviamente ainda pesava muito para ele. Até mesmo ela, que mal o conhecia, percebia isso, e esperava que sua namorada fosse forte o suficiente para lidar com a situação.

Balançou a cabeça. Lá estava ela se preocupando com estranhos, tentando imaginar o que eles sentiam ou deixavam de sentir. Como era boba! Mesmo porque era muito improvável que ela cruzasse com Ethan Greene de novo, muito menos com sua namorada.

* * *

— Foi você, não foi? — disse a voz do outro lado da linha, sem preâmbulo, quando Terri atendeu o telefone no Stromboli na

segunda-feira de manhã.

— Oi, Ethan.

— Por quê? É claro que estou muito grato, mas por que você me ajudou?

Terri deu um suspiro. Ela mesma ainda não tinha certeza da resposta.

Já estava questionando sua intervenção, e sentia-se pior ainda agora que Rachel percebera o sumiço do anel e entrara em desespero.

O que ela tinha na cabeça? Como podia ter surrupiado o anel daquele jeito? Tinha sido uma loucura, um ato irracional e acima de tudo uma grande tolice, sobretudo quando nada daquilo lhe dizia respeito.

Ainda assim, Terri não podia deixar a amiga ser enganada daquele modo sem fazer nada. E visto que o anel sem dúvida pertencia a Ethan, e que ele era gentil demais para contar tudo a Rachel, alguma coisa tinha de ser feita.

Então, domingo à tarde no bistrô, quando o anel de Rachel quase escorregara do seu dedo e ela colocara-o em uma prateleira próxima, Terri aproveitara a oportunidade. Rachel tinha saído da padaria para buscar alguma coisa no estoque e, sem pensar duas vezes, Terri enfiou o anel na massa do pão que estava preparando e mais tarde deu o pão a Ethan.

Percebia agora que não avaliara bem a situação; devia ter considerado os sentimentos de Rachel e imaginado que ela ficaria transtornada quando percebesse que seu anel tinha desaparecido.

— Porque você nunca ia conseguir convencer Gary a lhe devolver o anel, e não teria coragem de tirá-lo de Rachel — respondeu.

— Foi extremamente honesto da sua parte, ainda mais porque você mal me conhece.

Mas Terri sabia que ele era uma boa pessoa. Sua relutância em magoar Rachel mostrava isso. Quando ela lhe disse isso, Ethan deu uma risada leve.

— Você quer dizer que sou um completo frouxo.

— Não importa. O que importa é que suas intenções eram boas, e depois que Gary me contou a verdade vi que não podia deixá-lo

escapar.

— Mas o que vai acontecer agora com Gary e Rachel? Imagino que ele tenha confessado tudo, não?

— Tenho a impressão de que não sabe ainda que o anel sumiu. — Mas em breve vai saber, pensou, mordendo o lábio.

— Pobre Rachel. Ela deve estar enlouquecendo.

— Eu sei. — Mas fora melhor assim; Terri estava certa disso. — Você não precisa se preocupar mais com isso.

— Muito obrigado de novo, mesmo. Mas admito que gostaria de ter sabido que o anel estava dentro do pão — ele falou com uma ligeira pontada na voz, que Terri interpretou como frustração.

Ela franziu a testa.

— Eu não podia dizer abertamente, mas dei várias indiretas. Lembra que te falei para comer o pão durante o voo? — disse ela. — Só torci para que você não quebrasse um dente.

— Na verdade, não foi bem assim — disse Ethan, e então contou a ela que Vanessa é quem havia encontrado o anel no pão. — O que nos pegou de surpresa.

— Ah, meu Deus. Esse anel parece ter vontade própria. Mas tudo vai bem quando acaba bem, não é? Acho que devo te dar os parabéns.

— Sim, sim, com certeza — concordou ele.

Por alguma razão aquela resposta lhe pareceu forçada. Será que Ethan ficara *tão* encantado com Rachel enquanto esteve em Dublin?

Não dava para negar que eles formariam um par e tanto. Ambos eram sonhadores, românticos, tinham medo de ofender e sempre procuravam ver o que as pessoas tinham de melhor.

Em outras palavras, viviam completamente fora da realidade.

Terri deu um suspiro profundo.

— Talvez minha intervenção não tenha sido a melhor, mas não pensei com clareza na hora. Meu sangue fervia vendo Gary enganar Rachel e a todos nós com a história do anel, e aí você apareceu e ele não teve nem a decência de admitir a verdade.

O problema era que Terri não avaliara a reação de *Rachel* ao descobrir que o anel sumira. Mas quando Gary soubesse, ele contaria tudo. Teria de contar.

— Eu sei. Confesso que quando fui para o aeroporto não tinha a menor ideia do que fazer. Estava certo de que Gary reconheceria que tudo fora um grande engano e... bem, não imaginei que sentiria tanta pena de Rachel.

Humm. Havia *definitivamente* alguma coisa ali, Terri pensou. Perguntou-se então se faria alguma coisa a respeito. Não, não, já tinha interferido bastante. Se Ethan estivesse interessado em Rachel, ele mesmo deveria agir. Mas não acabara de ficar noivo? Meu Deus, será que todos os homens — até os bonzinhos — eram tão volúveis?

— A verdade sobre esse noivado vai ter de vir à tona mais cedo ou mais tarde — disse Terri. — Rachel vai ficar chateada de qualquer jeito. Mas pelo menos você conseguiu o anel de volta, finalmente — completou com um sorriso. — Tenho certeza que sua namorada teve uma bela surpresa. Não é todo dia que uma moça encontra uma joia da Tiffany dentro de um pão.

— Ela ficou muito surpresa, sim. E eu também.

— Então, os melhores votos de felicidade para vocês. Quando será o casamento?

— Só no ano que vem, imagino. Falta muito tempo ainda.

Mais uma vez Ethan pareceu muito distante de um noivo feliz.

— Mas você deve ter ficado contente de ver o anel finalmente no dedo da mulher certa.

— Por incrível que pareça o anel não coube em Vanessa, o que é estranho, visto que foi feito nas medidas exatas dela.

— Entendi.

Naquele momento Rachel entrou na cozinha e Terri achou por bem interromper a conversa.

— Bom, foi um prazer falar com você outra vez, mas agora preciso desligar. Temos muita coisa para fazer aqui.

— É claro. Obrigado de novo. Mande lembranças a Rachel. Aliás, não, é melhor não. A pobrezinha com certeza nunca mais vai querer ouvir meu nome quando souber de toda a verdade.

Seja lá quando isso acontecer, pensou Terri, com uma expressão culpada.

CAPÍTULO 32

Para Ethan, a semana seguinte passou em um turbilhão. Ainda não podia acreditar que depois de toda a preocupação, todo o aborrecimento de ir a Dublin para tentar resgatar o anel, ele tivesse voltado a suas mãos daquela forma.

Embora estivesse muito agradecido a Terri por sua intervenção, teria preferido que ela tivesse dito abertamente o que estava fazendo; assim ele mesmo poderia ter retirado o anel do pão e decidido o que fazer com ele depois.

Mas o que havia para decidir? O anel era destinado a Vanessa, fora comprado para ela, com a intenção de pedi-la em casamento. Mas depois de tudo o que ocorrera no meio-tempo, por alguma razão a ideia toda não estava lhe agradando tanto.

O que Rachel estaria pensando? Devia estar enlouquecida, perguntando-se onde estava o anel e como o tinha perdido. Sobretudo quando já se afeiçoara tanto àquela joia. O que Rachel sentia ou deixava de sentir não era da conta dele, Ethan sabia disso, mas não podia deixar de se considerar parcialmente responsável.

Será que com isso Gary finalmente confessaria a verdade? Com base na conversa que haviam tido em Dublin, Ethan achava que não. Estava certo de que era o tipo de sujeito que tentava tirar o corpo fora de qualquer situação.

Pensou de novo na reação alegre de Vanessa ao seu “pedido de casamento surpresa”.

— Eu sabia que você tinha muita imaginação, mas fiquei surpresa com seu nível de criatividade! — brincara ela, depois de um momento de constrangimento quando o anel não coube no seu dedo. — Então sua ida a Dublin para fazer uma “pesquisa” era um plano elaborado para me despistar?

— Sim, com certeza — dissera Ethan, ainda tentando se recuperar do choque.

Ela deu um risinho.

— E o que mamãe e papai disseram?

— Como?

— Mamãe e papai. O que eles disseram quando você contou o que estava planejando? Para isso que você foi a Dublin, não foi? Para pedir oficialmente minha mão ao meu pai? — perguntou, mas ao ver que Ethan estava surpreso, ergueu a sobrancelha. — Eu realmente pensei... Então por que você foi à Irlanda?

— Por causa do anel, é claro! — interveio Daisy, e Ethan a olhou, preocupado. — Nós tentamos comprar o anel na Tiffany em Nova York, mas eles não tinham o modelo especial que ele queria para você, não é, pai?

Ethan fez que sim, resignado a concordar com qualquer coisa. Houvera tanto drama e confusão em torno de tudo aquilo que ele já não conseguia acompanhar.

— Entendi. Então era por isso que vocês dois ficavam desaparecendo o tempo todo! — deduzira Vanessa, encantada por ver suas suspeitas confirmadas. — Estou ainda mais impressionada agora. Não fazia ideia que você tivesse um gosto tão específico, Ethan. Eles não tinham o anel na Tiffany da Old Bond Street?

— Não com essa cravação específica. Mas, desculpe, eu devia ter falado com seus pais primeiro.

— Não seja bobo! Tudo bem. Foi a única razão que imaginei para você ir a Dublin de repente, mas não é como se você não tivesse planejado tudo cuidadosamente mesmo assim! — dissera, mostrara o pão e pegara o papel do embrulho do outro lado da bancada. — Stromboli — leu em voz alta o adesivo. — Eles fazem esse tipo de coisa sob encomenda? — perguntara, pegando o anel de novo. — São especializados em pedidos de casamento? Como soube desse lugar?

— Li alguma coisa na internet um tempo atrás — murmurara Ethan, sem querer entrar em detalhes.

— Foi uma ideia brilhante, pai — interveio Daisy, e os dois se entreolharam com um sorriso de compreensão. — Viu, eu te falei

que ele tinha muita imaginação — dissera para Vanessa.

Naquela noite Ethan dormira melhor que nas últimas semanas. O anel fora resgatado, ele e Vanessa se entendiam de novo, tudo ia bem no mundo.

Até sua noiva soltar outra bomba na manhã seguinte.

— Não me entenda mal, seu pedido de casamento foi muito romântico e realmente original — disse Vanessa no café da manhã.

— Mas confesso que gosto de tradição. Onde foi parar a caixinha azul? Gostaria de tê-la para guardar o anel quando não estiver usando. E pode parecer bobagem, mas gostaria de ter também a sacola da Tiffany.

— Deve estar em algum canto da minha mala... — mentiu Ethan, bebendo todo o seu café.

Maldita caixinha azul da Tiffany! É claro que Terri não conseguira devolver o anel com a caixinha e a sacola. Receber o anel de volta tinha sido sorte o bastante. Mas Ethan sentiu seu estômago revirar só de lembrar que teria de entrar naquela loja de novo. Àquela altura devia estar comprando ações naquele lugar.

Depois da última aula do dia, iria à Old Bond Street comprar alguma coisinha não muito cara para Daisy, quem sabe um anel comum de prata. Então poderia dar a sacola e a caixinha a Vanessa, para que ela tivesse toda a sua preciosa parafernália. Às vezes ele não entendia as mulheres.

— Não se preocupe com isso agora. Só falei caso você pensasse em jogar a sacola fora.

Ethan sentiu raiva de si mesmo por não ter dito que fizera exatamente isso. Era bem o tipo de coisa que um homem que se prezasse faria. Pelo menos os que não se interessavam pelas pequenas coisas que significavam tanto para as mulheres.

Àquela altura ele ficaria feliz de nunca mais na vida ver a tal caixinha azul.

* * *

Gary estava no meio do seu mais recente trabalho de construção quando recebeu uma chamada do seu advogado.

— Frank, qual é a boa? — perguntou, posicionando o celular sob o queixo.

Esperava que fosse alguma notícia sobre a ação contra o taxista de Nova York. Frank Donnelly tinha reputação de ser fera, e Gary suspeitava que ele faria de tudo para assegurar ao seu cliente uma boa indenização.

Uma indenização mais que justa. Ele perdera quase duas semanas de trabalho, e tivera de arcar com várias noites extras no hotel de Nova York e multas da companhia aérea por mudar os voos de volta.

Tudo bem, na verdade tinha sido Rachel que assumira todas aquelas despesas, mas agora que estavam noivos era praticamente a mesma coisa. Fora ela que começara a falar em abrir uma conta conjunta para acompanhar as despesas do casamento, o que deixou Gary apavorado, caso ela juntasse as peças e descobrisse o que estava acontecendo.

Ele não podia compreender por que ela não aprovava o processo contra a empresa de táxi e dizia que era “carma ruim” e outras bobagens assim. Por acaso não era carma ruim ele ter sido atropelado?

— Quero te atualizar sobre o negócio do táxi — disse Frank, e Gary se empertigou, todo animado.

— Ah!

— Tenho boas e más notícias. Do nosso ponto de vista, o filme da câmera de segurança é bom.

Gary lembrou que seu advogado solicitara às autoridades de Nova York o envio dos filmes da câmera de segurança ao longo da Quinta Avenida, na esperança de que o incidente tivesse sido filmado integralmente.

— A filmagem está bastante boa, é fácil ver você na calçada tentando pegar um táxi. E aí, do nada... você está caído no chão.

Sim, foi exatamente isso que aconteceu. Pelo menos era o pouco que ele conseguia lembrar.

— E qual é a má notícia? — perguntou ele.

— Parece que a empresa de táxi tem uma testemunha do acidente. Um passageiro do táxi, que considera que *você* foi o culpado.

— Como assim? — disse Gary bufando de raiva. — Como pode ter sido minha culpa? Eu estava descendo a rua, totalmente na minha!

— A testemunha diz que você estava distraído quando saiu da calçada e foi para a rua. Na opinião dele, o motorista não tinha como desviar de você.

Gary se lembrou de que estava distraído mesmo aquele dia, e um pouco perturbado com o telefonema que recebera no celular.

— Frank, tudo aconteceu tão depressa que é difícil lembrar exatamente como as coisas se passaram — falou rapidamente para o advogado.

— É claro. Sobretudo com a concussão cerebral e tudo o mais. Foi o que eu expus aos sujeitos de Nova York. Como você poderia se lembrar do que ocorreu? Só se lembra que acordou no hospital.

— Exatamente.

Gary gostou de ver que Frank entendia.

— Tudo bem. Solicitei uma cópia do relatório da suposta testemunha e quando receber te chamo no escritório para tomarmos um café e conversarmos. Aí a gente vê como proceder.

— Boa ideia. Obrigado, Frank.

— Mesmo que você estivesse distraído, poderemos incriminar o motorista por excesso de velocidade, por dirigir com imprudência, ou qualquer outra coisa no gênero.

— Perfeito.

Com ou sem testemunha, Gary acreditava que Frank apresentaria a situação de forma a lhe trazer vantagem. Por outro lado, se a questão da culpa não ficasse tão clara quanto ele previra, talvez a indenização não fosse tão lucrativa.

Fosse qual fosse, seria melhor do que se quebrar todo, e ele tinha certeza de que conseguiria uma quantia que lhe permitisse pelo menos comprar uma moto nova.

Deu um grande sorriso. O bom de Rachel ser contra o processo é que ela não ia querer mexer no dinheiro para gastar com o casamento. Gary já estava cansado de ouvir falar em gastos com

hotéis e flores, e em breve ela compraria os vestidos, que sem dúvida custariam metade da dívida nacional de um pequeno país.

Esse era o problema com malditos anéis de noivado caros demais, ele pensou, voltando a trabalhar; eles criam expectativas altíssimas para o resto da palhaçada toda.

CAPÍTULO 33

Sentada na loja de noivas, observando a alegria no rosto de Rachel enquanto experimentava vestidos de casamento, Terri se censurava por ter metido o nariz onde não fora chamada.

Aquele deveria ser um dos momentos mais felizes da vida da sua melhor amiga, e pensando bem Terri via que fora tão falsa quanto Gary ao esconder a verdade de Rachel.

A pobrezinha estava desesperada no bistrô na segunda-feira de manhã, quando contara a ela e a Justin que perdera seu querido anel.

— Não consigo lembrar se tirei o anel aqui ou em casa. Vocês sabem como ele me atrapalha quando estou cozinhando, não é?

Terri sentiu um nó no estômago ao lembrar da mentira deslavada que dissera para sua melhor amiga.

— Não me lembro da última vez que você usou o anel. Tem certeza de que não deixou em casa?

Rachel balançara a cabeça, e com desespero óbvio confessara que não conseguia se lembrar da última vez que o vira no dedo.

— Gary vai me matar — gaguejou. — Como vou contar a ele que não consigo encontrar o anel?

— Tenho certeza de que ele vai entender — disse Terri em tom carinhoso, esperando secretamente que, quando Gary percebesse a angústia de Rachel, lhe contasse a verdade.

Seria obrigado a confessar tudo quando visse seu desespero, não é?

Mas já fazia quase uma semana e nada mudara.

Terri detestava ter de acompanhar aquela farsa de casamento, inclusive por causa da sua própria falsidade. Como poderia dizer à sua amiga que o noivado dos seus sonhos era uma mentira? Que o

casamento que tanto a entusiasmava era uma completa fraude? E pensar que ela deveria ser uma madrinha leal...

Rachel naquele momento experimentava um vestido em estilo sereia, parecendo feito sob medida para seu corpo curvilíneo. Pôs o cabelo para cima e olhou-se no espelho.

— O que você acha desse? — perguntou.

Em circunstâncias normais, Terri teria sugerido que Rachel o comprasse imediatamente, mas fez uma careta e meneou a cabeça.

— Não sei, não. Vai ser difícil andar com ele a festa toda, não?

Rachel deu uns passos e virou-se.

— Eu estou andando bem, na verdade.

Terri franziu o nariz.

— Não sei. Ainda não acho muito a sua cara.

— Você disse isso de todos os vestidos que experimentei hoje! — reclamou Rachel, irritada, fazendo Terri sentir-se totalmente desprezível.

— Talvez, mas não vou deixar você se contentar com nada menos do que o melhor — falou, embora Rachel não pudesse imaginar que aquelas palavras tivessem um significado mais profundo.

Mas o comentário pareceu aborrecer também a vendedora, e a atmosfera na loja tornou-se tensa.

Rachel virou-se para deixar que a vendedora abrisse seu zíper, e ela e Terri esperaram em silêncio enquanto a mulher pendurava o vestido no cabide e trazia outro.

Era um vestido de seda tomara que caia, cor de marfim, estilo princesa. Tinha poucos detalhes, só metros e metros do tecido exuberante. Rachel começou a vesti-lo e a vendedora ajudou-a, puxando-o para cima até cobrir seu torso. Quando o zíper foi fechado, Rachel olhou-se em um espelho de três faces.

— Ah, meu Deus, este é lindo! — falou, quase sem ar, examinando seu reflexo no espelho.

Terri ficou boquiaberta. Tinha de confessar que era lindo mesmo. Não havia como colocar defeito naquele vestido.

— Ah, eu ia me esquecendo do toque final — disse a vendedora, saindo e voltando com um véu simples cor de marfim, com acabamento de renda nas pontas.

O resultado era espetacular.

— É este... eu sei — disse Rachel baixinho.

Terri engoliu em seco.

— É bonito — falou num tom evasivo.

Rachel continuava a olhar-se no espelho.

— Eu sei que é brega dizer isso, mas é o tipo de vestido que sempre me imaginei usando. Não é muito exagerado nem moderno, é mais... atemporal, não é? O tipo de vestido que pode passar de geração em geração.

Que droga. Terri sabia como aquele sentimentalismo importava para Rachel, assim como sabia que, se ela buscava tradição, Gary Knowles seria a última pessoa com quem deveria se casar. Sua ideia de tradição era beber a mesma cerveja no mesmo pub todo sábado à noite. Apertou os lábios, sem saber o que responder.

Radiante, Rachel virou-se e sorriu.

— Não é maravilhoso? Você acha que Gary vai gostar?

Terri esperou um instante, e então decidiu fazer a pergunta.

— Rachel, você tem absoluta certeza do que está fazendo?

Olhou com um ar significativo para a vendedora, que compreendeu logo e reagiu de acordo.

— Vou deixar vocês a sós um minuto — falou, e saiu.

Rachel olhou para Terri.

— Certeza do quê?

— De que quer mesmo se casar com Gary?

Rachel corou.

— Por que não teria?

— É que tudo aconteceu muito depressa, não foi? Quer dizer, vocês dois nem estão juntos há tanto tempo, e aí ele te pede em casamento em Nova York sem mais nem menos?

Rachel fez uma ligeira pausa, e Terri notou no seu rosto uma expressão estranha que não conseguiu identificar. Seria mágoa ou dúvida? Virou-se para o espelho e endireitou os ombros.

— Olha, eu sei que você não gosta muito de Gary, já deixou isso bastante claro. Tudo bem, não precisa gostar, mas a verdade é que eu estou empenhada nesse casamento.

Terri se aprumou na cadeira.

— Empenhada? O que isso quer dizer?

— Quer dizer... quer dizer que sim, é claro que eu amo Gary. Certo, ele é um pouco... rude às vezes, mas no fundo sei que é uma boa pessoa. E sei que ele me ama. Não teria pedido minha mão em casamento nem comprado aquele anel maravilhoso se não quisesse que eu fosse sua esposa.

Terri respirou fundo, louca para contar toda a triste verdade para que a amiga pudesse finalmente cair na real. Mas ao olhar a expressão de Rachel, viu mais uma vez que não teria coragem de fazer isso.

— Rachel, desculpe. Acho que você deve comprar esse vestido — falou finalmente.

— Acha mesmo?

— Sim, é lindo, foi feito para você. Espere aí que vou chamar a vendedora.

Quando Terri encontrou a mulher, pediu desculpas.

— Sinto muito por aquilo — disse, sorrindo. — Eu e minha amiga precisávamos de um minuto para conversar, mas acho que agora estamos prontas.

— Maravilha.

A vendedora estava voltando para a cabine para tirar as medidas de Rachel.

— Sua amiga já decidiu o que quer?

Terri contraiu os lábios.

— Bem, ela acha que sim, e é isso que importa.

CAPÍTULO 34

Rachel estava realmente enlouquecendo. Fazia quase duas semanas que tinha perdido o anel e não sabia mais onde procurar.

Assim que dera pela falta do anel, vasculhara todos os cômodos da casa, checara os bolsos de todas as suas roupas e procurara em cada e fresta do restaurante. A única explicação plausível era que o anel tivesse caído no ralo enquanto ela lavava as mãos ou sido varrido para a lata de lixo junto com uma pilha de sujeira. Mas naquele momento o que acontecera não parecia importar tanto quanto o que fazer a respeito.

Gary não parecia ter notado nada estranho ainda, mas, na última vez em que estivera no bistrô, comentara que ela não estava usando o anel. Rachel disse logo que não o usava no trabalho com medo de danificá-lo, o que de certa forma era verdade.

Mas como o anel estava perdido já havia algum tempo e não havia mais onde procurar, Rachel viu que teria de tocar naquele assunto em breve.

— Não sei como vou contar para Gary — confessou a Terri.

As duas estavam na cozinha do Stromboli preparando o almoço.

Terri deu de ombros.

— Não é como se você tivesse perdido o anel de propósito. Essas coisas acontecem. Tenho certeza de que Gary vai entender.

Rachel olhou para a amiga. Embora ela tivesse sido solidária no início, parecia não levar a sério o desaparecimento do anel. Será que não imaginava quanto significava para ela e, acima de tudo, quanto Gary tinha pago por ele?

— Não acho que ele vai entender — replicou, um pouco mais irritada do que era sua intenção. — Quando penso na fortuna que o anel deve ter custado, sinto um embrulho no estômago.

— Eu não estou querendo aparecer, mas talvez não tenha custado tanto quanto você imagina — arriscou Terri. — De qualquer forma, o que importa não é o preço do anel, mas o sentimento por trás dele, não é? Tenho certeza de que Gary entende isso.

O comentário deixou Rachel pensativa. Quem sabe Terri tinha razão, e ela estava se preocupando à toa. O anel parecia caro, e o diamante era enorme, decerto, mas talvez ela pudesse comprar outro sem que Gary percebesse.

Era isso que faria, decidiu. Em vez de confessar a ele que tinha perdido o anel, tentaria substituí-lo. E Gary não ficaria sabendo. Seria, sem dúvida, uma despesa inesperada além de todas as outras que teria naquele ano, mas a culpa era sua por não ter sido mais cuidadosa.

Havia uma pequena Tiffany & Co. em Brown Thomas. Ela poderia dar um pulo lá na hora do almoço para ver se conseguia um anel de substituição ou pelo menos algum tipo de alternativa. Não que importasse, mas estava também um pouco curiosa para saber *quanto* exatamente Gary gastara com aquele anel.

O valor do anel sem dúvida corresponderia exatamente à intensidade da culpa que sentiria por tê-lo perdido.

* * *

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntou a vendedora sorridente enquanto Rachel examinava as vitrines da Tiffany naquela tarde.

Seus olhos passavam avidamente pelas joias deslumbrantes ali expostas. Anéis, pulseiras e brincos para colorir os sonhos de mulheres do mundo todo, joias tão lindas que para a maioria delas eram apenas uma fantasia, provavelmente irrealizável. Como tivera sorte de ganhar aquele anel e como fora idiota de perdê-lo!

Sentiu o coração pesado de novo.

— Estou procurando um anel de noivado — explicou à vendedora.
— Um modelo que vendem na loja da Quinta Avenida, mas não

estou vendo aqui.

— Bem, como nossa loja não é muito grande, só podemos ter aqui um mostruário seleta, mas todas as joias podem ser encomendadas. Talvez você a reconheça em nosso catálogo — disse a vendedora e pegou debaixo do balcão um exemplar do famoso *Livro Azul* da Tiffany.

Rachel sentiu um calafrio de prazer ao ver a conhecida capa azul do elegante catálogo.

— É um anel com três brilhantes ou um solitário? Ou uma aliança de brilhantes?

— Um solitário — respondeu Rachel, prendendo a respiração ao ver no catálogo as belas fotografias de anéis de diamantes de todo formato, cravação e design.

As fotos eram tão nítidas e os diamantes pareciam tão reais que davam a impressão de brilhar no papel como brilhavam na vida real.

A vendedora virou as páginas até a seção de solitários, e Rachel reconheceu quase imediatamente seu anel de diamante em lapidação marquise com aro de platina.

— É este — disse, apontando para a foto.

— É um clássico marquise — explicou a vendedora. — Um anel muito procurado. É lindo.

Ao olhar a foto, Rachel sentiu aquele mal-estar no estômago de novo ao pensar que perdera uma joia tão incrivelmente deslumbrante. Mas se tivesse sorte (e uma quantia de dinheiro até então desconhecida) talvez pudesse alterar a situação.

— E está segura de que não tem esse em estoque no momento? — perguntou.

A vendedora olhou-a com certa pena.

— Infelizmente não temos mesmo. Mas será um grande prazer encomendá-lo para você; ele estaria aqui no final desta semana. Porém, pedimos um depósito para encomendas especiais. Dois mil para este modelo.

— Dois mil?

De repente Rachel sentiu-se mais leve, e deu um largo sorriso.

Não que tivesse aquela quantia à mão, mas o anel não chegava nem *perto* de ser tão caro quanto ela imaginava. Para comprá-lo

teria de usar grande parte do seu lucro no Stromboli nos próximos meses, mas valeria a pena. Balançou a cabeça. Gary a estava surpreendendo *de novo* por ter conseguido escolher um anel de diamante maravilhoso que parecia custar uma fortuna, mas que na realidade tinha um preço até razoável.

— Sim, só para o depósito — continuou a vendedora, pegando o caderno de encomendas. — Posso fazer a encomenda hoje, se desejar. Mas talvez você prefira voltar com seu noivo para usar o cartão de crédito dele, não é? — perguntou brincando.

Rachel sentiu um enjoo.

— Dois mil? Para o depósito? — repetiu num sussurro, vendo seus sonhos de substituir o anel perdido voarem pela janela. Ficou lívida.

— Sim, dez por cento do preço total é a exigência para encomendas.

Rachel ficou tonta e começou a ver estrelas na sua frente. Era fácil calcular: se dois mil correspondiam a dez por cento do valor total, então Gary gastara vinte mil — *vinte mil* — no anel.

E ela o perdera.

Ah, meu Deus... ah, meu Deus... ah, meu Deus. Sua cabeça girava, e ela teve que se segurar na borda do mostruário de vidro. Estava tão tonta que achou que suas pernas não a sustentariam.

— Você está bem? — perguntou a vendedora, aparentemente sem perceber o pânico que tinha criado na sua cliente.

— Estou bem, sim — conseguiu dizer, tentando se controlar. — E... acho que você tem razão, é melhor eu esperar meu noivo para fazer as honras.

A mulher deu um risinho.

— Uma sábia decisão. Apareçam quando quiserem. Teremos prazer em atendê-los, e sempre oferecemos uma taça de espumante a todos os nossos casais felizes. Seria uma pena perder isso! — acrescentou com uma piscadela.

— Sim, uma pena.

Desesperada para sair dali antes que fizesse alguma bobagem, como desmaiar no chão, Rachel despediu-se rápido da vendedora da Tiffany. Foi tropeçando pela loja e chegou na rua Grafton o mais depressa que suas pernas bambas permitiram.

Vinte mil! O anel custara vinte mil euros e ela o perdera. O que ia fazer agora? E por que Gary gastara tanto? Sentiu-se inexplicavelmente irritada com ele.

Ela teria *morrido* se soubesse que estava usando uma joia tão valiosa assim por aí. E pensar que usara o anel para sovar massa, cobrindo-o com farinha, ovos e toda sorte de ingredientes.

Era *demais* para Gary gastar com ela. Era demais para gastar com qualquer pessoa ou com qualquer coisa que não tivesse pelo menos quatro rodas ou um telhado!

Não havia a *menor* possibilidade de contar a ele agora que havia perdido o anel. Sobretudo quando sabia que o mercado de construção estava passando por momentos difíceis e ela suspeitava, havia um tempo, que Gary mal estava conseguindo manter seu negócio de pé. Ele era orgulhoso demais para admitir isso, é claro, mas Rachel não era boba e lera nas entrelinhas que as coisas não iam bem quando o vira ansioso para deixar Nova York e voltar a trabalhar. Deu um suspiro; de repente tudo estava se esclarecendo. Não era de admirar que ele relutasse em participar do seu entusiasmo com as preparações do casamento; sem dúvida, a única coisa que podia pensar era quanto mais precisaria gastar com elas!

Mas o que dera em Gary para comprar um anel de valor tão alto? Ele sabia que ela não era dessas mulheres caras, que exigiam tudo do bom e do melhor. E aquele anel estava longe de se comparar à rosa de chocolate que ela ganhara dele no Dia dos Namorados.

E pensar que ele não dissera uma palavra, nunca nem insinuara que gastara tanto! Era estranho. Por mais que ela o amasse, sabia que Gary gostava de se gabar desse tipo de coisa.

Olhava pasma para as pessoas ao redor dela na rua enquanto tentava pensar no que fazer. Podia substituir o anel por outro mais barato, desde que Gary não notasse a diferença. Mas o anel era da Tiffany, então é claro que ele notaria.

Sua cabeça girava, sem saber o que fazer em seguida. Havia alguma possibilidade de ter se enganado na loja e mostrado um anel que só *parecia* com o seu? Não, honestamente não havia como se enganar; ela sabia bem que o solitário de vinte mil euros era exatamente o que estava usando duas semanas antes. Era difícil

acreditar ou até mesmo imaginar que Gary tivesse gastado tal quantia com uma única joia.

— Eu nem tinha ideia de que era possível gastar tanto em uma única compra com um cartão de crédito — ela disse mais tarde para Terri e Justin, que pareciam tão chocados quanto ela ao saberem do valor do seu anel de noivado. Pelo menos Rachel achava que Gary tinha pagado com cartão de crédito, pois não podia ter levado tanto dinheiro líquido para a viagem.

— Tem certeza? — perguntou Terri, chocada, e Rachel sentiu-se gratificada ao pensar que *agora* Terri compreenderia por que ela ficara tão enlouquecida com a perda do anel. — Meu Deus, é coisa demais para gastar em um diamante.

— Eu sei. O que devo fazer? Não tenho como comprar outro anel para substituir o meu, e Gary vai subir pelas paredes quando eu disser que o perdi. Talvez até cancele o casamento.

Mordeu o lábio para segurar as lágrimas.

Terri pôs a mão no seu ombro, consoladora.

— Ah, não. Tenho certeza de que ele não faria isso.

— E o seguro? — sugeriu Justin, com ar pensativo.

— Não adianta. Não tive tempo de pôr o anel no seguro — respondeu Rachel, num tom lamentoso.

— E o seguro do cartão de crédito de Gary? O meu cartão Visa tem algum tipo de seguro de compra incluído, talvez o dele tenha também.

— É, isso parece... interessante — disse Terri baixinho.

— É mesmo — disse Rachel mais animada. — Como faço para descobrir isso, Justin?

— Você terá de pegar o extrato bancário de Gary — respondeu ele. — Há uma cobrança mensal pelo cartão, então se isso aparecer no extrato e ele tiver comprado o anel com o mesmo cartão, há uma boa chance de o seguro cobrir — explicou, e passou o braço pelo ombro de Rachel. — Talvez você esteja se preocupando à toa, querida.

Rachel teve vontade de abraçar Justin. Ele tinha razão; se o anel estivesse automaticamente coberto pelo seguro do cartão de crédito,

talvez Gary não ficasse tão transtornado com a perda, pois poderia ser substituído.

— Sim, tenho certeza de que você está se preocupando à toa — repetiu Terri, e Rachel imediatamente sentiu-se melhor.

— É claro que você vai ter que dar um jeito de ver esse extrato sem que Gary saiba — disse Justin. — Não sei quanto a você, mas Bernard me largaria com certeza se soubesse quanto eu gastei com o meu cartão de crédito. Ou, pensando bem, talvez ficasse orgulhoso, quem sabe?

— Bem, vamos ter de dividir esse tipo de coisa um com o outro em breve de qualquer maneira — replicou Rachel, imaginando como poderia pôr a mão no extrato do cartão de crédito de Gary sem que ele desconfiasse.

Além do seguro, havia outra vantagem de verificar o extrato. Caso ela tivesse se enganado com o anel em questão na loja, poderia conferir a transação da Tiffany no extrato; assim saberia com certeza se seu futuro marido gastara mesmo a maior parte do seu salário anual na compra.

Sim, olhar a conta do cartão de crédito de Gary resolveria a situação de uma vez por todas.

Agora faltava ver qual a melhor forma de conseguir aquele extrato.

CAPÍTULO 35

Vanessa continuava nas nuvens. Havia muito a fazer, muito a planejar, e ela já estava ansiosa para providenciar tudo isso.

Sem contar as inúmeras celebrações que ela, Ethan e Daisy fariam em breve. Sua mãe e seu pai tinham ficado felicíssimos com o noivado, e Vanessa estava louca para ir a Dublin na primeira oportunidade e mostrar o deslumbrante anel de diamante da Tiffany.

Olhou para o anel recém-ajustado, ainda achando difícil acreditar que Ethan a tivesse de fato pedido em casamento. Estava contente de ter enfim descoberto o pequeno segredo de Ethan e de Daisy, e aliviada por haver uma explicação razoável para o comportamento estranho dele em Nova York.

Depois da viagem, ela achou que havia alguma coisa errada, que talvez Ethan tivesse voltado às suas recordações lúgubres de Jane. Na verdade, embora tentasse esconder seus sentimentos, não podia deixar de se sentir ameaçada pela memória de Jane. Por essa razão, nunca esteve certa do amor de Ethan por ela, nem se eles teriam um futuro sólido juntos. Vanessa sabia que nunca substituiria o amor da vida dele, mas agora que ela tinha certeza de seu comprometimento a ela, tentaria ao máximo ser uma boa madrasta para Daisy e uma boa esposa para ele.

Pelo menos o futuro não incluía a perspectiva de outros filhos, e ela sentia-se aliviada por isso ter sido exposto desde o início, pois não tinha nenhum desejo de engravidar e nenhum interesse pelas dificuldades e inconveniências que os bebês acarretavam. Uma família já pronta lhe serviria muito bem.

Sim, sabia que Ethan era o homem certo para ela, o homem perfeito para ser seu par pelo resto da vida, e estava contente por ele ter finalmente percebido isso também.

E pensar que ele se esforçara tanto, primeiro em Nova York e depois em Dublin, só para conseguir um anel específico!

Era uma linda joia, disso não havia dúvida, só que ela não entendia muito bem por que tinha de ser aquela e não outra. Mas Ethan era assim mesmo: muito exigente e, apesar de sua doçura, altamente determinado quando decidia alguma coisa.

Havia outra razão para Vanessa querer tanto visitar seus pais em Dublin. O comentário de Ethan sobre propriedades antigas irlandesas não lhe passara despercebido, e, se eles iam se casar na sua terra, ela queria uma cerimônia em grande estilo. Especialmente porque todos os seus amigos e colegas de edição estariam presentes, e talvez alguns de Nova York também.

Agora que Ethan havia feito o pedido, ela estava decidida a começar logo o planejamento. Não havia razão para esperar; ela detestava pessoas que ficavam noivas só pelo noivado, sem se preocupar em marcar uma data. Afinal, o objetivo do noivado era o casamento, não era?

Teria de checar com Ethan, mas já estava pensando no mês de agosto. Era em geral uma época calma na editora, e é claro que ele estaria de férias na universidade e Daisy na escola.

A visita a Dublin no final do mês seria a oportunidade perfeita para procurar locais para a festa, assim como floristas, bufês e tudo o mais. Mas não via problema algum em tomar providências naquele meio-tempo.

Pegou o telefone, olhou o papel que levava para o escritório naquela manhã e discou o número.

Uma voz masculina simpática atendeu.

— Bistrô Stromboli. Justin falando. Em que posso ajudar?

— Ah, olá. Soube que vocês têm serviço de bufê, não é?

— Correto.

— E pelo visto trabalham também com pedidos de casamento peculiares — acrescentou, rindo ligeiramente.

— Como?

Vanessa explicou a história do anel escondido no pão da padaria do Stromboli.

— Foi uma ótima ideia, mas um pouco arriscada também, devo admitir. Eu quase quebrei um dente.

— Sei.

O homem parecia confuso, como se não soubesse do que ela estava falando, mas isso não importava.

— Meu noivo falou muito bem da sua cozinha e, surpresa aparte, confesso que o pão de vocês estava absolutamente divino — continuou. — E como sua empresa já teve um papel tão importante na coisa toda, eu gostaria de receber uma sugestão de cardápio e um orçamento do bufê para nosso casamento. A data ainda não foi acertada, mas deve ser mais para o fim do ano, talvez em agosto.

Houve uma breve pausa do outro lado da linha.

— É claro, teremos muito prazer em lhe enviar um orçamento, e quanto à sugestão de cardápio não haverá problema algum. Terri, a gerente do nosso bufê, não está no momento, mas se você deixar seus dados eu peço para ela telefonar de volta.

— Obrigada. Seria maravilhoso.

Vanessa já estava impressionada com o nível de profissionalismo do Stromboli. Depois de morar tanto tempo em Londres, achou que seria difícil organizar um casamento em Dublin à distância. Boas recomendações eram fundamentais, e que melhor recomendação para um serviço de bufê do que o restaurante diretamente envolvido no seu pedido de casamento?

— Eu devo ir a Dublin em breve, então quem sabe passo aí com meu noivo para conversarmos.

— Será um prazer conhecê-los. Pode me dar seu nome?

— Sim, é claro. Vanessa Fox. E meu noivo é Ethan Greene — acrescentou, antes de lhe dar o número do seu telefone.

Não podia evitar; adorava usar a palavra “noivo” toda vez que havia uma oportunidade.

Despediu-se do funcionário do bistrô, e quando ia desligar o interfone tocou.

— Brian Freeman quer falar com você — disse sua assistente. — Linha três.

Vanessa hesitou um instante com o dedo pairando sobre o botão da linha três, e enfim se decidiu.

— Diga que estou em reunião.

* * *

— Alguém fez besteira — disse Justin para Terri. — Ou será que devo dizer que alguém foi muito, muito burra?

Era fim da tarde, e ela acabara de chegar para o turno da noite.

— Do que você está falando? — perguntou, franzindo o cenho e vestindo o avental.

— Recebi um telefonema interessante hoje de uma moça muito encantada com a nossa participação no seu pedido de casamento.

— O sujeito fez o pedido durante um jantar aqui, ou coisa assim? — perguntou ela com naturalidade. — Não me lembro de ter visto nada do tipo ultimamente no Stromboli, mas talvez Rachel tenha.

Justin pôs as mãos na cintura.

— Foi uma coisa muito estranha. Ao que parece, *alguém* fez um pão levedado com um anel de diamante da Tiffany na massa.

Terri ficou boquiaberta, sem acreditar no que estava ouvindo.

— A *noiva* dele ligou para cá?

Ao perceber que se traíra involuntariamente, corou. Enfim, cruzou o olhar de Justin.

— Alguma coisa tinha de ser feita.

— Ah, meu Deus, Terri, o que você estava pensando? — exclamou ele, incrédulo. — Você não tinha o direito de tirar... ou melhor, de *roubar* o anel de Rachel!

— O anel não é dela — replicou Terri sem convicção, mas percebeu que suas palavras soavam fracas.

— Ainda assim, você não tinha direito de interferir. Só porque ficou toda encantada com o tal Ethan, não quer dizer que ele estivesse contando a verdade!

— Como assim? — perguntou Terri, ignorando a primeira parte do comentário dele. — É claro que ele estava contando a verdade, coisa que nós dois sabemos que Gary não é capaz de fazer — disse, de

braços cruzados. — Não sei quanto a você, mas eu não ia ficar vendo Rachel babar por aquele diamante sem fazer nada.

— Então decidiu roubar o anel e o entregar a um estranho com uma história triste?

— Não foi roubo, e Ethan não é um estranho — justificou-se Terri, tentando se defender. — Olha, Justin, o sujeito foi bonzinho demais para tirar o anel de Rachel, e como Gary não tinha intenção de devolvê-lo... eu tive de agir.

— Mas você tem visto Rachel se arrastando por aí ultimamente. Ela acha que a culpa de ter perdido a joia é dela, e está morrendo de medo de contar para Gary.

— Eu sei. Mas talvez assim tudo seja posto em pratos limpos.

— Bom, alguma coisa vai ser posta em pratos limpos em breve, isso é certo — disse Justin, suspirando com severidade.

— Como assim?

— A mulher com quem eu falei, a namorada do tal Ethan, pediu informação sobre nosso bufê para sua festa de casamento. Eu falei que você ligaria de volta para ela.

— O quê? Ah, meu Deus — exclamou Terri.

Eram tantas possibilidades desagradáveis que Terri não conseguia lidar com elas.

— Por que cargas-d'água ela quer que *nós* façamos o bufê para um casamento em Londres?

— Porque aparentemente a futura Sra. Greene é nossa conterrânea, e o casamento vai ser realizado aqui na nossa terra.

— Em Dublin? Você deve estar brincando.

— Não.

— Ah, meu Deus.

Terri pôs a mão no rosto e começou a suar frio. Não sabia o que pensar, ou fazer, agora. Mas decerto Ethan não ia querer que elas se encaregassem do bufê, não é? Na última vez em que o vira ele lhe pareceu determinado a nunca mais pôr os pés ali, e quem poderia culpá-lo por isso?

Olhou para Justin.

— Você tem razão. Eu sei que errei ao fazer justiça com minhas próprias mãos — admitiu, envergonhada. — Mas agora já está feito.

Gary nunca assumiria a culpa, e eu não podia ficar parada enquanto Rachel ouvia um monte de mentiras. Gary é um crápula, Justin, nós dois sabemos disso.

— Humm, crápula ou não, agora você botou todos nós no meio disso — disse Justin em tom solene. — Porque quando aquela moça entrar aqui com o precioso anel da Rachel, vai voar merda para tudo quanto é lado.

CAPÍTULO 36

Rachel estava examinando o extrato de dezembro do cartão de crédito de Gary. Tinha quebrado a cabeça tentando arranjar um jeito de conseguir o extrato, mas vira logo que a razão perfeita estava bem na sua frente.

Ela e Gary estavam abrindo uma conta conjunta para as despesas do casamento, e o banco havia solicitado documentos de identificação e comprovante de residência de ambos.

— Extratos bancários, contas, cópia do passaporte, você sabe — lembrou ela a Gary.

— Eu posso pegar um extrato do banco, mas não tenho certeza se consigo as contas — falou com relutância. — Acho que joguei fora minha última conta de luz.

Rachel teve uma ideia, e viu que finalmente teria a chance que estava esperando.

— E a conta do cartão de crédito? Tenho certeza de que serviria como comprovante de residência — disse, tentando dar um tom natural à sua voz.

Felizmente Gary não notara nada de estranho.

Ele tinha deixado os documentos necessários no bistrô no início da tarde, e agora, na privacidade da sua sala de estar, Rachel aproveitava a oportunidade para procurar no extrato do cartão Visa a cobrança do seguro que Justin mencionara.

Se estivesse ali, ela diria com toda a franqueza a Gary que tinha perdido o anel. Se não estivesse... não sabia o que faria.

Passou os olhos pela lista das transações mais recentes, tentando identificar as compras de Nova York. Havia montes de compras em lojas da Quinta Avenida: uma na Sachs, duas na Bergdorf Goodman, e... ali estava, Tiffany & Co.

Ao verificar o valor correspondente, seus olhos piscaram.

Cento e cinquenta dólares? Como era possível? Franziu a testa. Gary não poderia ter comprado um anel de diamante por esse valor. Olhou de novo o extrato, perplexa. Nunca pensou que fosse possível gastar tão pouco naquela loja, a menos que fosse um souvenir ou coisa semelhante.

Então lembrou-se da sua conversa recente com a vendedora da Tiffany sobre o depósito, e lhe veio uma luz. É claro! Gary provavelmente encomendara o anel de antemão, estava pagando por ele já havia algum tempo e fora à loja só para buscar a encomenda. Talvez a transação registrada ali fosse o saldo restante ou um serviço de embrulho especial para presente.

Devia ser exatamente o que ela estava vendo, mas para sua tristeza isso não ajudava em nada. Se Gary tivesse pagado o anel a prazo, sem recibo não haveria como saber quanto tinha sido o valor total.

Rachel não fazia ideia por que isso importava, pois já sabia quanto ele gastara com o anel.

Mas caso ele tivesse pagado o anel a prazo com o cartão de crédito, a compra ainda estaria coberta pelo seguro?

Passou as páginas até chegar ao final do extrato. Para sua tristeza, não havia sinal do seguro de compra que Justin mencionara.

Engoliu em seco e olhou de novo para seu dedo anelar nu. Já fazia quase três semanas que não via o anel, tinha procurado por todo lado (e evitado todas as perguntas de Gary) e parecia pouco provável que ele aparecesse àquela altura.

Deu um suspiro. Não havia nada mais a fazer; ela teria de aguentar o tranco e contar a Gary que o anel desaparecera.

Mordeu o lábio.

Restava ver se, depois daquela confissão, seu noivo desapareceria também.

* * *

Daisy tinha um dilema. Precisava conversar sobre uma coisa muito importante com seu pai, mas não sabia se podia abordar o assunto agora.

Embora estivesse contente de ele ter conseguido resgatar o anel, andava muito preocupada desde o dia em que Vanessa o experimentara e ele não coubera no seu dedo.

Por que não coube, se seu pai tinha dado a medida do dedo dela?

— Eles devem ter se enganado quanto ao tamanho na loja — dissera seu pai, quando ele e Daisy conversaram sobre isso depois e ele explicara que outra mulher muito simpática em Dublin o ajudara a resgatar o anel. — Mas de que importa isso? O que importa é que recebemos o anel de volta e finalmente fizemos o que já devia ter sido feito.

Mas para Daisy importava, porque não parecia certo.

Segundo seu pai, o anel cabia em Rachel. Ele disse isso quando voltou para casa, e ela lhe perguntou de novo. E, a seu ver, aquele detalhe era importante.

Ainda assim, como Ethan tivera tanta dificuldade para resgatar o anel e parecia aliviado de ver tudo de volta ao normal, Daisy achou melhor esperar um pouco para expor a ele sua opinião sobre o assunto.

Ela sabia que sua mãe sempre acreditara piamente no destino, e que o universo sempre fazia tudo certo.

Então, será que o universo fizera com que ela e seu pai estivessem no lugar certo no dia em que aquele homem fora atropelado em Nova York, para que as sacolas fossem trocadas e o anel acabasse com a pessoa certa?

Talvez sua mãe tivesse feito com que o anel se perdesse e acabasse com a pessoa em cujo dedo ele pertencia por direito.

Até aquela manhã, Daisy acreditava naquilo, mas agora se perguntava o que o universo estava tentando dizer quando a levava a encontrar a caixa escondida no fundo da lata de lixo.

Vanessa tinha se mudado para a casa deles, mas ainda não aprendera umas tantas coisas rotineiras, como a existência de uma lata para lixo normal e outra para lixo reciclável.

Reciclar para ajudar a salvar o planeta era importante para Daisy, como fora importante para sua mãe.

Mas se já fora difícil tentar convencer seu pai a respeitar as regras, era ainda mais difícil tentar ensiná-las a uma nova moradora, e Daisy ficou frustrada de ter de separar o lixo reciclável de novo.

Naquela manhã, enquanto Vanessa tomava uma ducha e seu pai dava uma corrida matinal, Daisy encontrou mais coisas na lata de lixo normal que não deveriam estar ali. Deu-se o trabalho de pescar uma sacola de plástico e encontrou dentro uma caixa rosa e branca.

Ao perceber o que era aquela caixa, seu dilema começou.

Teste de primeiros sinais de gravidez.

O coração de Daisy pulou dentro do peito. Será que iria ganhar um irmãozinho ou irmãzinha? Ela bem gostaria, mas sabia que era impossível, dadas as circunstâncias. Até então.

Agora que seu pai e Vanessa estavam noivos, tinham obviamente decidido começar uma família no mesmo instante. Ela sabia quanto seu pai desejava isso também.

E, com toda a sinceridade, Daisy ficou contente. Por ser filha única, sentia-se solitária às vezes, e tinha de admitir que se sentia ainda mais solitária desde que seu pai e Vanessa tinham começado a namorar. Ethan não lia mais tanto para ela, e eles não passavam mais muito tempo sozinhos.

Talvez um bebê fosse uma boa ideia.

Mas uma coisa era certa: a descoberta solucionara seu dilema. Agora que Daisy sabia disso, não podia mais falar com o pai sobre sua preocupação de que o anel não estivesse no dedo da pessoa certa.

Sobretudo se ela, Ethan e Vanessa estavam prestes a se tornar uma família completa em todos os sentidos.

CAPÍTULO 37

Gary pegou a moto e foi ver Rachel. Ela pedira para ele passar na casa dela naquela noite, e ele concordara com relutância, prevendo mais um bombardeio de planos de casamento.

Não estava a fim de conversar sobre isso, não depois do dia que tivera. No início da tarde, tinha ido ao escritório do seu advogado ver as fitas da câmera de segurança e ler o depoimento da testemunha, e as coisas não tinham saído muito bem.

Havia um casal no táxi na hora do acidente, e o sujeito que dera o depoimento afirmara com insistência que o motorista não podia ter desviado de Gary, e descrevera com detalhes como a coisa toda tinha ocorrido.

Cretino intrometido. Gary não entendia como um estranho podia ter uma memória tão perfeita de um incidente que não lhe dizia respeito, quando ele próprio mal se lembrava do que tinha comido no café da manhã. Aliás, logo depois que foi atropelado, os passageiros haviam saltado do táxi e o largado lá à própria sorte.

A filmagem também mostrava o tal de Greene e sua filha abrindo caminho na multidão para ajudá-lo. Gary notou, com certo desânimo, que eles acabavam de sair da Tiffany e vinham carregados de sacolas de compras, o que, ele tinha de admitir, significava que talvez as sacolas tivessem mesmo se misturado, como Greene tinha sugerido.

Se fosse verdade, Gary sentia-se um idiota agora por ter pensado que o anel caíra nas suas mãos por um golpe de sorte. Devia ter pensado um pouco mais na origem daquele anel desde o início, mas o que podia fazer quando àquela altura Rachel estava dando cambalhotas de alegria? Sentiu-se mal também por ter dito a Ethan Greene para cuidar da própria vida, mas não podia simplesmente

tirar o anel do dedo de Rachel só por causa de uma história improvável contada por um estranho, não é?

Enfim, Greene tinha desistido e, até onde Gary sabia, não dera mais notícias desde que ele o acusara de estar paquerando Rachel.

Agora que a situação estava um pouco mais clara, Gary achava que o melhor a fazer era ficar de bico calado, a não ser que fosse forçado a agir de outra maneira.

Gostaria que a suposta testemunha tivesse feito o mesmo. Seu relato dos acontecimentos que haviam levado ao acidente tinha sido claro, conciso e, segundo seu advogado, infelizmente muito prejudicial para o caso.

Gary ficou lívido. Sua nova moto já era! Mas pelo menos saiu ganhando alguma coisa, pensou, quando Rachel abriu a porta. Embora não estivesse encantado com toda aquela agitação dos preparativos de casamento, sabia que sua relutância em admitir que o noivado não fora planejado se devia ao fato de que ele não queria que Rachel soubesse a verdade sobre ele.

Ficaria desapontada, com toda a certeza.

Mais uma para acrescentar à lista, ele pensou desanimado.

Mas pelo menos Terri parecia ter entendido que era importante não criar problema, pois já haviam se passado três semanas desde o dia em que ele contara a verdade e nada acontecera. Obviamente, Terri também percebera que se Rachel não soubesse de nada não seria magoada.

Mas quando sua noiva abriu a porta com um ar estranho, Gary viu imediatamente que alguma coisa estava errada. Ela parecia estar carregando o mundo nos ombros.

Droga, será que Terri tinha dado com a língua nos dentes? Ou será que Rachel descobrira a filmagem do acidente pela câmera de segurança, na qual vira Greene com todas as sacolas, e acabou ligando os pontos? Ou, pior ainda, será que tinha conversado com sua mãe?

Suas preocupações diminuíram um pouco quando Rachel pôs os braços à sua volta e abraçou-o com força.

— Obrigada por vir até aqui.

— Sem problemas. O que aconteceu?

Gary notou que ela estava nervosa, o que não era nada típico de Rachel, e ficou nervoso também.

Ela falou com voz suave.

— Não há um jeito fácil de dizer isso...

Balançou a cabeça e seus olhos encheram-se de lágrimas. Gary sentiu um nó no estômago. Merda. Ela estaria terminando com ele, cancelando o casamento? Ficou surpreso de ver como se opunha a isso agora, sobretudo considerando a maneira inusitada como tudo aquilo começara.

Certo, Rachel às vezes exagerava no sentimentalismo, mas isso era comum entre as mulheres, não era? Ela era uma das poucas pessoas que o deixavam bem consigo mesmo; ele gostava de ter Rachel na sua vida e sabia que era improvável que encontrasse outra mulher igual.

Rachel acreditava nele, admirava-o e achava-o verdadeiramente maravilhoso, mesmo quando tudo estava desmoronando em volta dele. Embora ela não soubesse, era ela que o mantinha otimista diante de todos os problemas que o cercavam. Ao pensar que poderia perdê-la, viu que não queria imaginar a vida sem ela.

— Não há um jeito fácil de dizer... o quê? — repetiu ele, gaguejando um pouco.

Rachel olhou para sua mão esquerda, e Gary levou um susto ao ver que ela não estava usando o anel de noivado. Droga.

— Eu perdi o anel.

— Rachel, eu posso explicar... — começou ele, mas os dois falaram ao mesmo tempo. — O quê? — perguntou Gary, pois achou que tinha ouvido mal o que ela disse.

Rachel olhou para ele, cabisbaixa.

— Eu perdi o anel. Sinto muito. Não queria te dizer até ter certeza, mas procurei por todo lado nessas três últimas semanas e...

— Espere aí — interrompeu Gary, pasmo, mas também um pouco aliviado por ser ela que estava se desculpando.

Mesmo assim, começou a ouvir alarmes disparando na sua mente.

— Perdeu há três semanas?

Ou seja, por volta da época em que Ethan Greene estivera em Dublin tentando recuperar seu anel. Havia alguma coisa errada ali,

percebeu, num raro momento de lucidez.

Rachel fez que sim, e continuou.

— Sinto muito. Sei que devia ter te contado, mas achei mesmo que o anel ia aparecer, que talvez o tivesse tirado do dedo e deixado em algum canto no bistrô. Mas não vi sinal dele. Pode acreditar em mim, revirei tudo de cima a baixo. É como se tivesse evaporado.

— Nenhum sinal. Evaporado — murmurou Gary, repetindo aleatoriamente as palavras, a cabeça a mil.

Rachel aproximou-se dele, interpretando sua reação como irritação ou raiva. De fato ele *estava* irritado, mas não pela razão que ela supunha. Não, ele estava possesso, porque tinha certeza de que havia alguma coisa errada naquilo. E estava certo também de que Ethan Greene, e provavelmente Terri, tinham tudo a ver com a situação. Não era de admirar não ter ouvido falar mais dele!

Rachel estava aos prantos agora.

— Desculpe. Fiquei enlouquecida nessas últimas semanas, sem conseguir dormir nem comer ao pensar no valor do anel.

Gary mal conseguia imaginar quão mal ela estava se sentindo, e queria tentar fazê-la se sentir melhor. Mas se viu diante de um dilema. Não podia exatamente abraçá-la e dizer que estava tudo bem se supostamente tinha gastado mais de dois mil em um diamante, não é?

Ao mesmo tempo, não tinha coragem de fingir estar com raiva ao vê-la tão transtornada, e ao saber que devia estar se estressando com isso há semanas.

Olhou para o chão como quem está tentando entender a situação.

— Confesso que era a última coisa que eu esperava — falou com honestidade, e Rachel fez que sim.

— Eu sei, e me detesto por não ter sido mais cuidadosa. Devia ter guardado o anel a sete chaves, especialmente sabendo quanto ele valia e como você deve ter trabalhado para pagar em parcelas e tudo mais.

Caramba, agora ele se sentia um verdadeiro cretino, com Rachel falando tanto no valor do anel.

— Não se preocupe com isso, é só dinheiro — disse ele, esperando que ela se sentisse melhor.

— Só dinheiro? — Ela riu entre as lágrimas. — Você é realmente o homem mais maravilhoso do mundo. Obrigada por tentar melhorar meu astral, mas nós dois sabemos que aquele anel custou o suficiente para levar muita gente à falência.

— É... é.

Rachel mordeu o lábio.

— Eu sei que é improvável, mas por acaso o anel estava seguro? Justin achou que talvez o seguro do seu cartão de crédito desse cobertura, mas eu não tinha certeza.

— Espere aí. Justin está sabendo? — perguntou Gary.

Isso significava que Terri sabia também, ele tinha certeza.

Rachel percebeu que tinha se traído.

— Eu tive de contar a eles para poder perguntar se tinham encontrado o anel em algum canto do bistrô. Devia ter contado para você primeiro, mas não conseguia admitir que tivesse feito uma coisa tão idiota.

Caiu em lágrimas de novo, e Gary não soube o que fazer.

— Tudo bem. Tenho certeza de que o anel vai aparecer — falou, abraçando-a e dando tapinhas de leve nas suas costas.

— Há pouca chance a essa altura — disse ela, fungando. — Gary, sinto muito mesmo — falou de novo. — Sei que devia ter sido mais cuidadosa. Não devia usar um anel daqueles no trabalho, sobretudo quando eu tinha que tirá-lo porque ele ficava preso na massa e...

— Quando você viu o anel pela última vez?

— Não sei bem. Quando notei que estava sem ele, podia jurar que tinha tirado naquele mesmo dia no trabalho. Mas, como disse, nem Terri nem Justin o viram.

— Você deve ter perdido mesmo no trabalho — concordou Gary, quando as coisas começaram a se encaixar.

Era muita coincidência para seu gosto.

— Não sei. Não posso dizer com certeza. Gary, prometo que vou te recompensar de alguma forma. Posso imaginar o sacrifício que você fez para me dar aquele anel, e a última coisa que eu queria era que isso acontecesse. Vou te recompensar, eu juro. Tentei comprar um anel para substituir o que você me deu, mas... era caro demais para mim.

— Não se preocupe com isso. Não foi sua culpa — replicou ele, sentindo-se um verdadeiro impostor agora.

Queria que ela parasse de falar sobre o custo do anel, pois isso o fazia sentir-se pior ainda.

— Sei que não foi sua culpa.

Por uma vez, Gary estava dizendo a verdade. Considerando o *timing* e as circunstâncias, tinha certeza de que não era culpa de Rachel, como quer que o anel tivesse desaparecido “de repente”.

CAPÍTULO 38

Ethan podia contar nos dedos o número de vezes que tinha ido a Dublin, mas lá estava ele pela segunda vez no espaço de dois meses.

Ainda estava tonto com tudo o que acontecera nas quatro últimas semanas. Para sua surpresa, Vanessa se pusera à frente dos planos de casamento e chegara até a escolher uma data.

Naquele ano.

Ele não sabia bem por que, mas isso o deixara incomodado.

— Por que a pressa? — perguntou, embora não soubesse por que esperara outra coisa de sua noiva altamente dinâmica e organizada.

Tanto na vida como no trabalho, ela não era o tipo de mulher que esperava que as coisas acontecessem.

— Nunca acreditei em noivados longos, Ethan. Qual é a vantagem? Ou vamos nos casar ou não vamos. Não se preocupe — acrescentou, com um riso brincalhão. — Vou cuidar de tudo. Você só precisa aparecer no dia.

E, aparentemente, o dia em questão seria no próximo verão. Possivelmente em agosto. Tudo à sua volta parecia um turbilhão, pois com toda a confusão decorrente da perda do anel ele mal tivera tempo de parar para respirar desde o Natal.

Ele, Daisy e Vanessa estavam agora a caminho da casa dos pais de Vanessa; sentado no banco do carona do carro alugado por ela, ficou imaginando se Rachel estaria bem e se seu namorado mau-caráter lhe contara a verdade. Várias vezes sentiu-se tentado a telefonar para o bistrô para saber, mas achou melhor deixar o barco correr. Afinal, não era da sua conta.

Virou-se para Daisy, que estava no banco de trás.

— Está confortável aí, florzinha? Qual é sua primeira impressão de Dublin?

Daisy permanecera quieta durante o voo, e na verdade andava muito quieta nas últimas semanas.

O anel estava de volta são e salvo, e ela já dera a benção ao noivado em Nova York. Então por que ele tinha a impressão de que Daisy estava relutante com a coisa toda?

— É muito bonito aqui, mas não tanto quanto Nova York — respondeu a menina, corando ligeiramente ao lembrar que Dublin era a cidade natal de Vanessa.

— Você tem razão — falou Vanessa, rindo. — E quero te avisar, Daisy, que a casa dos meus pais é pequena; não espere uma grande mansão ou algo do tipo — disse e sorriu para Ethan. — Sei que seu pai ficou admirado com as pequenas proporções na última vez em que estivemos aqui.

— Que bobagem! É claro que não achei — argumentou Ethan, mas lembrou-se de que Vanessa ficara pouco à vontade na primeira e única vez em que, em uma viagem rápida, ele fora à casa dos pais dela, aproveitando a estada de Daisy com os avós.

Sabia que sua noiva se sentia um pouco envergonhada de suas raízes de classe operária, mas não imaginava por quê; quando estivera com Pat e Greta Fox, achara-os calorosos, simpáticos e totalmente francos.

Mas Vanessa tinha aquelas estranhezas às vezes. Talvez os círculos que frequentava no trabalho e seus amigos ricos de classe alta a deixassem insegura a respeito de sua origem mais humilde. Ele próprio não entendia bem, mas como pertencia indubitavelmente à classe média, era impossível ver as coisas do ponto de vista dela.

Chegaram na casa dos Fox logo depois das oito da noite, na sexta-feira. Greta os esperava na entrada da casinha geminada em uma rua calma de subúrbio.

Era uma mulher baixa, com o mesmo cabelo louro de Vanessa (só que com tom mais escuro, comparado ao tom platinado da filha), que os recebeu com o rosto redondo sorridente e os braços abertos.

— Entrem, entrem, vocês três! — disse.

Depois de fazer a festa para Daisy, a quem ainda não conhecia, abraçou a filha.

— Cadê o diamante? — perguntou, e seus olhos se arregalaram quando Vanessa lhe estendeu a mão esquerda com orgulho. — Jesus, Maria e José, você deve ter pagado uma fortuna por isso! — falou para Ethan, rindo.

Ela nem imaginava, ele pensou ironicamente.

— Olha só, é o casal feliz — exclamou Pat, o pai de Vanessa, deixando o jornal de lado quando eles entraram na sala. — Parabéns, e minha admiração por você, chefe — acrescentou, dirigindo-se a Ethan. — Devo confessar que nunca imaginei que alguém fosse nos tirar nossa filha.

— Obrigada, pai — disse Vanessa com petulância, o que surpreendeu Ethan, pois ele nunca a ouvira usar aquele tom de voz.

Era óbvio, pelo menos para ele, que o pai não tinha dito com más intenções e que ela estava exagerando.

— Ah, você sabe o que eu quis dizer. Só nunca pensei que conheceríamos um homem que te domasse — falou, piscando para Ethan.

Mas o estrago estava feito, e a bolha de empolgação de Vanessa tinha estourado.

Apesar dos esforços de Greta e Pat para conversar durante o jantar sobre os planos de casamento e locais potenciais para a festa, Vanessa parecia distraída.

— Vocês vão ficar aqui o fim de semana todo, não é? — perguntou a mãe, esperançosa.

— Sim, e vamos tentar organizar tudo o que pudermos para o casamento enquanto estivermos aqui.

Ah, é? Era a primeira vez que Ethan a ouvia dizer aquilo. Pensou que a intenção da viagem fosse celebrar o noivado, e uma desculpa para passar mais tempo com os pais dela. Mas, como era do seu feitio, Vanessa nunca perdia uma oportunidade.

— Vamos visitar amanhã uns possíveis locais para a festa — continuou sua noiva. — Sei que Ethan quer que seja numa propriedade rural irlandesa, não é, querido? — falou sorrindo, e

Ethan tentou se lembrar de quando tinha dito aquilo. — Creio que Powerscourt seria ideal.

— Ah, seria lindo — disse a mãe, entusiasmada, e Ethan percebeu que ela estava louca para participar dos planos.

— Depois, vamos almoçar em um restaurante na cidade que trabalha também com bufê. Quero provar a comida deles — disse, e deu uma piscadela para Ethan. — Acho que você conhece.

Enquanto ele tentava entender o que sua noiva queria dizer, Vanessa deu uma risada e contou para a mãe a história do pedido de casamento inusitado.

— Achei que seria uma boa ideia eles participarem da nossa festa também. É claro que tenho de ver se a comida é de qualidade primeiro, mas se for como aquele pão levedado...

— Espere um instante — disse Ethan, apavorado. — De que restaurante você está falando?

— Do Stromboli. Achei que seria perfeito, dadas as circunstâncias, você não acha? — disse ela sorrindo. — E, pessoalmente, estou louca para ver se o lugar é bom mesmo.

CAPÍTULO 39

— Que bom que Gary aceitou bem a notícia — disse Terri no telefone. — Está vendo? Eu falei que ele entenderia... Sim, ele é mesmo um em um milhão — disse e revirou os olhos para Justin, que estava do outro lado da cozinha. — Mas não precisa vir aqui hoje. Eu insisto. Agora que tudo foi posto em pratos limpos, você deve relaxar e tirar uma folga.

Depois de convencer Rachel de que um sábado movimentado no bistrô era a última coisa que ela merecia, considerando o estresse que passara até contar a Gary que tinha perdido o anel, Terri desligou o telefone.

— Parece que ele aceitou bem a coisa — falou em tom irônico para Justin. — Que surpresa.

Ele balançou a cabeça.

— Rachel não ficou nem um pouco desconfiada com isso? Ela perde um anel que custou supostamente milhares de euros, e o pão-duro do Gary nem pisca?

— Acho que não. Mas enfim, pelo menos ela concordou que a última coisa que merecia depois de tanto estresse era vir trabalhar no almoço de sábado. E vai tirar o dia de folga. Eu disse para ela aproveitar a oportunidade para recompensar Gary.

As palavras lhe pareceram amargas, mas Terri sabia que tinha de manter Rachel longe do bistrô naquele dia.

Pois Ethan Greene e sua noiva haviam marcado de aparecer no restaurante para almoçar.

Quando Justin lhe falou pela primeira vez das indagações da noiva a respeito do bufê, Terri pensou em ligar para Ethan e perguntar que tipo de brincadeira era aquela, aparecer ali, ostentando o anel que ela se arriscara tanto para lhe devolver.

Mas pensou bem e achou pouco provável que a ideia tivesse partido de Ethan; além do mais, ela não tinha o número do seu telefone. Rachel devia ter, é claro, mas que desculpa daria para lhe pedir o telefone dele sem levantar suspeitas?

Até onde Rachel sabia, Terri só encontrara Ethan uma vez, rapidamente, e embora ela tivesse cogitado inventar que ele tinha esquecido alguma coisa lá, sabia que a história pareceria falsa.

Então, quando retornou a ligação de Vanessa Fox e depois fez a reserva para ela e Ethan provarem o menu degustação durante o almoço, sua próxima prioridade foi garantir que Rachel não estivesse nem perto do bistrô.

Além de ser muita coincidência Ethan escolher o bufê do Stromboli para sua festa de casamento, o fato de sua noiva usar um anel idêntico ao que Rachel perdera durante a última visita de Ethan seria coincidência demais.

E, considerando que fora ela que inadvertidamente causara toda aquela situação, Terri viu que o melhor a fazer agora era deixar o barco correr na ausência de Rachel. Mas ela realmente não queria ter que passar por isso, e só podia imaginar como Ethan estaria se sentindo em ter que voltar lá; sabia quanto ele se preocupara com a reação de Rachel ao ver que perdera o anel.

E, não pela primeira vez, ela se perguntou se o anel, atualmente em posse da noiva de Ethan, não teria vontade própria.

* * *

Ethan estava prestes a subir pelas paredes da propriedade rural que ele, Daisy e Vanessa estavam avaliando como possível local para a festa de casamento.

Não porque Vanessa tinha enfiado na cabeça que ele queria se casar num lugar assim, mas porque não podia acreditar que, de todos os bufês de Dublin, sua atenção se voltara para o Stromboli.

Talvez em parte fosse culpa sua, pois tinha sido ele que lhe falara do bistrô em primeiro lugar.

Maldito pão e maldita Terri por ter posto o anel dentro dele, fazendo daquela grande confusão um imenso circo. Não, ele estava sendo injusto; Terri tivera boas intenções e ele lhe era muito grato por ter tentado ajudá-lo.

Mas gratidão era a última coisa que sentia agora. Não tinha ideia do que deveria dizer quando ele, Vanessa e Daisy entrassem no bistrô naquele dia, Vanessa ostentando orgulhosamente o anel de noivado perdido de Rachel.

Ele imaginou que Rachel ou Terri deviam estar a par da reserva, e não tinham visto problema nisso; talvez ele estivesse se preocupando à toa.

A verdadeira origem do anel talvez tivesse sido esclarecida naquele meio-tempo, e quem sabe Rachel, longe de estar transtornada, estaria ansiosa para se desculpar. Isso criava outro problema no qual ele não tinha pensado ainda. Obviamente, Vanessa não sabia nada sobre a troca das sacolas ou o tumulto que dela resultara, e Ethan não queria lhe dizer que seu pedido de casamento “de surpresa” fora uma surpresa tanto para ele quanto para ela.

Havia também a possibilidade apavorante de nem Terri nem Rachel terem ideia de que o casamento em questão fosse o dele. A contratação do serviço fora feita por Vanessa, provavelmente no nome dela, e como o Stromboli trabalhava com o bufê de eventos regularmente, por que alguém se surpreenderia com a reserva de hoje para o almoço?

Depois que Vanessa soltou a bomba na casa dos pais na noite anterior, Ethan tentou ao máximo dissuadi-la, dizendo que o Stromboli era uma empresa pequena e não corresponderia aos altos padrões dela.

— Parece ser uma empresa de uma ou duas pessoas, com certeza suficiente para pequenos eventos, tais como festas, mas dificilmente tem experiência para um casamento completo.

— Eu discordo. A mulher com quem falei ao telefone me pareceu refinada e segura, e pelo que vi no site, eles me pareceram muito profissionais — replicou Vanessa, enquanto Ethan tentava descobrir se ela falara com Rachel ou com Terri. — Além disso, seria

interessante eles participarem do nosso casamento, considerando o papel importante que tiveram no nosso noivado, não é?

Ethan não tinha opção senão ir ao almoço e rezar para que a coisa toda não viesse à tona.

— O que aconteceu, pai? — perguntou Daisy.

Ela estava segurando sua mão enquanto caminhavam pelo lindo jardim da propriedade, e ele rapidamente mudou sua expressão, tentando parecer menos angustiado. Às vezes sua filha era atenta demais.

— Nada, querida. Estou pensando no monte de providências a tomar para o casamento. O que achou deste lugar? — perguntou, mostrando os jardins da propriedade muito bem cuidados.

Ela deu de ombros.

— É ok, suponho.

— Só ok?

Daisy pareceu hesitar.

— É meio... grã-fino, não é? — falou baixinho, e Ethan teve de sorrir.

Mais uma vez Daisy tinha acertado em cheio.

— Você está ansiosa para chegar o dia do casamento, em agosto? — perguntou ele.

Ainda não conseguira extrair dela seus pensamentos em relação a uma data de casamento tão próxima.

— Eu sei que as coisas estão indo depressa, mas...

— Tudo bem, pai. Acho que sei por quê — respondeu ela num tom sombrio, mas Ethan não teve oportunidade de falar mais porque Vanessa, que estivera conversando com o gerente de eventos do local, apareceu de repente.

— Não é perfeito? Adorei este terreno, e se o tempo estiver bom podemos fazer uma *garden party* no terraço, uma versão mais grandiosa de um chá da tarde. Que tal *macaroons* e champanhe? Me lembre de sugerir isso hoje à tarde no Stromboli, está bem? — disse e sorriu para Daisy. — Acha uma boa ideia?

A menina ficou em dúvida.

— Acho que a maioria das pessoas continuaria com fome. Talvez um jantar seja melhor — respondeu ela, num tom absolutamente

sério, e Ethan teve de sorrir.

Cada coisa que as crianças dizem...

— Mas é claro que vamos ter um jantar também, sua bobinha! — disse Vanessa, brincando, e Ethan notou que Daisy ficou magoada com o que ela interpretou como desdém.

Sorriu para a filha e segurou sua mão.

Vanessa olhou o relógio.

— Aliás, é isso que precisamos investigar agora, e como já é quase meio-dia é melhor voltarmos logo para Dublin. Espero que todos estejam com fome, pois pedi para provarmos um pouco de tudo que o bistrô oferece. Mas é melhor não comermos demais, senão vamos explodir!

Enquanto eles seguiam Vanessa até a sede, Ethan preparou-se emocionalmente para o que teria de enfrentar. Perguntou-se se o explosivo nome Stromboli se tornaria profético naquele dia.

CAPÍTULO 40

Quando ele, Vanessa e Daisy chegaram no bistrô, Ethan olhou em volta, nervoso, à procura de Rachel, mas não teve tempo de ver grande coisa pois Terri apareceu logo com um grande sorriso nos lábios.

— Olá, você deve ser a Srta. Fox. Seja bem-vinda — disse, calorosamente.

Ethan percebeu que ela evitava olhar para ele e relaxou um pouco, notando que a reação de Terri significava que estivera mesmo esperando por eles.

— E você deve ser Daisy. Oi!

Inclinou-se para falar com a menina, sorriu, e só então olhou para Ethan.

— Sr. Greene, prazer em vê-lo de novo. Fiquei muito contente de nossa pequena surpresa ter dado certo.

Deu uma piscadela, e Ethan respirou fundo, aliviado.

Estava tudo bem. Ele não precisava se preocupar. Terri tinha tudo sob controle.

— É bom estar de volta. E sim, obrigado, a surpresa deu certo.

— Que bom! Reservei uma ótima mesa para vocês ali atrás — disse Terri, levando-os para o fundo do restaurante.

Enquanto ela conversava animadamente com Vanessa e Daisy sobre o menu degustação, Ethan olhou em volta à procura de Rachel.

— Devo me desculpar, pois nossa equipe está desfalcada hoje — disse Terri, como se lesse os pensamentos de Ethan. — Minha sócia, Rachel, tirou o dia de folga, então já peço desculpas caso as coisas fiquem um pouco confusas por aqui.

— Entendi — disse Vanessa, parecendo ligeiramente aborrecida.

Mas Ethan deduziu de imediato que a informação era dirigida a ele, para que não se preocupasse com nenhum drama potencial envolvendo o anel. Queria dar um jeito de falar com Terri a sós para agradecer novamente por salvar sua pele.

— Em todo caso — disse Terri sorrindo e continuando a fazer charme para Vanessa —, tenho certeza de que vocês preferem comer em paz, e quando tiverem terminado a degustação poderemos discutir os detalhes.

— Seria maravilhoso, obrigado — disse Ethan, quando Vanessa não respondeu.

— Ótimo. Primeiro, vou providenciar uns drinques para vocês e depois Justin, nosso chef, vai trazer o primeiro prato.

— Precisa de alguma ajuda? — perguntou ele, e Vanessa o fuzilou com o olhar.

Terri olhou abertamente para Ethan, e ele sentiu-se profundamente grato por tudo o que ela — uma completa desconhecida — fizera por ele. Se não fosse por Terri, Ethan talvez nunca tivesse recuperado aquele anel, e sem sua intervenção hoje, o almoço no bistrô poderia ter sido como caminhar em campo minado. De repente percebeu como aquilo devia ser constrangedor e difícil para ela também, e o quanto ela se arriscara para ajudá-lo. Rachel era sua melhor amiga e sócia, mas ela colocara tudo em risco para socorrê-lo. Por quê?

— Obrigada, Ethan, mas está tudo sob controle — disse ela.

— Bom saber. Eu... quer dizer, nós — corrigiu-se logo — apreciamos sua gentileza, não é, Vanessa?

Sua noiva olhou-o como se ele estivesse totalmente maluco.

— Bem, eu com certeza apreciaria um drink, se não for problema — falou com um sorriso forçado.

— É claro! — disse Terri, com um pulo. — Eu volto já.

— É impressão minha ou ela é um pouco esquisita? — disse Vanessa, franzindo o nariz.

— Achei ela legal — disse Daisy inesperadamente. — Gostei muito dos olhos dela.

Ethan fez que sim, concordando. Estranhamente, os olhos de Terri haviam sido uma das primeiras coisas que ele notara nela também.

— Hmm. Essa moça tem uma atitude familiar demais para o meu gosto — disse Vanessa, virando-se para olhar para Ethan. — Você notou que ela te chamou pelo primeiro nome? Um pouco demais para quem só te viu uma vez na vida.

— Na verdade, foi Terri quem teve a ideia de colocar seu anel de noivado dentro do pão — disse Ethan, sentindo-se no dever de defendê-la. — Por isso, deve se sentir parte da coisa toda. Aliás — disse em tom cortante —, não foi esse toque pessoal que fez você pensar em contratar os serviços deles para o casamento?

— Foi, mas há uma diferença entre toque pessoal e excesso de familiaridade — argumentou Vanessa, pegando o cardápio de degustação que Terri colocara na frente deles. — Porém, devo admitir que a comida aqui parece deliciosa — comentou e se inclinou para a frente na cadeira, olhando o ambiente. — É uma pena a ambientação. Mesmo para Dublin é um pouco... fofinho, não é?

Mais uma vez Ethan se aborreceu, por Terri e Rachel. Suspeitava que elas tivessem se esforçado muito para criar aquela decoração.

— Eu gosto, na verdade — disse ele. — É um ambiente caloroso e aconchegante e, mais importante ainda, não dá a impressão de que você está comendo num laboratório.

Foi uma indireta pouco disfarçada à preferência de Vanessa por restaurantes minimalistas de Londres, modernos e alternativos, mas que pareciam ambientes estéreis para Ethan.

— E o cheiro é ótimo também — comentou Daisy. — Estou com muita fome.

— Então chegamos na hora! — disse Terri sorrindo, reaparecendo na mesa com os drinks, seguida por Justin que trazia uma imensa travessa de gulodices variadas e saborosas. — Esta é uma ampla seleção de opções que oferecemos de entrada, agora deixo vocês três à vontade. Quando estiverem prontos, traremos uns pratos principais. Que tal?

A boca de Ethan já estava aguando, mas teve medo que se Terri continuasse a servir uma comida tão boa Vanessa acabasse mesmo escolhendo o Stromboli para a festa de casamento. E aí ele seria forçado a encontrar-se com Rachel novamente.

Enquanto comiam, Vanessa parecia decidida a comentar e dar nota para cada coisa que punha na boca. Ethan desligou-se do ambiente e imaginou de novo como Rachel reagira quando descobriu que perdera seu precioso anel. Sabia que não conseguiria relaxar até saber como tinha sido.

Pouco depois viu Terri do outro lado do salão conversando com clientes em uma mesa perto do bar. Lembrou-se vagamente de que os toaletes do restaurante ficavam por ali, e viu que essa era sua oportunidade de falar com ela a sós.

— Já volto — disse ele.

Pediu licença, levantou-se e tentou de todo modo fazer com que Terri olhasse para ele quando se aproximou. Felizmente ela pareceu sentir seu olhar, e terminou logo a conversa na mesa para ir até o pequeno nicho que ficava na entrada para os toaletes. Ethan seguiu-a, sabendo que embora ali tivessem alguma privacidade, ainda seria fácil para Vanessa ou Daisy vê-lo de onde estavam.

— Terri, mil desculpas — começou. — Eu não tinha ideia de que Vanessa ia fazer isso. Mas graças a Deus ela falou com você no telefone, seria muito constrangedor se falasse com Rachel...

— Seria um grande problema, você quer dizer — interrompeu ela. — Falando sério, Ethan, o que você tem na cabeça para trazer sua noiva com aquele anel aqui? Você tornou as coisas muito difíceis. Eu não sabia se devia oferecer um serviço ruim de propósito só para ter certeza de que não seremos escolhidos para a festa de casamento!

— Eu não pude fazer nada. Foi tudo combinado sem meu conhecimento. acredite, eu não tinha intenção de chegar nem perto deste lugar outra vez. Desculpe — acrescentou depressa ao notar uma leve expressão de mágoa no rosto dela —, você sabe o que quero dizer. Não me entenda mal: fico muitíssimo grato que você esteja controlando tudo tão bem. E Rachel?

Terri fixou seus intensos olhos verdes nele.

— O que tem Rachel?

— Ela não está aqui... em um sábado movimentado. Foi você que ajeitou isso também?

— É claro. Não podíamos arriscar que ela te visse de novo, para início de conversa, e visse o que acredita ser o seu anel no dedo de

outra mulher. Rachel pode ser meio inocente às vezes, mas qualquer tolo seria capaz de ligar os pontos.

Ethan franziu o cenho.

— Então Knowles ainda não lhe disse a verdade, presumo.

— Presume certo — ela falou, balançando a cabeça. — Eu sei que te fiz um favor, mas realmente, Ethan, se imaginasse que ela ficaria tão desesperada não teria, em um milhão de anos, interferido daquele jeito.

— Pelo amor de Deus, como é que Knowles pode se safar depois de a fazer passar por tudo isso?

Ethan cerrou os punhos, e Terri olhou-o, pensativa.

— Pensei que você tivesse dito que não tinha nada a ver com isso — falou ela, num tom que insinuava que a reação dele parecia exagerada para alguém que dizia não se importar.

— Não tenho mesmo, mas não aguento pensar que aquele homem ainda está enganando Rachel assim. Ela é boa demais para ele.

— Eu sei, mas creio que a essa altura temos de sair de cena e deixar as coisas como estão entre eles...

— Terri!

Ethan levou um susto ao ouvir aquela voz. Ele e Terri viraram-se e viram um homem alto e musculoso, que Ethan reconheceu vagamente, vindo na direção deles com ar de poucos amigos. Percebeu que o próprio objeto da conversa tinha acabado de entrar no restaurante.

— Merda! Só faltava isso — murmurou Terri.

E, para sua aflição, Ethan percebeu que todas as tentativas de controlar a situação escaparam de suas mãos. Não havia possibilidade de Vanessa não ter ouvido; aliás, a maioria das pessoas que almoçava no bistrô já estava olhando em sua direção.

Ele respirou fundo. Lá vamos nós...

— O que você quer, Gary? — perguntou Terri. — Ethan, a gente se fala mais tarde.

— Ah, que coincidência! Então *este* é o famoso Sr. Greene — disse Gary, olhando para Ethan com ar ameaçador.

Quando Gary postou-se à sua frente, Ethan tentou lembrar a si mesmo de que não tinha razão para ter medo — Gary Knowles estava e sempre estivera errado —, mas diante de um sujeito dez quilos mais pesado que ele, era difícil.

— Eu sabia! Eu sabia que vocês dois estavam por trás disso — falou Gary em alto e bom som.

Terri pegou os dois pelo braço (com bastante força, Ethan notou, considerando que ela era uma mulher pequena) e levou-os para um canto reservado ali perto, onde não seriam vistos pelos clientes.

— Gary, o que você está fazendo? — sussurrou ela. — Isto é um restaurante, não sua espelunca do sábado à noite.

— Você devia ter pensado nisso antes de ajudar o Sr. Benfeitor aqui a roubar o anel de Rachel — rosnou ele.

Ethan ficou perplexo. Será que aquele sujeito era mesmo tão burro a ponto de ter se convencido de que o anel realmente lhe pertencia?

— O anel de Rachel? — perguntou com raiva. — Pelo amor de Deus, você sabe muito bem que aquele anel nunca foi dela, nem seu, aliás!

Gary deu um passo ameaçador na sua direção.

— Onde está? O que você fez com o anel? Estou avisando, Greene. É bom você devolver esse anel logo senão eu...

— Ethan, o que está acontecendo aqui? — perguntou Vanessa, lívida, com Daisy ao seu lado. — Quem é esse homem?

De repente Ethan viu sua vida cuidadosamente organizada desabar diante dos seus olhos.

Gary cruzou os braços, com um sorriso afetado no rosto ao perceber que aquele era um momento desastroso para Ethan sob vários aspectos.

— Não se preocupe, querida. É uma longa história — respondeu ele, pondo a mão no braço de Vanessa para tranquilizá-la. — Você e Daisy voltem para a mesa, eu explico tudo mais tarde — acrescentou, com um sorriso forçado.

A última coisa que queria era que Daisy presenciasse aquilo, e rezou para que Vanessa entendesse a deixa.

— Não, quero saber neste minuto o que está acontecendo aqui — insistiu ela. — Há claramente alguma coisa que você não está me contando e...

— Ei, Daisy, não quer dar um alô para Justin na cozinha? Sei que ele quer muito te conhecer — interveio Terri, pegando a menina pela mão e afastando-se do espetáculo, mais uma vez acudindo Ethan.

— Boa ideia, florzinha — assegurou ele, ao ver que ela relutava em seguir Terri até a cozinha.

— E então? — disse Vanessa, olhando de um para o outro, e então franziu a testa. — Dá licença, por que você está me encarando assim?

Ethan olhou para Gary e viu que ele de fato encarava Vanessa com um ar de perplexidade.

— Ei, eu te conheço — disse Knowles, semicerrando os olhos.

— Quê? Do que está falando? Eu nunca vi você na vida. Ethan, não vai me dizer o que diabos está acontecendo aqui? — repetiu ela, impaciente.

— Querida, acho que não é a hora nem o lugar para falar — murmurou ele.

— Espere aí! Eu te conheço, *sim* — continuou Knowles, encarando Vanessa com um ar de reconhecimento confuso.

— Não seja estúpido. Eu nunca te vi...

Olhou com ar de desdém para Gary, como se ele fosse uma mosca particularmente irritante que ela quisesse enxotar dali, e focalizou sua atenção em Ethan.

— Vanessa...

— Maldito seja! — disse Gary finalmente. — É você.

— Como?

— É você, *sim*. A garota do táxi... em Nova York.

— Não sei o que está dizendo — replicou Vanessa, mas Ethan notou que ela tinha corado.

— Não, não, eu tenho certeza! Sei que tenho razão. Posso jurar — insistiu Gary. — Reconheço você da filmagem da câmera de segurança. Você e um sujeito estavam no táxi que me atropelou.

Quem estava perplexo agora era Ethan.

— Knowles, do que você está falando? Como Vanessa poderia estar... — A pergunta ficou em suspenso quando ele notou que Vanessa parecia alarmada.

O que estava havendo?

— Bobagem. Você claramente está me confundindo com outra pessoa. Mas deixando isso para lá, alguém vai me dizer o *que* está acontecendo? Por que vocês estavam discutindo? — perguntou em voz baixa para não incomodar os outros clientes. — E de onde você conhece este homem, Ethan?

— Você estava com o sujeito... A testemunha... Como é mesmo o nome dele? — Gary tinha certeza de que Vanessa estivera no táxi. — Freeman, isso mesmo — lembrou. — Brian Freeman.

De repente, o clima mudou.

Brian...?

Confuso, Ethan virou-se para Vanessa, que àquela altura parecia extremamente incomodada. Havia alguma verdade na história de Gary. Ethan pensou depressa, tentando entender.

— Brian? Ele estava em Nova York quando fomos para lá? — perguntou, ignorando Gary e dirigindo-se a Vanessa. — O que você e Brian estavam fazendo em um táxi? Você nunca me contou isso.

Lembrou-se logo de que seu melhor amigo tampouco mencionara que tinha visto Vanessa em Nova York, ou que estivera na cidade na mesma época que eles, muito menos que estivera presente na cena do acidente que precedera todos os seus problemas referentes ao anel.

Sentiu-se totalmente pego de surpresa. Como aquilo tinha acontecido? Como as posições haviam se invertido assim? Em vez de exigir uma explicação, Vanessa estava agora sendo questionada.

Seria realmente possível que ela e Brian estivessem no táxi que atropelara Gary? E, se estivessem, por que esconderam isso?

— Tenho certeza de que os pombinhos podem resolver o resto mais tarde — disse Gary, e se Ethan já pensara em esmurrá-lo antes, queria muito fazer isso agora. — Acho que sua senhora não vai precisar mais disso, não é? — falou, indicando o anel de Vanessa, que olhou para baixo, intrigada.

— Com licença, ainda não sei quem você é, mas sei que isso não é da sua conta — disse Vanessa, cerrando os dentes. — Não acha que já causou confusão o bastante?

— Eu quero uma explicação — disse Ethan para Vanessa, ignorando Gary. — Se você e Brian estavam no táxi naquele dia, por que não me disseram nada? Você sabia que eu estava envolvido no acidente, eu te contei, então por que escondeu isso de mim?

— E por que em vez de me ajudar você saiu do carro feito um foguete? — perguntou Knowles. — Eu podia ter morrido, sabia? A polícia chama isso de “abandonar o local”, e com certeza foi por isso que seu namorado finalmente resolveu dar um depoimento — grunhiu. — O que não me ajudou em nada, aliás.

Ethan tentou fingir que o outro homem não estava ali.

— Vanessa, eu te fiz uma pergunta.

Ela fungou e desviou o olhar para não encará-lo.

— Não é o que parece, Ethan — começou ela, com voz lamentosa, e ele sentiu um nó no estômago.

— Boa tentativa, baby, mas esse tal de Freeman já criou problema para você — disse Gary, visivelmente feliz com o mal-estar que estava causando. — Está registrado que o táxi pegou vocês dois em alguma rua em Uptown.

Vanessa nem olhou para ele.

— Nós estávamos numa reunião de trabalho — explicou com voz fraca, mas Ethan àquela altura era especialista em desculpas esfarrapadas, considerando as que ele mesmo tivera de bolar ultimamente.

— É mesmo? Uma reunião de trabalho... na véspera do Natal? Eu não sabia que Brian era um dos seus autores, nem que estava em Nova York.

— Brian estava indo para o centro, e eu tinha umas compras para fazer, então pegamos o mesmo táxi quando saímos da... reunião — continuou ela, os olhos castanhos se enchendo de lágrimas enquanto falava. — Quando chegamos na Quinta Avenida, vi você e Daisy saindo da Tiffany. Entrei em pânico, com medo de que vocês nos vissem, embora é claro que fosse impossível, mas... — disse e

balançou a cabeça. — Brian tentou me acalmar e começamos a discutir, e então...

— Eu sabia! — declarou Gary. — Eu sabia que aquele motorista de merda não estava prestando atenção! Eu apareci na frente dele uma ova! Diga ao seu namorado que eu agradeço. As mentiras dele arruinaram meu processo judicial.

Ethan não podia acreditar no que ouvia.

— Então você estava mesmo lá quando aconteceu o acidente? Mas e depois, quando me viu com Daisy tentando ajudar? Você simplesmente... fugiu, torcendo que a gente não percebesse?

Mas, obviamente, ele não teria percebido, pensou Ethan; naquela hora sua única preocupação era com o acidentado Knowles. Lembrou-se de que o motorista do táxi mencionara alguma coisa sobre seus passageiros o terem abandonado, mas nunca poderia imaginar que conhecia os passageiros do táxi, muito menos que eles tivessem causado o acidente que tinha...

Então Ethan foi tomado de um sentimento estranho, e de repente compreendeu. Só de olhar para a expressão envergonhada de Vanessa, entendeu tudo.

— Ah, meu Deus... — sussurrou ele. — Você... e Brian?

Vanessa e Brian... tinham um caso?

Meu Deus, será que a determinação de Vanessa não tinha limites? Ethan sabia que ela queria muito o grande Brian Freeman na sua editora, mas será que faria uma coisa tão baixa assim?

E é claro que o velho Brian, acostumado a ter mulheres se atirando em cima dele, não recusaria. De repente Ethan lembrou-se da reação estranha de Brian quando lhe contara sobre a confusão com o pedido de casamento. *Veja bem se é isso que vocês dois querem, e pelas razões certas...*

Agora, em retrospecto, a frase fazia sentido.

Ele não podia acreditar que tivesse sido traído daquela forma, e por duas pessoas de quem gostava e nas quais confiava. Era claro que gostar e confiar não andavam juntos.

— O que ocorreu naquela reunião foi seu jeitinho todo especial de tentar recrutá-lo? — perguntou Ethan com desprezo.

— Isso não é justo. Ethan, nós não... Brian não... Olha, as coisas estão diferentes agora. Você e eu estamos noivos, enquanto antes eu... Eu não tinha certeza como você... Se realmente... — gaguejou e olhou para o chão. — É claro que não foi uma tentativa de recrutá-lo para a editora. Brian e eu, bem, já nos conhecíamos havia um tempo, e meio que tínhamos uma história quando conheci você. A gente se encontrava socialmente a toda hora, e aos poucos isso se tornou um... Não sei, um hábito, de certa forma.

Vanessa balançou a cabeça, sem conseguir explicar. Ethan não conseguia acreditar que tivesse sido feito de bobo daquele jeito.

— Sério, Ethan, não significou nada, e agora já terminou. Assim que você me pediu em casamento eu encerrei as coisas com ele.

Ethan estava enjoado. E pensar que tinha confiado em Brian, contado para ele todas as suas dúvidas e preocupações a respeito de Vanessa, do relacionamento deles, do casamento e do anel, é claro, enquanto seu suposto amigo dormia com ela pelas suas costas! Meu Deus, como ele era idiota!

Ethan se perguntou se na véspera do Natal, em algum lugar lá em cima, sua cara Jane falara ao ouvido do seu querido universo.

— Então — disse Gary, quebrando o silêncio —, quanto a esse anel...

CAPÍTULO 41

Naquele momento Terri reapareceu com Daisy, ainda perplexa.

— Olha, vocês podem querer passar o dia todo aí conversando, mas isto aqui é um restaurante e eu preciso servir os clientes — falou severamente. — Se vocês três quiserem continuar a conversa, por favor voltem para a mesa e deixem a passagem livre!

Daisy encarou Vanessa, que parecia muito aflita.

— O que aconteceu, Vanessa? — perguntou, e Ethan viu pela expressão da filha que seu nível de ansiedade estava aumentando.

— Não foi nada, querida — disse ele, tranquilizando-a, pondo o braço em volta da menina. — Por que não fazemos o que Terri pediu e voltamos para nossa mesa para terminar o almoço? Foi legal o papo com o chef?

Ethan tentava desesperadamente manter um tom de voz leve, mas sua vontade era dar um soco na parede.

— Ethan, eu... — recomeçou Vanessa, mas ele levantou a mão.

— Deixa para lá. Agora não é a hora.

Algo no seu tom de voz devia ter feito com que Vanessa entendesse que era melhor não insistir, pois ela parou de discutir e obedeceu.

— Sinto muito — disse, soluçando, e virando-se para ir ao toalete.

Terri olhou para Ethan com um olhar indagador, e ele meneou lentamente a cabeça, como se dissesse: “Não pergunte.”

Ele levou Daisy para a mesa do outro lado da sala, com as pernas fracas e bambas. Tinha a vaga impressão de que Gary os seguia.

— Pai, o que está acontecendo? Por que Vanessa saiu chorando?

Daisy estava claramente muito perturbada, e olhou para o pai em busca de reconforto.

— Está tudo bem, querida — disse Terri, pegando a mão da menina de novo, entendendo de alguma forma que Ethan lutava para se controlar. — Ela se aborreceu com alguma coisa.

— Por causa do bebê? — perguntou Daisy.

Ethan deu graças a Deus por estar se sentando naquele instante, pois achou que suas pernas não teriam conseguido mantê-lo de pé.

— O quê? Perguntou, encarando a filha.

Terri levantou a sobrancelha.

— Acho melhor deixar vocês. Gary, já que você está aqui poderia fazer alguma coisa de útil — falou, cutucando o braço dele. — Preciso que você tire umas mesas.

— Nem pensar. Estou resolvendo um problema.

Mas o tom de Terri deve tê-lo impressionado, pois ele hesitou um momento, mas acabou afastando-se de Ethan e Daisy.

Ethan olhou para a filha.

— Meu bem, do que você está falando? Que história é essa de bebê?

Daisy olhou em volta, indecisa, como se quisesse localizar Vanessa.

— Nós tivemos uma pequena briga — disse Ethan, tentando se explicar. — Acho que ela não vai voltar tão cedo.

Daisy suspirou e olhou para a mesa, onde a travessa de guloseimas para o casamento já estava fria.

— Por favor, não se zangue, papai — disse ela, sentindo-se culpada e olhando para ele.

— O que foi? Por que eu ficaria zangado com você?

A essa altura, Ethan não tinha ideia do que ia acontecer. E que história era essa de bebê?

— Ok — disse Daisy, suspirando de novo. — Acho melhor eu te contar tudo.

* * *

Depois de afastar Gary de Ethan e do drama que estava acontecendo entre ele e Vanessa, Terri forçou-o a ajudá-la a tirar as mesas, prometendo que contaria o que sabia sobre o desaparecimento do anel.

Apesar do que ela e Justin achavam dele, Terri percebera que Gary não era tão burro assim, e depois que Rachel contara que tinha perdido o anel ele pusera a cabeça para funcionar.

Foi um azar Ethan estar ali exatamente quando ele chegou à conclusão óbvia. Ou não? A chegada de Gary no bistrô suscitara uma briga entre Ethan e sua noiva, e pelo pouco que ela ouvira, entrando e saindo da cozinha, a briga não dizia respeito só ao anel.

Pobre Ethan! Sua viagem para Nova York lhe causara mais de um problema. Sentiu pena de Daisy também. Ela parecia uma menina nervosa e ficara muito perturbada com a cena. A tal Vanessa não devia ter deixado que a criança presenciasse a discussão entre Gary e Ethan, por mais curiosa que estivesse. Justin tentara distrair Daisy, pedindo sua “ajuda” com a massa de biscoito, mas ela estava muito preocupada com seu pai.

Agora que o movimento do almoço havia terminado, e poucas mesas continuavam ocupadas no salão, Terri virou-se para Gary na cozinha.

— O que veio fazer aqui? Rachel está de folga hoje. Você não devia estar com ela?

— Eu disse a ela que tinha uma coisa para fazer, uma coisa importante... como descobrir como o anel pelo qual ela está tão desolada pode ter evaporado de repente — respondeu, encarando Terri com os olhos estreitos e desconfiados.

Terri olhou para o lado e continuou a empilhar os pratos sujos.

— Não tenho ideia do que você está falando.

— Qual é, Terri, você não me engana. Eu vi o anel no dedo da noiva de Greene. Não é uma coincidência a joia ter “desaparecido” na última vez em que ele esteve aqui? Na mesma vez em que vocês dois me vieram choramingando com uma história patética sobre o anel? E o que ele veio fazer aqui de novo? Tentar esfregar o anel na cara de Rachel?

Terri pôs as mãos na cintura.

— Gary, quantas vezes vou ter de repetir a mesma coisa até você colocar isso na sua cabeça dura de uma vez por todas? O anel não é seu, e nunca foi. Você mesmo admitiu isso na noite em que eu te embebedei.

Naquele momento, Justin apareceu na cozinha, apressado.

— Seria bom vocês dois mudarem de assunto agora.

Eles o ignoraram.

— No que me diz respeito, o anel é de Rachel, *sim*; ela o adorava, não importa como veio parar nas nossas mãos — replicou Gary. — Só não sei o que ela vai pensar quando eu disser que sua suposta melhor amiga conspirou para roubar seu anel de noivado. *Foi* você que roubou, não foi? Você e aquele Ethan Greene agiram juntos. Eu fico me perguntando como Rachel vai se sentir quando vir que não pode confiar na própria amiga? O que você acha? Como ela vai se sentir?

Naquele momento a porta se abriu.

— Como Rachel vai se sentir sobre o quê? — perguntou uma voz.

Terri, Justin e Gary viraram-se para a entrada da cozinha e viram Rachel, com um ar confuso.

CAPÍTULO 42

— O que foi? — perguntou Rachel, com uma risadinha. — Todo mundo ficou quieto de repente.

Notou que um silêncio mortal se abatera sobre os três quando ela entrou, e analisou a cena com mais atenção.

O que Gary estava fazendo ali? Não devia estar com Sean, resolvendo um problema qualquer com a moto? Estava com um ar muito zangado, e ela conhecia aquela sua expressão. Parecia que ele e Terri estavam tendo uma discussão exaltada. Além disso, Justin largou o que estava fazendo no salão quando ela chegou, e foi correndo para a cozinha.

— Então? Como vou me sentir sobre o quê? — repetiu.

Olhou para Gary, depois para Terri e sentiu um arrepio na espinha. Nenhum dos dois ousava encará-la.

Analisou o rosto de ambos.

— O que aconteceu? E é imaginação minha ou Ethan Greene está lá fora? Acho que o vi na hora que entrei.

Terri sorriu, mas Rachel viu que era um sorriso forçado.

— Sim, Ethan está aqui com a noiva. Estão pensando em contratar nosso bufê para a festa de casamento deles e vieram fazer uma degustação.

— Ah, então ele a pediu em casamento finalmente? — falou Rachel sorrindo. — Que bom. Vou lá cumprimentar os dois.

Mas as palavras saíram sem querer, pois no fundo sabia que havia alguma coisa errada na presença de Ethan ali, e aquela história de bufê parecia muito estranha. Ele era de Londres, por que cargas-d'água contrataria o bufê do Stromboli para seu casamento?

Gary falou, então.

— Engraçado você mencionar esse sujeito — disse Gary num tom sarcástico, e Terri olhou feio para ele.

— Desta vez você não tem desculpa para não falar com ele, Gary — disse Rachel, tentando manter a voz serena, mas cada pelo no seu corpo lhe dizia que alguma coisa muito estranha estava acontecendo.

— Ah, eu já falei com ele, sim — replicou Gary, e ela não gostou do tom sombrio da sua voz.

— Mas então, do que vocês estavam falando aqui? — perguntou ela de novo. — Ouvi meu nome ser mencionado.

— Nada de mais, na verdade — disse Terri. — Estávamos só conversando sobre o seu casamento.

— Ah.

É claro, pensou Rachel, relaxando um pouco. Afinal, Terri era sua madrinha e talvez estivesse planejando uma surpresa que precisasse da aprovação de Gary. E ela entrara bem no meio da conversa. Com o tempo, Rachel descobriria o que era. Estava tão feliz por Gary não ter subido pelas paredes quando ela contou sobre a perda do anel que não se importava em deixar os dois planejarem o que quisessem.

— Mas o que está fazendo por aqui, Gary? Não ia se encontrar com Sean?

— Vou, sim, mas parei aqui para comer um sanduíche.

Aquilo não era novidade, e Rachel sabia que Terri ficava aborrecida de Gary achar que não tinha de pagar por causa do relacionamento deles. Talvez fosse por isso que estavam discutindo.

— E você, por que está aqui, patroa? — perguntou Justin. — Pensei que tivesse tirado o dia de folga.

— Eu também pensei, mas fiquei entediada — respondeu e deu uma risada. — Não consigo ficar longe deste lugar! E já que estou aqui, posso dar uma mão na limpeza — falou, ao ver a pilha de pratos sujos no balcão ao lado. — Mas primeiro vou dar um alô para Ethan.

— Ah, é melhor deixar isso para depois — disse Terri, com uma careta. — Ouvi dizer que ele e a namorada estavam discutindo — falou, sugerindo que não era uma discussão agradável.

— Ah é?

— É. Parece que a moça andou tendo um caso e que o Sr. Professor não sabia — acrescentou Gary num tom malicioso, e Rachel se perguntou como ele podia estar a par aquilo.

— Certo. Então você e Ethan tiveram oportunidade de conversar — falou ela.

— Sim, e ainda temos muito a nos dizer, na minha opinião.

Rachel não conseguiu captar bem o tom de voz do namorado, e sentiu de novo que havia algo errado ali.

— Muito bem, vou mudar de roupa. Quem sabe terei oportunidade de cumprimentar os dois antes de eles saírem.

— E eu vou cuidar das mesas — disse Terri, mas parou ao ouvir uma batida suave na porta de ligação da cozinha com o restaurante.

Todos se viraram e viram o rosto de uma menininha de olhos arregalados aparecer.

— Daisy, oi! — disse Rachel sorrindo ao reconhecer imediatamente a filha de Ethan.

Ela sorriu também.

— Oi, Rachel.

— Pode deixar que *eu* cuido das mesas — falou Justin, dando uma batidinha na cabeça de Daisy ao passar.

— Está tudo bem, querida? — perguntou Terri, dirigindo-se a ela.

Abaixou-se na frente de Daisy e segurou sua mão.

A menina fez que não, com o lábio inferior tremendo.

— Vanessa voltou do banheiro, e agora ela e o papai estão brigando. Acho que eu estraguei tudo.

— Ah, meu bem, aposto que é só uma discussão boba. Os adultos discutem muito, às vezes. Mas não pense que é culpa sua.

Rachel sorriu ao ver Terri pôr uma mecha do cabelo louro de Daisy para trás da orelha. Ela era muito jeitosa com crianças.

Gary ficou parado ali, parecendo incomodado.

— É culpa minha, sim. Eu contei para o papai — disse Daisy, mexendo na bainha do vestido. — Contei o que eu achava sobre o anel.

Ao ouvir a palavra anel, Rachel sentiu um arrepio na nuca. E era imaginação sua ou Terri pareceu nervosa quando Daisy disse aquilo?

— Que anel, Daisy? — perguntou Rachel, chegando mais perto.

Mas então se deu conta de que devia estar sensível demais à menção daquela palavra, visto o acontecera com o seu anel.

Os olhos da menina estavam marejados de lágrimas.

— O anel da Vanessa — disse, e começou a soluçar alto. — O anel da Tiffany devia caber no dedo da Vanessa, mas não coube. A mamãe sempre dizia que ela e o papai eram feitos um para o outro, e que quando a gente encontra alguém que realmente ama, tudo se encaixa. Mas o anel não encaixou.

Terri abraçou a menina.

— Eu compreendo por que você pensa assim, querida, mas suspeito que sua mãe estivesse falando de outra coisa que não uma joia.

Rachel levantou a sobrancelha. Vanessa também tinha ganhado um anel da Tiffany?

— A mamãe dizia também que a Tiffany era um lugar mágico, então o anel que o papai comprou lá talvez não tenha cabido no dedo da Vanessa porque ela não é a pessoa certa para ele — explicou e olhou para Terri com os olhos vermelhos. — Eu sei que ela anda escondendo coisas do meu pai. É por isso que eles estão brigando agora.

Rachel se esforçou para acompanhar.

— Como Terri disse, os adultos às vezes brigam, mesmo quando se amam — falou num tom apaziguador, imaginando o que estaria acontecendo entre Ethan e a namorada.

E que história era aquela de um anel da Tiffany que devia caber mas não cabia?

— Mas coube em você — disse Daisy, se afastando de Terri e olhando diretamente para Rachel.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Quê?

— O anel. O anel do papai. Aquele que você recebeu por engano. O papai disse que coube no seu dedo.

Rachel não sabia o que estava acontecendo, mas Daisy certamente era uma menina muito confusa.

— Daisy, por que acha isso? Como eu poderia...

Gary deu um passo à frente.

— Ahn, Rachel...

— O que quer dizer com isso? — sussurrou, aproximando-se de Daisy.

Terri levantou-se e pôs o braço em volta dos ombros da menina.

— Rachel, acho que você e Gary precisam conversar. Gary? — disse, e ele se aproximou.

— Terri tem razão. Precisamos conversar — disse asperamente. — Aconteceu uma coisa em Nova York, uma coisa muito estranha. Eu ia te contar mas...

Rachel sentiu um embrulho no estômago. Havia alguma coisa muito esquisita na história de Daisy, naquela situação toda, na verdade. E percebeu mais uma vez que ela era a única ali que não sabia do que se tratava.

— Conversar sobre quê, Gary? O que você ia me contar? — perguntou, com a cabeça a mil.

Quando começou a juntar as peças, Ethan Greene entrou correndo pela porta.

— Daisy! — gritou, aproximando-se e abraçando a filha. — Que ideia sair assim sem me dizer nada! Tive medo de você... Ah, oi, Rachel.

Parou de repente ao ver Rachel ali ao lado, e ela mais uma vez constatou instintivamente que as várias idas dele ao bistrô nos últimos tempos não tinham nada a ver com a recuperação de Gary depois do acidente. Nada mesmo.

— Onde está Vanessa? — perguntou Daisy.

— Voltou para a casa da mãe dela, florzinha — respondeu, meio sem jeito. — Mais tarde falo sobre isso com você.

— Eu contei para Rachel sobre o anel — disse Daisy, e Ethan lançou um olhar cauteloso para Gary, que continuava impassível, sem dar uma palavra.

A tensão na cozinha entre Gary, Rachel e Ethan aumentou, parecendo fazer o ar vibrar em torno deles, e Terri notou que Daisy estava prestes a chorar de novo.

— Daisy, eu vou fazer uma pausa do trabalho agora. Não quer dividir um grande chocolate quente comigo? Com marshmallow? —

sugeriu Terri alegremente, e Daisy olhou para o pai como que pedindo permissão.

— Tudo bem, querida, pode ir com Terri. Eu só vou ter uma conversinha com Rachel.

Daisy ficou radiante.

— Que ótimo, pai! Não esqueça o que eu te disse, ok? — falou ela, virando-se para Rachel com um ar conspiratório.

Mas Rachel parecia ser a única que não sabia da conspiração. Terri, Ethan e Gary estavam claramente informados do que ela própria não sabia, e, fosse o que fosse, aquilo se tornava mais desconcertante a cada segundo.

Terri saiu com Daisy pela porta da frente, deixando Rachel com os dois homens. Fez-se um breve silêncio enquanto ela olhava de um para o outro, sem saber o que pensar.

— Ok — disse finalmente. — O que está acontecendo aqui que eu não sei?

CAPÍTULO 43

— Muita coisa, gata — Gary respondeu, olhando com desdém para Ethan. — Sinto dizer, Rachel, que este homem aqui e sua suposta melhor amiga mentiram para você — falou solenemente.

— Do que ele está falando? — perguntou Rachel, olhando para Ethan.

E pela primeira vez notou que Ethan parecia cansado e derrotado. Seus olhos azuis geralmente cheios de vida estavam opacos.

— Quem é você para falar em mentira? — disse Ethan a Gary.

— Ah, é? Então conte para nós sobre o seu livro, Greene — falou Gary com um sorriso de escárnio. — O livro sobre o qual você falou na noite em que foi jantar com Rachel.

Rachel olhou para Gary inexpressivamente, sem conseguir entender a importância daquilo. Ele sabia da conversa que ela tivera com Ethan na noite do jantar, mas não compreendia por que estava mencionando o assunto. Por ciúme? Ele nunca fora ciumento.

— O que o livro de Ethan tem a ver com tudo isso? — perguntou ela.

— Não existe livro, Rachel. Não existe nenhum maldito livro. Foi tudo uma invenção, uma grande desculpa para ele tentar te levar para a cama.

— Ah, por favor! — exclamou Ethan, enfurecido, para Gary. — Por que você não conta para ela por que fui forçado a inventar essa história em primeiro lugar?

Gary deu de ombros.

— Não tenho ideia. Porque estava tentando manipular Rachel? De qualquer forma, se estava tão seguro, por que não disse logo o verdadeiro motivo da sua vinda a Dublin?

— Porque eu não queria magoar Rachel, por isso! Mas você parece não ter problemas com isso, mesmo ela sendo sua noiva.

A cabeça de Rachel girava, confusa.

— Não existe livro? — perguntou para Ethan, que concordou com a cabeça, tristemente. — Então por que me disse que tinha vindo fazer pesquisa? E se não foi por isso que veio, foi por quê? É claro que tem alguma coisa a ver com o acidente de Gary. Terri estava certa: em retrospecto, sua preocupação com a recuperação dele parece exagerada.

Obviamente, Ethan Greene *era* mais complexo do que parecia, e Rachel enfim percebeu que as suspeitas iniciais da sua amiga eram fundamentadas.

— Eu tinha uma razão totalmente legítima para vir até aqui. Mas na hora H não tive coragem de te falar. Foi uma estupidez da minha parte... Não posso explicar.

— Falar o quê, pelo amor de Deus?

— Sobre o anel — disse Terri, que tinha acabado de entrar na cozinha. — Justin está cuidando de Daisy lá fora, ela está bem — disse a Ethan.

Seus olhos se encontraram, e Rachel percebeu que havia algum entendimento tácito entre eles. De onde vinha aquilo?

— Eu imaginei que Gary fosse tentar esconder a verdade — prosseguiu Terri. — E parece que estava certa.

Àquela altura, Rachel estava completamente desnorteada.

— Meu anel? O anel que eu perdi? — disse, encarando Gary. — Tentar esconder a...? Será que alguém pode *por favor* me dizer o que está acontecendo? Estou completamente perdida — exigiu ela, de repente irritada.

— Não foi Gary que comprou aquele anel — explicou Terri, antes que ele pudesse abrir a boca. — Foi Ethan.

— Não há provas disso... — começou Gary, mas Rachel o interrompeu.

— Mas por que Ethan compraria um anel para mim? — perguntou Rachel, pasma. — Ele nem me conhecia.

— Comprei para Vanessa — disse Ethan gentilmente, como se ela fosse uma criança que não estava entendendo bem.

E ele não estava errado: Rachel *não estava* entendendo nada.

— Mas como é que o anel que você comprou para sua namorada pode ter acabado com...

De repente Rachel lembrou-se da conversa que tivera com Ethan no hospital, quando ele mencionara que perdera uma coisa no local do acidente... e do pedido de casamento de Gary, bem nítido agora na sua memória, hesitante e até relutante, quando eles abriram os embrulhos...

E, de repente, junto com o que Daisy havia dito sobre o anel de Vanessa ser da Tiffany, todas as peças do quebra-cabeça finalmente se encaixaram.

— Ah, meu Deus — falou com voz entrecortada, virando-se para Gary, enjoada. — Não era sua. A sacola da Tiffany não te pertencia, não é?

— O que não quer dizer que pertencesse a ele — começou Gary, mas Rachel ergueu a mão para ele parar de falar.

— Sinto muito, Rachel, mas o anel é meu — disse Ethan depressa. — Houve obviamente uma troca de sacolas quando Daisy e eu ajudamos Gary na hora do acidente, mas só fui descobrir isso no dia seguinte, quando Vanessa abriu o presente dela e encontrou o seu.

Rachel sentiu gosto de fel na boca.

— Não posso acreditar que você tenha me dado um anel que você não comprou — falou para Gary, com os olhos marejados de lágrimas. — Você roubou um anel que era destinado a outra pessoa? Que tipo de pessoa faria uma coisa dessas...?

— Espere aí! Eu não roubei nada.

— E como você chama se apossar de uma coisa que não te pertence por direito? — interveio Ethan irritado, e os dois se entreolharam com ar feroz.

— Qual era o meu presente? — perguntou Rachel com um tom de voz robótico.

Fez-se silêncio e Gary olhou para o chão.

— Você disse que viu que tinha havido um engano quando sua namorada abriu o presente — falou ela, olhando para Ethan e virando-se de novo para Gary. — O que eu ia ganhar? — repetiu

vigorosamente, sabendo no fundo que embora fosse um presente da Tiffany, obviamente não era um anel de diamante.

Fez-se um silêncio longo, repleto de tensão, até que finalmente Terri falou.

— Ele comprou uma pulseira de berloques para você — disse a amiga, visivelmente tentando tirá-la daquele desespero.

Uma pulseira de berloques.

O coração de Rachel afundou dentro do seu peito.

Sua vontade era morrer.

Então Gary ficara tão surpreso quanto ela ao ver o anel de diamante, o que só podia significar uma coisa: ele nunca tivera a menor intenção de pedi-la em casamento.

E não só isso, ela percebeu então, mortificada, como eles todos sabiam. Ethan, Gary, Terri e possivelmente até Justin sabiam o que acontecera e talvez soubessem desde o início. Viram-na rodopiando por aí feito uma boba alegre com o seu suposto noivado de conto de fadas, mas nenhum deles teve a decência de lhe contar. E isso, mais que tudo, deixava-a profundamente magoada.

— Uma pulseira de berloques — repetiu com frieza, lembrando de repente da compra na Tiffany registrada no extrato do cartão de crédito de Gary. Fazia todo o sentido agora.

Ethan e Terri estavam dizendo a verdade; não era um sonho ruim, um pesadelo constrangedor do qual acordaria sentindo-se uma tola.

Olhou para seu noivo com desprezo.

— Você me pediu em casamento com um anel que pertencia a outra pessoa? — disse, num sussurro quase inaudível. — Como pôde fazer isso? Como alguém pode fazer uma coisa tão vil?

Gary não queria olhar para ela.

— O que eu podia fazer, Rachel? Dizer a você que tudo tinha sido um grande engano? Você ficou nas nuvens com o anel e o pedido de casamento, e eu sabia que se eu dissesse alguma coisa, você...

— É claro que você devia ter dito alguma coisa! Mas não, preferiu me fazer de idiota indo adiante com essa imensa... farsa!

Rachel morreu de vergonha ao pensar no seu comportamento recente, nos planos que fizera, não só para o casamento como para a vida deles dois. Tinha sido tão tola.

— Eu não sabia o que fazer. Também fui pego de surpresa — disse Gary baixinho, aparentemente sem poder dar outra explicação.

Rachel olhou então para Terri, sem poder acreditar que sua melhor amiga não tivesse lhe contado nada. Sobretudo quando Terri sabia bem o que era ser traída, considerando a maneira como seu último relacionamento havia acabado.

— Então você sabia disso também? — perguntou, com voz rouca.

Terri parecia perturbada.

— Só depois que Ethan veio aqui pela primeira vez. Eu suspeitava que alguma coisa estava errada, e então — prosseguiu, e olhou de esguelha para Gary — ele deixou escapar a verdade na noite em que voltou de Wicklow, quando você foi jantar com Ethan. Bebeu mais do que devia e... Nenhum de nós queria te magoar, Rachel — terminou Terri, num tom entristecido. — Estávamos só tentando descobrir qual a melhor forma de...

— E você ia pedir sua namorada em casamento com esse anel? — perguntou para Ethan. — Você sabia o tempo todo e mentiu descaradamente desde o início. Inventou essa bobagem de estar preocupado com Gary e de vir a Dublin para fazer pesquisa para um livro. Meu Deus, vocês todos devem me considerar uma retardada.

— Rachel, não, é claro que não — replicou Ethan fervorosamente. — É que eu não queria te chatear. Nenhum de nós queria. E, para ser franco, não cabia a mim dar explicações. Esse papel era de Gary.

Mais uma vez ele olhou para Gary com ar acusador.

— Rachel, Ethan está dizendo a verdade — falou Terri. — Ele estava tentando te poupar.

— Por que vocês acharam que com essa... essa *farsa* estariam me poupando? — explodiu ela. — Que tipo de imbecil vocês acham que eu sou? — perguntou. Sem conseguir se conter, começou a soluçar, e viu Terri vir confortá-la. — Não — gritou, dando um passo para trás, com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Não toque em mim. Nenhum de vocês se aproxime de mim.

Então outra coisa lhe ocorreu.

— Onde está o anel agora? — perguntou, ao perceber que seu desaparecimento súbito não era mais tão inexplicável. — Ah, é claro!

— falou, respondendo a própria pergunta. — Deve ter voltado a seu lugar de direito.

Lembrou-se do comentário de Daisy mais cedo sobre o fato de o anel não ter cabido no dedo da namorada de Ethan.

Bem, e como poderia caber?

— O que aconteceu? Você teve uma crise de consciência ou coisa parecida? — perguntou a Gary.

Mas por que ele tinha ficado tão surpreso quando no dia anterior ela admitira que tinha perdido o anel? Meu Deus, será que ele *nunca* tinha lhe dito alguma coisa verdadeira?

— Para mim o anel era seu, e não pretendia devolvê-lo só porque algum...

— Fui eu — interrompeu Terri num tom de culpa, olhando para Ethan. — Eu ajudei Ethan a resgatar o anel quando ele esteve aqui. Sabia que Gary não ia assumir a culpa e não podia deixar você...

Gary deu um passo à frente.

— Olhe aqui, não há prova alguma de que esse anel tenha sido comprado por Greene.

— Pare com isso, Gary — murmurou Rachel.

A coisa toda estava ficando cada vez mais mortificante e dolorosa. E pensar que desde o começo as pessoas de quem mais gostava tinham tramado pelas suas costas, das formas mais condescendentes...

— Não me dirijam mais a palavra, nenhum de vocês. Parem de arranjar desculpas pelos seus atos, vocês são um bando de mentirosos. Todos vocês.

Terri reagiu como se tivesse levado um tapa.

— Por favor, Rachel... — começou.

— Não, nem mais uma palavra — disse ela sombriamente.

Gary tentou aproximar-se, mas ela levantou a mão para detê-lo.

— Ethan, que bom que você recebeu o anel de volta e ele está no dedo da mulher certa agora — disse.

Depois, lançou um olhar fulminante para as duas pessoas que mais amava, e às quais até então teria confiado sua vida.

— Quanto a vocês dois, pelo que sei, só me contaram mentiras, e não quero mais nenhuma relação com vocês.

Com isso, Rachel saiu da cozinha e atravessou a sala de jantar do seu querido restaurante, sem olhar para trás.

CAPÍTULO 44

Depois que Rachel saiu, Gary lançou uma olhar furioso para Terri.

— Está contente agora? Viu o que você fez?

Terri ficou perplexa.

— O que *eu* fiz?

— É. Foi você que surrupiou o anel para devolver para seu namorado aqui — disse ele, e olhou com desdém para Ethan. — Vocês dois parecem cheios de segredos ultimamente.

— Como ousa dizer isso? — replicou Ethan, aproximando-se dele com a mandíbula tensa. — Como ousa nos acusar se *tudo* aconteceu por sua culpa? Eu só não disse nada desde o começo porque me preocupei com Rachel.

— Mentira. Você estava tentando levar Rachel para a cama. E quando isso não deu certo, tentou fazer o mesmo com essa aqui.

Terri ficou grudada no lugar, sem poder acreditar no que ouvia.

Mas Ethan não teve esse problema. Deu outro passo à frente, o mais rápido possível, e pegando o homem de surpresa deu-lhe um belo soco bem debaixo do olho direito.

Gary cambaleou, caiu por cima de uma mesa e estatelou-se no chão.

— Ah, meu Deus! — disse Terri, cobrindo a boca com a mão e olhando para Ethan. — Não acredito que você fez isso.

Ethan estremeceu e segurou a mão direita devagar, já parecendo muito arrependido.

— Depois de tudo o que aconteceu, acho que ele merecia, não é? Mas o jeito como ele te desrespeitou foi a gota d'água.

Olhou para Terri, e ela sentiu (ou foi imaginação sua?) uma tensão no ar entre eles que não estivera lá antes.

Era a última coisa que esperava de um sujeito que parecia tão ponderado que seria incapaz de matar uma mosca. E o fato de ter agredido Gary para defender a honra dela...

— Especialmente depois de tudo que você fez para me ajudar — continuou Ethan, e o ânimo de Terri se esvaziou logo.

Ah.

— Que merda é essa?

Gary tentou se levantar mas ainda estava tonto do soco que levava. Além de ter sido apanhado de surpresa, Terri achou que seu orgulho masculino devia ter ficado ferido por ele ter levado um soco de nada mais nada menos que um professor. Ela sorriu.

— Você mereceu e sabe bem disso — falou Ethan, espantando Terri ainda mais ao levantar Gary do chão.

Ela esperou, nervosa, que o outro revidasse o soco, mas não, os dois só ficaram parados se olhando durante um longo instante.

Então, para sua surpresa, Gary estendeu a mão.

— Você está certo, Greene. Acho que mereci mesmo.

Depois de certa hesitação, Ethan apertou a mão de Gary levemente.

— Mas quero deixar claro que eu não roubei aquele diamante de você. Nunca passou pela minha cabeça que pertencesse a outra pessoa. Pensei sinceramente que fosse um golpe de sorte. E quando Terri veio com essa história de que não era bem assim, me recusei a pensar no assunto.

— Certo. Embora eu não concorde com a forma como você lidou com as coisas, ou como tratou Rachel, isso não tem importância e não é da minha conta.

Terri não acreditava que estivesse vendo aquela cena. Ethan e Gary estavam mesmo tentando fazer as pazes? Meu Deus, ela devia ter posto os dois juntos há muito tempo! Apesar dos seus esforços para convencer Gary de que ele estava errado, aquele era visivelmente o único tipo de linguagem que ele entendia.

— É. Eu estraguei tudo — disse, e enfiou as mãos nos bolsos e olhou para baixo. — E olha, desculpe a cena toda com a sua namorada mais cedo. Eu não teria dito nada se... bem, você sabe.

Ethan fez que sim, com rigidez.

— Acho que nós dois criamos muita confusão.

— Então, sem ressentimentos? — perguntou Gary para Ethan, e Terri teve vontade de sacudi-lo, ou melhor, de sacudir os dois.

Sem ressentimentos? Depois de tudo o que acabara de acontecer?

— Não sei se Rachel vai ver as coisas assim — falou Terri, lembrando a Gary que sua noiva tinha saído do restaurante aos prantos.

Mas ele parecia realmente envergonhado.

— Juro por Deus, Terri, que eu não sabia o que fazer. Se tivesse dito a verdade ela teria me deixado. Eu sei que teria.

— Você deve conhecer Rachel bem o bastante para saber que ela não está com você por causa de um anel de diamante — disse Terri espantada.

— Ela vai ficar decepcionada se estiver — falou ele arrependido, e naquele momento Terri viu um lado de Gary Knowles que nunca tinha percebido até então.

Era como se a máscara de homem durão tivesse finalmente caído, e por trás aparecesse a cara de um menino imaturo apanhado em uma mentira.

— As coisas têm ido muito devagar no meu trabalho ultimamente — continuou ele, envergonhado. — Rachel não sabia. E eu não queria dizer nada, sobretudo porque o restaurante de vocês está bombando. Nenhuma mulher quer um homem que ganhe menos do que ela.

Terri revirou os olhos, frustrada, ao notar que muito daquilo tinha a ver com orgulho masculino.

— Qual é, Gary. Rachel não liga para essas coisas. Ela só quer saber de você, não do seu dinheiro! Por isso ficou tão magoada com o que aconteceu. Para ela, o noivado de vocês, talvez até todo o seu relacionamento, foi uma farsa, porque você não conseguiu dizer a verdade.

— Mas não é tarde demais — arriscou Ethan. — Ela está chateada agora, mas talvez se você lhe disser o que acabou de nos dizer...

Gary olhou de um para o outro, duvidoso.

— Vá atrás dela, pelo amor de Deus — falou Terri, sem poder acreditar no que estava sugerindo.

Mas, olhando para a situação agora do ponto de vista de Gary, via que ele não tinha feito aquilo por maldade; sem nenhuma intenção da sua parte, ele se vira preso numa situação da qual não pudera escapar.

Gary fez que sim e esfregou o rosto.

— Ei, ficou alguma marca? — perguntou, se ajeitando, e Terri teve de sorrir.

— Não se preocupe, você continua bonitão — respondeu Terri com ironia, enquanto Ethan observava, achando graça. — Agora vá resolver as coisas.

Depois que Gary saiu, Terri e Ethan ficaram a sós, de frente um para o outro.

— Achei que talvez você fosse atrás dela, na verdade — falou Terri gentilmente, tentando provocar seus sentimentos com relação a Rachel.

Ele deu uma risada breve.

— Eu? Não. Não me entenda mal, na última vez em que estive aqui você teve razão de insinuar que eu estava um pouco... confuso a respeito de Rachel. Ou melhor, estava em conflito — suspirou. — É bobagem, mas... — suas palavras faltaram quando ele quis explicar. — Confesso que fiquei um pouco abalado quando ela falou que fazia pão. Não tinha pensado nisso antes, mas depois me lembrei de que a mãe de Daisy, Jane, e eu tínhamos uma piada interna sobre isso — disse, e então contou para Terri sobre a instrução de Jane para procurar alguém que fizesse pão para ele. — Acho que levei isso muito ao pé da letra por um tempo — falou, sacudindo a cabeça. — Uma bobagem, realmente.

— Na verdade acho bem meigo — disse Terri com sinceridade, vendo que ele devia ter amado muito a mãe de Daisy. — Sinto muito por tudo isso — falou então, sentindo-se estranhamente constrangida na presença dele. — Imagino que depois de tudo o que aconteceu você nunca mais vai querer pisar aqui.

Ethan suspirou, com uma expressão indecifrável.

— Não estou bem certo dos meus sentimentos no momento. Foi uma tal confusão que... Ah, meu Deus, Daisy! — falou com um

arquejo, lembrando-se de que ela estava lá também. — Só Deus sabe o que ela está pensando disso tudo.

— Não se preocupe. Sei que o Justin a está mantendo bem entretida lá fora. Garanti que ela não ouvisse grande parte do que aconteceu mais cedo, e a pior parte também, com certeza.

— Eu notei isso. Obrigado.

Olhou fixo para ela, e Terri se perguntou por que a conversa parecia tão embaraçosa de repente.

— Daisy está sempre preocupada.

Terri suspeitara disso, por essa razão tinha tentado manter a menina longe das discussões.

— Não se preocupe, tenho certeza de que ela vai superar isso. E coitada, ela tem motivos para ser inquieta, tendo perdido a mãe.

Ele fez que sim, obviamente perturbado com a situação.

— Acho que eu nunca soube bem como lidar com esse problema. Vanessa diz que eu não devo dar trela, que isso só piora as coisas, mas...

— Ao que parece, Vanessa não seria o melhor exemplo a seguir para sua filha — disse Terri depressa, mas ao ver o que tinha dito, levou a mão à boca. — Ah, Ethan, desculpe. Eu não devia ter dito isso, foi completamente fora de propósito.

— Não, você está certa. Acho que isso pode ter sido parte do problema, na verdade. Eu me apaixonei perdidamente por Vanessa, e ao mesmo tempo queria tanto dar a Daisy o que pensei que ela precisasse, um exemplo forte de mulher e uma espécie de mãe substituta, que não cheguei a avaliar com atenção se Vanessa era a pessoa certa para esse papel — admitiu. — Não foi justo nem com Daisy nem com ela — acrescentou, e Terri percebeu que apesar da sua “quedinha” por Rachel, ele realmente amava Vanessa.

— Bem, é verdade que é uma grande responsabilidade.

— E cada vez mais parece uma responsabilidade com que vou ter de arcar sozinho — disse Ethan e deu um sorriso triste. — Não que seja uma coisa tão terrível. Aquela menininha é o meu mundo.

— Ela tem muita sorte de ter um pai tão bom.

Ethan ficou sem jeito.

— Não tenho tanta certeza disso. Não quando vejo que ela acredita em bobagens como um anel de diamante com poderes mágicos.

— Aquela história sobre a Tiffany ser um lugar mágico? Daisy me disse que ouviu isso da mãe.

Ele concordou, triste.

— Jane encheu a cabeça dela de fantasias, e ela está na idade de acreditar em tudo isso, infelizmente. Achei que já teria superado isso, que entenderia que as coisas que a mãe dizia eram inteiramente metafóricas, mas...

— Mas, pensando bem, durante um tempo pareceu mesmo que aquele anel *era* mágico e *tinha* vida própria — disse Terri e riu, fazendo de tudo para Ethan se sentir melhor. — Enfim, ela ainda é muito nova. Se fosse minha filha, eu tentaria manter essa inocência o máximo de tempo possível. A vida real já é difícil o bastante às vezes.

— Talvez você tenha razão.

Ethan sorriu de volta, e Terri sentiu seus nervos formigarem. Que droga, o que estava acontecendo com ela?

— Mas nunca acreditei muito em contos de fadas — continuou ele, com a voz cheia de pesar, e Terri ficou sem saber se ele pensava em Jane ou em Vanessa.

— Nem eu — falou ela com sinceridade.

CAPÍTULO 45

Na tarde seguinte, Ethan chegou em Heathrow com o coração pesado. Andou pelo aeroporto como que em transe, com Daisy ao seu lado.

Pensou de novo em Vanessa e Brian, e teve vontade de pegar seu suposto amigo e arrancar-lhe os braços e as pernas. Que traição! Mas esse não era o único segredo de Vanessa; havia outra coisa que, para sua humilhação, ele tinha descoberto através de Daisy.

Durante todo o tumulto no bistrô na véspera, quando sua filha mencionara um bebê e dissera que encontrara um teste de gravidez no lixo, Ethan ficara perdido. Até onde sabia, Vanessa não podia ter filhos, então por que o teste de gravidez?

Então, quando Vanessa tinha voltado para a mesa do Stromboli, ele sabia que era a primeira coisa que tinha de perguntar, antes mesmo de falar sobre Brian. Os olhos dela ainda estavam vermelhos de chorar, e o rosto, pálido, mas quando ele abordou o assunto seu rosto ficou ainda mais branco, quase translúcido.

— Do que está falando? — perguntara ela, com a mesma cara que fizera quando Gary a acusara de estar no táxi em Nova York.

Parecia um coelho apanhado pelo farol de um carro.

— É uma pergunta simples — dissera Ethan com rispidez. — Por que havia um teste de gravidez na nossa lata de lixo?

— O quê? — perguntara, olhando para ele com um olhar de dúvida. — Como você...

— Tinha que ir para o lixo reciclado — explicara Daisy, num tom de culpa, mas Ethan dera um tapinha na sua mão como que para silenciá-la.

— Tudo bem, florzinha, você não precisa se explicar — dissera e se dirigira à Vanessa de novo. — Alguma coisa importante que eu

deveria saber?

Ela meneara a cabeça e baixara o olhar.

— Não. Eu pensei que pudesse ser. Com o *jet lag* da viagem de volta dos Estados Unidos achei que podia ter me enganado com o anticoncepcional, mas não me enganei.

— Anticoncepcional? Que estranho. Eu tinha a impressão de que você não podia ter filhos.

Ethan percebera, então, que aquela era mais uma mentira deslavada, como todas as outras que ela lhe contara desde o início do relacionamento deles.

Pensando bem, se Vanessa era tão obstinada a conseguir o que queria profissionalmente (ou evitar o que não queria), perguntou-se por que nunca lhe passara pela cabeça que ela poderia fazer o mesmo na sua vida pessoal.

— Sim, mas há sempre uma chance...

Porém suas palavras eram vazias, e ambos sabiam disso. Ela o manipulara desde o início, aproveitando-se de sua credulidade.

— Por que, Vanessa? Por que você aceitou se casar comigo sabendo que nosso relacionamento era baseado em mentiras?

— Honestamente, não sei — respondera ela com lágrimas nos olhos. — Eu queria... Eu quero me casar com você. Mas nunca quis ter filhos, e como já tínhamos Daisy achei que seríamos uma família completa. Eu não teria de ser mãe, ninguém esperaria que eu substituísse Jane. E mesmo que eu quisesse, não conseguiria — acrescentou, num tom amargo. — Ninguém pode substituir o modelo da virtude.

— Como ousa dizer isso? — falara Ethan, com a voz mais severa.

Foi tomado de tal raiva que não viu Daisy sair da mesa de fininho e ir para a cozinha do restaurante.

Vanessa tinha se levantado para ir embora.

— Se precisar de mim, estarei na casa dos meus pais. Ethan, você pode achar o que quiser, mas ninguém jamais ocupará o lugar da sua preciosa Jane.

Vestira o casaco e seus olhos encheram-se de lágrimas novas.

— Sinto muito pelo que aconteceu. Caso te interesse saber, eu te amo e amo Daisy também. Mas vocês nunca iam me aceitar de

verdade.

* * *

Ethan pensou no que Vanessa havia dito e perguntou-se se haveria alguma verdade nas suas palavras.

Ela o amava de forma clara demais para temer sua nebulosidade...

Mas obviamente não o suficiente.

E a ideia maluca de Daisy de que o anel só seria uma prova definitiva do verdadeiro amor se coubesse no dedo de quem o usaria talvez tivesse um quê de verdade.

Como esperado, sua filha continuava confusa e aflita com o que ocorrera. Ela era muito nova e não fazia ideia das complexidades de um relacionamento adulto. Apesar de o anel não ter cabido no dedo de Vanessa, Daisy já a considerava parte da vida deles, e Ethan sabia como ela ansiara por uma família completa. Porém, isso não aconteceria mais. Eles não eram uma família e Vanessa não seria uma mãe substituta.

Depois do incidente no bistrô na véspera, cada um tinha ido para o seu lado, Vanessa de volta para a casa dos pais e ele e Daisy para um hotel próximo. Pai e filha haviam passado o dia passeando pela cidade, aproveitando a companhia um do outro, e no domingo à noite pegaram o voo de volta para Heathrow, conforme planejado.

Ethan tentou esvaziar sua mente quando eles entraram no banco traseiro do táxi e deram o endereço para o motorista. Talvez já houvesse sinais há um tempo de que as coisas não iam bem, e essa confusão com o anel o tivesse ajudado a perceber isso. Como Jane sem dúvida diria se estivesse ali, tudo acontecia por uma razão.

Durante todo o percurso, manteve-se tão pensativo, lembrando dos acontecimentos recentes, que não notou que o táxi tinha parado na frente da sua porta em Richmond. Olhou pela janela, mas não registrou onde estava nem reconheceu as redondezas.

— Colega, é esse o endereço? — perguntou o motorista.

Daisy cutucou-o.

— Pai, nós chegamos.

Ethan voltou à realidade, surpreso. Como aquele lugar podia parecer tão diferente depois de apenas poucos dias? Como tanta coisa podia mudar em tão pouco tempo?

— Ah, sim. Desculpe. Estou um pouco cansado — explicou depressa, para não parecer um lunático.

Pagou o motorista e pegou as bagagens dele e de Daisy. Subiu os degraus lentamente e tirou a chave do bolso. Colocou a chave na fechadura e girou a maçaneta. Ao entrar no hall, percebeu imediatamente que alguma coisa estava diferente.

Foi direto para o quarto e entendeu o que era. Depois do que acontecera, Vanessa pegara o primeiro voo disponível para Londres em vez de passar o resto do dia com os pais. Não tinha precisado de muito tempo para retirar as poucas caixas que tinha trazido da sua casa quando fora morar com eles. Pensando bem, sua decisão de manter o antigo apartamento e todos os seus móveis devia ter sido a primeira indicação de que aquilo não duraria para sempre.

— Ela foi embora — disse Daisy, sem necessidade. — Vanessa foi embora.

— Eu sei, florzinha — falou Ethan, com o coração apertado. — Parece que somos só eu e você de novo.

— Sinto muito, papai — disse ela, com um soluço. — Foi tudo culpa minha, por eu ter perdido o anel, não é?

A menina caiu em prantos e Ethan morreu de pena dela. Sua filha se culpava por tudo, quando na realidade nada daquilo tinha a ver com ela.

Puxou a filha para junto dele e levou-a para o sofá.

— Não, não, é claro que não. Nada disso é culpa sua. Essas coisas acontecem às vezes e não é culpa de ninguém.

Daisy aninhou a cabeça no ombro do pai.

— Desculpe não ter tido mais cuidado com o anel — murmurou ela entre lágrimas.

— Meu bem, não tem importância. O anel não tem nada a ver com isso.

Mas é claro que não era exatamente verdade. Fora precisamente por causa do maldito anel que tudo aquilo tinha acontecido.

— Você está zangado comigo?

— Não, querida. É claro que não estou zangado.

— Mas você e Vanessa não vão mais se casar, não é?

— Não, não vamos. E quanto àquele teste que você encontrou, não havia bebê nenhum. Foi só um teste para ver se podia haver um.

Ela fez que sim, pensativa.

— Que pena. Acho que eu teria gostado de ter um irmãozinho ou uma irmãzinha.

— Eu sei, florzinha — suspirou Ethan. — Eu também teria.

— Vanessa nunca mais vai voltar?

Era mais uma constatação do que uma pergunta.

— Não. Mas tudo bem, Daisy. Você e eu somos uma equipe, você sabe disso. Só precisamos um do outro, não é?

Daisy fungou.

— Vanessa te devolveu o anel?

— Devolveu.

Ela tinha tirado o anel e colocado em cima da mesa antes de sair do restaurante. Considerando todo o ocorrido, Ethan relutara em pegar o anel, com medo de se queimar com aquela coisa amaldiçoada.

— Posso ver?

Ethan tirou o anel do bolso e colocou-o na mão de Daisy.

— Papai?

— Sim, querida.

— Você gosta da Rachel?

— Rachel do bistrô? Sim, é claro que gosto.

Uma mulher que faça pão para você...

Ethan não sabia mais como se sentir a respeito, e ainda era assombrado pela reação dela à verdade. Não por causa de algum sentimento pessoal que tivesse por ela; sabia disso agora, e achava que qualquer sentimento que tinha imaginado fora apenas um efeito colateral da sua busca desesperada para conseguir o anel de volta. Realmente, pensando bem, ele era tão culpado quanto Daisy de criar significado e importância onde não havia nada disso.

— Ela gosta de você?

Ethan sabia onde sua filha queria chegar; ela ainda estava fixada no fato de o anel ter cabido no dedo de Rachel. Tentou evitar o assunto.

— Infelizmente, Rachel está com muita raiva de mim no momento.

— Por quê?

Ethan explicou que Rachel pensava que o anel tinha sido comprado para ela, e ficara zangada quando soubera que não tinha.

Daisy digeriu a informação.

— Mas isso não foi sua culpa.

— Não, é verdade. Mas mesmo assim ela está zangada.

— Você devia ligar para ela e pedir desculpas várias vezes. Tenho certeza de que ela vai te perdoar.

Ethan sorriu.

— Acho que não é bem assim.

— É, sim! Ligue para ela, pai. Ligue agora e peça desculpa. Ela vai gostar de você de novo, e vocês vão poder ser felizes para sempre.

— Por favor, pare, querida. Preciso deixar Rachel em paz agora. Só Deus sabe quantos problemas eu já causei a ela.

Daisy enxugou o rosto e virou-se para ele.

— Mas ela é a pessoa certa para você, pai. Eu sei que é.

— Daisy, o fato de o anel caber no dedo da Rachel não significa nada.

— Mas...

— Daisy — repetiu Ethan em tom severo, cansado de repente, do anel, de Rachel, de tudo. — Deixe isso para lá. Eu sei que sua intenção é boa, mas você tem de se lembrar que as coisas nem sempre acontecem como nos seus livros.

CAPÍTULO 46

— Você sabe que ficar olhando para o telefone não vai fazer ele tocar, não é? — disse Justin quando passou por Terri ao voltar da despensa.

— Nem me fale — respondeu ela, suspirando.

Ele meneou a cabeça com tristeza.

— Ela não deu notícia ainda, imagino?

— Não.

Terri estava ficando louca. Fazia dois dias desde a briga no bistrô e eles ainda não tinham tido notícias de Rachel.

Embora Terri não tivesse contado com ela para trabalhar no dia anterior, esperara pelo menos um telefonema para saber como ela estava. Como isso não ocorrera, ligara para a casa de Rachel, mas sua amiga não tinha atendido.

— Eu só queria que ela falasse comigo — disse Terri, suspirando.

— Ela tem razão, eu sou tão culpada quanto Gary. Não devia ter escondido a verdade, e definitivamente não devia ter interferido daquele jeito.

— Você só estava tentando ajudar. No fim das contas, você estava pensando no bem dela.

Estava mesmo? Terri se perguntava agora se ficara cega em razão da desconfiança que tinha de Gary, e fora levada pelas tentativas adoravelmente desajeitadas de Ethan Greene de resolver a situação.

Não saberia dizer. Mas de uma coisa tinha certeza; apesar da pena que tivera de ver Ethan magoado, ficara contente que Vanessa tivesse saído da vida dele. Terri não gostara daquela mulher boba à primeira vista, e o que descobrira depois tinha confirmado essa impressão.

— Que dia aquele, hein? — disse Justin, fazendo eco aos seus pensamentos. — Quanto drama! E foi uma pena a menina ter ficado no meio daquilo tudo.

— É. Ela é um doce de menina.

Terri ainda pensava na insistência de Daisy de que o anel tinha encontrado o caminho para a pessoa “certa”.

Haveria alguma verdade naquilo? Tinha de admitir que o destino acertara com relação a Vanessa, não é? Considerando suas mentiras e infidelidade, ela não era a mulher certa para Ethan e definitivamente não merecia aquele anel. Mas será que isso significava automaticamente que Rachel merecia? Terri tinha desconfiado antes que havia uma centelha entre os dois, mas levando em conta o desespero genuíno de Rachel no outro dia, e a insistência de Gary de que tivera vergonha de lhe contar a verdade, parecia haver outro elemento na relação *deles* que Terri não conhecia.

Talvez Gary não fosse apenas um palhaço egoísta que mentira deliberadamente. Talvez ele tivesse mesmo medo de perder Rachel.

Com toda a franqueza, Terri também estava com medo de perdê-la. Elas tinham passado por tanta coisa juntas e eram uma parte tão fundamental da vida uma da outra, mas agora, por causa das ações de Terri, a amizade delas (e também seu negócio) estava seriamente ameaçada.

Terri só queria que Rachel falasse com ela.

— Será que Gary foi procurar Rachel? — perguntou Justin.

— Não sei. Nunca pensei que diria isso, mas cheguei de fato a sentir pena dele no sábado. Acho que nunca vi um homem tão arrasado.

— Ele achava mesmo que se contasse a verdade ia perder Rachel?

Terri fez que sim.

— Não posso entender por que ele não foi franco comigo desde o início, em vez de tentar manter sua imagem de machão. Malditos homens irlandeses.

— Ei, nem todos nós somos farinha do mesmo saco, querida. Você sabe que eu estou totalmente em contato com meu lado feminino — falou ele, piscando, e Terri deu um sorriso.

— Não sei, Justin. Está tudo muito confuso.

E como não sabia o que mais poderia fazer, Terri foi até o armário e pegou um pouco de farinha, determinada a se consolar como sempre fazia em momentos difíceis: fazendo pão.

* * *

Mais tarde, Terri bateu na porta de Rachel, rezando para ela atender. Prendeu a respiração, esperando escutar passos aproximando-se, mas não ouviu nada.

Bateu de novo, dessa vez com mais força. Depois de algum tempo ouviu passos leves se aproximando do outro lado da porta.

— Quem é? — perguntou Rachel.

— Sou eu. Por favor, deixe eu falar com você.

Fez-se silêncio, e Terri achou que seu coração ia pular do peito. Por favor abra a porta, desejou.

— Me deixe em paz. Não quero conversar.

— Tudo bem. Mas que tal comer?

Tentou manter a voz calma, mas por dentro seus nervos estavam em frangalhos. Se Rachel não respondesse a isso, a brincadeira delas, então a amizade das duas estava mesmo terminada.

— Eu trouxe meu famoso e irresistível pão levedado.

Terri teve a impressão de que vários minutos haviam se passado quando uma fresta da porta finalmente foi aberta. Pelo pouco que pôde ver de Rachel, ela parecia esgotada e tinha o cabelo puxado para trás.

— Bem, eu estou com fome... — disse ela, e Terri percebeu a Rachel de sempre brilhar por trás daquela fachada de infelicidade.

— Como eu pensei — brincou Terri, e após entregar o pão, imediatamente começou a mexer com as mãos agora vazias, então olhou para a amiga. — Eu realmente preciso falar com você. Por favor.

— Então fale — replicou Rachel, secamente.

— Posso entrar?

— Não.

Terri respirou fundo e olhou-a dentro dos olhos. Embora sempre soubesse que toda aquela coisa ia terminar mal, não previra que se sentiria tão culpada e que Rachel sofreria tanto. Mas, do ponto de vista de Rachel, ela tinha sido traída pelas pessoas que amava, e que deviam amá-la também.

Terri percebeu que tudo ocorrera por causa de Ethan Greene, um homem que era praticamente um desconhecido. Justin tinha razão, e Terri se perguntou o que dera nela para pôr sua amizade e seu negócio em risco se intrometendo daquela maneira.

Não podia acreditar que tudo tivesse dado tão errado tão depressa.

— Rachel, sinto muito. Eu sei que devia ter te dito a verdade sobre aquele anel assim que soube o que tinha acontecido. Eu sei disso. Mas a verdade é que eu não sabia o que fazer. Você estava tão feliz com o noivado...

— Exatamente. Eu estava tão feliz. E você sabia que era tudo uma mentira. Por que não me disse? Por que me deixou pensar que eu estava vivendo uma espécie de conto de fadas e que Gary era meu Príncipe Encantado? E pensar que ele foi quase obrigado a me pedir em casamento... — disse, e sua mágoa e seu constrangimento eram visíveis. — Todos sabiam a verdade, menos eu. Imagine como eu me senti. Manipulada. Traída. Agora que tenho noção de tudo isso, percebo que não tive direito a formar minha própria opinião. Tudo foi arquitetado por você, Gary, e até mesmo Ethan, fingindo naquele jantar que ele estava interessado nas minhas esperanças e sonhos. Nada disso era real.

Terri baixou a cabeça.

— Eu sei. Você tem razão e eu sinto muito. Até agora não entendo por que não te contei, mas por favor acredite em mim quando digo que a última coisa no mundo que nós queríamos fazer era te magoar.

— Mas por que me trataram como uma criança, Terri? Eu detesto que as pessoas façam isso comigo o tempo todo. Tenho trinta e dois anos, não sou uma criancinha que precisa ser protegida.

— Acho que... acho que sempre pensei que você tinha tendência a ver o lado bom das pessoas rápido demais, enquanto eu...

— Era uma completa cínica, desconfiada dos motivos de todo o mundo?

Terri baixou o olhar, envergonhada.

— Mais uma vez, você tem razão. Talvez eu tenha tendência a ver o pior. Sinto muito.

— Como vão as coisas no trabalho? — perguntou Rachel, com um tom ainda neutro que não entregava grande coisa.

— Bem. Justin está comandando o barco no momento.

Terri fez uma pausa ao perceber que estavam pisando em terreno perigoso. E se Rachel tivesse decidido deixar o Stromboli por causa da mentira de Terri, e estivesse preparada a abrir mão do negócio que elas tinham construído com tanto cuidado? Ou, ainda pior, quisesse que Terri saísse?

— Mas estamos ansiosos para te ver de volta — acrescentou delicadamente. — Aquele lugar não é o mesmo sem você.

— Hummm, contanto que nossos clientes não estejam engasgando com objetos estranhos na comida — disse ela num tom malicioso, e Terri respirou aliviada ao perceber uma centelha de humor na sua observação.

Tudo ia terminar bem.

— Então, você vai dividir isso comigo ou o quê? — disse Rachel, chegando para o lado da porta para Terri poder entrar.

— Eu adoraria.

Terri passou por ela e as duas foram até a pequena sala de estar de Rachel. Ela virou-se para olhar para a amiga.

— Quero me desculpar de novo. Pegar o anel daquele jeito foi uma estupidez minha. Mas Gary insistia em dizer que não estava errado, e eu tive muita pena de Ethan.

— Sim, foi meio estranho chegar a esse ponto por um sujeito que você mal conhece — disse Rachel, levantando a sobrancelha. — Alguma coisa que você queira me contar?

Terri corou.

— O quê? Não. É claro que não. Aliás, para ser honesta, Ethan estava tão preocupado em não te magoar que eu imaginei que

vocês dois talvez tivessem tido algum tipo de conexão naquela noite que saíram para jantar.

— Até parece — disse Rachel. — Ele não faz o meu tipo, Terri. Muito certinho para o meu gosto. Prefiro os complicados.

— É, acho que você tem mesmo um tipo específico — disse Terri. Rachel deu um sorriso pálido.

— Eu sou siciliana, não se esqueça. Nós somos geneticamente programadas para nos sentirmos atraídas por homens difíceis.

— Então Gary entrou em contato com você?

— Ele tem tentado, dia e noite, mas não quero falar com ele.

O tom da sua amiga era duro, mas Terri pôde ouvir certa tristeza por trás. Apesar de todos os defeitos que ele podia ter, Rachel amava o sujeito de verdade.

— Só não entendo qual era a dele, Rachel. Com certeza ele sabia que tudo viria à tona em algum momento.

— Ele pode ser esquisito assim, e apesar do que você pensa — acrescentou ela, com ar sincero —, sempre foi absolutamente inseguro por trás de tudo.

— Eu imaginei isso. Quem diria, hein?

— Eu sempre vi isso claramente. De onde você acha que toda essa violência vem? Ele se comporta como um milionário com grandes propriedades, mas nós dois sabemos que ele é apenas um homem comum — acrescentou ela, e Terri riu ao perceber que talvez Rachel não fosse tão ingênua como eles pensavam. — Não sei, acho que sempre gostei disso, de certa forma. Pensando bem, não estou surpresa de ele não ter admitido que estava errado. Deve ter pensado que todos os seus presentes de Natal tinham vindo ao mesmo tempo quando eu abri a caixa com o anel. Poucos homens já devem ter tido essa sorte, não é?

— Você vai perdoar o Gary? — perguntou Terri.

— Não sei. Não posso decidir isso agora. Eu amo o Gary, mas não sei se posso jogar a culpa apenas no machismo dele. Foi muito doloroso descobrir que ele não tinha intenção nenhuma de me pedir em casamento.

— Bem, caso te interesse saber, acho mesmo que no início ele realmente não sabia de onde tinha vindo aquele anel e ficou com

medo que Ethan estivesse paquerando você.

— Não, Ethan estava atrás do seu investimento de vinte mil euros — disse Rachel com um sorriso triste. — Mas tenho pena da pequena Daisy; ela pensava que a coisa toda era obra do destino. Uma gracinha.

— É mesmo — concordou Terri.

— Lembro de Ethan dizer que a mãe dela era meio fantasiosa. E quando as coisas deram errado, a pobre Daisy levou ao pé da letra o que sua mãe dissera sobre a Tiffany. Mas o que é irônico é que o anel também não coube no meu dedo — admitiu Rachel, e Terri olhou-a, surpresa. — Era grande demais. Imaginei que Gary não tivesse pensado nisso, e mandei ajustar o anel antes de sairmos de Nova York.

Terri meneou a cabeça.

— Então não é de admirar que não coubesse em Vanessa. Pobre Daisy! Não teve nada a ver com a magia da Tiffany.

— Pois é. Aquela pobre noiva se deu mal, não é? — disse Rachel, com um sorriso irônico. — Eu não só fiquei com o anel de noivado dela como mandei ajustar, e sua futura enteada acha que eu sou uma espécie de Cinderela, enquanto ela é a irmã má.

— Não sei se Vanessa é tão inocente em toda essa confusão — disse Terri, contando o que tinha ouvido no restaurante.

— Pobre Ethan — falou Rachel. — Acho que fui um pouco dura com ele naquele dia. Ele também acabou se dando mal, não foi?

Terri concordou, com um ar triste.

— Mas pelo menos ele ainda tem seu sapatinho de cristal.

CAPÍTULO 47

Daisy estava deitada no chão da sala, desenhando. Era uma tarde agradável de sábado. Seu pai estava no banho depois de ter ido correr, e ela aproveitava a paz e o silêncio da casa.

Mas tinha de admitir que as coisas andavam um pouco estranhas ultimamente. Seu pai tentara agir como se tudo tivesse voltado ao normal, e como se o drama do anel nunca tivesse ocorrido.

Ele e Daisy continuavam com suas atividades nos fins de semana, como um pai e uma filha normais. Não tinham falado mais sobre Rachel ou Vanessa, mas, embora Daisy tentasse obedecer seu pai e esquecer tudo o que havia ocorrido em Dublin, ela continuava convencida de que ele tomara uma decisão errada quando não insistira em fazer as pazes com Rachel, pois era óbvio (pelo menos para Daisy) que eles deviam ficar juntos.

Ela às vezes o pegava sentado no quarto olhando o anel, e sabia que ele estava triste, mas não sabia se pensava em Rachel ou Vanessa, ou talvez em ambas.

Não compreendia parte do que acontecera, e desejava que sua mãe estivesse ali para lhe explicar. Mas se ela estivesse ali, nada daquilo teria acontecido, não é? Daisy suspirou. As pessoas sempre lhe diziam que ela era uma menina inteligente, mas às vezes ela achava que os adultos complicavam muito a vida, principalmente seu pai.

Naquele momento, o telefone tocou, e Daisy se levantou para olhar o identificador de chamadas. Ela não reconheceu o número e deixou a secretária eletrônica atender, como seu pai sempre a instruíra a fazer quando ele não estava por perto. Mas ficou por ali para ouvir o recado. Era uma voz de mulher, e parecia apressada.

— Oi, Ethan. É a Rachel — disse a voz, e os ouvidos de Daisy ficaram alertas. — Você está aí? — fez uma pausa, esperando. — Tudo bem, deve ter saído — continuou Rachel. — Eu só queria me desculpar por tudo o que aconteceu — disse, e ouviu-se uma risada nervosa. — Como você pode imaginar, foi muito constrangedor para mim, especialmente a forma como descobri tudo. Mas eu não podia ter descontado em você, sobretudo quando você foi tão gentil comigo ao tentar não me magoar... Enfim, espero que você esteja bem e Daisy também. Terri me contou sobre Vanessa e... Bem, eu só queria me desculpar.

O som da voz de Rachel fez Daisy sentir um calorzinho por dentro. Ela era definitivamente a pessoa certa para seu pai, tinha certeza! Sem pensar, pegou o fone e atendeu a ligação.

— Oi, Rachel.

— Daisy? Olá, querida! Como vai você?

— Bem, obrigada.

— Seu pai está aí? Eu não tinha certeza se...

— Ele está no banho — disse Daisy. — Que bom que você ligou. Sei que ele vai ficar muito feliz de ter notícias suas.

— Ah. Que bom. Acho que fui um pouco rude com ele na última vez em que vocês vieram a Dublin.

— Eu sei. Você estava chateada por causa do anel. Eu também fico chateada com as coisas às vezes. Como no dia em que minha professora de piano, que é muito brava, me deu uma peça difícil para tocar e eu não consegui.

Rachel riu.

— Sei. Bom, foi ótimo falar com você, Daisy, diga ao seu pai que eu liguei para ele para me desculpar. Fico muito feliz que ele tenha conseguido o anel de volta. E, ah... — Rachel fez uma pausa, e Daisy se perguntou o que ela ia dizer — Lembra que você disse que o anel do seu pai tinha encontrado seu caminho para a pessoa certa?

— Lembro — disse Daisy com um sorrisinho ao perceber que tudo acabaria bem.

Rachel compreendera o significado de tudo aquilo, e na verdade estava telefonando para que ela e seu pai ficassem juntos.

— Eu queria te dizer que eu não era a pessoa certa, Daisy. O anel também não coube no meu dedo. Eu tive de mandar ajustar.

Daisy ficou de queixo caído.

— O quê? Como pode ser? Vanessa é a pessoa errada. Meu pai sabe disso agora e...

— Daisy, o que você está fazendo? Com quem está falando?

Ela percebeu que Ethan tinha entrado na sala e estava ouvindo a conversa. Ele esticou a mão para pegar o fone, com um ar irritado.

— É Rachel — disse ela baixinho, a cabeça a mil.

— Alô, Rachel. Desculpe por isso...

Daisy afastou-se, mal ouvindo o que seu pai falava no telefone.

Afundou-se no sofá. Se o que Rachel acabara de dizer era verdade, então o que tinha acontecido? Por que as sacolas da Tiffany tinham sido trocadas senão para levar seu pai até Rachel? Daisy chutou seu desenho, uma bela caixa azul amarrada com fita branca. Por que a magia da Tiffany não estava funcionando?

* * *

Tinha sido uma fase terrível, Ethan pensou. Mas agora, duas semanas depois, pelo menos a vida voltara ao ritmo normal ao qual estava habituado. Sem surpresas, sem dramas.

Para o bem de Daisy, tentava dar a impressão de que ele estava bem. Volta e meia via que ela o olhava com uma expressão peculiar no rosto. Parecia muito atenta aos seus humores e atitudes. Ele tentava não pensar em Vanessa, e em como fizera dele um palhaço.

É claro que ela contara a Brian que ele tinha descoberto sobre o caso dos dois, e fazia duas semanas que Ethan evitava chamadas do seu suposto amigo. Não estava interessado em desculpas nem explicações e, embora estivesse magoado com a traição deles, se surpreendeu de leve com o quão pouco aquilo o incomodava realmente.

Se ele amasse mesmo Vanessa, se sentisse no fundo do coração que ela era a mulher certa para ele, estaria agora inconsolável. Mas

não estava. Sentia-se quase que entorpecido pelos acontecimentos dos dois últimos meses. O engano com o anel, as complicações para tentar resgatá-lo... a coisa toda fora uma tal trapalhada que parecia totalmente sem pé nem cabeça.

Porém, ele sabia que precisava ser forte para Daisy agora, não podia viver sonhando com o que poderia ter sido.

Uma longa semana chegava ao fim, e ele estava terminando suas atividades na universidade. Deixou o campus e pegou um táxi para a casa de uma das amigas de Daisy, Tanya. Ela ia para lá todo dia depois do colégio até Ethan terminar suas aulas.

Bateu na porta e Janice, a mãe de Tanya, abriu.

— Ah, olá, Ethan. Entre. Vou chamar a Daisy, elas estão brincando lá em cima.

Ethan entrou. Já conhecia a rotina. Depois que as meninas descessem e Daisy pegasse suas coisas, Janice insistiria para eles ficarem para o jantar. Embora nunca fosse dito, ele sabia que Janice estava convicta de que era um solteirão perdido totalmente incapaz de entender a filha, muito menos de preparar uma boa refeição para ela.

Assim que as meninas apareceram na sala, Janice olhou para Ethan e sorriu.

— Diga que você e Daisy vão ficar para o jantar. Temos muita comida.

Ele balançou a cabeça, como que se desculpando.

— Mais uma vez obrigado, mas Daisy e eu temos planos para hoje à noite.

Ethan tinha planejado uma noite divertida para os dois. Ia preparar o prato preferido da filha e depois deixar que ela comesse besteira e ficasse acordada até tarde para ver um filme na televisão, à sua escolha.

Janice fez que sim.

— Então, talvez outra noite, quem sabe? — sugeriu, com uma leve esperança na voz, e Ethan se perguntou vagamente se a mulher estava de olho nele agora que estava solteiro outra vez.

Esperava que não. A última coisa que ele queria naquele momento era mais problemas com mulheres.

— Pronta para ir? — perguntou a Daisy, que assentiu e sorriu.

Saíram da casa de Janice e começaram sua caminhada para casa.

— Como foi seu dia? — perguntou Daisy.

Ele estendeu a mão para segurar a dela.

— Bem bom. Mas a melhor parte é que hoje é sexta-feira, e eu vou passar a noite com minha garota especial.

— E quem é sua garota especial? — perguntou Daisy, olhando-o de esguelha.

— Bom, não sei... Deixa eu pensar um instante — disse ele num tom brincalhão, achando que ela estava de charme, mas ao olhar para baixo viu uma expressão solene no seu rosto. — É você, sua bobinha! — disse ele, fazendo-lhe cócegas. — Quem mais seria?

Ela suspirou.

— Quem dera eu soubesse.

Ethan a olhou em silêncio. Quem sabe aquilo era mais uma fase que ela estava passando. Desde o incidente em Dublin ela parecia insatisfeita de serem só os dois. Isso nunca acontecera antes. Ethan não achava que ela sentisse falta de Vanessa; era como se estivesse desapontada com ele por alguma razão.

— Então, que filme você quer ver hoje à noite? — perguntou, decidindo mudar de assunto.

Daisy olhou-o como se ele não tivesse falado.

— Você está chateado com o que aconteceu com Vanessa? — perguntou sem mais rodeios.

Ethan olhou para ela.

— No início fiquei, sim — admitiu ele, percebendo que sua filha não estava afim de brincadeira. — Mas depois vi que nós não fomos feitos um para o outro.

Daisy franziu a testa, pensando na resposta dele.

— Então quem foi feita para você, papai?

Ele deu um sorriso.

— Você, florzinha. Você sabe disso. Você é a única moça da minha vida, e fico feliz de manter as coisas assim.

— E o que aconteceu em Nova York? — insistiu Daisy. — E a magia da Tiffany da qual a mamãe falava?

— Querida...

— E se você diz que é feliz só sendo meu pai, então por que está tão triste o tempo todo?

Ethan ficou um tanto surpreso com a observação da filha.

— Por que você acha que estou triste?

Daisy revirou os olhos.

— Pai, eu não sou idiota.

Ele deu um pequeno sorriso; nada como ser repreendido por uma menina de oito anos.

Mas ela tinha razão. Ultimamente Ethan andava se sentindo triste e desolado por alguma razão, mas não sabia bem o que era. A dor da ausência de Jane parecia ter voltado, dessa vez mais forte que nunca, e a cada dia que passava ele se perguntava até quando esses sentimentos perdurariam. Quanto tempo até que ele fosse verdadeiramente feliz de novo?

Ele não sabia responder, e achou que havia uma boa chance de ainda estar pensando em Jane aos noventa anos de idade, sozinho e cheio de rugas.

E se, como Daisy insistia, Jane estivesse intervindo lá do alto para acertar as coisas, ele gostaria de compreender o que ela estava tentando dizer.

Uma mulher que fizesse pão para ele? Ethan achava que não. Porque não sentia nada mais que simpatia por Rachel Conti.

Ao voltarem para casa, enquanto Daisy tomava uma ducha, ele começou a preparar o jantar. Juntou todos os ingredientes para seu prato favorito — chilli com carne —, mas era uma refeição leve para ele, e sabia que precisaria de algum tipo de acompanhamento para se saciar. Ou isso ou acabaria se enchendo de chocolate e sorvete mais tarde, e sabia que Daisy não aprovaria.

Abriu a porta do freezer e mexeu lá no fundo para ver se encontrava o pão de alho congelado que guardava para ocasiões como aquela. Então parou ao avistar o embrulho roxo que àquela altura lhe era tão familiar. Metade de um pão do Stromboli. Ele não tinha posto o pão ali, e deduziu que Vanessa é que devia ter guardado o restante. Para a posteridade, talvez?

Ao pegar o pão, não pôde deixar de pensar que o restaurante parecia decidido a assombrá-lo. Logo quando achou que tinha

deixado tudo para trás, o Stromboli (ou pelo menos seu pão) cruzava seu caminho de novo. Mas, como quer que tivesse ido parar ali, não havia como negar que era um pão maravilhoso, e combinaria bem com o jantar deles.

Colocou o pão no forno de micro-ondas para descongelar. Depois o aqueceria um pouco no forno normal. Sorriu ao pensar que Terri teria um ataque cardíaco se o visse agora, colocando seu precioso pão no micro-ondas, sobretudo aquele, que ela fizera especialmente para que ele pudesse...

De repente, Ethan parou. Olhou para o pão, imaginando por que não tinha visto isso antes.

Terri.

Era *Terri* que tinha feito pão para ele, não Rachel.

A mesma Terri que estivera ao seu lado ajudando-o durante todo aquele pesadelo, primeiro devolvendo o anel, depois encobrendo a situação com Vanessa no bistrô e mais uma vez protegendo Daisy das brigas que se seguiram...

Uma mulher que fizesse pão para ele.

Ethan levantou os olhos para o céu. Pela primeira vez desde a morte da sua amada, a nebulosidade desaparecera e ele pôde finalmente visualizar seu futuro.

— Obrigado, Jane — sussurrou com um sorriso. — Agora eu entendi.

CAPÍTULO 48

O almoço de domingo no Stromboli estava uma loucura, e Terri se arrependeu amargamente de ter concordado em trocar os turnos com Rachel naquele dia.

Mas ela não tivera escolha, pois parte da sua penitência por mentir para a amiga era que ela se tornasse “sua escrava perpétua” durante os próximos meses.

Terri não se importava, estava feliz por ter sido perdoada por Rachel e pelas coisas terem voltado ao normal no restaurante.

Bem, quase ao normal. O casamento de Rachel e Gary fora definitivamente cancelado, e, embora eles estivessem começando a falar sobre o acontecido, Rachel não estava disposta a deixar Gary se safar do que fizera.

Especialmente porque parecia que aquele não era o único segredo de Gary. Ele tinha admitido tudo que vinha escondendo nos seis últimos meses: como seu negócio estava praticamente falido, estava sendo perseguido e atormentado pelo banco em razão das dívidas que haviam se acumulado, e talvez mais embaraçoso ainda para alguém como Gary, tinha voltado a morar com a mãe havia vários meses.

Isso explicava a reação de choque e irritação de Mary Knowles quando vira o caríssimo anel de noivado de Rachel no dia da festa, Terri lembrou com um sorriso. Sem contar a relutância de Gary em apresentar Rachel para qualquer um dos membros da sua família. Morria de medo de ser alvo de chacota.

— Em suma, aquele anel deu a Gary tanto azar quanto a mim — disse Rachel.

— Ou a Ethan — disse Terri. — Grande magia essa da Tiffany.

Por alguma razão, Terri pensava cada vez mais em Ethan Greene, e naquele breve momento partilhado no dia em que toda a loucura acontecera e ele dera um soco em Gary, em parte para defender sua honra.

Ela sabia que era uma ideia boba, absolutamente sem base na realidade, mas não podia mais confiar no seu próprio julgamento nos últimos tempos. A verdade é que ela quase sentia falta do drama; de ter um segredo só dela e de Ethan. Era uma espécie de intimidade, e, apesar de não ser especialmente profunda ou significativa (pelo menos não para Ethan), ela tinha plena consciência da sua ausência.

Estivera também completamente despreparada para o quanto desgostara de Vanessa logo à primeira vista, e a satisfação vingativa que sentira ao saber da traição da mulher.

E havia também Daisy, aquela menininha tão séria e literal que Terri podia entender por que Ethan queria tanto lhe dar um pouco de estabilidade. A pobrezinha tinha pavor de perder o pai, o que era compreensível, visto o que ocorrera com Jane.

Mas agora que todo o drama tinha passado e as coisas tinham voltado ao normal, ela se sentia insatisfeita e de certa forma... sem rumo. Seria por que Ethan tinha saído da vida deles?

Terri não compreendia bem aquele sentimento e nem queria tentar interpretá-lo. Também estava irritada consigo mesma por se prender a ele, mas o fato era que o sentimento estava ali, gostasse ela ou não.

Rachel tinha mencionado que falara com Ethan recentemente para se desculpar por tudo o que acontecera, e Terri teve de se controlar ao máximo para não pegar o telefone e ligar para ele também. Ela e Ethan não tinham mais aquele segredo mútuo, nem razão alguma para se manterem em contato.

Naquele momento, Jen, uma das garçonetes, entrou cozinha adentro parecendo muito aflita.

— Terri, desculpe te incomodar pois sei que você está ocupada, mas tem um cliente na padaria me dando muita dor de cabeça.

Terri franziu a testa.

— Qual é o problema?

— Ele está reclamando do pão da vitrine, dizendo que está velho — disse e meneou a cabeça, aborrecida. — Não sei qual é o problema dele, para ser franca.

— Velho? Mas nós preparamos tudo a cada manhã, fresquinho.

— Eu sei, e disse isso a ele, mas acho que ele é simplesmente um babaca — afirmou, e deu um risinho. — É bonitão, mas isso não justifica.

Terri semicerrou os olhos. Bonitão ou não, não havia desculpa para ser rude com seus empregados.

— Ele insiste em dizer que o pão que quer não está fresco, e não aceita minha garantia de que tudo que vendemos é feito diariamente — disse e pôs a mão na testa. — Não quer ouvir nenhuma explicação minha, para ser franca, e está exigindo falar com um gerente. Você se importa?

— Ai, caramba!

Terri podia sentir o início de uma grave dor de cabeça. Limpou as mãos no avental, ajeitou o cabelo debaixo do chapéu de chef e, feliz de estar parecendo confiante e no controle da situação, preparou-se para enfrentar o cliente.

— Você disse que ele está no balcão da padaria?

Jen fez que sim.

— Desculpe.

Com seu melhor sorriso profissional estampado no rosto, Terri foi diretamente para o balcão da padaria, perto da entrada do restaurante. Então, ao ver quem estava por trás do balcão, parou abruptamente.

— Ethan? — falou, com os olhos arregalados. — O que está fazendo aqui? E Daisy também. Que bom ver vocês, mas o que... Acho que houve algum engano — disse, e olhou na direção da cozinha, vacilante. — Minha garçonete disse que um cliente estava reclamando.

Ethan olhou-a, seu belo rosto solene e indecifrável.

— Sim. Como disse, não estou nada satisfeito com este pão.

Ela ficou surpresa com seu tom sério, mas notou que Daisy não olhava para ela e parecia conter um sorriso.

— Ok. Bem, sinto muito — disse automaticamente, tentando entender por que ele estava sendo tão formal. — Qual é o problema?

Aquilo era muito surreal. Depois de tudo o que acontecera, por que Ethan e Daisy tinham voltado a Dublin, e, sobretudo, por que estavam reclamando do pão da padaria do Stromboli?

— Não está fresco — disse ele, apontando para o pão levedado, *seu* pão.

— É claro que está fresco — replicou ela, na defensiva.

E ela podia garantir, visto que passara a manhã toda fazendo aquela massa.

Daisy começou a dar uma risadinha, e Terri teve a impressão de que era a vítima de alguma brincadeira esquisita.

— Peça a ela, pai! — exclamou a menina sem querer, olhando depressa para o pai como se tivesse dito o que não devia.

Terri olhou para a menina, sem saber o que estava acontecendo. Peça o que a ela?

— Bem — começou Ethan, com um sorriso nos lábios —, eu estava me perguntando se haveria alguma chance de você fazer uma nova fornada.

— Não estou entendendo.

— Talvez... só para mim — acrescentou com intensidade.

O coração de Terri deu um pulo, e ela logo entendeu exatamente a que ele estava se referindo.

Uma mulher que fizesse pão para ele.

Mais importante ainda, uma mulher que entendesse o que ele tentava dizer.

Terri engoliu em seco.

— Você quer... que eu... cozinhe... para você? — perguntou num tom robótico, tentando descobrir se aquilo era real ou se estava imaginando coisas.

— Sim, e para Daisy também. Se você quiser, é claro — disse Ethan num tom gentil.

Terri o encarou. Seus olhos azuis pareceram suaves e esperançosos quando encontraram os dela.

— Eu sei que o fato de eu morar em Londres pode ser um problema, mas tenho certeza de que encontraremos um jeito de manter esse pão fresco.

Terri teve a impressão de estar no meio de um sonho esquisito. Nada mais fazia sentido. Ela sabia o que ele estava dizendo, sabia exatamente o que estava pedindo, mas era a última coisa que esperava que acontecesse. Aquele tipo de coisa não acontecia com ela; ela não dividia a vida com ninguém havia oito longos anos.

Retribuiu o olhar de Ethan, sem saber bem de onde aquilo vinha nem para onde ia; mas fosse o que fosse, sabia que estava gostando.

Sorrindo para o homem por quem sabia que já se apaixonara, Terri lhe deu a única resposta que lhe veio à cabeça.

— Terei prazer de fazer todo o pão que vocês dois quiserem. Mas quero avisar — acrescentou com leveza — que não haverá surpresas desta vez. Comigo as coisas são como parecem.

— E é exatamente isso que nós queremos — replicou Ethan suavemente, segurando a mão dela.

EPÍLOGO

Lá estava ele de novo em Nova York na véspera de Natal. Era estranho, na verdade um tanto surreal, mas ao mesmo tempo fazia sentido.

Era difícil acreditar que fazia apenas um ano que tinha estado ali. Pensando bem, parecia uma vida inteira. Tudo mudara; e mais importante que isso, talvez, *ele* mudara. Não vivia mais correndo em círculos, tentando manter uma ilusão de progresso. A vida era muito mais simples agora, muito mais calma.

E tudo por causa dela.

Como ele demorara tanto para ver o que estava bem na sua frente? Que o segredo para ser feliz não era buscar todas as coisas que lhe pareciam tão importantes antes, e sim encontrar a pessoa que fosse, como dizia Daisy brincando, “a medida certa”.

Ele sabia que tinha tido uma sorte incrível de encontrá-la, e uma sorte ainda maior de não perdê-la, depois de todas as loucuras ocorridas naquele meio-tempo.

Certo, ele precisara de algum tempo para ver o que importava, mas depois que entendera, nada mais o deteve.

Fez uma ligeira pausa e afastou-se um pouco, observando aquele mar de gente que passava à sua volta.

Ouviu suspiros mudos e reclamações não tão mudas dos pedestres, que tentavam andar rápido naquele frio congelante. O ar estava cortante, a temperatura abaixo de zero, e a neve caía em flocos esparsos.

Uma gargalhada alta ali perto tirou-o do seu devaneio, e ele notou alguns turistas posando para fotos. Uma mulher juntou seu cabelo escuro em um coque no alto da cabeça, e colocou seus grandes óculos escuros.

— Pronto! Estou parecendo a Audrey? — perguntou, rindo para a amiga.

A interrupção ajudou a trazer seu foco de volta para a razão de ele estar ali, e, respirando fundo, dirigiu-se para a porta giratória.

— Boa tarde, senhor, seja bem-vindo à Tiffany — disse um homem de cartola quando ele entrou.

— Obrigado. — Deu um sorriso e olhou em volta.

Era uma loucura estar de volta ali depois de tudo o que acontecera, especialmente com o azar que sua última visita lhe trouxera. Mas, ao mesmo tempo, não poderia ir a nenhum outro lugar.

Daquela vez, no entanto, seria diferente. Daquela vez ele sabia exatamente o que queria.

Engoliu em seco ao pensar de novo no lado financeiro da questão, mas seria uma troca justa.

Tinha pensado muito, e ia comprar uma coisa que combinasse com ela, uma coisa que ela pudesse usar no trabalho ou em qualquer outro lugar. Só esperava que ela *quisesse* usar.

Meia hora depois, ele reapareceu na Quinta Avenida, agarrado à sacolinha da Tiffany como se sua vida dependesse dela. A neve estava mais forte agora, e ele deu uma risadinha ao ver o mar de táxis amarelos na rua.

Daquela vez não correria riscos.

Virou à direita, na direção do parque. Devia ser estranho para ela também estar ali; tivera de convencê-la com relação à viagem, o que ele achava até compreensível. Mas se tudo desse certo, talvez eles pudessem tornar o Natal em Nova York uma tradição. Ele balançou a cabeça. Lá estava ele se precipitando outra vez, pensou tristemente, em vez de deixar as coisas acontecerem.

Entrou no Central Park, caminhando devagar pela borda do lago para chegar ao ringue de patinação Wollman, onde tinham combinado de se encontrar. De onde estava, conseguia ver que ela já estava lá, um pouco afastada.

Quando ele se aproximou, ela levantou os olhos e sorriu.

— Que incrível, isso! Neve na véspera do Natal...

Interrompeu o que dizia quando seu olhar baixou para a mão dele.

— O que você andou fazendo? — perguntou, arregalando os olhos.

Ele riu e deu um beijo leve no rosto dela.

— Fui só fazer uma comprinha de última hora. Para você.

— Não acredito! Para mim? — perguntou, encarando-o. — Espero que seja uma coisa pequena.

— É bem pequena, sim.

Tirou da sacola a caixinha azul, e, sem qualquer aviso, colocou-se de joelhos.

— Eu sei que você é chegada a uma tradição, então...

— O quê? O que está fazendo? — falou ela com a voz entrecortada, a expressão totalmente perplexa. — Não me diga que é... Você não pode pagar...

— Eu vendi a moto — falou ele, e ao ouvir isso a expressão dela mudou.

— O quê? Não! Gary, você ama sua moto.

— É, mas amo você ainda mais, e achei que tudo isso, a viagem para cá, a volta à cena do crime, seria uma boa forma de te convencer.

— Não era preciso isso. Você sabe que a gente já superou tudo isso...

Seus olhos brilhavam e suas palavras eram confusas.

— Você realmente vendeu a moto... só por minha causa?

— Sim.

Sean e os rapazes acharam que ele estava louco, mas Gary não se importava mais tanto com a opinião deles. Rachel era a coisa mais importante de sua vida, e ele queria que ela soubesse que não o perdoara em vão. Ela levava muito tempo para deixar Gary entrar na sua vida de novo depois de tudo o que acontecera, e agora ele queria que Rachel soubesse exatamente quanto significava para ele. E, mais que isso, queria fazer o pedido da forma como ela merecia.

— Então, o que você acha, Rachel? Quer se casar comigo? — perguntou.

— Sabe, Daisy ia adorar isso — falou ela, rindo. — Espere até eu contar para ela e Terri, e Ethan também. Eles não vão *acreditar...*

— Rachel?

O chão estava úmido, suas juntas começavam a doer por causa da posição, e as pessoas o estavam encarando, mas Gary não se importava. A única coisa que lhe interessava naquele momento era ouvir a resposta dela.

— Você está me matando, aqui. Sim ou não?

Rachel olhou para a caixa do anel na mão de Gary, depois para seu rosto.

Balançou a cabeça e sorriu.

— Gary Knowles, a esta altura você devia saber melhor do que ninguém que uma mulher *nunca* diria não a um presente da Tiffany.

SOBRE A AUTORA



© Kevin Hill

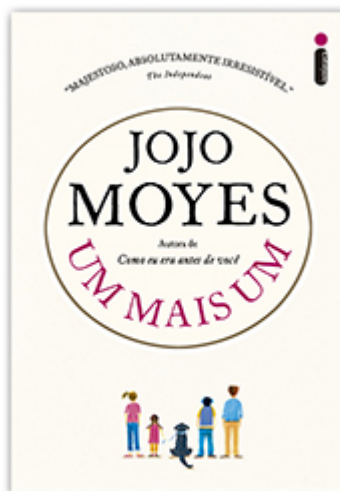
MELISSA HILL mora com o marido, a filha e o cachorro em Dublin, na Irlanda. Uma das mais populares escritoras de ficção contemporânea de seu país, tem livros traduzidos para mais de vinte idiomas. Suas histórias românticas e envolventes tornaram-se best-sellers em várias partes do mundo.

LEIA TAMBÉM



[Como eu era antes de você](#)

[Jojo Moyes](#)



[Um mais um](#)

[Jojo Moyes](#)



[Miniaturista](#)
[Jessie Burton](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)